

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE

DONA DO PODER



FRIA, IMPLACÁVEL, VINGATIVA. E HERDEIRA DE VLAD DRACUL.

PLATA
FORMA 3



TÍTULO ORIGINAL Now I Rise

© 2017 by Kiersten Brazier. Direitos de tradução geridos por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agência Literária, SL.

Todos os direitos reservados.

© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Vanessa Gonçalves

REVISÃO Flávia Yacubian e Carla Bitelli

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

ARTE DE CAPA Sam Weber

DESIGN DE CAPA Alison Impey

MAPA Isaac Stewart

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Kiersten

Dona do poder [livro eletrônico] / Kiersten White; tradução Alexandre Boide. – São Paulo: Plataforma21, 2018. – (Saga da Conquistadora; 2)

5 Mb; ePub

Título original: Now I rise

ISBN 978-85-92783-67-9

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

18-14135 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Para Christina, cujo tempo não
permitiu que lesse este livro, mas que me
proporcionou a bênção do tempo para escrevê-lo

Sumário

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

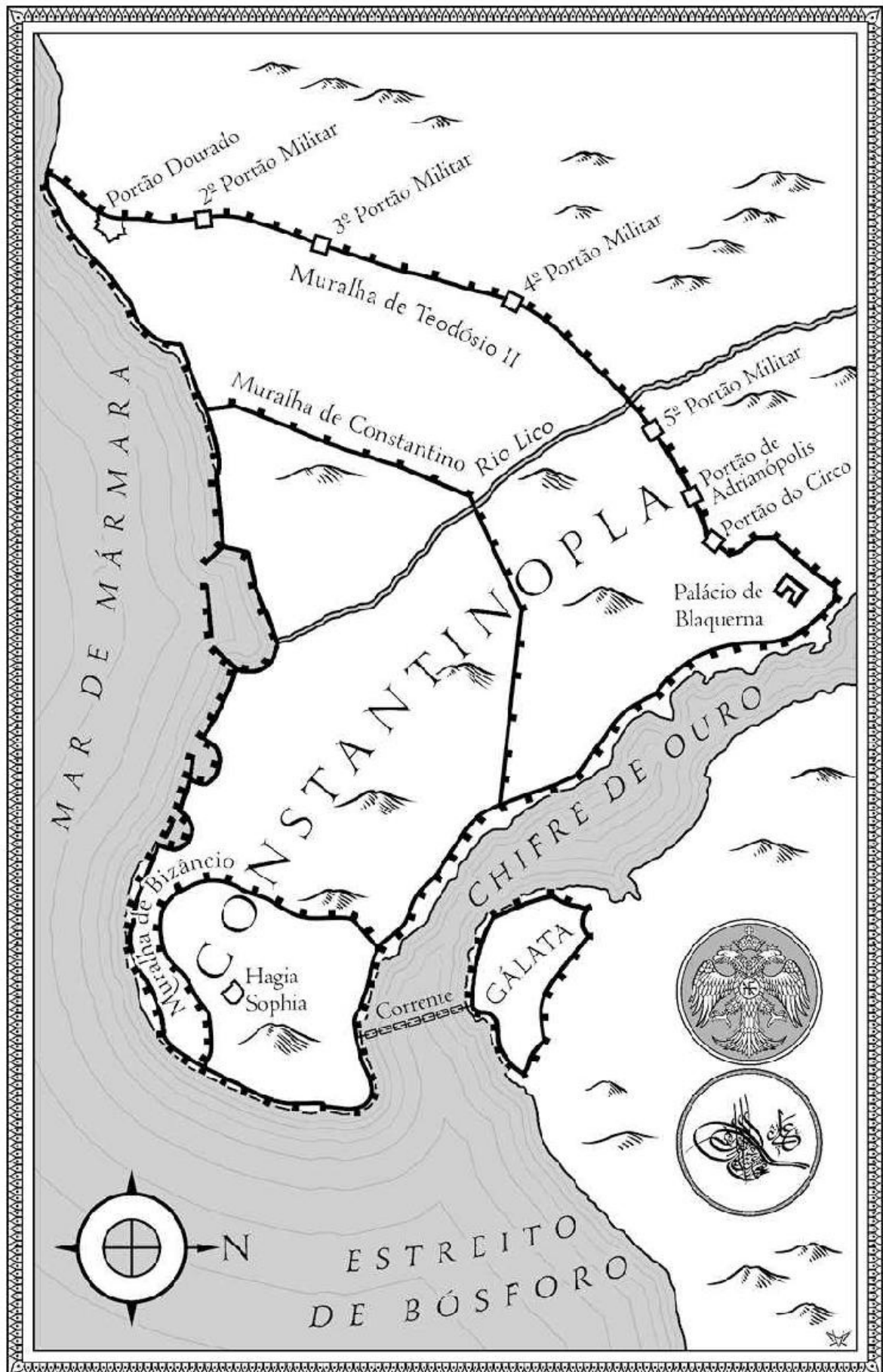
[Dramatis Personae](#)

[Glossário](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Sua opinião é muito importante!](#)



1



Janeiro de 1453

O INFERNO ERA UMA FESTA.

Ou, pelo menos, Radu achava que se o inferno existisse seria parecido com aquela festa.

A música pairava no ar como um perfume, adocicando o ambiente, mas sem sobrecarregá-lo. Os grupos de músicos estavam espalhados pela ilha, em meio às áreas verdes mais resistentes, que sobreviveram ao inverno. Um banquete seria servido mais tarde, porém os criados de uniforme azul já circulavam entre os convidados com bandejas em formato de lírio cheias de comida. Dos dois lados da ilha, o rio Tunca corria sem pressa.

Independentemente de seus outros atributos, Murad – o falecido pai de Mehmed e antigo benfeitor de Radu – não era do tipo que economizava nos luxos. O harém que construíra na ilha estava sem uso desde sua morte, mas continuava intacto em sua glória. Os azulejos e o piso de cerâmica brilhavam. As pedras entalhadas nas paredes eram uma promessa de ostentação e paz. As fontes corriam em consonância com o rio.

Radu circulou entre prédios pintados como jardins geométricos, interligados entre si pelo curso do rio. Ele sabia que era inútil, e não o faria sentir-se melhor. Mas mesmo assim procurou.

E lá estava ele, perto da casa de banho. Radu fora atraído como uma folha arrastada pela correnteza. Mehmed usava a agora habitual túnica roxa e um turbante dourado na cabeça. Uma corrente com pedras preciosas prendia o manto nos ombros largos. Radu tentou se lembrar dos lábios cheios de Mehmed abrindo-se em um sorriso, com as sobrancelhas erguendo-se de alegria, não de deboche. Os dois jovens, depois de enfim passarem da fase de crescimento, acabaram com o mesmo tipo físico alto e esguio. Mas ultimamente Radu sentia-se minúsculo sempre que Mehmed olhava para ele.

Naquele dia, Radu se contentaria até com isso. Mas Mehmed nem olhou em

sua direção, imune a uma conexão da qual Radu não conseguia escapar.

– Uma verdadeira glória – Halil Vizir disse a Mehmed, com as mãos na cintura enquanto observava a nova casa de banhos.

Três construções interligadas, com telhados abobadados como os das mesquitas, haviam sido acrescentadas nos últimos meses. Foram as primeiras obras a antecipar o novo e grandioso palácio de Mehmed, capaz de superar tudo o que o pai tinha construído, ou que qualquer um já tivesse construído. Para celebrar seu investimento na capital do Império Otomano, Mehmed convidou todas as pessoas importantes que conhecia.

Embaixadores de vários países europeus circulavam livremente entre os membros da elite otomana. Mehmed mantinha-se à distância, mas distribuía sorrisos e promessas de planos futuros para seu palácio. Além dos servidores habituais, estava acompanhado de Ishak Paxá, um dos mais poderosos de seus sipahis; Kumal Paxá, o cunhado de Radu; e, como sempre, como uma espécie de gosto amargo que jamais poderia ser engolido, Halil Vizir.

Radu detestava pensar em seu velho inimigo Halil Paxá como Halil Vizir. E detestava ainda mais ter sido o responsável pela ideia de pôr Halil em uma posição de confiança para mantê-lo sob vigilância. Talvez Lada estivesse certa. Talvez fosse melhor se o tivessem matado. As coisas estariam mais fáceis, ou no mínimo mais agradáveis. Esse lugar ao lado de Mehmed deveria ser de Radu.

Como se sentisse a inveja venenosa de Radu, Halil Vizir virou-se para ele. A boca curvou-se em um sorriso de deboche.

– Radu, o Belo – ele falou.

Radu franziu a testa. Não ouvia esse título desde as batalhas na Albânia, quando o inimigo na guerra, Skanderbeg, o cunhou. Mehmed olhou em sua direção, mas virou a cabeça assim que seus olhares se cruzaram. Como uma borboleta que passa direto por uma flor que não considera atrativa.

– Me diga – continuou Halil, com o sorriso desagradável ainda estampado no rosto barbudo –, sua bela esposa não sabe que o harém ainda não está em funcionamento? Acho que ela está alimentando falsas esperanças de entrar.

Os homens em torno de Halil deram risadinhas. Kumal franziu a testa, e então abriu a boca para falar. Radu sacudiu a cabeça discretamente. Kumal desviou os olhos, entristecido. Mehmed não fez menção de concordar com o insulto – a insinuação de que a esposa de Radu entraria para o harém de

Mehmed para se divorciar automaticamente –, mas também não fez nada para refutá-lo.

– Minha mulher não...

Radu sentiu o toque suave de uma mão em seu braço. Ele virou-se e viu Nazira. Ela, que não deveria estar lá.

– A mulher dele não gosta de ter outras pessoas monopolizando as atenções do marido.

Por trás do véu translúcido, o sorriso dela era bem mais reluzente que o sol de inverno. Suas roupas eram primaveris. Ainda assim, Radu ficou gelado ao encará-la. O que ela estava fazendo ali?

Nazira afastou Radu dos demais homens e o conduziu por um caminho com mais seda do que muita gente havia visto na vida toda. Era uma coisa extravagante, excessiva, absurda, como tudo naquela festa. Reflexo de um sultão jovem e tolo demais para se preocupar com qualquer coisa além das aparências e da própria satisfação.

– O que está fazendo aqui? – Radu murmurou, com um tom de urgência.

– Venha fazer um passeio de barco comigo.

– Não posso! Eu preciso...

– Suportar a zombaria de Halil Vizir? Tentar reconquistar o favorecimento de Mehmed? Radu, o que aconteceu? – Nazira o puxou para a sombra de uma das construções. Para um observador externo, poderia parecer um momento furtivo de intimidade entre ele e a bela esposa.

Radu cerrou os dentes, olhando para a parede sobre a cabeça dela.

– Eu tenho negócios a tratar.

– Seus negócios são meus negócios. Você não escreve para nós, nunca visita nossa casa. Só descobri por Kumal que você tinha caído em desgraça com Mehmed. O que aconteceu? Você... ele sabe? – Os olhos escuros de Nazira estavam carregados de significado, e com um peso insuportável para Radu.

– Não! Claro que não. Eu... É uma coisa muito mais complicada. – Ele deu as costas, mas ela o segurou pelo pulso.

– Para sua sorte, eu sou inteligente e consigo entender mesmo as coisas mais complicadas. Me conta.

Radu passou os dedos da mão livre na beirada do turbante e deu um puxão. Nazira estendeu o braço e entrelaçou os dedos dele com os seus. Os olhos dela tornaram-se mais amenos.

– Eu me preocupo com você.

– Não precisa se preocupar comigo.

– Não me preocupo porque preciso. Me preocupo porque gosto de você. Quero vê-lo feliz. E não acho que sua felicidade esteja em Edirne. – Ela enfatizou o nome Edirne, deixando bem claro que não estava se referindo à capital, e, sim, ao que, ou a quem, estava lá.

– Nazira – sussurrou Radu –, não posso falar sobre isso agora.

Ele quase desejou que pudesse. Estava desesperado para falar com alguém, qualquer um. Mas ninguém poderia ajudá-lo com aquele problema. Às vezes, Radu perguntava-se o que Lazar poderia ter dito caso conversassem abertamente sobre o que significava um homem se apaixonar por outro. Lazar sempre foi discreto quanto à sua abertura a algo... a algo a mais com Radu. E Radu recompensou a lealdade e a amizade de Lazar com a lâmina de uma faca. Agora não tinha com quem conversar, a quem fazer aquelas perguntas desesperadoras. Era errado, não era? Amar desse jeito?

Mas, quando via Nazira e Fatima juntas, Radu não sentia nada além de felicidade pelo que haviam encontrado uma na outra. O amor delas era mais puro e verdadeiro que qualquer outro que tivesse conhecido. Pensamentos assim faziam sua mente girar a mil, e nem mesmo a oração era capaz de acalmá-lo.

Radu olhou para a mão de Nazira sobre a sua.

– Minha felicidade pode não estar no palácio, mas não consigo pensar em nenhum outro lugar.

Nazira o soltou com um suspiro.

– Você pode voltar comigo? Passar um tempo em casa? Fatima está com saudade. Ficar um período longe daqui vai lhe fazer bem.

– Tenho muitos compromissos.

– Muitos bailes? Muitas festas? – O tom de voz era brincalhão, mas os olhos dela não demonstravam o mesmo divertimento. Essas palavras o feriram.

– Você sabe que eu não sou assim.

– Eu sei. Só tenho medo de que se esqueça. Não precisa fazer isso com você.

– Não estou fazendo isso por mim, nem para mim. Estou... Droga, droga, droga, droga. – Radu viu um homem passar por eles, de farda naval, uma capa pesada, um turbante menor e mais apertado que o usado pelos soldados ordinários e um cinto nas cores de Mehmed. Estava acompanhado de um dos amigos de confiança de Halil Vizir.

– Que foi? – Nazira seguiu o olhar de Radu.

– Eu preciso falar com aquele homem. Sem ninguém mais ouvir. Ele é o motivo de eu estar aqui.

Ela pareceu ficar animada de repente.

– Ah, é? Ele é... – Ela ergueu as sobrancelhas em um gesto sugestivo.

– Não! Não. Só preciso falar com ele. Em segredo.

O sorriso de Nazira se transformou em uma testa franzida.

– Vocês podem ser vistos juntos?

– Sim, mas não pode parecer que nos encontramos de caso pensado, nem que estamos discutindo alguma coisa importante. Eu estava esperando uma ocasião mais tranquila, mas tem muita gente aqui. Ele não ficou um instante sozinho desde que chegou à capital. Halil Vizir se encarregou disso.

– Suas idas às festas são mais complicadas do que eu imaginava, então.

Radu cerrou os dentes.

– Muito.

– Bom, você tem muita sorte de ter se casado tão bem. – Nazira pôs a mão no braço dele e o puxou para o corredor. – Me conte sobre ele.

– O nome é Suleiman, e ele foi recém-promovido a almirante da Marinha.

Nazira deu risada.

– Isso vai ser fácil.

Ela flutuou sem esforço de grupo em grupo com um sorriso sagaz e uma saudação para cada um. Radu circulava apenas pelas margens das festas ultimamente, ao contrário da época em que era um dos centros das atenções.

Mas, de braços dados com Nazira, mais gente parecia disposta a parar por um momento e conversar. Ele espichou o pescoço para localizar Suleiman. Nazira o beliscou com força.

– Calma – murmurou.

Depois de várias paradas para conversar com o tio do melhor amigo de seu falecido pai, com o primo da falecida esposa de Kumal e com mais uma porção de gente que Nazira tratava com simpatia e deferência, independentemente da posição na hierarquia social otomana, eles foram se aproximando de Suleiman. De alguma forma, Nazira conseguiu posicioná-los de tal maneira enquanto caminhavam que Radu acabou derrubando o homem ao esbarrar nele.

– Ai! – Nazira gritou, levando a mão à boca coberta pelo véu. – Me desculpe!

Radu estendeu a mão para ajudar o homem a levantar-se. Eles não se conheciam, mas os olhos de Suleiman pousaram e ficaram por um bom tempo no alfinete de ouro em forma de barco que prendia o manto de Radu.

– Perdão, por favor.

– Claro. – Suleiman fez uma medida. – Sou Suleiman Baltoghlu.

Radu retribuiu o gesto.

– Radu.

– Radu...? – Suleiman fez uma pausa e ficou à espera do complemento.

– Apenas Radu. – O sorriso de Radu saiu tenso. Lada havia deixado para ele o fardo do nome da família Draculesti. Radu, porém, rejeitava o sobrenome do pai, e nunca mais iria usá-lo. – Esta é minha esposa, Nazira.

Suleiman segurou a mão dela e fez uma medida ainda mais profunda.

– As esposas em Edirne são bem mais bonitas que as de Bursa.

Nazira sorriu.

– É porque o vento é forte demais nas cidades portuárias. As mulheres precisam dedicar todas as forças a se manter de pé. Não sobra tempo para cuidar da beleza.

Suleiman caiu na risada, uma gargalhada alta que atraiu olhares. Mas a atenção estava voltada para ele e Nazira, e não para ele e Radu.

– Me diga, o que o senhor faz em Bursa? – perguntou ela.

– Sou um almirante.

– Barcos! Ah, eu adoro barcos. Olha lá, está vendo? – Nazira apontou na direção dos barquinhos dos mais diversos formatos que oscilavam no rio. Um tinha uma proa com cabeça de sapo, e os pés ficavam nos remos. Outro parecia um galeão de guerra, com remos decorativos entalhados de ambos os lados. – Radu está com medo de que, se nós sairmos para um passeio, não vamos conseguir voltar para terra firme. Mas se tivermos um almirante ao nosso lado... – Nazira lançou um olhar para Suleiman por entre os cílios grossos.

– Estou ao seu dispor.

Suleiman os acompanhou até o cais e ajudou Nazira a entrar em um barco entalhado como uma garça, com pescoço comprido e cabeça estreita apontada para a frente, com duas asas de seda estendidas para os lados. A cauda arqueava-se para cima para proteger os passageiros do sol, embora não estivesse tão quente a ponto de isso ser de fato necessário.

– Isso é muito gostoso! – Nazira suspirou alegremente, inclinando-se sobre a amurada para pôr a mão na água. Radu não estava tão contente, pois detestava barcos, mas trocou um sorrisinho confidente com Nazira. Ela fizera o trabalho por ele.

Suleiman assumiu os remos. Radu se sentou todo sem jeito na parte traseira da pequena embarcação.

– Vou falar com toda animação, gesticulando bastante com as mãos – Nazira avisou enquanto afastavam-se da margem e dos ouvidos mais curiosos. – Na verdade, vou ficar falando o tempo todo, mas vocês não vão ouvir uma palavra.

Ela continuou sua conversa consigo mesma em silêncio. Sua cabeça balançava, ela ria e pontuava com as mãos as palavras imaginárias. Os observadores viam que Nazira estava entretendo Suleiman, enquanto Radu lutava para segurar o conteúdo de seu estômago.

– Em quanto tempo conseguem fabricar os novos galeões? – murmurou Radu, agarrado à amurada do barco.

Suleiman encolheu os ombros como se estivesse tentando relaxar os músculos por causa do esforço de remar.

– Podemos fabricar barcos na mesma velocidade em que vocês puderem pagar.

– Ninguém sabe quantas embarcações temos de fato.

– Vamos fabricar alguns galeões em Bursa para parecer que estou fazendo alguma coisa. Os demais serão feitos em segredo, em um estaleiro particular no Dardanelos. Mas vou precisar de homens. Podemos ter todos os navios do mundo, mas sem marinheiros treinados eles terão a mesma utilidade deste barquinho em que estamos agora.

– Como vamos conseguir treinar tantos homens em segredo? – Caso fizessem um alistamento compulsório para a Marinha, a notícia se espalharia. Mais algumas embarcações poderiam ser atribuídas ao capricho tolo de um sultão imaturo. Uma armada completa, porém, com homens capacitados na tripulação, era algo bem diferente.

– Me deem verba para contratar marinheiros gregos e ele terá a melhor Marinha do mundo – explicou Suleiman.

– Isso será feito. – Radu inclinou-se para o lado, mas evitando movimentos bruscos.

Em um determinado momento, Suleiman deu risada da pantomima de Nazira.

– O que quer que aconteça, mantenha essa moça por perto. Ela é um verdadeiro tesouro.

Dessa vez a risada de Nazira foi real.

– Sou mesmo.

O alívio de Radu não foi fingido quando Suleiman terminou de contornar a ilha e os conduziu de volta ao atracadouro. Ele desembarcou aos tropeções, grato por sentir a madeira solidamente assentada sob os pés.

– Seu marido tem o estômago fraco – Suleiman comentou enquanto ajudava Nazira a descer do barco.

– Pois é. Sorte a dele ser tão bonito. – Nazira deu um tapinha no rosto de Radu e fez um aceno charmoso para Suleiman. – Nossa Marinha não poderia estar em melhores mãos!

Suleiman soltou uma risada áspera.

– Meus barquinhos vão ser o terror dos mares! – Ele fez uma mesura teatral

e se afastou.

– Obrigado – disse Radu, enquanto se deixava conduzir por Nazira de volta à festa, até um canto mais afastado. Eles sentaram-se em um banco com as costas viradas para a parede da casa de banho. – Aquilo foi genial.

– Pois é. Agora me conta o que está acontecendo de verdade.

– Eu estou... nós estamos... é uma coisa bem secreta.

Nazira revirou os olhos, irritada.

– Estou ajudando Mehmed com seus planos para tomar Constantinopla. Precisamos trabalhar em segredo para Halil Paxá... – Radu fez uma pausa e uma careta. O novo título de Halil sempre azedava sua boca. Por que insistira tanto para que Halil fosse elevado de paxá a vizir? – Para que ele não descubra nossos planos a tempo de sabotá-los. Sabemos que ele ainda é um aliado do imperador Constantino. Meu afastamento do círculo mais próximo de Mehmed foi deliberado. Preciso parecer desimportante. Assim posso organizar as coisas a que Mehmed não pode ser associado, como a Marinha. Tudo o que fazemos em público serve para desviar a atenção dos verdadeiros objetivos dele. Inclusive esta festa é uma farsa, para mostrar Mehmed como um governante frívolo que só se importa com Edirne. Por que investiria tanto dinheiro em um palácio se pretende constituir sua capital em outro lugar?

– Mas, se está fazendo tudo em segredo, não poderia continuar sendo um dos conselheiros dele?

– Minhas ações chamariam atenção demais se eu fosse visto o tempo todo ao lado de Mehmed.

– Não se todos soubessem que é apenas um amigo. Os sultões têm amigos próximos que não são necessariamente importantes para o governo, e, sim, apenas pessoas queridas. – Nazira baixou os olhos, com uma expressão dolorida, mas determinada. – Já parou para pensar que... Mehmed talvez entenda você melhor do que imagina? E que a separação não é bem uma questão de estratégia, e, sim, de gentileza?

Radu ficou de pé tão depressa que quase perdeu o equilíbrio.

– Não.

– Ele não é bobo. Se eu consegui ver em uma noite como você se sente, com certeza ele deve ter notado durante anos de convivência.

Radu levantou a mão, desejando ser capaz de fazer Nazira engolir as

palavras, como se nunca tivessem sido ditas. Se Mehmed de fato entendia seus sentimentos, então... Era um pensamento impossível de processar. Havia questões demais, e as respostas não eram as que Radu queria.

– Talvez tenha sido uma boa ideia a da sua irmã, de ir embora. Ela percebeu que um sultão jamais proporcionaria o que ela queria.

O plano de Mehmed fazia sentido. Era o único caminho possível. Foi por isso que Mehmed o escolheu.

– Vou ficar porque minha vida está aqui – disse Radu. – Lada foi embora porque queria o trono, e conseguiu.

Às vezes ele se perguntava o que teria acontecido se não tivesse pressionado para que Lada os abandonasse, no ano anterior. Porque essa foi uma escolha dele também. Foram ditas as palavras exatas que ela precisava ouvir para decidir deixar Mehmed... e Radu. Foi uma atitude desesperada, de motivações obscuras. Algo que ele pensou que fosse aproximá-lo de Mehmed. Radu precisou se segurar para não soltar uma risada amarga.

Ele afastara Lada, que por sua vez encontrou a glória na Valáquia. Conseguiu o que sempre quis, e deu as costas sem olhar para trás para o homem que dizia amar. Ou para seu irmão patético. Apesar de toda a sua suposta esperteza, Radu era incapaz de assegurar para si o mesmo final feliz que ardilosamente tramou para a irmã.

Se Lada ainda estivesse aqui, sua vida se resumiria a esse plano de distanciamento forçado? Ou Lada o ajudaria a encontrar outra forma de distrair as atenções de Halil? Uma solução que preservasse a amizade de Radu com Mehmed? Uma maneira de fazer com que Radu não passasse as noites sozinho, perguntando-se quando seu futuro se tornaria aquilo que gostaria? Questionando até suas próprias esperanças?

A esperança era uma flecha que nunca parava de sangrar seu coração.

Independentemente dos planos, Mehmed poderia ter conduzido as coisas conforme Nazira sugeriu. Poderia ter criado pretextos para conversar à vontade com Radu em vez de se valer de mensagens ocultas e cifradas. Havia coisas que Mehmed poderia fazer, mas não fez, e provavelmente nunca faria. Se Radu ficasse se apegando a isso, acabaria enlouquecendo.

Ele desviou os olhos de Nazira.

– Tudo bem. Está tudo como sempre foi, e sempre vai ser. Quando

tomarmos Constantinopla, vou voltar para o lado dele. Como seu amigo. – A voz de Radu falhou na última palavra, denunciando seus sentimentos.

– Isso vai ser suficiente? – questionou ela.

– Vai ter que ser. – Radu procurou sorrir, mas era inútil tentar enganar Nazira. Em vez disso, agachou-se e deu um beijo na testa da esposa. – Mande lembranças para Fatima. Tenho um trabalho a fazer.

Nazira ficou de pé e segurou o cotovelo dele com firmeza.

– Não sem mim. Você precisa de uma aliada.

Radu suspirou. Ele precisava mesmo. Andava se sentindo sozinho, perdido. Mas não queria pedir isso a ela. Por outro lado, não havia pedido. Foi Nazira que apareceu e determinou como tudo seria. Esse era o jeito dela de fazer as coisas, ao que parecia. E ele se sentiu grato.

– Obrigado.

Juntos, voltaram para a festa. Ela se parecia menos com um inferno agora, e mais com um jogo. Nazira cumprimentava de forma deliberada as pessoas menos propensas a falar com Radu agora que ele havia caído em desgraça com o sultão. Ela fazia isso para irritar, e ele a adorava por isso. Era uma alegria observar gente que já implorou por sua atenção fazer um esforço enorme para lhe dispensar o mínimo de educação. Radu estava se divertindo. E tinha boas notícias para Mehmed, o que significava um pretexto para entrar em seus aposentos e deixar uma mensagem.

Ele estava aos risos quando se virou e deu de cara com fantasmas de seu passado.

Aron e Andrei Danesti. Seus rivais na infância. Lembranças de socos desferidos na floresta, detidos apenas pela ferocidade de Lada. Radu fora incapaz de encará-los sozinho. Mas encontrou outra forma de lidar com os dois. Da última vez que os viu, estavam recebendo chibatadas em público por roubo. Ele armara uma retaliação pela crueldade dos irmãos.

Com o tempo, mudaram, assumiram novas formas. Aron era magro e tinha um aspecto doente. Seu bigode e sua barba eram ralos e falhados. Já Andrei, saudável e de ombros largos, tinha crescido melhor, mas havia um aspecto cauteloso em seu rosto que era inexistente antes de Radu bolar sua vingança. Ele sentiu uma pontada de culpa ao ver suas ações estampadas no rosto de outra pessoa daquela maneira. Aron sorriu, e Radu detectou nos olhos do

homem algo que nunca vira no rosto do menino: bondade.

Mas pelo jeito a passagem do tempo desfigurou mais a aparência de Radu do que a dos Danesti. Ou então seu turbante e seus trajes otomanos conseguiam disfarçá-lo por completo. Não havia naqueles sorrisos – o de Andrei, cauteloso, o de Aron, bondoso – nenhum sinal de reconhecimento.

Nazira apresentou-se com toda a simpatia. Radu teve que se segurar para não a afastar dos dois. Com certeza não eram os mesmos valentões violentos da infância.

– De onde vocês são? – perguntou.

– Da Valáquia – respondeu Andrei. – Estamos aqui com nosso pai, o príncipe.

Um ruído parecido com o rugido do vento invadiu os ouvidos de Radu. Nazira se animou toda.

– Ah, que coincidência! O meu marido é...

Radu a puxou pelo braço.

– Com licença, precisamos ir. – Ele se afastou tão depressa que Nazira precisou correr para acompanhar os passos. Assim que se viram atrás de uma parede, Radu se encostou, estupefato. O pai deles. Um Danesti. Príncipe da Valáquia. Isso significava que Lada não estava no trono.

E, se eles estavam ali prestando seu respeito, Mehmed sabia que Lada não estava no trono.

O que mais Mehmed sabia? Que outros segredos ele estaria guardando de Radu?

Mas, pelo menos daquela vez, a questão principal não era Mehmed. Durante todos aqueles meses, Radu não escrevera para Lada porque não recebeu nenhuma notícia. E também porque estava com raiva dela por conseguir o que queria e deixá-lo sem nada, como sempre.

Mas pelo jeito estava enganado a esse respeito.

Onde estava Lada?



Fevereiro de 1453

NÃO FORAM NECESSÁRIOS mais que três dedos esmagados para que o pretenso assassino gritasse o nome do inimigo de Lada.

– Bom. – Nicolae ergueu as sobrancelhas, antes unidas, mas agora separadas por uma cicatriz enorme que não desapareceu com o passar do tempo. Ele virou-se quando Bogdan cortou a garganta do jovem. O calor da vida abandonando o corpo fumegou de leve ao entrar em contato com o ar frio. – Isso foi uma decepção.

– O governador de Brasov ter se revelado um traidor? –Bogdan questionou.

– Não. O nível dos assassinos ter caído tanto assim.

Lada sabia que Nicolae estava tentando amenizar a situação com humor, já que ele nunca gostou de execuções, mas suas palavras calaram fundo. Era um baque pesado o fato de o governador de Brasov querer sua morte. Ele tinha prometido ajuda, o que lhe proporcionou a primeira faísca de esperança em meses.

Agora não havia mais nada. Brasov era a última cidade da Transilvânia a que ela tinha recorrido em busca de aliados. Nenhuma das famílias de boiardos da Valáquia sequer se dignou a responder suas cartas. A Transilvânia, com suas cidades montanhosas fortificadas e espremidas entre a Valáquia e a Hungria, tinha uma população formada em sua maioria por valáquios. Mas Lada constatou que a classe dominante de saxões e húngaros tratava seu povo como lixo e a considerava uma inútil.

Porém, quase pior do que perder sua última chance de obter um aliado era o fato de que isso foi o máximo que se deram ao trabalho de mandar para dar um jeito nela: um assassino desnutrido e destreinado que mal chegara na adolescência.

Esse era o medo que ela instilava, e o respeito que conquistara.

Com um pontapé, Bogdan atirou o corpo do alto de um pequeno despenhadeiro na extremidade do acampamento deles. Assim como quando eram crianças, ele apagava os rastros dela sem ninguém precisar pedir. Limpou o sangue dos dedos e calçou as luvas que não lhe serviam direito. Usava o quepe desalinhado bem baixo, escondendo as orelhas que saltavam para fora como as alças de um jarro.

Depois de crescido, ele tinha se tornado largo e forte. Seu estilo de luta, além de extravagante, era de uma eficiência brutal. Lada o vira em ação, e teve que se segurar para não soltar as palavras de admiração que brotaram em seus lábios. Bogdan também era metodicamente limpo – uma qualidade incutida pelos otomanos que nem todos os seus homens mantiveram. Ele sempre estava com um cheiro de frescor, como os pinheiros entre os quais se escondiam. Tudo nele fazia Lada se lembrar de casa.

Os outros homens estavam agachados em torno das fogueiras, espalhados em grupos em meio ao bosque cerrado. Estavam desalinhados como o quepe de Bogdan, já que os uniformes impecáveis de janízaros haviam sido abandonados fazia tempo. Foram reduzidos a trinta – doze tombaram em um encontro surpresa com as forças do príncipe Danesti da Valáquia quando tentavam atravessar o rio Danúbio para entrar no país, e oito se perderam nos meses que se seguiram, entre esconderijos, fugas e uma busca desesperada por aliados.

– Você acha que Brasov é aliado do príncipe Danesti ou dos húngaros? – Nicolae perguntou.

– Faz diferença? – Lada esbravejou. Todos estavam contra ela, depois de a receberem com sorrisos e promessas de ajuda. Em seguida, mandavam assassinos às escuras.

Ela já superara assassinos muito mais qualificados para salvar Mehmed. Isso, porém, oferecia pouco consolo, e ainda menos por fazê-la lembrar-se dos tempos passados com Mehmed. Era como se tudo de que ela se orgulhasse na vida tivesse acontecido enquanto estava com ele. Lada teria se diminuído, então, ao deixar para trás a pessoa que era ao lado dele?

Ela baixou a cabeça e massageou a tensão incessante instalada na base do pescoço. Desde o fracasso na retomada do trono, não escrevera nem recebera nenhuma palavra de Mehmed ou de Radu. Era humilhante demais expor sua derrota diante deles e imaginar o que iriam dizer. Mehmed a chamaria de volta. Radu a consolaria – mas ela não sabia se seria bem recebida pelo irmão.

Lada estava curiosa também para saber se a proximidade entre os dois havia aumentado em sua ausência. Mas isso não importava. Ela escolhera ir embora como forma de mostrar força. Jamais voltaria em um momento de fraqueza. Pois pensava que, com seus homens, sua dispensa por parte de Mehmed e a experiência adquirida em anos de treinamento, o trono seria conquistado sem dificuldade. Achava que sua disposição bastaria.

Agora sabia que nada do que fizesse seria suficiente. A não ser que em seu corpo nascesse um pênis, o que não era nada provável. Nem exatamente desejável.

Se bem que isso tornaria mais fácil se aliviar em meio à rotina perpétua de esconderijos nos bosques. Esvaziar a bexiga no meio da noite era uma tarefa desconfortável e congelante.

O que então restava a Lada? Ela não tinha aliados. Nem um trono. Nem Mehmed, nem Radu. Tinha homens treinados, lâminas afiadas e sonhos grandes, mas era incapaz de colocá-los em prática.

Petru estava encostado em uma árvore desfolhada pelo inverno. Ele vinha ficando mais forte e mais silencioso ao longo dos anos. Todos os traços do garoto que adorava a companhia de Lada desapareceram. Uma de suas orelhas havia sido decepada, e ele deixara o cabelo crescer para esconder. Também havia parado de se barbear. Assim como a maioria de seus homens. Eles não tinham mais os rostos lisos que indicavam seus postos como janízaros. Eram livres. Mas também estavam sem foco, o que cada vez mais vinha preocupando Lada. Se trinta homens treinados para lutar e matar não tivessem uma missão que lhes possibilitasse fazer isso, por quanto tempo permaneceriam, por que continuariam subordinados a ela?

Lada arrancou um galho do fogo. Estava queimando, e lançou uma luz sobre seus olhos. Ela sentiu a atenção de seus homens voltar-se para si. Em vez de considerar isso um peso, encheu-se de confiança. Os soldados precisavam de alguma coisa para fazer.

E Lada precisava ver algo queimar.

– Bom – ela falou, brandindo o galho em chamas lentamente no ar –, acho que precisamos mandar um recadinho para a Transilvânia.

É mais fácil destruir do que construir, sua ama gostava de dizer quando Lada arrancava todas as flores das árvores frutíferas, mas campos vazios produzem

barrigas famintas.

Quando criança, Lada nunca entendeu o que sua ama queria dizer. Mas agora achava que sim. Pelo menos a parte sobre destruir ser mais fácil que construir. Todo o tempo que passou escrevendo cartas ou colocando-se diante de nobres de menor importância para forjar alianças revelou-se um desperdício. Seu último ano se resumia a esforços inúteis. Esforços para marcar audiências, esforços para ser vista como algo além de uma garota brincando de soldado, esforços para encontrar a maneira certa de operar em um sistema com que nunca conseguiu se familiarizar.

Eles estavam mais próximos da cidade de Sibiu do que de Brasov. Em nome da eficiência, Lada decidiu parar por lá primeiro. Foi mais rápido afogar todo o rebanho de carneiros da cidade no lago gelado do que a espera para que um servo aparecesse e informasse que o governador não iria recebê-la. Os pastores valáquios, que sem dúvida seriam mortos por não terem conseguido salvar o rebanho, uniram-se silenciosamente à companhia dela.

Depois disso, Lada e seus homens passaram pela sonolenta e desprotegida periferia de Sibiu, sem ferir nem molestar ninguém. Diante deles estavam as muralhas da parte interna da cidade, onde apenas os nobres da Transilvânia, e nunca os valáquios, tinham permissão para dormir. Ela conseguia vê-los em sua mente, em um sono profundo, mimados e protegidos pelo suor da testa dos valáquios.

Eles não tinham tempo nem gente o bastante para promover um ataque a Sibiu. E não estavam lá para conquistar nada, mas para destruir. A cada saraivada de flechas em chamas que ultrapassava as muralhas e caía sobre o labirinto de telhados, o sorriso de Lada tornava-se ao mesmo tempo mais reluzente e mais sombrio.

Alguns dias depois, estavam à espera do pôr do sol nos arredores de Brasov. A cidade ficava em um vale cercado por densas áreas verdes. As torres erguiam-se em diversas partes dentro das muralhas, cada uma mantida por uma guilda diferente. Caso ela estivesse planejando um cerco, seria um grande desafio.

Mas, assim como em Sibiu, eles não queriam tomar a cidade. Só tinham a intenção de castigá-la.

No fim da tarde, Nicolae voltou de uma expedição de reconhecimento.

– O medo se espalha mais rápido que o fogo. Os boatos estão por toda parte. Dizendo que você tomou Sibiu, que tem dez mil soldados otomanos sob seu comando, que foi eleita serva do diabo.

– Por que eu sempre tenho que servir um homem? – Lada questionou. – No mínimo, eu deveria ser sócia do diabo, não serva.

Bogdan fechou a cara, irritado. Ele ainda se apegava a uma versão abastardada da religião em que fora criado. Sua mãe, a ama de Lada e Radu, alterava os preceitos do cristianismo a seu bel-prazer, usando-os para embasar aquilo que lhe fosse mais conveniente no momento. Em geral, isso envolvia histórias em que crianças malcriadas eram devoradas por ursos. Os irmãos também frequentavam a igreja com Bogdan e sua mãe, mas Lada não se lembrava de quase nada daquelas horas intermináveis e sufocantes de culto.

Bogdan deve ter carregado a religião dentro de si ao longo dos anos que passou com os otomanos. Os janízaros eram convertidos ao islã. Não havia opção. O restante de seus homens abandonou o islã com a mesma facilidade com que se desfez dos quepes de janízaros, mas não adotou nada para preencher o vazio. Fosse qual fosse a fé que tiveram na infância, havia sido arrancada de dentro deles.

Lada se perguntou a que custo Bogdan continuou agarrado ao cristianismo mesmo em um ambiente tão desfavorável. Por outro lado, ele sempre havia se mostrado teimoso, tanto em termos de ressentimentos como de lealdade. Ela sentia-se grata por isso, pois a lealdade dele havia sido plantada bem cedo, em meio às florestas verdejantes e às pedras cinzentas de sua infância na Valáquia. Antes de ele ter sido arrancado dela pelos otomanos.

Em um gesto impulsivo, ela estendeu o braço e puxou uma de suas orelhas, como costumava fazer quando os dois eram crianças. Um sorriso inesperado apareceu nas feições pesadas de Bogdan, e de repente ela se viu de novo criança, atormentando Radu, saqueando as cozinhas e selando seu laço com sangue nas palmas das mãos sujas. Bogdan era sua infância. Bogdan era a Valáquia. Ela o conseguiu de volta. Conseguiria recuperar o resto também.

– Se está trabalhando para o diabo, pode pedir para ele adiantar nosso pagamento? Nossos bolsos estão vazios. – Matei ergueu uma bolsinha de couro para ilustrar o que dizia. Lada teve um sobressalto e deixou de lado Bogdan e o calor que sentiu no peito. Matei era um de seus janízaros originais, um de seus soldados mais antigos e confiáveis. Eles a seguiram em Amásia, quando ela não tinha nada a oferecer. E ainda a seguiam, sob a

mesma condição.

Matei era mais velho que Stefan, com anos a mais de uma inestimável experiência. Eram poucos os janízaros que viviam para chegar à idade dele. Quando foram surpreendidos na fronteira, Matei levou uma flechada para proteger Lada. Estava mais grisalho e mais magro, com um olhar sempre faminto, o que só se agravou durante o período nômade vivido nas montanhas selvagens da Transilvânia. Lada valorizava esse apetite em seus homens. Era isso que os fazia querer segui-la. Mas também era o que os afastaria caso ela não tomasse uma atitude, e depressa. Ela precisava de Matei a seu lado. Precisava de sua espada e, de uma forma menos tangível, porém igualmente importante, precisava de seu respeito. Bogdan era seu, não importava o que acontecesse. E ela estava determinada a manter seus outros homens.

Lada conservou os olhos fixos nas muralhas da cidade diante deles, vendo as luzes aparecerem como pequenos faróis.

– Quando seu trabalho estiver feito, Matei, pode pegar o que quiser.

Brasov estava com os portões fechados, e ninguém podia entrar depois do anoitecer. Matei e Petru lideraram cinco homens cada para escalar as muralhas sob a proteção da escuridão. Depois de esperar que eles se posicionassem, Lada incendiou a base de uma árvore seca, que recebeu as chamas com avidez, espalhando-as tão rápido até o topo que ela e seus homens precisaram se afastar do calor.

As bases de duas torres do outro lado da cidade foram envolvidas por um brilho semelhante. Lada viu os guardas correrem em pânico para o alto da torre mais próxima e olharem pela beirada.

– Vocês são valáquios? – ela gritou em sua língua nativa.

Um deles atirou uma flecha. Lada virou-se para o lado, e o projétil atingiu de raspão a cota de malha que usava. Bogdan retribuiu com outra flecha. O homem tombou silenciosamente por cima da beirada da torre.

– Você está machucada? – Bogdan perguntou com um tom de voz desesperado enquanto a apalpava com as mãos grandes em busca de um ferimento... em torno de seus seios.

– Bogdan! – Ela deu um tapa nas mãos dele. – Se estivesse, com certeza não seria você quem ia cuidar!

– Precisaria ser uma mulher, então? – questionou ele, olhando ao redor

como se alguma pudesse aparecer magicamente.

– Eu estou bem.

Outro homem agitou um pedaço de pano do alto da torre.

– Sim, nós somos valáquios! – gritou com a voz trêmula.

Lada pensou um pouco.

– Abram a porta e vocês podem fugir. Ou se juntar a nós.

Ela contou suas respirações. Foram necessárias apenas dez antes de a porta da torre se abrir e sete homens saírem. Três deles fugiram silenciosamente por entre as árvores. Quatro ficaram. Lada passou por eles e subiu as escadas para o alto da torre. Era circular, com um beiral espesso de pedra, sobre o qual ela debruçou-se para ter uma visão panorâmica da cidade.

O pânico já se espalhava como uma epidemia dentro das muralhas. As pessoas corriam pelas ruas, as mulheres berravam, os homens gritavam instruções. Era o caos.

Era perfeito.

Três dias depois, nuvens esparsas de fumaça ainda se elevavam no céu da cidade mutilada em um testemunho da raiva de Lada. Ela e seus homens acamparam ousadamente perto, embriagados pelas cinzas e pela vingança, com a certeza de que todos os homens da cidade tentavam salvar o que já havia sido perdido. Estavam também um pouco mais que inebriados pelo caixote de vinhos que Matei de alguma forma conseguiu levar até lá.

Foi nesse momento que Stefan chegou, silencioso e anônimo como uma sombra. Ele também estava com Lada desde o início. Sempre foi o melhor na coleta de informações: um rosto comum e nada marcante o tornava uma lembrança semiesquecida mesmo quando ainda estava cara a cara com a pessoa. Um dia, Lada pensou, o mundo saberia que um assassino como ele estava a seu serviço.

– Quais são as notícias de Tirgoviste? – perguntou ela. Sua garganta ainda estava ardendo por respirar tanta fumaça, mas a rouquidão não escondia em nada sua empolgação. – Você matou o príncipe?

– Ele não estava lá.

Lada fechou a cara ao ver arruinada sua esperança de anunciar a morte do rival a seus homens. A morte dele não significaria que o trono seria seu – o

príncipe tinha dois herdeiros da idade dela, e ainda seria necessário o apoio dos malditos boiardos para sustentar sua ascensão —, mas seria uma bela satisfação.

– Então por que voltou você?

– Porque ele está em Edirne. A convite de Mehmed.

Embora fosse uma informação para atizar dentro dela um fogo infernal, Lada sentiu-se invadida pelo frio e por cinzas amargas. Seu orgulho não lhe permitiria pedir ajuda a Mehmed. Mas durante todo esse tempo ela o manteve no coração, ciente de que, onde quer que estivessem, Mehmed e Radu ainda acreditavam nela.

E agora até mesmo isso lhe fora arrancado.

*Janeiro*

MEHMED NÃO DEIXARA uma carta no vaso de planta por meio do qual trocavam mensagens. Radu sempre pegava a passagem secreta – a mesma que Lada percorrera na noite da traição de Ilyas e Lazar. E sempre desejava que *dessa vez* Mehmed estivesse à sua espera no aposento em que Radu e Lada salvaram a vida dele. Mas Mehmed nunca estava. A vida de Radu girava em torno das breves frases que trocava com Mehmed. Seus olhos devoravam as linhas da caligrafia agressiva do sultão, deleitando-se com alguns poucos floreios. Eles nunca assinavam nem endereçavam as mensagens. Radu gostaria de ver seu nome, mesmo que só uma vez, escrito pela mão de Mehmed.

Mas hoje a terra estava vazia como a vida de Radu. Mehmed devia saber que Radu tomara conhecimento da existência do príncipe Danesti. Tecnicamente Radu não tinha sido convidado para aquela festa – o encontro com Suleiman foi uma medida desesperada, decidida de última hora –, mas Mehmed o vira. Então, em vez de escrever uma mensagem sobre a Marinha e deixar que Mehmed tomasse a iniciativa de mencionar Lada, Radu sentou-se para aguardá-lo. Ele esperava que...

Bom, não havia mais o que esperar. Então simplesmente sentou e aguardou.

Quando o sol se pôs, Radu tentou não se prender às lembranças dos horrores vividos naquela sala, mas com a presença tão forte de Lada em sua mente não havia muito mais em que pensar. Estava tão certo de que ela tomaria o trono da Valáquia que nem levou em conta a possibilidade do fracasso. Sua irmã não costumava falhar. Ela ainda estaria viva? Ele não podia imaginar que Mehmed fosse capaz de esconder a notícia da morte de sua irmã.

Por outro lado, Mehmed escondera de Lada que sabia da morte de seu pai e de seu irmão. Quem poderia garantir que não estava fazendo o mesmo com

Radu? Ou que não estava com medo de que o impacto da notícia fosse desviar seu foco do objetivo de Constantinopla? Ou então que Mehmed se importasse tão pouco com a morte de Lada que nem se dera ao trabalho de repassar a informação...?

Não. Radu não acreditava nessa possibilidade.

Incapaz de alimentar pensamentos tranquilizadores, Radu voltou-se para seu único consolo na vida. Ele rezou e se deixou levar pelas palavras e pelo movimento. O que quer que estivesse acontecendo, ou já tivesse acontecido, ou ainda estivesse por acontecer, ainda restava Deus. E a oração.

Quando terminou, um véu de paz recaiu sobre sua mente inquieta. Agarrando-se a isso, Radu abriu a porta e se dirigiu ao cômodo central dos imensos aposentos de Mehmed. Não havia nada que pudesse fazer para mudar o passado. Só lhe restava agir conforme achasse melhor para o futuro. E, para isso, precisaria de mais informações.

Todos os cômodos estavam às escuras. Radu encontrou uma poltrona no canto do dormitório de Mehmed. Ele evitou ficar olhando para a cama, uma visão que ameaçava romper seu véu de paz.

Algun tempo depois, uma garota mais ou menos da idade de Radu entrou, acendeu as lamparinas e se retirou em silêncio. Radu estava tão quieto e imóvel que ela não o notou.

Nem Mehmed, quando finalmente entrou, seguido pela mesma garota. Radu não temeu acabar vendo algo de que não gostaria, porque a menina usava as roupas simples de uma criada, e não as sedas e as echarpes de uma concubina ou esposa. Mehmed estendeu os braços e ela tirou cuidadosamente as túnicas dele, uma camada luxuosa atrás da outra. Radu sabia que precisava desviar o olhar.

Ele não fez isso.

Quando Mehmed estava apenas com as roupas de baixo, a criada colocou as túnicas de lado e o vestiu por cima da cabeça com um camisolão pintado com versos do Corão. Então, com uma mesura, saiu do quarto. Assim que a porta se fechou atrás dela, a figura do sultão se desfez. Toda a escuridão e o medo no coração de Radu desapareceram junto com a pompa do cargo. Quem estava lá era Mehmed. Seu Mehmed, não o desconhecido que ocupava o trono.

Mehmed esfregou a nuca e suspirou. Em seguida, sentou-se na beirada da

cama e removeu o turbante volumoso. Os cabelos estavam mais compridos do que nunca. Caindo cacheados sobre os ombros, eram negros sob a luz fraca, mas Radu se lembrava de que refletiam tons castanhos sob o sol. Radu não sabia como era a textura ao tocá-lo, mas queria desesperadamente saber.

– Minha irmã está morta? – Radu perguntou.

Mehmed ficou tenso, levando a mão à cintura, onde costumava ficar a adaga. Então relaxou e baixou os ombros.

– Você não deveria estar aqui – ele falou, sem se virar.

– Você não deveria receber o príncipe Danesti da Valáquia sem me contar o que aconteceu.

Mehmed suspirou, esfregando a nuca outra vez.

– Ela não está morta.

Lágrimas inesperadas acumularam-se nos olhos de Radu quando ele soltou um suspiro audível de alívio – tanto por Lada não estar morta como por sua reação imediata não ter sido de decepção. Ele ainda não era maligno, então, a ponto de desejar a morte da própria irmã. Apenas a queria longe dos afetos de Mehmed.

– O que aconteceu? Pensei que tivesse entregado o trono a ela.

– E entreguei. Mas pelo jeito a Valáquia não concordou comigo.

– E você apoiou o rival dela?

Mehmed ergueu as mãos em um gesto de impotência. Ainda estava de costas para Radu, que ansiava ver seu rosto, sua expressão. Mas não dava para diminuir a distância entre eles. Depois de tanto tempo, não confiava em si mesmo tão perto de Mehmed.

– O que eu posso fazer? Você sabe que eu preciso garantir a segurança de todas as minhas fronteiras. Não posso entrar em uma guerra em duas frentes. Se vamos tomar Constantinopla, precisamos de paz nos outros lugares. A Hungria ainda é uma ameaça, com Hunyadi me acossando sempre que pode. Não posso perder territórios na Europa, nem começar uma guerra por lá sem me arriscar a uma cruzada. O príncipe Danesti aceitou todos os meus termos.

Fazia sentido. Era uma explicação perfeita. E mesmo assim... Mehmed recusava-se a encará-lo.

– Isso é tudo? Ou você manteve Lada no trono na esperança de que ela

voltasse depois de fracassar? – A frustração de Radu e a solidão que ele alimentou no último ano subiram para sua garganta, impulsionando as palavras acusadoras.

Mehmed deu risada, um som mais sinistro que a noite escura do outro lado da varanda.

– Ela está aqui, por acaso? Recebeu alguma notícia dela? Se ela tivesse pedido ajuda, Radu, eu teria providenciado. Bastaria uma palavra dela e eu começaria uma guerra. Mas foi ela que nos deixou. Lada nos deu as costas, e eu é que não vou atrás dela sem ser chamado.

Mais uma vez, a explicação fazia sentido. Mas não era o tipo de informação que precisava ser mantida em segredo.

– Desde quando você sabe que Lada não está no trono?

– Isso faz diferença? – Mehmed grunhiu ao ouvir a pergunta.

– Para mim, faz. Ela é minha irmã. Por que esconder informações sobre ela de mim?

Finalmente, finalmente, Mehmed virou-se para ele. Sob a luz fraca da lamparina, seu rosto ficou visível por inteiro, com o nariz e as bochechas douradas. O contorno dos lábios se revelou brevemente antes de voltar para as sombras.

– Talvez por medo.

– De quê?

– Medo de que, se soubesse que ela estava em apuros, você fosse para lá ajudá-la.

Radu soltou uma risada de perplexidade.

– O que você acha que eu poderia fazer para ajudá-la?

– Está falando sério? – Mehmed inclinou a cabeça para o lado, com metade do rosto na luz, metade na sombra.

Radu olhou para o chão, totalmente sem graça. Ao mesmo tempo ansiava e temia a resposta. E se Mehmed não conseguisse pensar em uma razão que fosse algo além de palavras vazias?

– Eu sempre fui melhor no arco e flecha. – Radu abriu um sorriso amarelo.

– Lada não precisa de uma flecha certa. Precisa de um sorriso certo.

Palavras certas. Modos certos.

– A mira dela nesses casos sempre foi meio ruim mesmo. – Radu enfim ousou erguer os olhos.

– E você nunca erra o alvo. Não desvalorize o que sabe fazer só porque não é o que Lada tem de melhor. Vocês formam uma dupla perfeita. – Mehmed olhava para o espaço entre eles, perdendo o foco em Radu. – Ou pelo menos formavam.

Nesse momento, Radu percebeu que o pensamento de Mehmed não estava voltado para ele, e, sim, para a ausência de sua irmã.

– Não guarde segredos de mim – disse.

– Quê? – Mehmed logo voltou a se concentrar nele.

– Quando você guarda segredos, dá mais poder e mais peso a isso. Eu imaginei o pior assim que descobri o que estava escondendo de mim. Estava disposto a correr o risco de nossa amizade ser descoberta para tirar tudo a limpo. Seja mais franco comigo de agora em diante. – Radu fez uma pausa, ciente de que estava falando com Mehmed como um amigo, não como o sultão. Em outros tempos, nem se daria conta. Mas agora... agora havia aquela distância. E era inevitável questionar se o distanciamento não teria evoluído para algo a mais. Assustado por esse elemento desconhecido entre os dois, ele acrescentou: – Por favor.

– E você é franco comigo sobre todas as coisas? – Havia algo a mais no tom de voz de Mehmed, uma sutil provocação que deixou Radu apavorado por outro motivo. Mehmed estava mesmo perguntando o que parecia perguntar?

– Eu... Você sabe que eu só trabalho para você, e...

Mehmed desfez seu terror com um simples sorriso torto.

– Eu sei. E foi uma tolice minha duvidar da sua lealdade à nossa causa. Mas não venha me culpar pelo meu egoísmo de querer você só para mim.

– Não – Radu respondeu, com a voz repentinamente embargada. – Claro que não. – Mas as palavras que queria dizer eram: Eu sou seu. Para sempre. Ele as engoliu de forma dolorosa.

– Você tem planos para esta noite? – Mehmed se remexeu na cama.

O coração de Radu batia tão forte que ele desconfiou de que Mehmed pudesse ouvir.

– Quê? Como assim?

– Alguma ideia de como sair daqui sem ser visto? – Mehmed apontou para a porta.

O suor que brotou no corpo de Radu tornou-se frio e sufocante. Ele era um tolo.

– Não.

– Vou sair e fazer os guardas me seguirem até a antecâmara. Assim você pode chegar até a passagem. – Mehmed se levantou, e Radu fez o mesmo. Mas chegou perto demais e esbarrou no outro.

Mehmed parou, virou-se e segurou Radu pelos braços.

– Que bom ver você de novo, meu amigo.

– Pois é – murmurou Radu.

E então Mehmed se foi.

Uma carta de Nazira estava à espera em sua mesa. Ela escreveu que ficaria com Fatima na casa modesta que Kumal mantinha por lá. E ela informava Radu de que ele deveria se juntar às duas para as refeições.

Radu ficou ao mesmo tempo irritado e contente. Ela não precisava mimá-lo, mas seria bom conversar com alguém que não esperava nada em troca. Caso fosse imaginar a irmã perfeita, Nazira seria bem próxima da imagem que criaria.

A culpa reapareceu. Radu havia se permitido esquecer Lada por achar que ela conquistara tudo o que queria. Agora, sabia que era o contrário. Com um suspiro pesado, ele sacou um pedaço de pergaminho e uma pena.

Amada irmã, ele escreveu. Uma das duas palavras era verdadeira, pelo menos.

Três dias depois, Radu dirigiu-se a uma hospedaria perto do palácio, sacudindo os braços de forma sincronizada com os passos. Um grupo de paxazes – filhos de paxás desimportantes a ponto de considerá-lo bem-vindo – estava conversando a respeito de uma estrangeira que queria ser recebida pelo sultão. Em tom de piada, disseram que ela estava querendo ser aceita no harém e trouxera uma carroça cheia de canhões para compensar o

rosto sem atrativos.

Foi a parte da carroça que despertou sua curiosidade. E sua preocupação. Se uma mulher estrangeira estava na cidade trazendo armas e querendo falar com o sultão, Radu queria saber por quê. Os outros homens tentaram afirmar que se tratava de uma louca, mas ele sabia que as mulheres podiam ser tão violentas quanto qualquer homem.

Ao virar uma esquina, Radu bateu de frente com uma mulher. Conseguiu segurá-la, mas os pergaminhos que ela carregava foram ao chão. Ela praguejou com veemência em húngaro. Isso fez com que Radu sentisse uma estranha saudade de seu professor irritadiço que dava aulas no meio da floresta. E então se deu conta de que deveria ser ela. A estrangeira que veio tentar se encontrar com Mehmed.

– Me perdoe – Radu falou, retomando a pronúncia do húngaro depois de anos de hiato. Ele praticava com regularidade sua fluência em outros idiomas, como latim, grego, árabe e tudo o mais que Mehmed houvesse aprendido a seu lado, mas o húngaro e o valáquio tinham deixado de ser sua forma de expressão desde a partida de Lada. – Eu estava distraído.

A mulher ergueu os olhos, surpresa. Era jovem, apenas alguns anos mais velha que ele. Usava trajes europeus, com saia engomada e camisa de viagem.

– Você fala húngaro?

– Entre outras coisas. – Radu lhe entregou os pergaminhos. Os dedos dela eram grossos e escuros, e nas mãos havia várias marcas de queimadura.

– Eu não falo turco. Você me ajuda? – O tom de voz dela era de irritação, mais uma exigência do que um pedido. – Ninguém nesta maldita cidade me deixa fazer minha reunião com o sultão.

Radu reconheceu que a maldita cidade poderia ter razão.

– Onde estão seus criados? E seu pai?

– Estou sozinha. E prestes a ser expulsa da hospedaria por isso. Não tenho onde ficar. – Ela esfregou e franziu a testa. – Uma viagem tão longa se revelou uma perda de tempo.

– Você quer se juntar ao harém do sultão?

O olhar de indignação raivosa que recebeu em resposta o fez lembrar-se de Lada. Ele gostou da mulher por isso, mas também ficou alarmado. Talvez ela tivesse vindo para matar Mehmed.

– Prefiro me juntar aos seus estábulos e deixá-lo cavalgar no meu lombo do que me juntar ao seu harém e deixá-lo me montar de frente.

Radu sentiu o rosto ficar vermelho e limpou a garganta.

– Do que você precisa, então?

– Tenho uma proposta para ele. Fui a Constantinopla primeiro, e também não quiseram me receber.

– Você veio de Constantinopla? – Se fosse mesmo uma assassina, era bem burra para admitir isso logo de cara.

Ela ergueu um dos pergaminhos.

– Aquele asno do imperador não me deixou nem mostrar meu trabalho. Riu da minha cara e falou que, se o que eu estava dizendo era verdade, ele não teria como me pagar.

– Pagar pelo quê?

Ela enfim sorriu, mostrando os dentes bem-feitos.

– Sou capaz de construir um canhão grande o bastante para derrubar até as muralhas da Babilônia. Faria isso para o sultão, se ele me recebesse. Agora pelo jeito vou ter que voltar para casa em desgraça, como me alertaram meu pai e minha mãe. – Amargurada, ela sacudiu a cabeça e se virou para ir embora.

– Espere! Qual é o seu nome?

– Urbana. Da Transilvânia.

– Eu sou Radu. E acho que temos como ajudar um ao outro. – Ele pegou os pergaminhos das mãos dela. – Vá buscar suas coisas, e vou apresentá-la à minha mulher.

Urbana ergueu uma sobrancelha.

– Eu não tenho a intenção de me juntar a harém nenhum.

Radu precisou segurar o riso. Havia sido claramente mal interpretado.

– Garanto para você que essa é a última coisa que eu quero. Nasci na Transilvânia, e sei bem como é ser um estranho em um lugar desconhecido. Me permita ajudá-la como ajudaria uma irmã.

– Se tentar alguma coisa inapropriada, saiba que eu posso explodir sua casa toda.

Dessa vez, Radu não conteve o riso.

– Minha irmã diria a mesma coisa. Venha, vou levar você para a minha casa. Você vai adorar a minha esposa.

Com a ajuda de Nazira, ele descobriria se Urbana era de confiança. Caso fosse, Radu tinha a sensação de que poderia ter mais uma chance de provar a Mehmed o quanto era capaz de ser um aliado valioso.



Fevereiro

LADA SABIA QUE impor um castigo à Transilvânia pelo mal que lhe fizera no último ano não fazia muito sentido em termos estratégicos. Mas era a melhor opção disponível, e por isso a Transilvânia estava em chamas.

Lada não estava contente, mas estava ocupada, o que era quase a mesma coisa.

– Pelas chagas de Deus – murmurou, tentando apertar a bandagem com força suficiente para que seus seios não aparecessem sob a cota de malha. Era difícil vestir-se na mata. Mas era bem mais aceitável do que a ideia proposta pelo governador de Brasov, isso antes de mandar um assassino para eliminá-la. Depois de concordar em ceder os homens e os fundos que pudesse para apoiar a reivindicação de Lada ao trono, o homem sugeriu que ela ficasse na cidade em vez de voltar para um lugar que “não era o de uma dama”.

O lugar dela era com seus homens. Apesar do frio congelante. Ela estremeceu sob o cobertor com o qual escondeu o corpo para ter privacidade. A bandagem estava mais ou menos no lugar, mas os dedos gelados não conseguiam fazer o nó. Ela arremessou a faixa no chão e soltou um grito de raiva.

– Lada? – Bogdan a chamou. Ele se aproximou da outra extremidade do cobertor. – Precisa de ajuda?

– Não de você! Me deixa em paz!

Depois de mais alguns minutos enervantes, Lada enfim conseguiu pôr tudo no lugar. Ela vestiu uma túnica limpa, o que era uma novidade, e se juntou aos demais.

– Você precisa de ajuda – disse Bogdan, com um tom de voz baixo, para ninguém ouvir.

– Eu não preciso de ajuda.

– Você é uma dama. Não deveria fazer essas coisas sozinhas.

– Bogdan, quando foi que eu fui uma dama nesta vida? – Lada fechou a cara, irritadíssima.

– Para mim, você sempre foi uma dama. – Ele retribuiu a cara fechada com um sorriso tímido.

– Acho que você não me conhece muito bem, no fim das contas.

Bogdan estendeu uma das mãos ásperas, mostrando a palma para revelar a cicatriz do dia em que os dois “se casaram” quando crianças.

– Eu conheço você, sim.

Antes que Lada decidisse como responder, ou entendesse como se sentia, Petru chamou sua atenção.

A última caravana que roubaram levava roupas finas, agora espalhadas pelo acampamento. As calças estavam penduradas nas árvores, e as camisas dançavam na brisa. As cores vivas nas árvores desfolhadas faziam o local ganhar um ar festivo.

Petru pelejava com um colete de bordados intrincados, tentando colocá-lo sobre os ombros. Ele girou em uma direção e depois na outra. Nicolae só observava, com os lábios imóveis, mas com os olhos brilhando de divertimento.

– Serviria melhor se fosse uma roupa de homem – Matei comentou quando passou. Seu bolso estava cheio agora, mas ele ainda parecia faminto.

Petru parou de girar e arrancou o colete, horrorizado. Nicolae caiu na gargalhada.

– Você poderia ter me contado! – Petru esbravejou.

– Mas combinava tão bem com a cor dos seus olhos.

O rosto de Petru ficou crispado de raiva. Ele virou-se para Lada e estendeu a mão com o colete. Ela ergueu uma sobrancelha ao ver a cor delicada e os bordados. Resmungando consigo mesmo, Petru atirou o colete na cabeça de Nicolae e saiu andando.

Lada usava uma túnica comprida sobre a calça, estava toda de preto, a não ser por uma faixa vermelha amarrada na cintura. Um manto preto e grosso, com um belo barrado de pele, a mantinha aquecida como não se sentia há meses. Suas botas, de couro trabalhado e estampa em padrões delicados, eram

as únicas peças femininas que usava. Ela se acostumara a manter os cabelos presos em um adereço de cabeça tecido, mas, em vez do branco dos janízaros, usava preto. Por cima de tudo, vestia um gorro de pele.

Todos tinham deixado de usar os quepes de janízaro e as fardas muito tempo antes. Mas alguns ainda mantinham certos lembretes da vida na escravidão: uma faixa na cintura aqui, uma faca ali. Bogdan usava o pano branco do quepe para limpar as armas. Muitos dos outros o usavam para uma limpeza bem menos honorável.

– Stefan voltou?

Nicolae terminou de abotoar o colete e fechou o manto.

– Ainda não. Precisamos esperar por ele antes de começar a diversão? Temos homens de sobra.

– Hoje não é uma noite para ganhar por estarmos em maior número. Precisamos ser ágeis e discretos.

– Eu vou. – Bogdan chegou mais perto de Lada.

– Você não.

A decepção estampou-se no rosto dele. Cerrando os dentes, Lada continuou:

– Preciso deixar você encarregado do acampamento.

Ele deu de ombros e saiu pisando duro. Ela não entendeu se Bogdan fez isso por estar irritado ou porque era grande e tinha passos pesados. A verdade era que Bogdan não podia ir esta noite porque não concordaria com o que ela planejava. Nicolae provavelmente também não. Petru, ela não sabia. Mas Matei...

– Matei, vamos só nós dois.

– O que vocês vão fazer? – Nicolae questionou.

Lada escondeu as facas. Uma em cada pulso, uma no tornozelo direito. Um pote de combustível de lamparina a óleo pendurada em uma alça sobre o ombro.

– Vou fazer uma visita ao governador de Brasov.

– Isso é mesmo necessário?

– Ele me traiu. Por que me prometer ajuda e depois tentar me matar? Ele deve estar juntando informações. E, quando passá-las adiante, vai receber em

troca uma instrução para me eliminar. Ou está trabalhando para a Hungria ou para o príncipe Danesti. Quero saber para qual dos dois. Se for para o príncipe Danesti, não temos nada a temer. Nós já sabemos que eles querem a nossa morte. Se for para os húngaros, temos um novo problema.

– Como você vai conseguir chegar até ele? A cidade deve estar bem protegida.

Lada olhou Matei de frente. Ele assentiu em um gesto solene. Estava disposto a encarar a tarefa. E Lada sabia que estava sempre pronta a encarar o que quer que fosse.

Eles penetraram nas ruas da parte valáquia da cidade às escuras. Era um aglomerado de habitações precárias que chegava até a extremidade da muralha. Algumas casas inclusive usavam as defesas da cidade como parede externa. Lada e Matei ouviram patrulhas, mas só precisaram executar uma simples mudança de rota para evitar serem vistos.

As casas construídas junto à muralha proporcionavam uma vantagem. Apoiando-se nas paredes das casas coladas umas às outras, eles chegaram ao telhado. Matei impulsionou Lada para o alto da muralha. Depois de alguns segundos de tensão para se certificar de que não havia sido detectada, ela jogou uma corda para Matei.

Dentro da cidade murada, até o ar parecia diferente. Mais limpo. Mais saudável. Mais privilegiado, respirado por menos bocas desesperadas. Mas o cheiro de madeira queimada continuava pairando sobre tudo, e preenchia Lada com um sentimento parecido com o de paz.

Lada sabia exatamente aonde ir, mas eles precisaram de duas horas para fazer uma jornada por apenas uma dúzia de ruas. Eles contornaram as ruínas já frias das casas que queimaram, escondendo-se dentro delas quando necessário. Era bom que Lada estivesse vestida de preto, porque a madeira carbonizada arruinaria qualquer outra cor.

As patrulhas irrompiam pelas ruas com uma frequência irritante. E enfim chegar mais perto da casa do governador não simplificou em nada as coisas. Três guardas estavam posicionados junto à porta, enquanto outros cobriam o perímetro. Lada planejava poder entrar por uma janela no primeiro andar, mas isso não seria possível.

Matei esperava em silêncio, mas dava para sentir o questionamento que

emanava de seu corpo. E agora?

Lada ergueu os olhos para o céu noturno para amaldiçoar as estrelas, mas os contornos dos telhados chamaram a sua atenção. As casas eram bem próximas, acotovelavam-se por espaço. Às vezes, os becos entre as construções eram tão estreitos que era preciso passar de lado.

Ela não precisava entrar na casa do governador. Só tinha que invadir uma das residências vizinhas, menos protegidas.

– O que você acha das igrejas? – murmurou.

Matei franziu a testa na escuridão.

– Você já percebeu que, na zona rural, todas as igrejas são fortificadas? Elas dão abrigo para todos durante um ataque. Mas aqui, dentro da cidade, a igreja é bonita e fria. Não deixam nenhum valáquio entrar para rezar. Acho que precisamos esquentar um pouco a igreja. – Ela estendeu o pote com o óleo de lamparina. Os olhos de Matei brilharam em entendimento quando ele o apanhou.

O soldado desapareceu no breu. Apesar de contar com mais homens agora, sempre confiava mais nos que a acompanhavam havia mais tempo. Matei faria o trabalho. Nicolae e Bogdan poderiam hesitar diante da ideia de queimar uma construção sagrada, mas como a igreja poderia ser sagrada se era proibida aos valáquios?

Ela saiu de seu esconderijo nas sombras e correu por um beco exposto. A quatro casas da residência do governador havia um sobrado de três andares com parapeitos largos nas janelas, perfeitos para pendurar jardineiras de flores na primavera.

Lada subiu em um parapeito e pulou para o segundo andar, depois passou para o terceiro. O telhado tinha um ângulo estranho, e ficava distante demais para que ela conseguisse alcançá-lo. Mais acima, torturantemente fora de seu raio de ação, havia uma janelinha de sótão que lhe proporcionaria o acesso ao telhado vizinho.

A janela à frente não estava trancada. Em um dos cantos, havia uma fresta aberta, suficiente para permitir a passagem da lâmina de uma faca. Lada a abriu, e cada rangido da madeira a fazia ter certeza de que seria pega. Quando a abertura tornou-se larga o bastante, pulou para dentro.

Uma menina estava sentada na cama, olhando diretamente para Lada. Devia

ter no máximo dez anos, com os cabelos presos com grampos sob a touca e vestindo uma camisola branca.

– Se você gritar – Lada avisou –, vou matar sua família inteira enquanto eles dormem.

A menina assumiu uma expressão de terror solene e silencioso.

– Me mostra como chegar ao sótão.

A garota desceu da cama, toda trêmula, pisando com os pezinhos no assoalho de madeira sem fazer ruído. Ela abriu a porta do quarto, olhou para os dois lados e fez um gesto para Lada segui-la. No fim do corredor havia outra porta. Lada preparou-se para enfrentar resistência, mas o cômodo estava vazio, a não ser por alguns móveis velhos e uma escada.

A menina apontou para cima.

Lada pôs a mão na escada, mas então se deteve. Ela virou-se para a garota, que a observava com o mesmo silêncio de olhos arregalados que mantinha desde que seu quarto fora invadido.

Lada enfiou a mão na bota e sacou uma faca pequena. Em seguida, virou o cabo para a garota e curvou-se.

– Da próxima vez que invadirem seu quarto no meio da noite, é melhor estar preparada. Tome aqui.

A menina pegou a faca e ficou olhando para a arma como se fosse um quebra-cabeça. Depois a segurou pelo cabo e assentiu.

– Ótimo. Eu já estou indo embora. Pode voltar a dormir. – Lada subiu a escada e abriu o alçapão que dava para o sótão. A janela do sótão, porém, não podia ser aberta. Amaldiçoando a sorte, Lada pegou uma cadeira com a perna quebrada e estourou o vidro. Ela esperava que Matei já tivesse começado sua missão e atraído todos os olhares capazes de dar o alarme.

Depois de empurrar os cacos restantes, Lada saiu e agachou-se no parapeito. Mais abaixo, a noite era escura e atordoante. Ela saltou.

O telhado chegou a seus pés mais rápido do que ela calculava, e Lada quase rolou para o chão antes de conseguir se equilibrar. Em seguida, começou a correr. Rumo ao ponto mais alto, ganhando impulso antes de se lançar sobre o vazio que ansiava por ela. Mais um telhado. Esse era inclinado para o lado oposto, e o seguinte era vários centímetros mais alto. Lada correu até o ponto mais elevado, ganhou velocidade e pulou.

Suas mãos encontraram a beirada do telhado seguinte. Suas pernas ficaram penduradas, ameaçando puxar seu peso para baixo. Balançando de um lado para o outro, ela apoiou um dos joelhos no telhado e conseguiu subir.

Só faltava um.

Dessa vez, caminhou com cuidado sobre as telhas. Apesar do ar gelado, seu corpo estava transpirando. O telhado do governador era mais alto que o do vizinho, mas não era seu objetivo. Ela esgueirou-se pela beirada entre as casas até encontrar o que estava procurando – uma janela com um pequeno terraço abaixo. O plano era invadir a casa, mas a sorte pareceu enfim ter virado.

A janela estava escancarada, e uma cabeça calva espichou-se para fora, olhando na direção do centro da cidade e dos gritos que vinham de lá. Havia um clarão suave, e o som distante de vidros quebrando.

Pelo tempo infundável entre uma respiração e outra, Lada fez uma pausa. Ele parecia velho, mole e vulnerável no camisolão de dormir. Era um marido. Um pai. Em seguida, limpou a garganta com a mesma fleuma com que fez a promessa de ajudá-la enquanto já planejava traí-la.

Lada deu um pulo, caindo sobre o governador. Eles rolaram juntos para dentro do quarto. Lada recuperou o equilíbrio imediatamente e ajoelhou-se sobre o peito dele, colando a faca na garganta.

– Quem quer me matar?

Ele tremia, os olhos ficaram vinhos quando tentaram se concentrar na faca.

Lada pressionou a lâmina, arrancando sangue. O governador resmungou palavras de uma prece.

– Deus não está aqui esta noite – Lada falou. – Somos só você, eu e minha faca. Quem quer me matar?

– O príncipe! O príncipe da Valáquia.

– Por quê?

– Porque você é uma ameaça.

Lada sorriu. Ela sabia que isso não deveria agradá-la, mas a agradava. O príncipe a considerava uma ameaça suficiente para mobilizar um assassino. Ainda havia uma chance. Provocar medo era um poder.

Ela afastou a lâmina e a posicionou junto à cabeça do governador. Ele não se moveu.

– Um presente para o príncipe. Diga a ele que mando lembranças, que vou visitá-lo em breve. E recomende a seu deus que faça igrejas menos inflamáveis.

Lada fugiu pela janela, em meio aos suspiros de alívio do governador. Ela os carregou consigo como uma recompensa pelos telhados, por onde se afastou do centro de Brasov e voltou para seus homens.

*Fevereiro*

URBANA SEM DÚVIDA era uma hóspede exótica. Na semana que passou com Nazira e Fatima na casinha de Kumal na cidade, não parou de falar.

– Se ela for uma espiã – Nazira disse, sentando-se com um suspiro exausto ao lado de Radu no jardim –, é a pior de todos os tempos. Como pode esperar obter informações se nunca deixa ninguém falar?

– Sobre o que ela fala? – Radu quase nunca aparecia na casa, com medo de chamar muito a atenção antes de ter certeza de que o risco valia a pena.

– Aqueles canhões horríveis dela. Nada mais. Ela pega carvão do fogão para desenhar esquemas... nas paredes, Radu, nas paredes branquinhas. E depois acha que Fatima tem que limpar, porque precisamos fingir que Fatima é só uma criada.

– Me desculpe. – Radu sabia que pedir às duas que deixassem alguém invadir sua privacidade era abusivo.

Nazira fez um gesto com a mão indicando que não havia problema.

– Eu faço a maior parte da limpeza depois que Urbana vai se deitar. Fatima entende.

– Então, o que você acha?

– Acho que Urbana é louca, mas também pode ser um gênio. Não entendo nada de canhões, mas ela não teria como fingir que sabe o que está fazendo. E não está mentindo quando diz que vai fabricar canhões para qualquer um que se dispuser a pagar. É isso que ela vem buscando fazer a vida toda, e sendo rejeitada em todos os lugares onde aparece. Sua única lealdade é com a ideia de criar a forma mais grandiosa e eficiente de matar pessoas que o mundo já viu.

– Você acha que devo seguir em frente? – Radu tentou conter a

empolgação.

– Ela é um achado incrível. Pode inclusive ser de um valor inestimável.

Radu não conseguiu esconder o sorriso de satisfação. E se de fato conseguisse algo ou alguém de valor inestimável para Mehmed? E se conseguisse ser determinante para Mehmed enfim realizar seu sonho de conquistar Constantinopla?

– Onde estão os seus pensamentos agora? – Nazira levou a mão ao rosto de Radu.

– Desculpe. – Radu sacudiu a cabeça.

– E quanto à Marinha? Como estão indo as coisas?

– Tão bem quanto o esperado. A maioria dos galeões já está pronta, e Suleiman encontrou marinheiros para contratar. Eu pensei que seria difícil, mas os homens acorreram a ele. Estão salivando pelas riquezas de Constantinopla. – Radu suspirou. – É o que todos os soldados dizem quando o assunto vem à tona. A maçã de ouro no centro da cidade, na mão da estátua de Justiniano. As igrejas revestidas de ouro e decoradas com pedras preciosas. Não estão preocupados com nosso destino manifesto de tomar a cidade, como declarado pelo Profeta, que a paz esteja com ele. – Radu fechou a cara. Também tinha ouvido conversas bem mais sinistras concentradas nas riquezas e no espólio dos cidadãos locais. No momento, as conversas ainda se davam em tom de brincadeira, porque ninguém sabia que Mehmed pretendia um ataque imediato. Mas isso deixava um gosto amargo na boca de Radu.

– Mas não é por isso que precisamos tomar a cidade.

Radu ainda não havia tido uma conversa séria sobre Constantinopla com Nazira antes. Ele ficou surpreso por ela ter uma opinião a respeito.

– Como assim?

– As pessoas acham que é uma profecia destinada a nos trazer riqueza e fortuna. Mas por que Deus se preocuparia com isso? Acho que a cidade vai ser nossa porque precisamos que seja. Enquanto Constantinopla existir, vai atrair cruzadas. Mais gente vai vir para a nossa terra com a intenção de nos matar só por sermos muçulmanos. Acho que a queda de Constantinopla vai trazer segurança e proteção. Deus vai nos dar a cidade para conseguirmos louvar em paz.

Radu fechou os olhos e ergueu o rosto para o sol. Estava tão concentrado

em como ajudar Mehmed a tomar a cidade que tinha parado de pensar no porquê. Nazira estava certa. Não era só por Mehmed; era uma incumbência sagrada. Ele trabalharia para ajudar a proteger a fé que tanto havia lhe proporcionado.

– Qual é o cronograma? – Nazira perguntou, trazendo-o de volta ao presente.

– Estamos perto. Está quase tudo em ordem. Mas Mehmed não vai fazer nada enquanto não tiver certeza de que todas as fronteiras estão protegidas. A Hungria ainda causa dor de cabeça. Hunyadi é uma ameaça.

– E os italianos?

Radu estava contente por ter se aberto com Nazira. Era um alívio falar claramente com alguém que entendia todas as peças envolvidas no jogo e que o fazia ter em mente qual era o verdadeiro propósito de tudo.

– Eles estão ocupados demais brigando entre si para conseguir defender uma cidade com um histórico de animosidades tão grande como Constantinopla. Quando assegurarmos as passagens marinhas, eles não vão ter como mandar ajuda nem se quiserem.

– Sei que é uma coisa que precisa ser feita, mas não estou muito ansiosa pelo dia em que meu marido e meu irmão vão decidir seus destinos nas muralhas de Constantinopla. Tenho medo de qual pode ser o resultado. – Nazira suspirou.

Radu a puxou para mais perto.

– Sabe que vou garantir que cuidem de você, aconteça o que acontecer.

Nazira deu uma risada triste contra o peito dele.

– Olha você de novo achando que estou preocupada comigo mesma. Nunca leva em conta que é amado pelas pessoas, Radu, e não só pelo que pode fazer por elas. Desejo todos os dias nas minhas orações que aprenda a reconhecer o amor que é concedido sem pedir nada em troca.

Radu ficou sem resposta. Nazira às vezes era compreensiva até demais.

– Vou falar com Urbana, então. Obrigado. – Ele beijou a mão dela.

Quando entrou, encontrou Fatima.

– Obrigado por suportar esta situação – murmurou. – Nazira está no jardim, e vou manter Urbana ocupada pelas próximas horas. Vá passar algum tempo

com a sua mulher.

Ela o encarou por um breve instante e abriu um sorriso de gratidão no rosto bondoso.

– Boa sorte – Fatima desejou.

– Sua esposa pode ser infértil – Urbana falou depois de fazer uma refeição vespertina com Radu.

– Quê? – Radu até engasgou de surpresa.

– Vocês estão casados há mais de um ano. Com que frequência costumam copular?

Radu ergueu os olhos para o teto, em busca de uma resposta lá em cima, sentindo o rosto mais quente que as fornalhas da forja.

– Você também é especialista nesses assuntos? – perguntou, arriscando um tom brincalhão.

Urbana franziu a testa.

– Não. Mas não vejo praticidade nenhuma em continuar seguindo um plano que não está produzindo resultados. E quanto à criada?

Radu entrou em pânico. Pelo jeito, havia subestimado a capacidade de percepção de Urbana.

– Fatima? – perguntou, paralisado. Como poderia explicar aquilo? E se ela contasse para alguém?

– Ela é sua serva. Não sou ignorante a respeito dos costumes daqui. Se ela tiver um filho seu, seria um herdeiro aceitável. E seria uma coisa boa na vida dela também. Ela teria um status legal, e você não conseguiria vendê-la para ninguém. Eu gosto de Fatima. Deveria pensar a respeito.

A voz de Radu saiu carregada, tanto de alívio por Urbana não ter percebido a verdade sobre seu casamento como de vergonha por ela achar que se tratava de uma conversa apropriada.

– Prefiro me manter fiel à minha esposa.

– É por isso que não tentou ir para a cama comigo. Eu teria refutado você, com violência se fosse necessário, mas confesso que fiquei intrigada.

– Quero conversar sobre seus canhões! – disse Radu, desesperado para

escapar daquele assunto de bebês e leitos matrimoniais.

Urbana assumiu uma expressão de desânimo; em seguida, juntou as sobrancelhas grossas como se estivesse se preparando para sentir dor.

– Se me deixar falar com seu sultão, eu posso...

– Eu quero que você fabrique.

– O quê? – Ela ergueu as sobrancelhas, surpresa.

– Quero que fabrique todos eles. Seu destruidor da Babilônia, e também todos os canhões que tiver tempo e ambição para fazer. Quero que você crie a maior artilharia que o mundo já viu.

A empolgação de Urbana logo se desfez em decepção e cansaço.

– Eu também quero, mas nenhum de nós dois tem uma fundição, matérias-primas e dinheiro para isso.

– Você sabe guardar segredos?

– Não, na verdade, não. – Ela lambeu os lábios, prendendo-os pensativamente entre os dentes.

Radu soltou uma risada seca. Urbana poderia se mostrar inestimável, mas não se não conseguisse manter suas atividades escondidas de Halil Vizir. Nada poderia ser fácil em sua vida, pelo jeito. Ele esfregou a testa por baixo do turbante.

– Bom, então isso é um problema. Me diga, acha possível fabricar esses canhões sem chamar muito a atenção?

– Não com a quantidade de metal de que vamos precisar. E também de homens... muitos homens. Não posso fazer isso sozinha. E não pode ser em qualquer lugar. Foi por isso que vim para cá... Edirne e Constantinopla têm as únicas fundições com porte suficiente para fabricar meus canhões.

Radu tinha segredos demais. Estavam começando a transbordar. E ele não sabia como fabricar uma artilharia sem chamar a atenção. Além disso, o peso dos segredos estava cobrando seu preço. Ele passou a duvidar de tudo. Mesmo de Mehmed, o que era doloroso. Se Mehmed escondeu seus acordos com o príncipe da Valáquia, escondeu o destino de Lada, o que mais poderia estar mantendo fora do conhecimento de Radu?

Os segredos conferiam mais poder às coisas, mais potencial de devastação e de destruição.

Radu ficou de pé e foi até a janela. Nazira e Fatima estavam deitadas sobre um cobertor no jardim, cochichando e rindo. Caso as visse sem conhecer a verdadeira natureza de seu relacionamento, pensaria que eram duas amigas muito queridas. Ninguém questionava por que Fatima estava sempre com Nazira, ou por que elas não se incomodavam em viver sozinhas no campo sem ninguém por perto.

Elas escondiam seu amor diante das vistas de todos.

– Urbana – disse Radu, quando sentiu uma ideia interessante se formar em sua mente –, o que você acha de festas?

– Eu detesto – respondeu ela.

– E se eu dissesse que comparecer a várias festas é o preço a pagar pela fabricação de seus canhões?

A voz dela saiu sem ânimo, mas cheia de determinação:

– E que roupa devo usar?

*Janeiro*

A CAMINHADA DE volta do interrogatório do governador de Brasov foi gelada e solitária. Lada procurou por Matei no retorno ao acampamento. A cada barulho que soava ao redor, esperava encontrá-lo.

Ele não apareceu.

Ela estava quase lá, e as fogueiras à distância prometiam descanso e calor, quando um cavalo relinchou na escuridão à direita. Ela agachou-se, praguejando contra sua generosidade para com a garotinha com quem deixara uma das três facas que levava consigo. Por que aquela vontade de entregar uma arma àquela pirralha?

A filha da Valáquia quer sua faca de volta.

Ela estremeceu ao pensar na lembrança distante. Seu pai lhe deu uma faca, e isso mudou sua vida. Lada só esperava que seu presente também pudesse mudar a vida daquela garotinha, porque isso poderia custar sua vida.

– Silêncio, rapazes – um homem murmurou em um tom exagerado, e a voz foi carregada pela noite. Ele falava húngaro. – Parece que encontramos um pequeno predador. Eles são perigosos quando estão encurralados.

Lada encostou-se em uma árvore, para pelo menos poder ver a ameaça que se aproximava. Seus músculos estavam rígidos de frio. Ela abriu e fechou as mãos rapidamente, tentando reativar a circulação sanguínea.

Ela ouviu alguém descer do cavalo. Ele não fez nenhuma tentativa de esconder o som dos passos ao se aproximar. E se sentou a uma distância suficiente para que Lada pudesse vê-lo, mas longe demais para um combate corpo a corpo. Ela não arremessaria sua última faca. Caso errasse, ficaria desarmada.

Com um grunhido, ele pegou uma pedra do chão e jogou de lado.

– Eu estava procurando você, Ladislav Dragwlya. Você está aterrorizando a população da Transilvânia. Isso não se faz com as pessoas.

– Eu não devo nada para ninguém. – Lada ergueu o queixo em uma postura desafiadora.

– Você nasceu aqui.

– E vou morrer aqui?

O homem deu risada e tirou alguma coisa do colete. Lada ficou tensa, mas ele inclinou-se para a frente e raspou uma pedra para soltar faíscas sobre uma pilha de gravetos. Ele alimentou o fogo com galhos recolhidos do chão congelado da floresta. As chamas cresceram, e o rosto do inimigo revelou-se. As feições do homem que expulsara seu pai de Tirgoviste e o jogara nos braços do sultão, onde abandonou os filhos. A face do homem que voltara para matar seu pai e seu irmão mais velho.

Lada inclinou-se para trás. Continuava segurando a faca, mas aquela ligação com o homem que seria responsável por sua morte lhe transmitiu uma estranha sensação de alívio.

– Hunyadi.

Os cabelos castanhos do homem refletiam o brilho avermelhado do fogo. A testa era larga, sobrancelhas bem formadas, e o nariz evidenciava múltiplas fraturas. Não pareceu ter envelhecido desde que Lada o viu pela última vez, na sala do trono em Tirgoviste. Tinha a mesma idade que seu pai teria. Não era justo que Hunyadi permanecesse o mesmo, já que suas atitudes transformaram Lada de tantas maneiras inimagináveis.

Hunyadi assentiu com a cabeça para cumprimentá-la.

– O que aprontou hoje?

– Um incêndio. Ameaças de morte. Coleta de informações. – Lada não viu motivo para mentir.

Hunyadi suspirou.

– Teve uma noite bem cheia. E queimou o quê?

– A catedral.

Ele tossiu uma vez, surpreso.

– Fui eu que paguei pelo novo altar.

– Péssimo investimento.

Ele soltou uma risadinha de deboche.

– Acho que foi mesmo. Fui o voivoda da Transilvânia por alguns anos. Nunca pensei que fosse ficar tão feliz ao perder o poder. Saxões. – Ele sacudiu a cabeça, e seu hálito transformou-se em névoa quando soltou uma risada silenciosa. Em seguida, apoiou um cotovelo no joelho e inclinou-se para o lado. – Me diga, em que o incêndio da igreja beneficiou você?

– Proporcionou uma distração para que eu cumprisse minha tarefa. E uma satisfação pessoal. – Lada pôs o indicador na ponta da faca.

– Humm. Por algum motivo, duvido de que alguma coisa aqui possa satisfazer você. Sei que foi mandada para cá para assumir o trono da Valáquia. Ainda é uma aliada do sultão?

Lada girou a faca.

– Eu tenho cara de quem está a serviço dos otomanos?

– Então não está mandando informações para ele sobre onde está e o que anda fazendo?

Lada ficou contente com o fato de a luz do fogo encobrir seu rubor de vergonha. Escrever para Mehmed e assumir seu fracasso? Jamais.

– Não.

– Ele anda seguindo seus passos. – Hunyadi estendeu uma folha fina de pergaminho, preenchida com uma caligrafia miúda. Um dos cantos estava manchado e escurecido com respingos grossos de tinta.

Lada estreitou os olhos. Tinta, não. Sangue.

– Encontramos isso com um homem ferido que estava seguindo você. É uma carta ao sultão, com detalhes de tudo o que anda fazendo.

– Matei – Lada disse. Então foi por isso que ele não a alcançou. Não conseguiu. Ela murmurou uma espécie de prece de agradecimento da melhor forma de que era capaz por ter deixado Bogdan no acampamento. Inclusive surpreendeu-se com o quanto ficou contente por ele estar em segurança. Mas não se apegou a esse pensamento por muito tempo. – O que vocês fizeram com o meu homem?

– Ele resistiu. Nós o matamos.

Lada assentiu com a cabeça, entorpecida. Matei estava morto. Ferido em Brasov, liquidado por Hunyadi. E levando uma carta para Mehmed. Há quanto tempo ele estaria informando Mehmed a seu respeito? Quanto Mehmed sabia? E com quem deveria estar mais furiosa: com Mehmed, por espioná-la, com Matei, por traí-la, ou consigo mesma, por confiar em Matei?

Ou consigo mesma, mas por ter tantos fracassos amargos para serem informados?

A traição de Matei, porém, era um golpe duro. Ela escolheu os valáquios exatamente por achar que estariam também ansiosos para cortar os laços com os otomanos. Mas pelo jeito a fome de Matei ia além do que Lada podia proporcionar.

– Eu não sabia que ele estava informando Mehmed.

– Foi o que eu pensei quando vi o conteúdo da carta. Então não está trabalhando para o sultão. Mas você o chama pelo nome. Conhece seu temperamento, suas táticas.

Esse comentário pareceu ao mesmo tempo perigoso e promissor.

– Melhor do que qualquer um.

– Nesse caso, tenho outra carta para você. – Hunyadi jogou a carta de Matei no fogo. Os dedos de Lada flexionaram-se por reflexo na direção do pergaminho. Ela queria ver como sua vida seria retratada para Mehmed. Mas era tarde demais.

Hunyadi enfiou a mão no colete e sacou um envelope, que jogou na frente de Lada.

Intrigada, ela o apanhou. O selo estava rompido.

– Conseguimos essa com um turco que estava perguntando sobre seu paradeiro. É do seu irmão. – Hunyadi falava como se estivesse discutindo algo banal, como uma conversa sobre o tempo durante um jantar. – Ele quer saber como você está se saindo, e teme por sua segurança. Inclusive sugere um retorno a Edirne. Diz que as festas por lá andam maravilhosas sob o reinado de Mehmed.

Lada soltou um risinho de deboche.

– Ele só diz isso porque sabe que nada seria capaz de me manter mais distante do que a ideia de frequentar festas. – Ainda assim, Lada guardou a carta dentro da camisa, junto do coração. Por baixo do colar com o medalhão

que Radu lhe dera. Ele saberia de tudo também? Nenhuma de suas humilhações seria um assunto privado?

Hunyadi ficou de pé e estendeu uma mão enluvada. Estava próximo o bastante para ser atacado. Com um movimento rápido com a faca, ela poderia vingar seu pai. E Mircea, seu irmão mais velho. Sangue em troca de seu sangue.

Por ser um traidor, Matei não precisaria ser vingado.

– Venha – disse Hunyadi. – Tenho uma proposta.

Lada interrompeu o movimento da faca. Seu pai morreu fazendo o que sempre fizera, fugindo, e ela nunca gostou de Mircea. Ela segurou a mão de Hunyadi.

*Fevereiro-março*

TODO MUNDO QUE tinha alguma importância em Edirne estava ao redor da enorme mesa: vális, beis, paxás, vizires e uma imensa quantidade de esposas. Até mesmo algumas filhas, na esperança de atrair o olhar de certa figura de destaque. Uma dessas filhas vinha tentando conquistar a atenção de Radu a noite toda. Mas ele sabia que o pai dela já tinha caído nas graças de Mehmed, então não havia por que ser cruel e iludi-la.

Salih também estava lá. O segundo filho de Halil. A única pessoa que Radu tinha beijado na vida. Mas Salih já desistira fazia tempo de tentar falar com Radu, que não conseguia nem olhar para ele sem sentir uma repulsa doentia de culpa. Havia se transformado em um especialista em ignorá-lo.

Estavam todos reclinados sobre almofadas, com um banquete suntuoso à mesa. Ao lado de Radu, Urbana se mexia a toda hora, tentando ficar confortável em seus rígidos trajes europeus. Não estava se saindo muito bem, e passava o tempo todo de cara fechada, resmungando consigo mesma em húngaro. Caso atraísse algum olhar, com certeza não seria com intenções amorosas. Ela parecia prestes a estrangular alguém. E fez com que Radu sentisse saudade de Lada.

– Fique parada aí – Radu murmurou, olhando na direção da cabeceira da mesa.

Ele estava sentado longe de Mehmed, que se posicionava um nível acima de todos os demais. Uma serva abanava o sultão, e perto dele só estava o criado que carregava seu banquinho. À direita do sultão, Halil Vizir.

Radu ficou à espera, ansioso a ponto de parecer desesperado.

– O que é isso? – Urbana reclamou, enfiando um dedo em um dos molhos frios e cremosos para as carnes. – Estou cansada dessas festas. Por que preciso estar aqui se poderia estar trabalhando?

Radu a silenciou quando Mehmed ficou de pé.

– Meus amigos – disse Mehmed, estendendo os braços para abarcar todo o recinto –, é uma noite de celebração! Hoje estou homenageando três de meus maiores conselheiros. Sua sabedoria me enche de forças. Sua orientação constrói meu legado. E hoje vou dedicar esse legado ao mundo. Zaganos Paxá. Sarica Paxá. – Ele apontou com a cabeça para os dois homens imediatamente à sua esquerda, que Radu sabia serem leais e comprometidos com a causa da tomada de Constantinopla. Kumal já estava por lá. – E meu mais importante conselheiro: Halil Vizir.

Halil ficou ruborizado, com a expressão de uma criança que escapou do castigo depois de aprontar uma travessura. Ele baixou a cabeça e levou a mão ao coração.

– Para homenagear vocês, meus três sábios, vou construir uma fortaleza com uma torre com o nome de cada um. Serão elevados ao céu. Sua sabedoria vai pairar sobre a nossa terra para sempre. Vocês três vão ser os pilares da minha força, meus sentinelas.

Os três baixaram ainda mais a cabeça.

– Por essa honra, eu pagaria tudo do meu próprio bolso – disse Zaganos Paxá.

Mehmed soltou uma risada animada.

– Ora, é bom saber, porque cada um vai ser responsável por financiar e construir sua própria torre. Eu não confiaria seus legados a nenhuma outra pessoa.

Halil Vizir pareceu um pouco menos lisonjeado, mas o incômodo surgiu em seu rosto apenas de forma fugaz. Era uma honra tremenda, e mais uma prova de que seu controle sobre Mehmed estava maior do que nunca. O fato de Mehmed ter anunciado isso na frente das pessoas mais importantes do império foi devidamente notado por Halil.

– Claro, meu sultão – o vizir assentiu.

– A sua vai ser a torre mais importante, e a maior. – Mehmed pegou a mão de Halil e deu um apertão caloroso. Para ele, tocar outro homem era um gesto que demonstrava grande consideração. Halil percorreu o recinto com os olhos, saboreando o momento.

Mehmed soltou a mão de Halil e sentou-se. Seu tom tornou-se menos

formal.

– Vamos iniciar a construção imediatamente. A fortaleza vai se chamar Rumeli Hisari.

Halil franziu as sobrancelhas.

– Rumeli Hisari. Como a fortaleza de seu avô no estreito de Bósforo, a Anadolu Hisari.

– Sim, exatamente! – Mehmed fez um gesto para que seu copo fosse cheio novamente. – Já mandei os homens para lá, e as pedras estão sendo transportadas neste exato momento. Kumal Paxá está lá para supervisionar a construção.

– Onde... – Halil limpou a testa no ponto em que o suor começava a brotar sob o turbante. – Onde Rumeli Hisari vai ser construída?

Mehmed fez um gesto com a mão que segurava o pão, como se estivesse tratando de uma questão menor.

– Em frente a Anadolu Hisari.

– Em frente... Mas essas terras pertencem a Constantinopla.

Mehmed soltou uma gargalhada.

– Elas pertencem a algumas cabras magras. Não existe nada por lá. Ainda. Mas em breve a fundação de uma fortaleza em sua homenagem vai desalojar essas cabras! As fortalezas vão se comunicar de ambos os lados do estreito de Bósforo. Os canhões podem se encontrar no meio do caminho, eu acho. – Mehmed voltou a rir. – Vamos ter que tentar fazer isso quando sua torre estiver construída.

Dessa vez, o rubor profundo no rosto de Halil não foi de satisfação. Sua boca se abria e fechava, e ele lutava para encontrar palavras que pudessem fazê-lo escapar da armadilha armada por Radu e Mehmed.

Mas era tarde demais. Ele concordara com a construção da fortaleza na frente de todos, havia demonstrado todo o seu apoio. Falou inclusive que iria financiá-la. Caso voltasse atrás, teria que explicar por quê. E não podia desafiar abertamente Mehmed a respeito de Constantinopla. Não havia nenhuma prova de que Mehmed planejava um ataque, e ele precisava manter suas ligações com o imperador Constantino em segredo.

As opções de Halil estavam minguando, e se reduziriam ainda mais quando

seus aliados na corte de Constantino soubessem que uma torre a ser construída em suas terras teria o nome de Halil.

Os segredos tornavam as informações mais poderosas e suspeitas. A melhor maneira de manter a fortaleza a salvo das maquinações de Halil era torná-lo íntima e inescapavelmente envolvido em sua construção. Era o mesmo método que Radu estava aplicando à artilharia, inspirado no relacionamento de Nazira e Fatima. Escondendo tudo aos olhos de todos.

– Qual é a graça? – Urbana perguntou, fechando a cara. – Não entendi nada. Por que está sorrindo assim?

– Porque estou satisfeito com o que aconteceu hoje.

– Não entendo por que preciso estar aqui. Nós nunca falamos com o sultão.
– Ela suspirou, remexendo os ossos da infeliz ave em seu prato.

– Você está aqui para todo mundo ver que é meu projeto especial. Quero a cidade inteira fofocando a respeito da minha tolice de contratar uma mulher para construir o maior canhão do mundo e impressionar o sultão. Quero que nos submetam ao ridículo.

– Por que faria isso? – Ela fechou ainda mais a cara.

– Para que só vejam o que estamos fazendo depois que der tudo certo.

Pela primeira vez na noite, Urbana sorriu. Ela partiu um osso do frango. Radu a cutucou com o cotovelo.

– Imagine como vão se surpreender quando o sultão tiver a artilharia mais avançada do mundo, fabricada por uma mulher e pelo estrangeiro mais bonito e inútil do império. – Ele ficou de pé. – Venha. Preciso apresentá-la a todo mundo, e dizer que estamos projetando um canhão tão grande que vai ser capaz de fazer um buraco no fundo do mar Negro e drenar toda a água.

Urbana fez uma careta, mas assentiu.

– Vamos lá.

Mais tarde naquela semana, Radu entrou pela passagem secreta atrás da tapeçaria para deixar seu relatório sobre o progresso de Urbana e a constituição da Marinha do sultão. Ficou tão surpreso ao encontrar Mehmed sentado na sala que quase não conseguiu abafar o grito de susto.

– Radu. – Mehmed sorriu. – Você está bem atrasado.

– Eu... O que aconteceu?

– Nada. Tenho uma coisa para você. – Mehmed lhe estendeu uma carta.

Estava endereçada a Radu, em uma caligrafia que parecia a de alguém que mergulhou uma lâmina na tinta e escreveu com a espada. Uma parte de seu coração que até então estava vazia começou a doer de novo. Ele virou o pergaminho e viu que o selo havia sido colocado com a ponta de uma faca cravada na cera.

– Lada – murmurou, passando os dedos pelo selo vermelho.

– Chegou hoje de manhã. – O tom de voz de Mehmed era cautelosamente neutro. – Você escreveu para ela?

– Sim, depois de descobrir que ela não estava no trono. Mas já tinha perdido as esperanças de que o mensageiro fosse encontrá-la.

Radu preferiria ler sozinho, mas não queria desperdiçar o presente de ter um tempo com Mehmed. Porém, a maneira como os olhos de Mehmed estavam fixos na carta, como um faminto encara um pedaço de pão, era dolorosa. Apesar de todo o tempo que ficaram distantes, em nenhum momento ele demonstrou essa expectativa em relação a Radu.

Mehmed só estava lá por causa de Lada.

Ainda era apaixonado por ela. Eles nunca conversavam sobre Lada, mas era inevitável. Talvez, como ela foi embora antes que Mehmed pudesse conquistá-la, esse desejo fosse durar para sempre. Da mesma forma como era fissurado por Constantinopla, simplesmente pelo fato de a cidade não ser sua, como ele achava que deveria.

Mas, de acordo com o islã, Mehmed não poderia consumir seu relacionamento com Lada. Isso era proibido fora do casamento, ou do âmbito das concubinas oficiais. No entanto, Lada havia entrado no harém de Mehmed, o que legalmente a tornava parte dele.

Sempre havia algum elemento facilitador quando o assunto era Mehmed e Lada.

Radu baixou a cabeça. O que ele esperava para seu futuro? Ficar para sempre ao lado de Mehmed, como amigo querido e conselheiro confiável? Ele dissera a Nazira que isso bastaria. Mas nunca bastaria.

Mehmed pôs a mão no ombro de Radu. O susto pelo toque o afetou muito mais que a leve pressão dos dedos.

– Está tudo bem, meu amigo?

Radu limpou a garganta e assentiu com a cabeça. Ele rompeu o lacre da carta com mais força do que o necessário. O cabeçalho, em um estilo tipicamente sentimental, era endereçado a Meu único irmão, Radu. Era uma declaração mais sincera que a saudação que ele dedicara à irmã.

– O que diz a mensagem? – Mehmed perguntou, totalmente imóvel. Não faria diferença se estivesse pulando pela sala, porque sua imobilidade também exalava ansiedade.

Radu leu em voz alta, com um tom de voz cansado, em razão do turbilhão de emoções:

– “Fiquei surpresa ao receber sua carta. Lamento informar que o mensageiro que você mandou está morto. Não fui eu que o matei. Acho que, de certa forma, foi você, por enviá-lo para cá.”

Radu fez uma pausa, estreitando os olhos de irritação tanto pelas palavras de Lada como pelo fato de ela ter razão. Ele sacrificou uma vida simplesmente para mandar uma carta à irmã?

– Ela está só provocando – disse Mehmed. – Com certeza o mensageiro está bem. Continue.

– “Em troca, vou surpreendê-lo dizendo que estou com Hunyadi. Ele me encontrou na Transilvânia, e desistimos de matar um ao outro. Fiquei em dúvida se estava sendo desleal com nosso pai e nosso irmão, mas eles estão mortos e portanto não podem reclamar. Ele convidou minha companhia para se juntar à dele.

“Desconheço seus motivos, mas aceitei. Finalmente vou ter um aliado que vale alguma coisa. Se conseguir convencer Hunyadi a me apoiar, então posso tomar o trono. Eu sei disso. Mas na verdade não sou talhada para a nobreza. Sou uma lâmina bruta. Preciso de um cirurgião.

“Estou cansada de ser o braço direito de homens poderosos. Quero você como meu braço direito. Já vi como opera entre os nobres, com a mesma facilidade com que um falcão corta os ares. Desbrave o ambiente dos boiardos para mim. Venha para casa, Radu. Me ajude. A Valáquia pertence a nós, e eu não vou me sentir completa sem você.”

Radu fez uma pausa, perplexo.

– E em seguida ela assina seu nome.

Ele não contou como sua irmã assinou.

Lada, no gelo fino e precisando de sua mão no momento.

Em uma única linha, ela o transportou de volta para a infância indefesa, quando precisou da ajuda da irmã ao avançar demais em um lago congelado. E, o que parecia mais inacreditável, ela estava solicitando seu auxílio.

Lada reconheceu que ele era bom em alguma coisa em que ela não se saía bem. Mehmed estava certo. Lada precisava dele para pavimentar seu caminho para o poder. Por alguns instantes silenciosos e dolorosos, ele pensou a respeito. Ela era sua irmã. E nunca havia lhe pedido nada. Esperava que ele fosse acompanhá-la desde o início por achar que Radu deveria, não porque ela de fato queria.

Mas agora...

– Você vai ao encontro dela?

Radu ergueu os olhos, surpreso. A voz de Mehmed soou silenciosa como a sua, cuidadosamente esvaziada de emoções. Mas Radu conhecia melhor o rosto do amigo do que qualquer coisa no mundo. Ele o estudara, o reverenciara. E Mehmed não tinha como esconder seu medo e sua angústia.

Isso foi um bálsamo para a alma de Radu, um alívio tão grande que o fez soltar uma risada trêmula. Lada não era a única Dracul que importava para Mehmed.

– Não. Não, claro que não.

Os ombros de Mehmed relaxaram, e a tensão se dissipou de seu rosto. Mais uma vez, ele pôs a mão no ombro de Radu, e então pegou a carta de sua mão.

E Radu ficou contente por estar ali com seu amigo. Porque, por mais que fosse importante ser valorizado pela irmã como uma arma, seu lugar não era ao lado dela. Lada o queria para atingir os objetivos dela. Mas, como sempre, estava desconsiderando os sentimentos dele. Radu havia trabalhado demais por ali para abandonar tudo e ir em busca dos sonhos dela. Aquele nunca fora o seu sonho.

Lada ficaria magoada com sua decisão. Esse pensamento o fez se sentir estranhamente poderoso. Ele detestava essa sensação, mas não conseguia evitá-la. Lada o queria, e Mehmed também. Ele escolheria Mehmed. Não havia mais nada que pudesse fazer.

Mehmed bateu o dedo sobre a carta.

– É bem interessante que agora ela faça parte do círculo íntimo de Hunyadi. Depois do que ele fez com seu pai e seu irmão.

Radu ficou surpreso também. Mas, de algum modo, fazia sentido.

– Lada só guarda ressentimentos que possam ser úteis. De certa forma, a morte do nosso pai foi uma libertação para ela. Ela pode até se sentir grata a Hunyadi. De qualquer maneira, se puder aprender com ele e usá-lo para conquistar o poder, ela é capaz de perdoá-lo por qualquer coisa.

– Humm – disse Mehmed. Seus dedos contornaram o nome de Hunyadi.

Radu queria a carta de volta. Queria ler de novo para se sentir capaz de fazer coisas que sua irmã forte e violenta não conseguiria. Queria ter a carta na mão e se lembrar do medo no rosto de Mehmed quando pensou que Radu iria embora. Esse medo era suficiente para lhe encher de esperança.

Ele ainda poderia conquistar seu próprio sonho.

*Fevereiro*

UMA SEMANA DEPOIS de Lada começar a viajar com os húngaros, Hunyadi cavalgou até a extremidade do acampamento, onde ela e seus homens estavam instalados. Ele gritou um comando em húngaro para que todos arrumassem suas coisas para partir. Ninguém respondeu. Ele olhou para Lada.

Eles não se falavam muito, e Lada estava começando a questionar sua pressa em mandar Bogdan encontrar alguém para enviar uma carta a Radu. Talvez tenha declarado cedo demais que Hunyadi era seu aliado. E, se alguma coisa acontecesse a Bogdan, jamais se perdoaria. Ele era o único pedaço de sua infância com que Lada ainda tinha relação. Não conseguiria suportar perdê-lo também.

A ausência de Bogdan lembrava Lada da ausência dos outros dois homens mais importantes de sua vida. Mas em breve Radu receberia sua carta e se juntaria a eles. Do outro homem, preferia manter distância.

Hunyadi gritou a ordem de novo.

– Por que seus homens não obedecem? – questionou.

Lada ergueu uma sobrancelha.

– Eles não falam húngaro.

Ele gritou o mesmo comando em turco. Todos os homens voltaram-se para Hunyadi. Ninguém se moveu.

Lada estreitou os olhos.

– E eles não respondem a ordens em turco.

Hunyadi franziu a testa e cofiou a barba.

– Então como eu faço para comandá-los?

– Você não faz isso. Eu faço.

Em valáquio, ela ordenou que seus homens arrumassem as coisas para partir. Imediatamente eles entraram em ação, de forma eficiente e bem treinada. Hunyadi ficou observando, pensativo. Lada passou a cavalgar com mais animação depois. Ela ainda precisava se provar para ele.

Mais tarde, naquele dia, Hunyadi encontrou Lada cavalgando ao lado de Stefan e Nicolae na retaguarda da companhia. Stefan afastou seu cavalo, abrindo espaço para o húngaro.

– Seus homens são bem disciplinados – comentou Hunyadi, coçando a barba. Ele mexia nos pelos do rosto com frequência. Lada perguntou-se se seria porque quando jovem fora privado de sua barba. Teve que lutar bastante e por muito tempo para passar de filho de lavradores a um dos líderes mais poderosos nas fronteiras do Império Otomano. Para Lada, ele tinha todo o direito de se apegar e de se divertir com a barba.

Ou talvez a barba provocasse muita coceira.

– Fomos muito bem treinados – Lada respondeu em valáquio.

Hunyadi continuou a conversa na mesma língua:

– Sempre prefiro enfrentar os sipahis aos janízaros. Os janízaros são muito mais aguerridos.

Nicolae abriu um sorriso ácido.

– Esse é um dos benefícios de se ter uma força formada por escravos sem posses e sem família. É fácil ser destemido quando não se tem nada a perder.

Hunyadi soltou um grunhido. Apontando para a cicatriz proeminente de Nicolae, perguntou:

– Onde foi que conseguiu isso? – O sotaque dele ao falar valáquio era tão terrível que doía nos ouvidos de Lada.

O sorriso de Nicolae escancarou-se, esticando a cicatriz até o ponto de ruptura.

– Em Varna. De um húngaro. Pouco antes de matarmos o seu rei.

Lada cerrou os punhos, pronta para entrar em ação e defender Nicolae. Para sua surpresa, Hunyadi deu risada.

– Ah, Varna. Foi um desastre. – Ele voltou a falar em húngaro. – Isso me fez regredir alguns anos. Ainda não nos recuperamos da perda do nosso rei. O novo, Laszlo, o Póstumo, não é exatamente o ideal. – A expressão dele se

tornou distante e pensativa. – Poderia ser substituído.

Lada deixou-se levar pelo tom de voz dele antes mesmo de pensar a respeito.

– Você?

Hunyadi era um príncipe da Transilvânia, amado pelo povo e uma força militar a ser temida. Caso fosse um rei... e seu aliado...

O caminho para o trono da Valáquia abriu-se diante dela, banhado em uma luz dourada.

Até o momento em que Hunyadi caiu na risada, esvaziando suas esperanças e jogando as sombras de volta no lugar.

– Eu, rei? Não. Já tentei assumir um trono. Na verdade, não sirvo para ficar sentado, seja onde for.

Lada se encolheu na sela, mal-humorada. Hunyadi ainda era um aliado poderoso. Mas um rei seria melhor.

– Seu povo teria sorte de ter um homem como você como rei.

Hunyadi bateu com a mão em seu ombro.

– Eu sou um soldado. Não fui feito para a política e para a corte. Meu filho, Matyas, por outro lado, foi criado para isso. Ele vai longe, vai fazer coisas que eu jamais conseguiria. – Hunyadi sorriu. – Ele é meu maior triunfo. E um rapaz muito bonito.

Lada franziu a testa, sem saber o que tinha a ver com os atributos de Matyas. Por outro lado, já havia visto muitas portas se abrirem para Radu por causa da beleza.

– Com certeza, isso vai ser útil para ele.

– Ele precisa de uma esposa que tenha pulso. Alguém capaz de moderar suas... extravagâncias. Que possa guiá-lo.

– Ele vai precisar de uma boa aliança.

Caso Matyas quisesse continuar a ganhar espaços nas cortes da Hungria, precisaria trazer consigo algum tipo de poder. Hunyadi não vinha de uma família tradicional, não tinha história. Tinha terras e riquezas, era verdade, mas tudo isso era novo. E novos ricos não costumam ser motivo de orgulho no mundo da nobreza.

Hunyadi deu outro tapinha no ombro dela.

– Não estou preocupado com alianças. Elas vêm e vão. Mas força de caráter... isso tem um valor inestimável.

Hunyadi cavalgou para longe, deixando uma Lada confusa atrás de si.

– Ele quer que eu encontre uma esposa para seu filho? – perguntou, virando-se para Stefan, que estava cochichando com Nicolae. Stefan fingia não falar húngaro, mas entendia muito bem.

O rosto de Nicolae estava vermelho em seu esforço para se segurar. Por fim, a risada estrangulada escapou.

– Lada, minha cara menina-dragão, ele quer que você seja a esposa do filho dele.

– Ele que vá para o diabo – esbravejou ela. A raiva e a humilhação borbulhavam dentro dela. Durante todo esse tempo, Hunyadi a via como nada mais do que um ventre. Como poderia mostrar-se para o mundo da maneira como se enxergava? – E que leve o filho junto. – Lada esfregou a testa, incomodada. Não era à toa que ele havia tentado comandar seus homens. Provavelmente os considerava seus, uma espécie de dote. – Onde exatamente nós estamos?

Nicolae se aproximou.

– Perto da Bulgária.

Observando com olhos perdidos as árvores desfolhadas pelo inverno ao redor, Lada não sabia o que fazer. Matar Hunyadi e seguir em frente? Casar-se com o filho dele para ter a chance de assumir o trono da Hungria? Isso a deixaria mais próxima da Valáquia ou ainda mais distante? Era a mesma escolha que havia enfrentado antes, a única escolha que se oferecia: assumir o mínimo de poder que conseguiria através de um homem.

Se soubesse que seu destino seria sempre esse, teria ficado ao lado de Mehmed. Pelo menos com ele havia aquela faísca, aquele calor. Se Matyas fosse inteligente e bonito como dizia seu pai, não iria se interessar por uma esposa como ela. E Lada não queria ser uma esposa.

Jamais uma esposa.

Ela deixou para trás o amor e partiu para um futuro esvaziado de poder.

– Eu não tenho nada – murmurou.

Nicolae aproximou seu cavalo ainda mais, até as patas dos animais se tocarem.

– Você ainda tem a nós – ele falou, com uma voz suave e compreensiva. – Nós vamos dar um jeito.

Lada assentiu, tentando esconder o desespero. Por quanto tempo mais ela podia esperar manter Nicolae? Stefan? Petru e os demais homens? Eles permaneceriam leais a ela e virariam as costas para alguém com reputação e poder como Hunyadi? Não se passassem mais tempo com ele.

– Vamos nos desvencilhar de Hunyadi na primeira oportunidade.

Lada não sabia como ele reagiria, e os homens dele eram mais numerosos que os seus. Ela não podia arriscar a vida de todos assim. Até que a ocasião ideal surgisse, seria preciso cerrar os dentes e se esquivar das conversas sobre casamento.

Dois dias depois, no acampamento, Hunyadi agachou-se e começou a confabular com três de seus homens. Embora Lada o evitasse ultimamente, a intensidade da conversa deles atraiu a sua atenção, pois indicava algum desdobramento novo. Poderia ser uma oportunidade para ela e seus homens saírem de cena. Ou poderia significar que estava encrencada.

Lada foi até lá e entrou na conversa:

– O que está acontecendo?

Hunyadi ergueu os olhos, surpreso.

– Tem uma força armada de búlgaros vindo para cá. Eles estão em um desfileiro. Se os deixarmos passar, podem se espalhar e formar fileiras. Nossa melhor opção é ir ao encontro deles.

– Mas você não tem tempo para se planejar.

– O ataque é minha forma predileta de defesa.

Lada refletiu um pouco sobre essa frase. Isso a fez lembrar de algo. De Tohin, a mulher otomana que a ensinara a usar a pólvora em combate. Ela falava sobre a necessidade de estar sempre na ofensiva, para que outros países não invadissem terras otomanas. Empurrar para não ser empurrado. Um mercador da morte, era como Tohin descrevia o que cada guerreiro deveria se tornar. Levar a morte para outros lugares a fim de mantê-la distante de sua casa.

– Que tipo de força armada? – Lada questionou.

Um dos homens de Hunyadi bufou, incomodado com a intromissão de Lada na conversa, mas Hunyadi respondeu:

– Montada, com armaduras pesadas.

Hunyadi tinha alguns homens de armadura que poderiam encarar uma força como essa. Os homens de Lada, porém, usavam cotas de malha, inapropriadas para o confronto direto. Hunyadi deve ter entendido o que ela estava pensando.

– Não é o tipo de batalha para seus janízaros. Vou mantê-los na retaguarda.

Lada irritou-se. Ela sabia que seus homens eram duas vezes mais valorosos que os de Hunyadi. Ele também saberia, caso não estivesse tão concentrado em vê-la como uma noiva em potencial. Mas ela mordeu a língua antes de argumentar. Se Hunyadi entrasse em uma batalha em um desfiladeiro, com ela e seus homens na retaguarda, poderia ser uma boa oportunidade de fugir.

Ela suspirou, sentindo os novos fios que a ligavam ao trono arrebentarem um a um. O que lhe restou, como sempre, foi um único fio que a conectava ao poder: ela mesma.

Eles cavalgaram em alta velocidade por terras planas e cultivadas até chegarem à ameaça. As paredes do desfiladeiro elevavam-se diante deles, uma garganta estreita em meio a uma fileira de várias léguas de morros rochosos – a única passagem viável para tropas montadas.

Lada logo entendeu por que Hunyadi precisava deter os búlgaros antes que eles ultrapassassem o desfiladeiro. Depois disso, teriam passagem garantida para qualquer lugar da Hungria que quisessem.

Os gritos eram trazidos até Lada pela brisa intensa. Hunyadi percorria sem parar suas fileiras, de ponta a ponta. Um batedor apareceu, com o cavalo ofegante e babando. Lada viu os ombros de Hunyadi ficarem tensos quando ele ouviu o relatório. Depois de dizer alguma coisa, apontou para ela. O batedor assentiu.

Hunyadi ergueu o punho e rugiu. Seus homens rugiram em reposta, e foram atrás dele no desfiladeiro.

Ele tinha encarregado o batedor de manter Lada onde estava? Ela abriu um sorriso tristonho. Era isso que iria descobrir. Foi até o batedor, que tremia em cima do cavalo trêmulo.

– O que foi? – ela quis saber.

– Hunyadi pediu para você ficar de olho. Se os búlgaros passarem, cavalgue a toda velocidade para o vilarejo mais próximo e avise as pessoas para irem embora. – Ele apontou para o leste, onde Lada viu a fumaça das chaminés indicando o local exato do vilarejo.

– Ele acha que os búlgaros vão passar?

O homem encolheu os ombros, cauteloso.

– São mais numerosos do que pensávamos. Muitos mesmo.

– Por que ele foi até lá, então?

– Se passarem, vão queimar o vilarejo e saquear todos os suprimentos para o inverno. O povo vai morrer de fome.

– Mas é só um vilarejo. – Lada franziu a testa.

– Mas é o vilarejo dele. Foi lá que ele cresceu. – O homem abriu um sorriso amarelo.

Lada voltou com o cavalo até seus homens, com aquela informação na cabeça. Eles poderiam ir embora. Ninguém iria impedi-los. Mas Hunyadi também poderia ter ido. Reagrupado seus homens em outro lugar. Deixado um pequeno vilarejo sucumbir.

– Maldita honra – Lada grunhiu, olhando para o desfiladeiro. As forças de Hunyadi já haviam desaparecido após fazer uma curva. Não demorariam muito para se engajar com o inimigo. Ambas as forças ficariam presas e restritas pelas paredes do desfiladeiro. Seria uma carnificina de ambos os lados.

Não era problema seu.

Mas os olhos dela dirigiram-se para a beirada do desfiladeiro. Seria inatingível para soldados montados com armadura. Mas isso não significava que ninguém mais pudesse chegar lá.

Ela precisava de um aliado. Precisava de mais fios para manipular o poder. E, se conseguisse mostrar a Hunyadi do que era capaz, talvez o atraísse para seu lado. Ela poderia fugir mais uma vez ou aproveitar a chance.

Lada desceu do cavalo e apanhou as armas.

– Desmontar! Peguem tudo o que puderem carregar. Nicolae, leve os

homens para o outro lado se por este não for possível.

– O que vamos fazer? – Petru perguntou, já obedecendo à ordem.

– Vamos dar uma olhada.

Eles seguiram morro acima, aos tropeções entre árvores e rochas. Cada um encontrou um caminho diferente, e os homens espalharam-se. Lada liderava o grupo, correndo, escorregando e escalando. Não era uma subida fácil, mas estavam avançando bem. O som dos gritos dos homens e dos cavalos mostrava que estavam perto do objetivo.

Por fim, ralados e suados, chegaram à beirada superior do desfiladeiro, imediatamente acima da batalha. Ambos os lados estavam presos em gargalos, o que só permitia que alguns homens mais à frente se enfrentassem. Quando esses morriam, os próximos assumiam seu lugar. Lada examinou a fileira dos búlgaros, que se estendia por uma distância enorme. Eles poderiam lutar por mais tempo.

Hunyadi não estava muito longe da dianteira da fileira. Todo mundo ali morreria. Ele devia saber disso, tinha consciência do que estava enfrentando.

Mas deixou os homens de Lada de fora. Caso ela estivesse no comando, sacrificaria os soldados de outros comandantes para cansar os oponentes. Em vez disso, ele os poupou da batalha e os encarregou de proteger o vilarejo caso seus esforços falhassem.

Hunyadi havia matado seu pai e seu irmão. Antes disso, fora o motivo por que seu pai a entregara aos otomanos. E a convidara para fazer parte de suas tropas tendo em mente arranjar-lhe um casamento. Lada tinha todos os motivos para deixá-lo morrer, apesar de ser grata pelo fato de seus homens terem sido poupados. Mas a Valáquia a chamava, e ela não tinha como responder. Como poderia vencer essa batalha por ele?

– Eles vão todos morrer – Petru disse, franzindo a testa.

Lada e seus homens estavam em um ponto alto demais para atirar flechas e setas de balesta. Além disso, os búlgaros usavam armaduras pesadas. Seria um desperdício de munição, quase sem nenhum efeito prático.

Mas...

– Vocês já ouviram falar na história de Davi e Golias?

Lada lembrava-se dessa. Só gostava desse tipo de histórias antigas, sobre batalhas, leões e exércitos. As parábolas e as curas de Jesus não lhe serviam

de nada. Ela gostava do deus furioso, vingativo e beligerante. Lada pegou uma pedra grande e a jogou para o alto algumas vezes.

Ela olhou para o outro lado do desfiladeiro, onde estava Nicolae, mostrou a pedra e apontou para a retaguarda da fileira dos búlgaros. Ali tinha uma área no morro que indicava anos e anos de deslizamentos de pedras: não havia árvores, e a terra estava remexida. Na beirada do precipício, rochas enormes esperavam pacientemente que o tempo e os elementos as libertassem da imobilidade.

Lada fez um gesto de empurrão, e então deixou a pedra cair de suas mãos. Nicolae olhou para as rochas. Ele acenou com o braço, e então correu com Stefan e vários homens naquela direção.

Enquanto Lada esperava, Petru agachou-se a seu lado. O som da batalha mais abaixo era terrível. Ela nunca vira algo tão grandioso assim tão de perto. Fascinada, continuou observando. Não era o que ela esperava. Sua única experiência no combate corpo a corpo era com assassinos de aluguel ou nos treinamentos. Ela viu como Hunyadi comandava seus homens, e que mesmo do chão ele agia como se tivesse uma vista aérea do enfrentamento.

Também viu que, apesar de toda a sua inteligência, ele perderia. Escolhera a honra em vez do espírito prático. Deveria ter sacrificado os homens dela para deter o avanço dos búlgaros e depois reagrupado suas forças em outro lugar, ignorando a ameaça ao vilarejo.

Mas ele não contava com ela.

Um impacto que se transformou em um retumbar atraiu a atenção de Lada de volta para Nicolae. As rochas começaram a rolar, em meio a uma nuvem de poeira. Não eram suficientes para bloquear por completo o desfiladeiro, mas eram o bastante para impedir que mais de um homem voltasse por vez para o lugar de onde tinham vindo.

Hunyadi olhou para cima. Quando viu Lada, gritou alguma coisa e fez um gesto furioso para as rochas. Lada deu risada, ciente do que ele deveria estar pensando. Suas ações só haviam tornado impossível que os búlgaros batessem em retirada, o que os empurraria para cima de Hunyadi.

Lada apanhou uma pedra tão pesada que precisou pegar com as duas mãos. Em seguida, arremessou-a com um gemido alto.

A pedra despencou e pousou com um baque metálico no capacete de um soldado da fileira dos búlgaros. Ele tombou de cima da sela e foi ao chão.

De ambos os lados do desfiladeiro, os homens de Lada entraram em ação. Pedras não faltavam. Os búlgaros estavam tão próximos uns dos outros que não era preciso nem mirar. Era jogar uma pedra e acertar o alvo. Simples assim.

Os búlgaros começaram a entrar em pânico, tentando sair do caminho, mas não havia para onde ir. Os cavalos gritavam. Os soldados desciam das montarias e tentavam escalar as paredes do desfiladeiro. Eram recebidos com pedradas. Alguns ainda mantinham a cabeça fria e disparavam as balestras, mas a distância era grande demais, e os homens de Lada tinham muitos lugares onde se esconder.

Os búlgaros mais à frente começaram um avanço desesperado, mas Hunyadi cumpriu com louvor o papel de segurá-los. Ele formou uma linha firme e impenetrável aos ataques caóticos dos oponentes e se pôs a esperar.

No fim da tarde, com os braços exaustos, Lada jogou uma última pedra. Em seguida, sentou-se. Nicolae e os homens do outro lado do desfiladeiro fizeram o mesmo. Restavam tão poucos búlgaros, e seria fácil os homens de Hunyadi os derrubarem com suas balestras. Parecia que um deus impiedoso havia passado por lá, arremessando corpos como se fossem refugos. Homens e cavalos empilhavam-se no caminho, destruídos e enroscados uns aos outros.

Quando Lada e seus homens desceram dos morros aos tropeções foram recepcionados com fogueiras e alimentos. Os homens de Hunyadi os aplaudiram e os receberam de braços abertos. O comandante abriu caminho até Lada. Ele a abraçou e a girou no ar.

– Isso foi brilhante! – gritou, aos risos.

Ela esperou até que ele a pusesse no chão. Em seguida, encarou-o com uma expressão séria e impassível.

– Sim. Foi mesmo. Você não serve para rei, e eu não sirvo para esposa. Sou uma líder e uma governante, e quero seu apoio.

Hunyadi assentiu de forma solene, e seus dedos desapareceram dentro da barba.

– Você é valiosa demais para se casar. – Ele não disse essa frase em tom de galhofa ou falsidade. Lada percebeu nos olhos dele que passara a vê-la de outra forma.

Ela endireitou os ombros. Tinha feito uma coisa boa. Havia conquistado um

aliado por mérito próprio. E iria usá-lo de todas as formas que pudesse para destruir seus inimigos.

*Março*

E RA UM DIA festivo na cidade portuária de Bursa.

As fitas adornavam tudo ao redor, agitadas alegremente e sem parar pela brisa constante que vinha do mar de Mármara e soprava pelas ruas. As crianças riam, correndo em meio às pessoas. Vendedores anunciavam produtos, na maior parte alimentos, e na maior parte peixes, por sobre o ruído da multidão.

Radu deixou-se conduzir pelo povo na rua. Nazira apontou para uma garotinha carregando um menininho aos berros quase de seu tamanho. O menino conseguiu escapar de seus braços. A garotinha o segurou pelo pulso e o manteve sob controle, determinada.

– Isso não faz você sentir saudade da sua irmã? – Nazira perguntou.

Radu fez que não com a cabeça.

– Lada jamais seria carinhosa assim.

– Eu gostaria de tê-la conhecido melhor.

– Não, não gostaria.

Nazira deteve o passo e encarou Radu.

– Gostaria, sim. Porque ela é importante para você, e você é importante para mim, portanto ela também é importante para mim.

Radu não quis reconhecer a importância de Lada para ele. Tentava não pensar a respeito, e nem em sua importância para ela. Sua escolha havia sido feita. Mais uma vez.

– Você não iria gostar dela. E ela não iria gostar de você.

Nazira bufou, empinando o nariz.

– Todo mundo gosta de mim. Só porque você não conseguiu transformar

sua irmã terrível em uma pessoa civilizada não significa que eu também não conseguiria. Eu sou a pessoa mais meiga do mundo. Ou não sabe disso?

Radu deu risada, pegou na mão dela e a conduziu a uma pequena área livre na praça.

– Eu ouvi dizer, e obtive várias evidências que comprovam os rumores.

Depois de algumas paradas para Nazira comprar fitas para agitar, chegaram aos atracadouros. Demorou algum tempo para os dois conseguirem um local para ficar, mas as pessoas em geral cediam espaço quando notavam as vestimentas finas de Radu e Nazira. Radu ainda se vestia como um membro frívolo da corte, com túnicas brilhantes e todas as joias que possuía. Nazira demonstrava seu status com a elegância graciosa de quem já havia nascido com ele.

O dia estava ensolarado, e o calor era aliviado pelo vento. A luz do sol refletia-se nas águas inquietas, e pequenas ondas atingiam as docas no ponto onde estavam.

Atracados mais à frente, os barcos de Radu. Na verdade, as embarcações do império. Mas Radu sentia um rubor de orgulho ao olhar para elas. Ele havia supervisionado os estaleiros sob a justificativa de que estava fazendo viagens à sua propriedade rural com Nazira. Suleiman era um homem ambicioso, mas também prático. Sob seu comando, tudo saiu de acordo com a programação. E agora, diante de todos, estavam os frutos desse trabalho.

Era uma visão gloriosa.

– Três são grandes! Como se chamam? – Nazira apontou para os diferentes tipos de embarcações.

– Galeões. As maiores embarcações que o império já teve, todas novinhas.

– E esses de tamanho médio?

– Também galeões. Três são mais velhos, dois são novos.

Nazira bufou, decepcionada.

– Eles deveriam dar nomes melhores, então. Galeões grandes e galeões médios. E aqueles menores entre eles?

Radu deu risada.

– Você vai ficar desapontada.

– Galeões?

– Pois é.

Ela fechou a cara.

– Eu deveria ter sido consultada. Ainda assim, são incríveis! Veja só quantos! Como a água consegue suportar tanto peso? Ah! Estão se movendo.

As velas foram desfraldadas. A distância não permitia que Radu visse os conveses, mas sabia que os marinheiros estavam trabalhando para desatar os nós e ajustar as velas a capturar o vento. Havia ainda mais homens manejando os remos grandes e pesados nos rios navegáveis.

As embarcações dançavam na água, cortando as ondas ou flutuando sobre elas, a depender do tamanho. Cada vez que um barco fazia uma manobra mais ousada, a multidão vibrava. Alguns minutos depois, todos os galeões alinharam-se na praia e pararam, a uma distância que permitia que os espectadores vissem o frenesi de atividade nos conveses. E então os canhões dispararam para a água, na direção oposta à da margem.

Embora os barcos não suportassem a carga de uma artilharia muito pesada, o barulho foi terrível e impressionante. Os bebês e as crianças gritaram de medo e susto. Todo mundo aplaudiu e acenou com as fitas no ar. Nunca antes os otomanos tiveram uma Marinha. Eles nunca haviam presenciado uma demonstração como essa.

Radu sorriu, pois sabia a verdade: aquela era apenas metade da frota. A outra metade estava escondida em um atracadouro pouco usado em um dos rios próximo.

– Lá está ele. – A voz silenciosa de Nazira atravessou o ruído. Radu virou-se e viu Mehmed em pé em uma varanda. Estava usando o roxo mais escuro, com um turbante vermelho e uma capa de um branco ofuscante. Nazira e Radu não foram os únicos a notar. Uma boa parte dos presentes virou-se para aplaudir e acenar com as fitas para ele. Radu não estava perto o bastante para ter certeza, mas imaginou ter visto Mehmed sorrir.

Radu fingiu que o sorriso era para ele, e se juntou aos aplausos.

– Nós deveríamos tirar mais férias juntos – Nazira falou, recostando-se na carruagem. – Fatima não gosta de conhecer lugares novos. Tive que me esforçar demais para fazê-la ficar em Edirne todo esse tempo. Ela gosta de

rotina, e de coisas familiares. – Nazira abriu um sorriso afetuoso. – Mas aqui ela se sentiu bem. Desde que não precise sair no meio da multidão.

– Eu não sabia que era tão difícil para ela. – Radu ficou observando a paisagem rural, fazendo força para manter o orgulho feliz de ver seu trabalho desfilar pelas águas. Porém, uma mesma cena continuava se repetindo em sua mente. Em vez de estar no cais com Nazira, ele estaria na varanda, ao lado de Mehmed. Enquanto assistia ao triunfo do planejamento de Radu, Mehmed chegaria cada vez mais perto. Então os dorsos de suas mãos se tocariam.

Em vez de afastar-se, Mehmed entrelaçaria seus dedos com os de Radu, e eles ficariam assim, vendo juntos os navios.

– Sim – disse Nazira, interrompendo a fantasia de Radu. O que foi até bom. Ficar se apegando a essas coisas era um veneno. – Fatima não... Quando ela era bem novinha, sabe... – Ela se interrompeu e franziu a testa. – Acho que não sou eu quem deve contar essa história.

– Eu entendo. – Ele segurou a mão de Nazira, que não era nada parecida com a de Mehmed em sua imaginação. – Será que alguém no mundo teve uma infância que não foi traumática? A minha com certeza foi.

– Ah, minha infância foi maravilhosa! Nossos pais morreram antes que eu tivesse idade para entender as coisas. Kumal garantiu que minha vida fosse cheia de amor e alegria. E então, quando descobri que os meus sentimentos por Fatima eram correspondidos, me cerquei ainda mais de amor e alegria. E então, quando casei com você, ainda mais. Às vezes, acho que sou a mulher mais abençoada de toda a criação. Rezo a Deus para me dar uma oportunidade de retribuir toda a bondade que Ele teve comigo.

Eles tinham entrado na cidade. As construções elevavam-se ao redor como convidados de uma festa – todos familiares e conhecidos, mas com muita coisa a esconder.

– Você não tem nada para retribuir. Sua vida foi preenchida pela bondade que atraiu com sua própria bondade. – Radu apertou a mão de Nazira.

Nazira deu risada, e então assumiu uma postura mais solene.

– Mas eu gostaria de fazer mais. De ser mais. Talvez, algum dia... – Com o rosto vermelho, ela olhou para baixo e levou a mão à barriga.

– Você está passando mal? Estamos na carruagem há um tempão.

Eles saíram de Bursa antes do previsto. Voltaram à cidade um dia antes do

planejado. Radu iria direto à fundição para verificar os avanços de Urbana.

Ela ergueu os olhos, piscando algumas vezes.

– Passando mal? Não. Não, estou bem. Radu, eu fiquei pensando... – Ela se interrompeu, franzindo os lábios arredondados. – Você poderia ir fazer uma refeição com a gente, uma refeição especial em família, na semana que vem?

A carruagem parou na frente da ruazinha estreita que dava acesso à fundição. Radu deu um beijo apressado no rosto de Nazira.

– Claro. Mande um abraço para Fatima.

– E você, um para Urbana.

Radu deu risada.

– Urbana não está nada interessada em abraços, a não ser que venha junto com um suprimento extra de bronze, ou uma fornalha nova.

Apesar de não gostar do calor intenso da fundição, Radu visitava o local sempre que podia. E chegou em boa hora. Urbana estava gritando expressões confusas em húngaro com vários trabalhadores. Radu ofereceu-se para atuar como tradutor, mas deixando de fora a maior parte das coisas que ela falava. Ele não achou que dizer aos operários que eram “mais inúteis que as carcaças em putrefação de mil cachorros mortos” fosse ajudar a levantar o moral.

Mais tarde, ele estava encostado junto à entrada quando viu a aproximação de uma pequena carroça. Urbana avisou que eles estavam à espera de uma entrega, mas Radu foi surpreendido pela mulher grisalha que apareceu com a pólvora.

Ela desceu da carroça com as costas encurvadas como uma lua crescente. Radu prontificou-se a ajudá-la, mas ela o dispensou com um gesto de mão.

– Eu me viro, seu jovem tolo.

Um pouco ofendido por ter sido rechaçado – as mulheres mais velhas geralmente o adoravam –, ele instruiu dois homens a descarregar os barris de pólvora. A mulher observava a movimentação com cautela. Outra carroça encostou atrás da sua. Um homem saltou para ajudar no trabalho de descarga.

– Quantas, mãe? – gritou ele.

– Todas. – Ela sacudiu a cabeça. – Esse imbecil não consegue memorizar nenhum número maior que três.

Radu franziu a testa ao notar a falta de carinho maternal da mulher. Ela virou o olhar crítico para ele, observando sua túnica. Radu vinha escolhendo as cores mais vivas ultimamente, tons brilhantes e pronunciados para contrabalançar a maneira como estava se sentindo por dentro.

– Quem foi que deixou você a cargo de tanta pólvora? – questionou ela.

Radu tentou abrir seu melhor sorriso, mas seu rosto não colaborou. Também não faria diferença, não com essa mulher.

– Estamos fabricando o maior canhão do mundo, capaz de derrubar até as muralhas da Babilônia.

A mulher soltou um risinho de deboche.

– Não existe nada mais útil que um canhão imaginário para derrotar uma cidade que nem existe mais. Estou vendo que todo o meu trabalho e o meu deslocamento foram à toa. Um dia, ainda vou ser solicitada a fazer outra besteira, e finalmente vou chegar ao meu limite em termos de idiotice. Tenho marido e três filhos homens, então meu limite é bem alto, mas nem mesmo eu sou capaz de suportar tantas coisas. E, nesse dia, vai acontecer uma explosão capaz de derrubar as muralhas de todas as cidades de verdade do mundo.

Radu inquietou-se, torcendo para que os homens trabalhassem mais depressa para que aquela mulher horrorosa fosse logo embora.

– Você não é turco – comentou ela.

Radu fez que não com a cabeça.

– Sou da Valáquia.

Ela assentiu, mexendo nos diversos pelos compridos e brancos que cobriam seu queixo.

– Não tem muitos valáquios no império. São burros demais para ter alguma utilidade. Mas eu conheci uma pessoa formidável da Valáquia uns anos atrás. Me deixou muito impressionada. Nunca me esqueci dela.

Com um choque comparável ao disparo de um canhão, Radu se agarrou às palavras da mulher.

– Ela?

– Uma megerinha malvada. – A mulher abriu um sorriso afetuoso, em uma expressão que não combinava com o rosto. – Esperta como ninguém. Foi lá em... Onde foi mesmo? Esqueci.

– Amásia – Radu disse baixinho.

– Isso mesmo. Sabe de quem estou falando?

– Lada. Minha irmã.

– Vocês não parecem irmãos. – O olhar dela tornou-se ainda mais crítico quando o mediu de cima a baixo.

– Eu sei. – Radu abriu um sorriso tenso.

– Pois é. Eu sempre me perguntei do que ela seria capaz, uma mente assim tão brilhante e determinada. E aqueles homens a seguiriam sem pensar duas vezes. Ela fez com que eu me sentisse mais jovem.

Um sentimento de afeição brotou no peito de Radu. Era estranho conversar com alguém que conhecia Lada e a admirava. Não da maneira como Mehmed a admirava. Isso não deixava Radu nem um pouco feliz. Mas as lembranças distorcidas da velha fizeram com que Radu sentisse saudade da irmã.

– Onde ela está agora? – a mulher perguntou.

– Na Hungria, acho.

– Fazendo o que por lá?

– Isso ninguém sabe.

– Bom, o que quer que seja, não vai terminar bem para quem entrar em seu caminho. O mundo vai destruí-la no fim. Faíscas demais levam a explosões. – Ela deu um tapinha em um barril de pólvora que ainda não havia sido descarregado. – Mas a sua irmã vai causar o máximo estrago que puder antes de sair de cena.

A profecia sinistra da velha incomodou Radu como um colarinho apertado demais.

– Talvez ela encontre um equilíbrio.

– Não. Ela vai se consumir em chamas e sangue. – A mulher abriu um sorriso afetuoso. – Se escrever para ela, diga que Tohin manda lembranças. – Então, desviando os olhos, ela gritou para o filho: – Timur! Você viu como estão armazenando os barris?

– Sim, mãe – Timur falou.

Tohin entrou pisando duro no depósito. Timur sacudiu a cabeça, abrindo um sorriso sofrido para Radu.

– Eu tenho três filhos, e ela ainda escolheria minhas roupas se pudesse. Sabe como são as mães.

Radu retribuiu o sorriso por puro reflexo. Na verdade, não sabia como eram as mães. Mas sabia como era ter alguém cuidando dele. Observando os barris restantes, ficou pensando. Lada já estava brincando com fogo aliando-se a Hunyadi. Ela podia respeitar o homem, mas ele nunca fez nada de bom para sua família. Que propósito teria em mente para acolhê-la?

Radu sentiu-se lisonjeado e irritado quando foi convocado por ela para ajudá-la. Mas talvez devesse ter ficado com medo. Porque, para Lada pedir ajuda, com certeza estava se aproximando do fim arrasador que a mulher previa. E, apesar de ela nunca ter pedido, Radu já a ajudara antes. Ele moderava o temperamento dela, conseguia afastá-la de certas confusões. Talvez... talvez ela sempre tivesse precisado dele. E ele sempre escolhia Mehmed.

Alguém gritou seu nome, e ele voltou aos deveres.

Seus deveres com seu Deus. Seus deveres com o Império Otomano. Seus deveres com Mehmed. Lada teria que se virar sozinha. Radu não devia nada a ela.

Mas a promessa da culpa que ele carregaria caso Lada morresse sem sua ajuda prendia-se à sua pele como uma sombra.

*Fevereiro*

LADA LOCALIZOU UM grupo de cinquenta janízaros. Era um pelotão de fronteira, usado para reforçar a imposição do império aos Estados vassalos. Hunyadi não tinha nenhuma razão específica para atacar os janízaros, mas não precisava de pretexto para matar soldados turcos.

Até então só haviam enfrentado mais búlgaros, em breves interlúdios de sangue, gritaria e espadas para quebrar a monotonia das cavalgadas, dos acampamentos e do sono ao relento.

Lada estava orgulhosa de seus homens. Eram tão bons quanto os que cavalgavam com Hunyadi, ou até melhores. E ele percebeu. Depois da batalha vencida no desfiladeiro, Hunyadi passou a consultar Lada com frequência e a lhe pedir conselhos.

Ela estudara as táticas do comandante, mas só no papel e na teoria. Vê-lo em ação no campo era outra coisa. Ele sempre pensava três dias à frente – em termos de comida, água, localizações defensáveis. Mas não era muito adepto de planos que não envolvessem reações rápidas e violentas a uma ameaça ou a uma oportunidade inesperada.

Esse grupo de janízaros era uma dessas oportunidades. Lada lançou um olhar desconfortável para Nicolae a seu lado.

– O que você acha? – perguntou ela.

– Acho que poderia ser eu no lugar deles.

Ela olhou para seus homens, que detiveram o passo. Ele estava certo. Eram todos iguais ali – garotos roubados dos pais e transformados em soldados para servir a outra terra e a outro deus.

– Vamos deixar que passem, então – Lada disse. Para ela, era impossível deixar de imaginar Nicolae do outro lado da campina. Ou Bogdan. Ou Stefan, ou Petru, ou qualquer um. Não queria sentir esse companheirismo em relação

aos janízaros, mas era inevitável.

Os janízaros detiveram-se de repente. Lada ficou tensa, temendo que tivessem descoberto que estavam sendo seguidos por seus homens. Em vez disso, mudaram de direção e partiram diretamente para o acampamento de Hunyadi.

Lada gesticulou rapidamente. Seus homens correram em silêncio, bem próximos ao chão. Com uma mímica, ela sinalizou que sacassem as balestras. Ainda correndo, municiaram as armas. Se os janízaros já não soubessem que o acampamento estava lá, descobririam em poucos minutos. Hunyadi seria pego de surpresa. Lada apontou para que seus homens voltassem ao acampamento.

– Dê o alerta – Lada murmurou para Nicolae.

– O que você vai fazer?

– Retardar o avanço deles, idiota. Agora mexa-se!

Nicolae desapareceu na mata. Lada ficou de pé.

– O sultão é filho de um jumento! – ela gritou em turco.

Os janízaros viraram-se todos ao mesmo tempo, apontando os arcos já municiados com flechas em sua direção. Ela precisou esconder-se, mas não demoraria muito tempo para que fosse localizada. Lada correu para outra árvore.

– Desculpem. Eu não deveria ter dito isso sobre o sultão. É uma ofensa aos jumentos, que são criaturas muito úteis.

Lada espiou por trás da árvore. As armas ainda estavam de prontidão, e os janízaros espreitavam a folhagem densa em busca de ameaças. Lada deu uma gargalhada, agitando as árvores.

– Vocês são janízaros? Ouvi dizer que os janízaros não servem nem para limpar as botas dos sipahis.

– Quem está aí? – gritou uma voz furiosa, enquanto outra praguejava. O líder rugiu uma ordem para que fizessem silêncio, e então bradou: – Mostre a cara, mulher!

– Por que os búlgaros são fazendeiros tão ruins? – rebateu ela.

Houve um silêncio. Ela espiou por trás do tronco, divertindo-se ao ver os janízaros trocarem olhares confusos. A maioria baixou os arcos ao notar que

não se tratava de um ataque.

– Quê? – perguntou o comandante.

– Perguntei por que os búlgaros são fazendeiros tão ruins?

Um dos janízaros mais à frente embainhou a espada.

– Não sei.

O comandante rosnou para que ele fizesse silêncio, mas o janízaro deu de ombros.

– Eu quero saber.

– Eu também – outro gritou.

A maioria assentiu, alguns sorrindo, em meio a um interlúdio na floresta.

– Porque confundem as porcas com as búlgaras, e ficam arrasados quando abatem as próprias mulheres.

Um coro de risadinhas se elevou.

– Quem é você? – um dos homens gritou. – Não deveria estar aqui neste bosque. Não é seguro.

Uma saraivada de flechas despencou do céu sobre os homens.

– Eu sei – disse Lada, saindo de trás da árvore e juntando-se aos demais.

Depois que a matança terminou, Lada não ficou nada satisfeita ao ver os corpos de quepes brancos espalhados pelo chão. Caminhando no meio dos cadáveres, Hunyadi a encontrou e veio lhe dar a mão.

– Como teve a ideia de distraí-los assim?

Ela ergueu um ombro enquanto os dois caminhavam de volta ao acampamento.

– Eles são soldados. Dependem da rotina, e qualquer coisa fora do comum atrai a sua atenção. E são homens. Detestam ser insultados, mas adoram ouvir zombarias sobre os outros. E são tolos, porque jamais imaginam que uma mulher sozinha no bosque possa ser uma ameaça.

Mais tarde, em volta da fogueira, Lada sentou-se perto de Hunyadi. Nicolae estava do outro lado. Os homens trocavam suas histórias como se fossem joias, tentando tornar as suas as mais valiosas e brilhantes. Petru fingiu ter sido atingido no olho de uma forma tão dramática que quase caiu no fogo.

Lada lembrou-se de uma época, não muito tempo antes, em que alguns desses homens voltaram do campo de batalha e ela precisou ouvir história das quais temia que nunca fosse participar. Agora ela estava no centro de tudo, em seu lugar.

– Como encontrou seus homens? – Hunyadi quis saber. Ele usava o turco com ela por cortesia, já que a maioria ali não falava húngaro, e seu valáquio era sofrível.

– Fomos nós que a encontramos – Nicolae falou com um sorriso de orgulho. – Ou eu, no caso. É uma história engraçada. Quando a Lada era deste tamanho... – Ele aproximou a mão do chão e lançou um olhar para ela. – Bom, ela ainda é deste tamanho.

Lada deu um soco no ombro dele. Com força. Ele esfregou o local, fazendo uma careta.

– Quando Lada não era a mulher gigante que é hoje, vivia em Amásia como companheira de brincadeiras do pequeno zelote. Naquela época, ninguém sabia que ele ia ser o sultão. Era só um pirralho.

Lada assentiu, e apressou-se em esconder o sorriso que ameaçava surgir no rosto.

– Ela ficava espiando a gente durante o treino. E foi pega. Mas aí ela deu uma surra no coitado do Ivan... – Nicolae fez uma pausa. – O que aconteceu com o Ivan?

– Eu o matei – Lada respondeu sem pensar duas vezes.

– Você... você? Pensei que ele tivesse sido transferido de cidade! Por que fez isso?

Lada percebeu que as conversas paralelas ao seu redor morreram. Todos os olhos estavam voltados para ela. A maioria de seus homens nem conhecera Ivan. Também preferiria não ter conhecido. Ele era burro e cruel, e sempre a detestou. No fim, tentou pegá-la à força para provar que ela não passava de uma garotinha. Algo que ele poderia tomar para si. E destruir.

– Não é da sua conta. – Ela ergueu o queixo.

Hunyadi deu risada.

– Falou como uma verdadeira líder – comentou em húngaro.

Ela o encarou e ele acenou de forma sutil, com ferocidade e orgulho nos

olhos. Ela viu que Hunyadi sempre mantinha a postura perfeita, mesmo quando estava relaxando com seus homens. Ainda estava no comando, um tanto afastado dos demais. Ela imitou seu comportamento. Era a líder daqueles homens. Não devia explicação. Em especial sobre os traumas do passado.

– Espera – Petru disse, contorcendo o rosto de uma maneira que tornou a expressão parecida com a de um cachorrinho. – Você matou Bogdan também? Foi por isso que ele sumiu?

– Não, eu não matei Bogdan. – Lada soltou um suspiro, irritada. – Mas posso matar você se encenar de novo essa morte idiota com a flechada nos olhos.

Bogdan os encontrou.

Como conseguiu localizá-los, Lada não sabia. Mas na semana seguinte ele apareceu no acampamento com um sorriso tão aberto que ela não entendeu como aquele rosto quadrado fora capaz de produzir. Lada saiu correndo até ele.

Seu primeiro impulso foi lançar os braços em torno dele. O segundo foi bater por ter demorado tanto. Em vez disso, colocou-se diante do homem, olhando feio para seu rosto amado e estúpido, com aquelas orelhas idiotas, e aquele jeito igualmente amado e estúpido.

– Por onde você andou?

– Trouxe uma coisa de que você precisa.

– Mais homens? – Ela olhou atrás de Bogdan, mas apenas uma pessoa o seguia. E não era um homem. Ela caminhava com uma confiança inabalável. Os cabelos pretos e longos estavam presos às costas em uma trança, mostrando as duas orelhas projetadas para fora como alças de um jarro.

– Lada! – disse sua antiga aia, correndo para a frente e abraçando-a. Os braços de Lada ficaram imobilizados pelo aperto da mulher. Como Bogdan tinha encontrado a mãe, Lada não tinha nem como começar a tentar adivinhar. Mas Bogdan era assim. Fiel às mulheres de sua vida.

Lada o encarou.

– Por que você a trouxe para cá?

– Para ajudar – ele falou, encolhendo os ombros. – Você precisava de

alguém para ajudar com as suas... coisas de menina. – Ele fez uma pausa, todo vermelho. – Coisas de mulher.

– Não preciso da ajuda de ninguém para nada. – Lada cerrou os dentes com força.

– Onde está seu irmão? – a ama perguntou. – Ele deveria estar aqui. Pensei que fosse cuidar dele.

A raiva borbulhou dentro dela. Quem era aquela mulher para dizer como Lada deveria cuidar de Radu? A ama não foi a Edirne. Não viu tudo pelo que passaram, o que Lada precisou fazer para sobreviver.

– Ele está a caminho – Lada disse por entre os dentes cerrados. Ela se desvencilhou dos braços da ama.

– Me deixe escovar os seus cabelos – a ama falou, levando a mão aos cachos de Lada.

A sensação fez com que Lada se visse como uma criança de novo. Ela cambaleou para trás, erguendo as mãos para evitar o toque da mulher.

– Eu não preciso de uma ama!

– Você dizia a mesma coisa quando tinha cinco anos. Mas pelo menos seu cabelo ficava apresentável na época.

– Vá para o diabo – Lada esbravejou.

Bogdan pareceu magoado, mas a ama limitou-se a rir. Os olhos dela se iluminaram por algum motivo. Alegria ou afeto, nada que fosse tolerável para Lada. E, para piorar, Hunyadi estava por perto, testemunhando tudo.

– Onde está meu manto? – vociferou, remexendo nas roupas da bolsa de sela.

– Pede para sua ama procurar – Nicolae provocou. Ele e Petru estavam sentados perto da fogueira. Ninguém teria perdido o espetáculo? Onde Bogdan estava com a cabeça?

– Ela não é minha ama!

Petru deu de ombros.

– Você tem sorte, isso sim. Eu queria ter alguém para cuidar de mim. De repente, estou precisando de uma esposa.

– Então pode casar com a ama – Lada resmungou.

Desistindo de encontrar o manto, ela subiu no cavalo e afastou-se do acampamento. Eles tinham deixado o local onde mataram os janízaros e estavam se aproximando da capital. As porções cada vez mais frequentes de terra congelada faziam as mãos de Hunyadi coçar. Quando perguntavam a ele para onde estavam indo, respondia dando de ombros:

– O castelo. – Parecia uma palavra estrangeira na boca dele.

Naquele dia, porém, estavam em um trecho de mata fechada na zona rural. Não tinham visto vivalma o dia todo, mas isso não significava que estivessem sozinhos. Lada escrutinou as árvores por questão de hábito, sempre com a mão na espada.

As árvores estavam desfolhadas e frias como o ar. O sol brilhava no céu, mas só servia para ofuscar sua visão. Como uma coisa com tanto brilho podia fornecer tão pouco calor? Depois de tanto tempo no clima ameno de Amásia, tinha se esquecido de como era o inverno.

No momento, não havia nada que ela quisesse mais do que voltar para lá. Não!, gritou para seu coração traidor. Estava se referindo ao acampamento, não ao império. Em torno de uma fogueira, com seus homens.

A ama estaria lá, sempre por perto, mexendo em tudo, como uma mosca zumbindo e cercando o tempo todo, mas pelo menos do inseto era possível livrar-se com um tapa. Ela não precisava de outra mulher. Não precisava ser cuidada. Aquela mulher não era sua mãe. Sua mãe havia fugido para a terra natal dela, a Moldávia, quando Lada tinha quatro anos. Era isso que as mães faziam. As amas pelo jeito eram mais responsáveis. E embaraçosas.

Hunyadi emparelhou seu cavalo com o dela.

– Pode ser bom ter alguém para ajudar.

– Eu não vejo nenhuma aia seguindo você, penteando seu cabelo.

Hunyadi passou os dedos pelos cachos castanhos e grossos.

– Eu não me oporia! – Ele amenizou o tom de voz: – Todos os líderes precisam de ajuda. Deixar alguém cuidar das tarefas mais mundanas para se concentrar no que é importante. Aposto que Mehmed não fazia nada sozinho.

Lada revirou os olhos.

– Ele tinha um homem com a única função de carregar seu banquinho.

– Ele limpa a própria bunda, então?

Lada fez uma careta.

– Por que eu ia querer saber disso?

Hunyadi riu alto. Depois ajeitou-se na sela e soltou um suspiro de alegria.

– Aqui é uma parte linda do meu país.

– Lembra as florestas nos arredores de Tirgoviste. Eu fazia nosso professor levar a gente para estudar lá. O castelo ficava um forno no verão e um gelo no inverno. Sempre achei que o arquiteto que projetou o lugar fosse um cozinheiro.

– Você tem saudade?

Lada franziu a testa, seguindo com os olhos uma trilha de pássaros escuros pelo céu azul e claro.

– Saudade de quê?

– De Tirgoviste.

– Nunca gostei de Tirgoviste. Prefiro as montanhas.

– Mas mesmo assim quer o trono.

– Quero a Valáquia.

Hunyadi deu uma risadinha.

– Só isso?

– É bem menos do que Mehmed... – Ela se interrompeu, recusando-se a terminar a frase. Como ele poderia aparecer na sua boca sem que ninguém tivesse tocado no assunto?

Hunyadi chegou mais perto de Lada, quase roçando as pernas dela com o flanco do cavalo.

– Então isso significa que ele vai avançar sobre Constantinopla.

Lada evitava conversar sobre os planos de Mehmed. Parecia deslealdade, o que a deixava irritada. Ele não demonstrou nenhuma lealdade com ela quando recebeu o príncipe Danesti usurpador.

Hunyadi insistiu:

– A opinião geral é a de que ele é jovem e facilmente influenciável. Mais interessado em festas e haréns luxuosos do que em expansão.

Se Lada acusou algum incômodo com a menção ao harém, Hunyadi fingiu que não viu. Ele continuou:

– Todo mundo conseguiu fechar tratados vantajosos com ele. Ninguém o teme. A morte de Murad representou o fim da expansão otomana. Mas fico me perguntando se o sultão não está se acertando com cada um de nós só para ter caminho livre até Constantinopla.

A palavra harém ainda ecoava na cabeça de Lada. Obviamente Mehmed não era leal a ela. Ele a espionava. Apoiava seus rivais. Ela não lhe devia nada, e precisava remover do coração esse impulso traidor de protegê-lo.

– Constantinopla é seu único desejo. Tudo o que ele faz, por mais que pareça inocente ou sem lógica, é para atingir esse objetivo e nenhum outro. Ele não vai descansar enquanto não a tornar sua capital, até se transformar no sultão do Império Otomano e no César de Roma.

Hunyadi soltou o ar com força, curvando-se na sela.

– Você acha que ele consegue?

– Se existe alguém capaz de conseguir é ele.

– Era o que eu temia. – Ele esfregou o rosto, puxando as pontas do bigode grisalho. – Quando acha que ele vai entrar em ação?

– O quanto antes. Nesta primavera ou na próxima.

– Isso muda tudo. Vamos para Hunedoara esta noite. Tenho cartas a escrever e uma cruzada para planejar.

– Você defenderia Constantinopla?

– Claro.

– Mas não é a sua cidade, nem seu povo. E não é um lugar mais próximo das fronteiras da Hungria do que os otomanos já estão, então a ameaça militar continuaria a mesma.

Hunyadi sorriu.

– Eu sou cristão, Lada. É meu dever apoiar a causa de Constantinopla. É o que restou do poderoso Império Romano. Jamais vou permitir que os turcos tomem a cidade. – Ele brecou o cavalo e fez uma pausa antes de se virar. – Seria uma honra ter você ao meu lado. Acho que juntos somos capazes até de deter as forças do inferno.

Lada ficou feliz por ele não ter dito isso virado para ela. O rubor do orgulho ao ouvir aquelas palavras era algo que preferia manter só para si.



Fim de março

— **Q**UANDO VAI FICAR pronto? — Radu questionou em meio ao ar quente e carregado.

— Quando estiver pronto! — Urbana limpou o suor da testa enquanto usava os enormes foles para ajustar a temperatura das chamas na fornalha mais próxima.

— Eu preciso disso agora!

Ela deu risada, um som que parecia o impacto de uma marreta sobre uma bigorna.

— Você precisa disso agora? Eu precisei disso a vida inteira! O Basílica é o meu legado, meu caro gênio. Não vou arriscar explodir nossos homens com um canhão defeituoso só para manter seu cronograma!

— Você pode pelo menos me mostrar? Nós dois investimos pesado nisso. — Radu limpou o suor que escorria sobre seus olhos.

Bufando, Urbana conduziu-o para os fundos da construção cálida. Apontou para uma fossa de areia de comprimento quatro vezes maior que a altura de Radu.

— Aí está.

— E quando vai esfriar?

— Em dois dias. — Urbana encostou-se na parede, olhando para a areia como se fosse capaz de fazer tudo acontecer por pura força de vontade. — Se não tiver rachadura nem fissuras... e, se Deus quiser, se funcionar desta vez... podemos fazer uma demonstração para o seu precioso sultão daqui a dois dias. — Ela deu um tapinha na bala de canhão de pedra, de trezentos quilos, com o afeto terno de uma mãe.

— Vai funcionar — Radu falou. Precisava funcionar. Isso comprovaria de

uma vez por todas que ele era o melhor entre os irmãos Dracul. O mais valioso. O mais merecedor de amor. E provaria a si mesmo que fizera a escolha certa ao decidir ficar.

Os embaixadores de Constantinopla chegaram no dia seguinte. Radu não ficava mais ao lado de Mehmed no salão das recepções, e, sim, no fundo do recinto, em segundo plano.

Normalmente, Radu teria gostado de ver o desconforto dos embaixadores. Mehmed ainda estava fazendo o papel do sultão mimado e deslumbrado. Mas aquilo tudo era cansativo demais. Ele mal podia esperar pelo fim desse período interminável de expectativa. Constantinopla precisava cair. Quando fizessem sua marcha, tudo mudaria para melhor. Tudo seria revelado. Radu reconquistaria seu lugar ao lado de Mehmed. Eles derrubariam as muralhas juntos.

E Lada não estaria presente, nem fisicamente nem nos pensamentos de Mehmed. Quando Constantinopla caísse, Mehmed teria o que mais desejava. Esqueceria a garota que o deixara para trás. Reconheceria quem sempre estivera a seu lado, ajudando a cada passo do caminho.

Ele enfim veria o valor de Radu.

Radu voltou a concentrar-se no que estava sendo dito. Apesar de os embaixadores tentarem desviar a conversa o tempo todo para a fortaleza que o sultão estava construindo do outro lado do estreito, Mehmed não se deixava encurralar.

– Nós deveríamos fazer um banquete! Uma festa. – Ele abriu um sorriso distraído e inclinou-se para cochichar com um homem que fazia anotações. – Peixe. Não! Cordeiro. Não! Peixe. Os dois!

O embaixador principal limpou a garganta.

– Mas precisamos discutir a questão do terreno. Você matou cidadãos de um vilarejo vizinho.

Mehmed fez um gesto de mão, desconsiderando o questionamento.

– Nossos homens se defenderam de um ataque. Isso não é nada. Me digam, gostam de dançar? Que estilo de dança está na moda em Constantinopla agora?

O embaixador principal, que usava um casaco azul aberto, revelando um

colete de um vermelho vivo, começou a mexer os pés, inquieto.

– No mínimo, nós exigimos o pagamento do terreno que usou.

Os outros cinco embaixadores da comitiva permaneceram imóveis.

O sorriso de Mehmed fez gelar o sangue até de Radu.

– Sim. Um pagamento. Digamos que temos uma grande dívida com Constantinopla. Muito em breve o débito vai ser zerado.

Um silêncio espesso como sangue baixou sobre a sala.

Mehmed deu risada, e, de repente, o jovem sultão animado e feliz voltou à cena. Ele bateu palmas.

– Uma festa! Hoje à noite. Vocês podem mostrar como são as danças em Constantinopla. Vamos pôr todo mundo para dançar.

Mehmed inclinou-se na direção de Kumal e, começando a conversar com ele, passou a ignorar os embaixadores. Os homens permaneceram onde estavam, remexendo os pés ou limpando a garganta. Mehmed não os dispensou, então não podiam sair. Radu não conseguia ver o rosto deles de onde estava, mas duvidava que estivessem contentes.

Então um deles, o mais próximo de Radu, virou-se. Era o embaixador de olhos cinzentos que entregara um presente – um livro – a Mehmed em sua coroação. Radu ficou surpreso com a facilidade com que reconheceu o jovem mesmo depois de um ano. E, ao que parecia, o embaixador também se lembrava de Radu. As sobrancelhas dele ergueram-se de susto, e, em seguida, veio um sorriso severo e um dar de ombros com o rosto voltado para o trono.

Radu respondeu com um sorriso parecido.

Para a surpresa de Radu, o embaixador tomou isso como um convite de aproximação. Ele afastou-se dos companheiros de delegação e foi até Radu.

– Antes você ficava ao lado do sultão – o embaixador disse sem preâmbulos.

– As coisas mudam.

– Mudam mesmo. Sou Cipriano.

– Radu.

Cipriano apertou a mão de Radu, segurando-a por alguns instantes a mais do que parecia necessário. Radu sempre prestava atenção ao contato físico,

por medo de fazer alguma coisa inapropriada. Como se alguém fosse capaz de perceber que ele não era normal pela maneira como abraçava, ou chegava perto demais ao conversar. Cipriano não parecia ter essa preocupação. Ele chegou bem perto, cravando os olhos de coloração incomum em Radu. Tinham a cor do mar em dia de tempestade, e exerceram sobre Radu um efeito similar a subir a bordo de um barco. O chão oscilou sob seus pés por um momento, até Cipriano desviar os olhos.

– Me diga, existe algum lugar fora do palácio para fazer uma refeição? – o embaixador perguntou. – Aqui é bem mais frio do que eu me lembrava.

Na verdade, o recinto estava bem quente, apesar da estação. Mas Radu não achava que Cipriano estivesse referindo-se à temperatura ambiente.

– Eu lamento. – Para sua surpresa, Radu lamentava mesmo. – Nós temos uma festa para preparar.

– Encontro você lá, então. – Baixando a cabeça, Cipriano sorriu, e seus olhos se contraíram até quase desaparecerem. Radu pensava que Mehmed tinha o melhor sorriso do mundo, mas era impossível negar que alguma coisa na maneira como o rosto de Cipriano se transformou fez com que sentisse uma fagulha de esperança pela primeira vez em muitos dias.

Enquanto Radu se trocava para a festa, alguém bateu à porta.

Quando a abriu, para sua surpresa, deu de cara com Mehmed. Exatamente como tanto esperava e sonhava.

– Mehm... meu sultão? – Radu baixou a cabeça.

– Esperem aqui – Mehmed ordenou aos janízaros que sempre o acompanhavam. Ele passou por Radu e esperou que fechasse a porta.

O coração de Radu disparou, e tão forte que mais uma vez temeu que Mehmed pudesse escutar.

– O que foi?

Mehmed começou a andar de um lado para o outro na pequena antecâmara dos aposentos de Radu. Suas mãos estavam fixas atrás das costas, e as sobancelhas franzidas.

– Tive uma ideia.

– Ah, é? – Radu o observou com atenção. Sua presença preenchia o recinto.

Mehmed não disse mais nada. Radu precisava que ele falasse, que continuasse ali. – Eu tenho boas notícias! Urbana disse que podemos testar o Basílica amanhã. Fiquei pensando em fazer uma demonstração. Podemos até convidar os embaixadores. Eles podem voltar para casa com histórias para contar sobre nosso impressionante poder de artilharia.

O olhar de Mehmed estava voltado para o chão e, apesar de assentir, ele não pareceu sequer ter ouvido.

– Enviei forças para o Peloponeso hoje. Elas vão impedir que os irmãos do imperador mandem ajuda para Constantinopla. Assim que nossas tropas se alinharem por lá, na prática vamos ter declarado guerra. Mas acho que posso fazer isso mais cedo.

Radu desejou que houvesse mais espaço no cômodo, para poder caminhar ao lado de Mehmed. Se precisasse continuar junto à porta, ele acabaria explodindo.

– A demonstração do canhão seria em um momento perfeito, então!

Ele era capaz até de ver tudo acontecendo. Todo mundo alinhado, assistindo. O choque e o espanto na corte. O medo dos embaixadores. Mehmed trocando olhares com ele em segredo, orgulhoso. E tudo por causa de Radu. Sem ele, ninguém teria recebido Urbana. O canhão era um projeto só seu. Seu triunfo seria usado como declaração de guerra, e eles por fim poderiam parar de fingir que estavam distanciados.

Mehmed deteve o passo. Ele estreitou os olhos para Radu, em uma expressão indecifrável.

– Eu vi aquele embaixador procurando você.

– Eu... quê?

– O mais jovem. Ele procurou você assim que possível. Por quê?

Radu teve dificuldade em organizar seus pensamentos.

– Eu não sei, na verdade. Ele queria fazer uma refeição comigo.

– Foi só isso que ele disse?

– Ele comentou sobre a diferença da minha posição da última vez, quando eu estava a seu lado.

Mehmed sorriu, sem demonstrar nada parecido com a simpatia de Cipriano.

– Era isso que eu esperava. Radu, preciso que faça uma coisa. Uma coisa para a qual não confio em ninguém além de você. Uma coisa que só você pode fazer por mim. Pelo império. Pela causa de Deus.

O coração de Radu acelerou ainda mais. Algo que só ele podia fazer por Mehmed.

– Sim. Qualquer coisa. Você sabe que eu faria o que fosse preciso.

– Durante a festa, procure o embaixador. Diga que quer me abandonar. Diga que quer ajudar Constantinopla fornecendo informações sobre os meus planos. Diga que deseja se tornar um traidor.

Radu não conseguiu entender o que estava sendo pedido.

– Mas... nesse caso, eu estaria lá na cidade. Como faria para voltar a tempo de me juntar a você?

– Você vai ser mais valioso para mim atrás das muralhas do que qualquer outro homem ao meu lado.

Radu ficou sem saber o que pensar. Deveria ficar feliz por ser o homem mais valioso do mundo para Mehmed? Deveria sentir medo da missão que precisaria cumprir? Ou decepção pelo fato de que, depois de tanto planejamento e trabalho, não ficaria ao lado de Mehmed na muralha?

– Como eu posso convencê-lo? E, mesmo que consiga, o que você quer que eu diga para Constantino?

– Pode dizer o que quiser. Aliás, pode até contar a verdade. Que estou mais preparado que qualquer um para liderar forças para investir contra as muralhas. Conte sobre minha Marinha, meus canhões, minhas legiões de homens. Avise que Constantinopla vai cair. Ou melhor, diga que ele ainda tem esperança. De qualquer forma, forneça informações possíveis de serem verificadas e revele que está disposto a lutar do lado dele contra as pessoas que o sequestraram e roubaram sua infância.

– Mas não é assim que penso!

Mehmed pôs as mãos nos ombros de Radu para acalmá-lo, forçando-o a encará-lo olhos nos olhos.

– Eu sei. Mas ele não. Você vai ser meus olhos e minhas mãos atrás daquelas muralhas.

– Eu queria ficar com você. – Radu notou o tom de súplica na voz, mas era

impossível esconder. A ideia de mais uma separação, e por um período de tempo que podia ser imprevisível, era cruel como uma punhalada no peito.

– Eu preciso de você em outro lugar. Acha que dá conta?

Radu fez que sim com a cabeça, quase contra a própria vontade.

– O embaixador vai acreditar em tudo. Ele pareceu... gostar de você.

Radu voltou a si rapidamente. Procurou no rosto de Mehmed um indício de que pudesse haver algo por trás das palavras. Mehmed chegou mais perto, tão perto que Radu sentiu o hálito junto aos lábios.

– Não se esqueça de onde estão suas lealdades. Me prometa.

Com um mero movimento, os dois estariam se beijando.

– Eu jamais seria capaz de esquecer – Radu conseguiu murmurar.

– Ótimo.

Mehmed deu um beijo na testa de Radu, que fechou os olhos e resistiu à tentação de levantar o rosto. Os lábios de Mehmed estavam bem próximos dos seus. Seria tão ruim assim? Mehmed resistiria, ficaria surpreso? Ou retribuiria de um jeito que Radu jamais ousou imaginar?

Então Mehmed afastou-se.

– Eu sei que você vai dar conta da tarefa. Visite a catedral de Hagia Sophia por mim. Nós nos vemos dentro das muralhas de Constantinopla.

– Dentro das muralhas – Radu ecoou distraído quando Mehmed o soltou e foi embora com a mesma rapidez com que aparecera.

*Fim de fevereiro*

SE LADA ERA obrigada a suportar aquela tortura, o mínimo que sua torturadora podia fazer era fingir que não estava tão feliz com o sofrimento infligido. Sua ama cantarolava e cantava desafinadamente até por fim terminar o que queria fazer com os cabelos de Lada.

– Eu tenho vontade de matar Bogdan por ter encontrado você de novo – Lada disse.

– Não foi fácil. Meu menino é mais esperto do que parece. – A ama fez uma pausa. – Mas não muito.

Lada deu uma risadinha. Depois praguejou quando a cabeça foi puxada para o lado porque os cabelos ficaram presos no pente.

– Se ele queria a mãe de volta, tudo bem. Mas não entendo por que você ainda acha que é minha ama.

– Menina bobinha, Bogdan não me trouxe até aqui para ele. Mal tinha me cumprimentado e já foi dizendo que precisava de alguém para cuidar de você enquanto “salvava a Valáquia”. E é isso que ele acredita que você vai fazer. Desde que você aprendeu a falar, ele é seu. Faria qualquer coisa por você na época, e o mesmo continua valendo até hoje.

Lada ficou sem saber o que dizer. A lealdade de Bogdan era um fato consumado para ela na infância. Quando se reencontraram anos depois, não foi preciso muito esforço para retomar o mesmo padrão. Mas agora ela sabia, depois de Matei, que a lealdade não se conquistava de graça.

– Eu não pedi para ele ir atrás de você.

– Bom, quem me amava de verdade era Radu. Mas eu tenho amor suficiente por você para nós duas. – O pente ficou preso em outro nó.

– Pelas chagas divinas, ama, eu... – Lada se interrompeu, cerrando os

dentes por causa da dor. – Eu não posso continuar chamando você de ama. Qual é o seu nome?

A ama fez uma pausa, com os dedos apoiados na têmpora de Lada. Ela fez uma leve carícia, tão leve que Lada nem conseguiu determinar se foi intencional.

– Oana.

– Certo. Oana, quando você vai terminar?

A ama – não, Oana – deu risada. Ela havia perdido a maioria dos dentes no período em que ficaram separadas. Lada sempre pensou que ela fosse velha, mas agora se deu conta de que Oana devia ser bem jovem quando começou a cuidar dela e de Radu. Na verdade, Lada mal conseguia acreditar que a mulher ainda estivesse viva. Na cabeça de Lada, ela deixara de existir quando os irmãos foram levados a Edirne. Mas Oana estava forte e robusta, e mais capaz do que nunca.

Naquela noite, Lada a amava e a odiava por isso.

– É mais fácil destruir do que construir – Oana falou. – E você vem destruindo seu visual faz um bom tempo.

Lada não gostou da ironia de ouvir a frase de sua ama, ou melhor, de Oana, ser usada não em relação aos incêndios na Transilvânia, mas ao seu penteado.

– Que diferença faz? Eu vou jurar lealdade a um rei estrangeiro como militar, não como uma garota.

– Essas coisas fazem diferença, pequenina. Agora fique paradinha aí. – Oana bateu com o cabo de madeira do pente na têmpora de Lada. Com certeza havia sido de propósito.

O pequeno cômodo designado a elas no castelo em Hunedoara não tinha lareira. As pedras pareciam ter sido entalhadas em gelo. Por duas vezes, Oana teve de quebrar uma camada de gelo para pegar água na vasilha. Lada tremia violentamente, mas nada comparado à violência de seus pensamentos sob o ataque incessante do pente.

Por fim se dando por satisfeita, Oana foi cuidar do vestido. O rei substituto, Laszlo, a havia presenteado com um. Lada sabia que rejeitá-lo seria desrespeitoso e talvez até perigoso. Mesmo assim, era bom que o quarto não tivesse lareira. Caso contrário, o vestido já estaria alimentando o fogo.

Lada deu um tapa na mão de Oana quando sentiu que a mulher amarrara as

roupas de baixo com força demais. Oana devolveu o tapa. No fim, as duas estavam vermelhas e suadas ao encerrarem a batalha mais intensa que Lada já havia suportado para caber naquele vestido.

– Eu não consigo respirar com essa maldita coisa.

Lada tentou erguer os braços, mas as mangas não eram feitas para ombros largos e braços grossos como os seus. Ela mal conseguia se mover. Oana precisou soltar um pouco a cintura, e os seios de Lada ainda estavam quase saltando para fora do espartilho. Oana teve de acrescentar um pouco mais de pano nessa parte, para tentar encobrir as elevações macias.

– Isso pesa mais que a minha cota de malha. – Lada puxou as camadas de tecido que compunham as saias, e o material mais rígido costurado a elas para que mantivessem o formato.

– Pense nisso como uma armadura.

Lada contorceu os lábios.

– E do que isso pode me proteger?

– Da zombaria. Do ridículo. Seus homens estão acostumados a você, mas aqui é uma corte. As coisas precisam ser feitas do jeito certo. Não vá estragar tudo. – Oana apanhou um dos cachos de Lada e o recolocou no lugar, em meio a um penteado elaborado. Uma echarpe de renda complementava o visual.

– Quem deveria estar aqui era Radu. – Lada ficou com o olhar perdido. – Eu não sei conversar com essa gente.

– Ele sempre foi melhor nisso. Como ele se virou quando vocês foram embora? Fiquei preocupada. Pensei que fossem matar você e partir o coração de Radu. – Havia uma leve ternura no tom de voz de Oana.

Lada respirou fundo. Ou pelo menos tentou, porque não dava para respirar direito com aquele vestido abominável. Ela e sua ama não conversaram sobre Radu desde quando Oana perguntara onde ele estava. A verdade era fria e incômoda como o gelo em sua vasilha de água.

– Ele virou homem. Inteligente. Esperto. Bonito até demais. E, no fim, um desconhecido para mim. – Ela não recebera nenhuma palavra de Radu, nenhuma notícia. Queria poder dizer a Oana que Radu estava vindo, mas já fazia tempo demais. E se não estivesse? – Quando eu fui embora, ele escolheu os otomanos. Então você estava errada. Eu sobrevivi, e Radu ganhou um

coração novo.

– Vocês não tinham mais nada em comum, então?

Uma risada estrangulada escapou da prisão do espartilho de Lada.

– Bom, só uma coisa. – Ela se perguntou mais uma vez se sua ausência teria proporcionado a Radu a quantidade de atenção e de amor de Mehmed que seu irmão desesperadamente desejava.

E, mais uma vez, preferiu não pensar a respeito.

Lada puxou o espartilho, tentando torná-lo mais confortável. Estava sentindo falta de suas roupas otomanas. Pelo menos as camadas drapejadas de túnicas e robes eram confortáveis.

– Eu vou transmitir a impressão errada usando isto.

– Uma boa impressão?

– Exatamente.

Oana a examinou com um olho crítico, depois ergueu as mãos em sinal de rendição.

– É o melhor que podemos fazer, pelo menos em relação à aparência. Quanto ao resto, hoje à noite, finja que é Radu.

Um pequeno golpe atingiu em cheio o coração de Lada. Oana desejava estar reunida com Radu, e não com ela? Todos sempre gostavam mais de Radu. E agora Radu e Mehmed tinham um ao outro, e tudo o que Lada tinha era essa mulher que usava um pente como arma.

Bom. Lada podia ser Radu por uma noite. Ela fez uma careta, mas em seguida abriu um sorriso largo e arregalou os olhos grandes o máximo que conseguia. Era a melhor imitação de Radu de que era capaz.

Oana encolheu-se toda.

– Isso é assustador, menina. Eu estava enganada. Seja você mesma.

Lada baixou as pálpebras. Ela jamais conseguiria ser outra pessoa.

O castelo de Hunedoara era pequeno em comparação com qualquer coisa em Edirne, porém maior que o de Tirgoviste. Tinha um fosso ao redor, e um morro bem íngreme atrás. Lada gostava de olhar por cima da muralha, para a paisagem invernal que se estendia à distância em meio à névoa. Era possível

fingir que estava vendo a Valáquia lá de cima.

Mas naquela noite não haveria tempo. Ela deixou o pequeno quarto e atravessou as escadarias serpenteantes da torre negra. Por alguns momentos aterrorizantes, imaginou que o vestido acabaria causando sua morte, mas conseguiu chegar em pé lá embaixo, onde foi recebida por Stefan. Ele era o único entre seus homens que falava húngaro – apesar de ninguém saber disso. Ele coletaria informações como sempre, reunindo pedacinhos e organizando-os de forma a compor um panorama para ela.

Os dois atravessaram o pátio ao ar livre no centro do castelo, de onde passaram por portas de madeira enormes para dentro da sala do trono. O piso tinha um revestimento bem brilhante, mas cerâmica nenhuma seria capaz de impressionar Lada. Depois de Edirne, qualquer lugar, a não ser as igrejas, passou a parecer despojado. As paredes do castelo eram caiadas e enfeitadas com tapeçarias elaboradas e pinturas emolduradas de rostos severos de membros da realeza húngara.

Lada tinha se acostumado às janelas grandes e bonitas durante sua estadia em Edirne. Tinha se esquecido de que os castelos de outros lugares não existiam para ser bonitos, e, sim, para ser usados como defesa. Para compensar, os candelabros exalavam luz, e duas lareiras estalavam alegremente.

Se no seu quarto o frio era congelante, a sala do trono era bem abafada. Lada sempre achou que fosse uma demonstração de fraqueza que as mulheres desmaiassem em público, mas agora entendia o motivo. O problema não estava em seus corpos, mas nas roupas.

Ela não era a única pauta da agenda da noite. Depois de intermináveis discursos monótonos em húngaro, enfim chegou a sua vez. Ajoelhar na frente do rei foi um alívio, pelo menos para os pés. Enquanto se ajoelhava, ouviu algumas risadinhas e cochichos de surpresa. Os homens que foram antes dela ajoelharam-se. O que ela deveria fazer, então? Para seu horror, ela se deu conta de que não havia nada que pudesse fazer. Com aquele vestido, ela não conseguiria se levantar sozinha. Com o rosto queimando de vergonha, ergueu os olhos para o rei.

Laszlo, o Póstumo, substituto absurdamente jovem do monarca anterior, tremia. A princípio Lada não entendeu se ele estava com frio ou com medo, mas o tremor continuou sem parar. Ele sofria de algum tipo de doença, que ficava bem clara na maneira como se movia. Lada não precisava ser cruel

para perceber que aquele rei não duraria muito.

Mais jovem que ela, mais frágil que ela, e ainda assim mais importante. Portanto ela baixou a cabeça e murmurou as palavras. Lada jurou proteger a fronteira da Transilvânia – e ninguém fez objeção ao fato de ela ter acabado de aterrorizá-la – e manter as divisas a salvo da ameaça otomana. Por fim, jurou fidelidade a ele e à coroa da Hungria.

A coroa em si não estava em nenhum lugar à vista. E com certeza não na cabeça trêmula de Laszlo.

Quando Lada terminou, ficou onde estava, completamente humilhada. Não conseguia se levantar, não podia pedir ajuda. Uma mão em seu ombro a salvou. Stefan sorria fracamente para ela enquanto a erguia. Na esperança de que sua expressão conseguisse esconder o alívio, ela fez um aceno com a maior graciosidade de que era capaz. Eles voltaram para sua posição no fundo da sala.

Depois que os compromissos oficiais foram cumpridos, todos ficaram por lá. Pelo jeito, sempre havia uma reunião informal em seguida. Lada apoiou-se na parede para se equilibrar. Seu corpo inteiro doía por ser mantido em uma posição nada familiar naquele vestido. Ninguém falava com ela. Lada sabia que precisava puxar conversas, conquistar aliados, mas não conseguia sorrir. Estava com os dentes cerrados demais. Seria mais fácil ela matar alguém do que fazer amizade.

Não. Era muito mais provável que ela matasse alguém do que fizesse um amigo.

Quando achou que não fosse conseguir localizar a fonte de sua decepção vaga, veio a terrível conclusão. Lada pensara que, vestida como uma nobre, os homens viriam falar com ela. Obviamente refutaria os flertes, mas havia se preparado para isso.

Só não estava preparada para continuar invisível usando um vestido e com os cabelos penteados. Ou talvez estivesse tão sem jeito naquelas roupas, ou tivesse se humilhado tanto ao se ajoelhar, que ninguém acreditava que pudesse pertencer à nobreza.

Lada viu-se outra vez na cerimônia de casamento de Mehmed. Sozinha, sempre sozinha, deslocada e sem utilidade. Ela respirou fundo. A situação era outra. Ela não era mais a mesma pessoa. Tinha mais com quem contar além de Mehmed e Radu agora.

Mas eles Lada não tinha mais. Naquela noite, o peso da perda a atingiu com toda a força. A ausência de um irmão que deveria estar a seu lado, enfrentando aquela batalha diplomática e política em seu lugar. A ausência de um homem que teria zombado de seu vestido e de seu cabelo, mas que também daria qualquer coisa para arrancar tudo aquilo por ela.

Talvez ela nunca houvesse deixado de ser aquela menina perdida em um lugar onde nunca teria poder.

Lada demorou alguns minutos para se dar conta de que Stefan havia voltado de uma de suas rondas.

– O que descobriu? – perguntou, aliviada e agradecida por ver um rosto conhecido. Mesmo que fosse um rosto sem nenhuma distinção, como o de Stefan.

– A coroa – ele falou, apontando com o queixo para o local onde Laszlo conversava com vários sacerdotes e um homem mais velho, mais alto e mais confiante.

O resto da realeza girava ao redor de dois homens e uma mulher de aparência nobre. A mulher era belíssima, Lada era obrigada a admitir. E com certeza usava seus trajes elaborados como uma armadura, não roupa de prisioneira, como Lada. A maneira como chamava a atenção de todos ao redor, lançando olhares frequentes para o rei, fez com que Lada se lembrasse de Huma, a mãe de Mehmed. Huma estava bem doente quando Lada partiu, já devia estar morta a essa altura. Pensar na morte de Huma deixou Lada estranhamente melancólica. Aquela mulher tinha sido uma ameaça para ela, e era uma assassina. Mas também era boa em tudo o que fazia.

A mulher do vestido elegante com bordados dourados trocou um rápido olhar com Lada, que se sentiu avaliada e sumariamente ignorada. Isso doeu.

– Onde está a coroa? – Lada perguntou, contente por contar com Stefan para distraí-la.

– Depois de Varna, o rei da Polônia resolveu ficar com ela, por segurança. Mas ninguém pode ser o verdadeiro rei da Hungria sem a coroa. Erzsebet está tentando de tudo para consegui-la.

– Erzsebet?

Stefan apontou com o queixo para a mulher reluzente. De repente, tudo fez sentido.

– Ela é a mãe? – Lada quis saber.

– Ela é a verdadeira governante da Hungria. Mas não tem dinheiro para comprar a coroa de volta. E, até que Laszlo consiga, seu reinado é ilegítimo. O homem ao lado dele é Ulrich, seu regente. Ele e Erzsebet comandam o país.

– Acho que o reinado de Laszlo vai ser pequeno como a estatura dele.

– Ninguém fala abertamente em matá-lo. As pessoas nem tocam no nome dele. Laszlo não tem a menor importância. Quem está no trono é Erzsebet.

– E Ulrich?

– É o sucessor mais provável. A ligação com a linhagem real é distante, mas existe. Ele é modesto e justo, um homem querido.

– Como você sabe?

– Conversei com os criados dele. É a melhor maneira de conhecer um homem. A outra é...

Eles foram interrompidos pelo silêncio que se seguiu a uma onda de ruído. Lada seguiu os olhos da multidão até a porta onde estava Hunyadi. No dia anterior, ele viajara até a fronteira da Transilvânia para resolver um problema que surgiu por lá. A julgar pela capa de viagem nos ombros e pelo cansaço estampado no rosto, tinha acabado de voltar. Um coro de aplausos elevou-se no recinto quando ele sorriu e acenou com a mão. As pessoas aproximaram-se para falar com ele. Erzsebet o observou estreitando os olhos. Os presentes abriram caminho para ela, que cumprimentou Hunyadi com um abraço demorado.

– Ele poderia ter tudo isso – Lada falou.

Stefan sacudiu negativamente a cabeça.

– Ele não quer. Mas controla os soldados, o que significa que tem mais poder do que qualquer um neste castelo.

Era a mesma situação da Valáquia. O príncipe não poderia ter suas próprias tropas, nem fortalezas, nem dispositivos de defesa. Dependia inteiramente dos boiardos, que tinham seus soldados sempre de prontidão. Por isso os príncipes não eram líderes dos mais poderosos.

Laszlo acenou para Hunyadi, que nem o viu. Lada teve pena do rei nesse momento, porém, mais que isso, ficou com raiva por ele ser tão fraco. Aquele era o país dele, e um outro homem tinha todo o poder. Ele merecia perder

tudo. Lada não entendia por que Erzsebet precisava depender de um filho de saúde frágil em vez de assumir pessoalmente o trono.

Huma fez esse mesmo jogo, e no fim acabou banida. O poder assumido através dos filhos não era nem um pouco mais seguro que o poder advindo dos maridos.

– Você disse que tinha outro pretendente ao trono? – Lada perguntou a Stefan.

Um dos homens não se adiantou para cumprimentar Hunyadi. Ficou sozinho, observando com seus olhos escuros e calculistas enquanto todas as pessoas importantes da Hungria disputavam a atenção de Hunyadi. Apesar de ser bem mais magro e de se vestir de uma forma muito mais elegante que Hunyadi, Lada percebeu nele o mesmo maxilar cerrado e a mesma expressão confiante. Mas o que os olhos de Hunyadi tinham de ousados e sinceros, os do filho tinham de calculistas e furtivos.

– Matyas – anunciou Stefan.

Lada ficou de olho em Matyas pelo resto da noite. Ele nem se dignava a olhar em sua direção, então havia tempo de sobra para observá-lo sem medo de ser notada. O filho de Hunyadi ostentava o sorriso com o mesmo vigor com que mostrava a corrente de ouro no pescoço e os broches com pedras preciosas no colete. Era um ornamento, com o objetivo de impressionar. Mas seus olhos estreitavam-se quando falava com um e outro ou, em alguns casos, não lhes dirigia palavra.

Hunyadi havia sido isolado em um canto, cercado por uma barreira intransponível de vestidos. Lada não o invejava. Ele era viúvo, e o homem mais poderoso do país. O fato de não ter sobrenome nobre não significava nada diante de sua riqueza. Ela desejou que ele conseguisse se desvencilhar daquilo tudo para que os dois pudessem conversar. Sobre o que, não importava. Mas ele era seu único aliado ali, e era como se estivesse sozinha.

Nicolae apareceu junto a Lada. Ele havia conseguido roupas decentes o bastante para garantir seu acesso. Ela não sabia como, e nem queria saber. Era um alívio vê-lo ali.

– Você deveria ir dançar. Ou pelo menos conversar com alguém – comentou ele.

Lada fez que não com a cabeça.

– Não vai adiantar nada. Estou tão à vontade aqui quanto um porco de vestido, e todo mundo vai perceber isso assim que eu abrir a boca.

– Na verdade, vi vários porcos de vestido enquanto vinha para cá. Nenhum deles conseguiu passar pela porta. Você está se saindo muito melhor.

Sacudindo a cabeça, Lada permitiu que Nicolae a afastasse da parede.

– Olha só, ninguém está conversando com o rei. – Nicolae a empurrou naquela direção. – Converse.

– Ninguém está falando com ele porque não faz diferença. Eu comprometi minha lealdade para nada.

Alguma coisa no tom de voz de Lada deve ter servido como alerta para Nicolae, porque ele imediatamente mudou de direção, afastando-a da sala do trono para o ar congelante do pátio. Ele sorria e acenava para todo mundo que passava, e em pouco tempo atravessaram o portão e cruzaram a ponte levadiça. Lada apoiou-se pesadamente a um dos pilares de pedra.

– Eu me ajoelhei e jurei fidelidade a outro rei, a um rei estrangeiro, para nada, Nicolae. Ele não vai me ajudar a tomar meu trono. Não consegue nem garantir sua própria coroa. O que foi que eu fiz?

Nicolae segurou as mãos dela.

– Você faz o que é preciso. Não é diferente daquilo que o pequeno zelote faz, com tratados e alianças que têm menos valor do que o papel em que são escritos. Seu irmão teria feito o mesmo. Você precisa sobreviver, e foi recebida pela Hungria. Agora precisa tirar vantagem. Hunyadi é um aliado perigoso. Apesar de tudo, gosta de você. É uma situação interessante. Muito melhor do que se esconder na mata, atacando a Transilvânia.

– Mas não foi para isso que nós viemos.

Nicolae encolheu os ombros, batendo com o pé no chão frio.

– Eu vim para me livrar dos otomanos. O mesmo vale para todo mundo. E você proporcionou isso a nós.

– Matei estava me espionando. – Ela ainda não tinha contado para ninguém, por vergonha, raiva e talvez uma pontada de culpa pela morte dele. – Estava se reportando a Mehmed.

Nicolae fez uma prece triste, e seu hálito se condensou em vapor na noite fria.

– Matei era um tolo, então. Vou ficar de olho vivo em todo mundo. Mas de uma coisa eu sei: você já fez muito por nós. Estamos em uma posição boa. Está lutando ao lado de Hunyadi. Reis estrangeiros aceitam sua lealdade. Seus homens a respeitam e são leais a você. – Ele sorriu. – Isso não é pouca coisa para uma menina-dragão da Valáquia.

Lada sabia que ele estava tentando ajudá-la, e sentiu-se reconfortada com o fato de seus homens estarem satisfeitos. Ela os libertara da escravidão. Liderou seu pelotão com sucesso nas batalhas. Conquistou o respeito de um dos homens mais poderosos de seu tempo.

Imóvel, Lada continuou observando a noite. A noite na Hungria. Não a noite na Valáquia.

Não era suficiente.

Nunca seria.

*Fim de março*

RADU TINHA APENAS uma hora antes da festa, antes de precisar convencer Cipriano de que estava disposto a trair Mehmed e se juntar à causa do imperador Constantino. Ele foi correndo à casa de Kumal, que não estava lá, mas não era com ele que Radu precisava falar.

– Nazira? – chamou, entrando pela porta da frente. – Fatima? Nazira?

Nazira veio correndo para a sala, seguida de perto por Fatima. Nazira levava um pano nas mãos, derrubando água no chão. A preocupação fez seu rosto se franzir.

– Que foi?

– Estou indo embora para Constantinopla.

– A marcha vai começar? Já?

– Não. Não. Eu... – Radu fez uma pausa e olhou ao redor. – Estamos a sós?

– Sim, claro.

Radu sentou-se, sentindo a exaustão tomar conta de seu corpo de forma repentina. Ele olhou para as próprias mãos.

– Mehmed me pediu para mudar de lado. Preciso convencer o embaixador de que quero ajudar o imperador Constantino. Se tudo sair conforme os planos, vou fugir hoje à noite.

Nazira cobriu a boca com o pano molhado, e em seguida o largou.

– Hoje à noite?

– Sim.

– Mas e se descobrirem que você ainda é leal a Mehmed?

– Isso não pode acontecer. Preciso fingir que quero uma vida nova ao lado

deles. É para pensarem que nunca mais vou voltar. Não sei o que Mehmed vai dizer para Kumal, mas eu queria que você soubesse a verdade. Não vou ter como escrever, nem como me comunicar de forma nenhuma.

Uma determinação repentina surgiu no rosto de Nazira.

– Isso não vai ser problema. Eu vou com você.

– Quê? Não. Você não pode fazer isso! – Radu levantou-se outra vez, incrédulo.

– Não só posso como vou. Você cuidou de nós esse tempo todo. Agora é a minha vez de retribuir. Um segredo como esse é um fardo grande demais para se carregar sozinho. Eu vou como sua esposa.

– É muito perigoso! Se eles me descobrirem, nós dois vamos morrer!

– É exatamente por isso que eu preciso ir! Por que um homem faria sua amada esposa correr tanto perigo? A minha presença vai ser um argumento a seu favor mais forte que qualquer outro. Além disso, passei anos e anos aprendendo grego. Está na hora de pôr o conhecimento em prática.

Radu sacudiu negativamente a cabeça, chocado. Ele voltou-se para Fatima em busca de apoio.

– Diga a ela que isso é loucura.

Fatima parecia estar com vontade de chorar, mas fez que não com a cabeça.

– Nazira tem razão – murmurou ela. – É a melhor maneira de garantir sua segurança. Nós vamos.

– Mas você odeia viajar! – Radu virou-se de novo para Nazira, com uma expressão triunfante: – Não pode pedir para a Fatima ir.

– E não vou pedir. – Nazira virou-se para Fatima, segurando seu rosto entre as mãos. Ela levou os lábios ao ouvido da outra garota e murmurou algo que Radu não conseguiu ouvir. Depois perguntou: – Você entende?

Fatima fez que não com a cabeça, com lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto.

– Eu posso ir – murmurou ela. – Quero estar onde você estiver.

– E eu quero estar onde você estiver. Mas preciso que fique em segurança. – Nazira olhou para Fatima com uma ternura que doeu em Radu. – Eu posso suportar essa tempestade por nós, mas só se tiver no meu coração a garantia

de que está tudo bem com a minha Fatima.

Fatima fez que não com a cabeça, mas, em seguida, assentiu, aos prantos.

– Eu vou voltar para você. Sempre. – Nazira aproximou-se e beijou a boca de Fatima da maneira exata como Radu imaginou que Mehmed faria com a sua. Mas esse beijo foi infinitamente mais doce, mais íntimo, do que Radu jamais conseguiu sonhar. Ele desviou o olhar, sem querer interferir no amor e na despedida das duas.

Nazira limpou a garganta. Radu virou-se e viu que ela ainda estava abraçada a Fatima, que tinha o rosto apoiado em seu ombro, mas a fisionomia de Nazira guardava uma expressão feroz.

– Quando vamos partir?

Cipriano estava à espera do lado de fora das portas grandiosas da festa de Mehmed. Embora o embaixador parecesse cautelosamente sob controle, seu nervosismo transparecia na maneira como seus dedos tamborilavam sem parar na calça revestida de azul. Radu não gostava do estilo de vestimenta de Constantinopla. Ele considerava a exposição deliberada de múltiplas camadas de tecidos uma coisa ostentativa demais. Mas, ao contrário dos demais embaixadores, as roupas de Cipriano combinavam e eram menos chamativas. Radu se deu conta de que em breve precisaria usar roupas assim.

Ele só percebeu que estava passando os dedos pelo turbante quando eles ficaram presos em uma das dobras.

E as orações. Quando ele faria suas orações? Não poder orar com seus irmãos era como não poder dormir. Só de pensar já começava a sentir sua alma definhar e se exaurir. Ele encontraria uma forma de orar. Era preciso. Mesmo se tivesse de orar apenas em seu coração, Deus entenderia.

As luzes e a música escapavam pela abertura da porta, um acompanhamento que em nada combinava com os pensamentos aflitos de Radu. Não havia por que adiar a ocasião. Ele atravessou o saguão na direção de Cipriano, em cujo rosto brilhou uma breve expressão de felicidade antes que a preocupação voltasse a tomar conta dele.

– Você veio – Cipriano falou. – Estava começando a temer que não viesse.

– Aqui somos todos escravos dos caprichos do sultão. – Radu detestou a maneira como as palavras fluíam de sua boca, como se fizessem todo o

sentido. – Cipriano, esta é Nazira, minha mulher.

Uma confusão momentânea se estabeleceu no rosto do Cipriano quando ele enfim notou a presença de Nazira a lado de Radu.

– Sua esposa? – Com movimentos formados por anos de hábito, Cipriano estendeu a mão, segurou a dela, baixou a cabeça e deu um beijo.

– Olá – Nazira falou, com a voz tensa. Ela olhava para trás o tempo todo. Radu não sabia o quanto disso era apreensão e o quanto era uma encenação para enganar Cipriano.

– Eu... Eu não esperava que você fosse casado. – Cipriano franziu a testa, depois sacudiu a cabeça. – Quer dizer, você é tão novo. Tem a minha idade.

Radu abriu um sorriso tenso.

– Quando você encontra alguém como Nazira, não dá para esperar. – Ele olhou por cima do ombro de Cipriano para a festa, e depois de novo para o salão. – Podemos falar em particular? – perguntou em voz baixa.

– Claro. – Cipriano os seguiu até um jardim lateral. O mesmo em que Radu fora tantas vezes para ler e destruir os bilhetes de Mehmed. Diante da situação em que estava entrando, ele sentiu falta até mesmo desse nível de proximidade outra vez.

Assim que adentraram o jardim, Radu se virou para Cipriano:

– Nós queremos ir embora.

– Quê?

– Agora mesmo. Não aguentamos mais fingir que apoiamos Mehmed. O pai dele me sequestrou, roubou minha infância. Não posso ficar parado, vendo Mehmed fazer a mesma coisa com Constantinopla.

Cipriano exaltou-se:

– Então ele pretende atacar.

– Assim que estiver pronto. Você pode nos levar à cidade, ao imperador? Eu vou fazer o que for possível. Cresci com Mehmed, e servi a ele; conheço seu verdadeiro temperamento e muitos de seus planos. Posso ajudar vocês.

Cipriano assentiu. Mehmed estava certo. Cipriano devia pretender conseguir informações com Radu. Por que mais acreditaria neles assim tão depressa?

– Precisamos partir agora mesmo – disse ele.

– Nós estamos prontos. – Radu apontou para a sua bagagem e a de Nazira, acomodadas atrás de um banco de pedra.

– Ela vem? – A surpresa de Cipriano foi uma confirmação do que Nazira dissera. Ninguém que quisesse se tornar um espião arriscaria a vida de uma mulher inocente.

Por favor, Radu rogou, por favor, permita que Nazira sobreviva a tudo isso em segurança. Uma coisa era pôr a própria vida em jogo pela causa de Mehmed. Mas a ideia de que a vida de Nazira também estava em risco era de virar o estômago.

– Radu é meu marido. – Nazira segurou sua mão. Parte do medo de Radu dissipou-se. Era egoísmo atrair qualquer um que tivesse alguma felicidade para seu sacrifício, mas era inevitável. – Para onde ele for, eu vou.

– Muito bem. – Eles seguiram Cipriano até os estábulos dos hóspedes, onde encontraram um dos servos do embaixador. Era um garoto pequeno, com olhos inteligentes e cabelos grossos e embaraçados. Depois de uma rápida conversa conduzida em sussurros, o menino selou três cavalos.

Embora Radu soubesse muito bem que eles não seriam seguidos, a paranoia de Cipriano era contagiosa. Radu se pegou o tempo todo olhando para trás enquanto cavalgavam pela cidade. Sua última vista ao chegar ao lado do morro nos arredores de Edirne foi a mesma que tivera do império pela primeira vez. Torres e minaretes que se elevavam como vultos pretos contra o céu estrelado.

Ele fez uma despedida silenciosa, rezando para que a cidade continuasse a salvo em sua ausência.

*Início de março*

LADA NÃO SABIA ao certo o que era mais surpreendente: ela ter sido escolhida para fazer parte do círculo de conselheiros de Hunyadi ou a ausência de seu filho Matyas no grupo.

Hunyadi sentou-se à cabeceira da mesa, com vários outros homens grisalhos ao redor. Na outra extremidade, dois padres. A cadeira ao lado de Hunyadi estava vazia. Ele levantou-se e fez um gesto para que Lada se sentasse lá. A sensação de invisibilidade que a atormentara durante a semana, depois de jurar lealdade ao rei, desapareceu assim que se acomodou à direita de Hunyadi. Logo que ela assumiu seu lugar, ele inclinou-se para a frente e deu um murro na mesa.

– Constantinopla! – rugiu. – Mais uma vez a cidade enfrenta uma ameaça. Talvez a maior de sua história. Não podemos deixar o coração da cristandade, da Roma antiga, cair nas mãos dos infiéis. Se Constantinopla sucumbir à praga muçulmana, o que vai impedi-los de tomar o mundo inteiro?

Um dos padres assentiu com vigor. O outro permaneceu impassível. Alguns homens mostraram-se engajados, mas vários recostaram-se nas cadeiras, como se quisessem se distanciar do assunto à mesa.

– O que está sugerindo? – perguntou o padre, empolgado.

– Uma cruzada, como antes. Convocamos os justos e nos aglomeramos em torno das mulheres como uma onda divina, para afogar a ameaça dos infiéis de uma vez por todas.

O outro padre abriu um sorriso seco.

– Pelo que sei, a última cruzada cristã bem-sucedida foi a que saqueou Constantinopla.

Hunyadi bufou, refutando as palavras com um gesto de mão.

– Italianos. Eles não sabem o que é honra. Se deixarmos os muçulmanos tomarem Constantinopla, o coração da cristandade no Oriente, o que vem depois? A Transilvânia? A Hungria? Já faz tempo que estamos no caminho da expansão do islã para o resto da Europa. Como defensores de Cristo, não podemos ignorar os apuros de Constantinopla.

Lada ficou só observando, tentando entender o que Hunyadi pretendia. O Império Otomano já havia conquistado tudo ao redor de Constantinopla. Caso a cidade caísse, eles teriam uma capital praticamente inexpugnável, mas isso de forma nenhuma os deixaria mais próximos da Hungria e do resto da Europa. A ameaça era apenas espiritual, não física. Seria desmoralizante perder a grande cidade, mas o estrago não seria significativo. Pelo menos não para a Hungria.

– Você já nos liderou contra um sultão antes – disse um dos homens, com uma cabeça careca e brilhante, mas com a barba ainda escura. – Nós lutamos com você em Varna. Perdemos. Perdemos nosso rei. A Hungria ainda sofre as consequências, e vai continuar sofrendo até que a coroa esteja estabilizada. Por que devemos nos arriscar de novo por Constantinopla?

– A questão não é a Hungria. É o cristianismo. Vocês ouviram falar do padre que liderou camponeses, simples camponeses, contra os otomanos? Eles os refutaram com a ferocidade motivada pela fé! Tiveram uma vitória decisiva e surpreendente, porque Cristo estava ao lado deles.

– Sim – concordou o careca, esfregando o rosto, cauteloso. – E depois o padre contraiu a peste e a maior parte dos camponeses morreu congelada.

Lada observou quando Hunyadi puxou a barba, tentando impor a intensidade de seus sentimentos aos outros homens. Ele não tinha argumento, ela notou. Não havia vantagem política para Hunyadi em Constantinopla. No máximo, ele perderia tudo o que lutara tanto para conquistar para si e para o filho.

Enquanto ouvia as discussões, era impossível para Lada não se deixar levar. Ele era passional e convincente, irredutível em sua crença de que defender Constantinopla era a coisa certa a fazer. Lada comparou isso com o desejo ardoroso de Mehmed de conquistar a cidade. Ela sabia que havia quem achasse que o sultão pensava nisso para ganho pessoal – inclusive seus homens estavam interessados na cidade apenas por suas lendárias riquezas –, mas não era isso que motivava Mehmed. Ele sentia o peso da profecia e o fardo de seu deus sobre os ombros. Isso não desapareceria até que ele tomasse

a cidade ou morresse tentando.

Lada perguntou-se como o mundo poderia sobreviver com homens como Mehmed e Hunyadi em lados opostos. Ou talvez fosse isso que garantisse sua sobrevivência. Caso servissem ao mesmo propósito, ela não era capaz de imaginar nenhuma nação que não sucumbisse à força combinada dos dois.

Cada deus, o cristão e o muçulmano, tinha seus defensores, e os mantinha distantes um do outro.

De que lado ela ficaria? Iria mesmo juntar-se a Hunyadi?

Iria mesmo colocar-se contra Mehmed?

Naquela noite, Lada saiu para caminhar, com Stefan a seu lado. Ele não tinha muito o que reportar além do fato de que a mãe do rei não gostava de Hunyadi e estava tentando cooptá-lo ou se casar com ele.

– Qual é a sua opinião sobre Constantinopla? – Lada perguntou, olhando por entre os galhos desfolhados para o céu crepuscular.

– Hunyadi não tem apoio suficiente para lutar, mas vai fazer isso mesmo assim. A mãe do rei está incentivando. E torcendo para que ele morra por lá, o que resolveria seu problema. Ela vai garantir que ele tenha as tropas e o financiamento necessários.

– Eu estava falando da sua opinião pessoal. O que acha? O que os homens acham? Se eu pedisse que marchassem com Hunyadi para defender as muralhas... eles fariam isso?

Stefan ficou em silêncio por um bom tempo. Depois ergueu os ombros.

– Acho que sim.

– Mas não é esse o nosso objetivo. Não é isso que nos une.

– Objetivos mudam – ele limitou-se a dizer. – Se pedir, a maioria vai acatar.

– Você vai?

Uma sombra de sorriso apareceu no espaço vazio do rosto dele.

– Eu não sei.

Lada balançou a cabeça, voltando a contemplar o céu.

– Tudo bem. Eu também não sei.

Duas semanas depois da discussão sobre Constantinopla, Hunyadi convidou Lada para jantar no castelo. Ela sempre comia com seus homens, portanto era uma situação pouco habitual. Contrariando seus instintos, ela concordou, mas só depois de Hunyadi garantir que não precisaria usar um vestido. Ela não suportaria aquilo de novo.

Lada entrou na sala de jantar com as costas rígidas como a lâmina de uma espada, e com os cabelos presos com um tecido preto, desafiando os costumes elaborados da corte da Hungria.

Não precisava ter se preocupado tanto. De vestido ou de calça, com os cabelos soltos ou presos, ela continuava invisível.

Enquanto os pratos eram servidos pelos criados, Lada tentou escutar as conversas ao redor. Os comensais falavam de pessoas que ela não conhecia e de assuntos que não lhe diziam respeito. Não havia nada ali que ela apreciasse, ou algo com que pudesse contribuir. A familiaridade daquilo tudo a exauria. Era o mesmo ambiente em que havia sido criada: rodas de fofocas, palavras e favores trocados por poder, e negócios feitos por uma nobreza que não trabalhava, mas colhia todos os frutos.

Como não tinha nada a oferecer, ninguém prestava a menor atenção nela. A situação de Hunyadi era bem outra. Era popularíssimo, solicitado o tempo todo para contar histórias de suas conquistas. Mas inevitavelmente também não se encaixava ali. Era um soldado e, apesar de charmoso, tinha um jeito direto de agir e falar que não combinava com a corte. Os nobres referiam-se a ele com uma arrogância um tanto condescendente. Erzsebet, a mãe do rei, pedia histórias após histórias, que remontavam até a infância dele.

Com uma pontada de raiva, Lada percebeu a situação: Hunyadi era o mascote da corte. Todos tinham orgulho de seus feitos, e gostavam de se gabar de tudo o que ele havia realizado, mas jamais o veriam como um igual. E Erzsebet fazia questão de que ninguém se esquecesse de onde ele viera.

Ele valia mais do que qualquer almofadinha daquele castelo.

Embora Hunyadi nunca bebesse quando estava em campanha ou em viagem, Lada o viu virar taças e mais taças de vinho. Ela mudou de ideia quanto a achar que ele estava se saindo melhor naquele ambiente. Hunyadi estava infeliz. Quando a refeição acabou e as pessoas levantaram-se para conversar em grupinhos, Hunyadi sugeriu várias vezes uma dança. Lada já o vira dançar – e muito bem –, e entendia sua necessidade de movimentar o corpo. Movimento significava liberdade. Mas não havia músicos presentes, e

suas sugestões foram recebidas com risos, como se fossem brincadeiras.

Lada atravessou o salão pisando duro e o segurou pelo cotovelo.

– Preciso falar com você – esbravejou diante dos cortesãos que poluíam o ar com seu perfume agressivo. Eles fizeram cara feia, protestando sem muita convicção de que ele não havia terminado a história que contava, mas quando Lada afastou Hunyadi voltaram a conversar como se nada tivesse acontecido.

– Obrigado – disse Hunyadi, oscilando um pouco. – Esse pessoal é mais assustador que um contingente de janízaros.

– E muito mais impiedoso.

Lada o conduziu até a porta, mas, aos cambaleios, ele interrompeu o passo, e um sorriso de alegria verdadeira surgiu em sua expressão inebriada pelo álcool.

– Matyas!

Com seus cabelos castanhos penteados com óleo de forma impecável, bem diferente da juba rebelde do pai, Matyas interrompeu a conversa com diversos outros homens. Lada percebeu que ele ouviu Hunyadi, mas continuou agindo como se nada tivesse acontecido.

– Matyas! – Hunyadi avançou até ele, batendo no ombro do jovem. O sorriso que Matyas deu em resposta foi claramente só para manter as aparências.

– Pai.

– Matyas, quero que você conheça Lada Dracul. – Hunyadi virou-se para ela e apontou para Matyas com um orgulho indisfarçável. A resposta de Matyas foi um risinho de deboche que deixou Lada com vontade de atravessá-lo com sua espada.

Ele fez uma medida a contragosto.

– Então você é a selvagem da Valáquia que ele acolheu debaixo da asa. – Os homens ao redor deram risada. Um deles fez um gesto obsceno por trás de Hunyadi. A opinião de todos sobre seu relacionamento com Hunyadi era evidente. Lada sentiu que Matyas nunca ficara sabendo da ideia do pai de casar os dois.

– Lada derrotou sozinha um contingente inteiro de búlgaros. Salvou minha vida. E ela cresceu ao lado do sultão Mehmed. Tem conhecimentos

inestimáveis. É muito inteligente. – Hunyadi sorriu para Lada com o mesmo orgulho que demonstrava em relação ao filho, e algo dentro dela se desfez.

– É mesmo? – Um dos homens inclinou-se para a frente, com um olhar malicioso no rosto. – Me diga: é verdade o que dizem? Que ele tem mil mulheres no harém e outro harém composto só de meninos?

Lada sentiu a pontada familiar de sempre que ouvia menção ao harém, e um breve acesso de medo. Um harém masculino? Isso era possível? Radu estaria... Esses sentimentos desfizeram-se em uma postura inesperadamente defensiva em relação ao irmão. Como Radu, já atormentado por seu amor impossível, se sentiria quando ouvisse tais insinuações desse tipo de boato?

Além disso, aqueles homens não conheciam Mehmed. Como ousavam falar dele assim? Ela ergueu uma sobrancelha, sem se alterar.

– Se está tão interessado assim em haréns masculinos, posso apresentá-lo ao sultão. Mas vou logo avisando que você não tem a beleza que os padrões dele exigem.

O rosto do homem assumiu um tom vermelho perigoso. Hunyadi soltou uma gargalhada e deu um tapa nas costas de Matyas. Seu filho fez uma careta, mas logo em seguida assumiu uma expressão neutra.

– Acho que Erzsebet quer falar com você – ele disse ao pai.

Hunyadi grunhiu.

O sujeito malicioso voltou a falar:

– Acho que ela gostaria de fazer muito mais do que conversar com você. – Matyas fingiu indignação, mas só por brincadeira. Hunyadi ficou envergonhado. Era impossível responder àquilo. Ele não podia macular a honra de Erzsebet, nem queria criticar os amigos de Matyas.

Lada não aguentava mais aquela situação.

– Está muito quente aqui. Vamos lá para fora comigo? – Hunyadi assentiu graciosamente, oferecendo o braço. Ela o conduziu de novo para a porta, pegando uma garrafa de vinho no caminho. Lada entregou a bebida a ele sem dizer nada. Atravessaram o pátio central, cruzaram a ponte levadiça e desceram pela barranca até um salgueiro desfolhado. Hunyadi escorregou várias vezes, quase mandando os dois para o chão.

Os pensamentos de Lada estavam voltados para Mehmed. Era estranhíssimo ouvir falar de como Mehmed era visto pelo mundo –

aparentemente havia infinitas versões da mesma pessoa, todas distorcidas e exageradas. Mas ela conhecia a de verdade.

Ou não?

Ele a havia espionado. Ele a mandou à Valáquia com seu apoio, e depois assumiu o lado do rival. Ele estava casado e tinha filhos, ao mesmo tempo que professava seu amor por ela. E, em meio a tudo, nunca perdeu Constantinopla de vista. Jamais faria isso, não era capaz. Nem mesmo por ela.

Lada poderia de fato lutar por Constantinopla, mesmo sabendo que isso iria diretamente contra Mehmed e tudo o que ele significava para ela? Era impensável erguer a espada contra ele. Por mais que adorasse Hunyadi e detestasse os otomanos, não seria contra eles que lutaria nesse caso, e, sim, contra Mehmed.

Ela lembrou-se daquelas noites calorosas, escondidos no quarto, planejando o ataque à cidade. Era como se estivessem só fantasiando. Mas para Mehmed nunca foi o caso. Constantinopla era seu sonho, a única coisa da qual não abriria mão. Tudo o que fazia servia a esse fim. Inclusive apoiar o rival de Lada pelo trono da Valáquia. Ele sacrificara o sonho dela pelo seu.

Talvez ela devesse, sim, ir defender as muralhas.

– Deu uma boa olhada nele? – Hunyadi perguntou quando se sentaram.

Lada interrompeu seus pensamentos, sobressaltada.

– Em quem? Mehmed?

Hunyadi deu risada.

– Não! No meu filho! Ele parece um rei.

Lada não achava que isso fosse motivo de orgulho, mas pesou as palavras da forma mais cautelosa possível:

– Ele não se parece em nada com você.

Hunyadi sorriu e assentiu.

– Eu sei. E não entendo. Mas dediquei meu sangue e suor a vida toda para que ele tivesse acesso ao que não pude ter. Minha espada abriu caminho na corte para ele. Matyas nunca precisou seguir meus passos. Fiz isso por ele. – Hunyadi baixou a cabeça e fechou os olhos. – Acho que ele tem chance de assumir o trono. Dá para imaginar? Sou filho de camponeses, e meu filho pode ser rei. Tudo o que fiz, e o que perdi, todas as batalhas, todas as mortes.

Foi tudo por ele.

Lada se lembrou do olhar de orgulho com que Hunyadi falou dela. Matyas não merecia Hunyadi.

– Queria que você fosse meu pai – ela falou.

Caso Hunyadi fosse seu pai, tudo seria mais fácil. Ela agarraria sem pensar a chance de partir em uma cruzada, de lutar a seu lado.

Se Hunyadi fosse seu pai, ela jamais teria conhecido Mehmed, jamais teria suas lealdades transformadas de forma tão estranhas. E seu coração não precisaria sufocar a parte dela que sentia saudade desesperadora de Mehmed. Hunyadi protegeria Radu também. E Radu seria grato de uma forma que Matyas era incapaz.

Hunyadi deu um tapinha no braço dela com a mão pesada.

– Não renegue quem você é. Se fosse minha filha, sua chama já teria sido apagada há muito tempo. Eu contrataria os melhores professores, e a vestiria com as melhores roupas para que se transformasse em uma bonequinha para ser trocada em um casamento vantajoso. Fiz a mesma coisa com meu filho; eu o transformei em uma coisa que não entendo, o que me deixa ao mesmo tempo orgulhos e triste. Isso é o melhor que podemos fazer pelos nossos filhos: transformá-los em estranhos com possibilidades melhores que as nossas. Seu pai foi um tolo e um covarde, mas as escolhas dele fizeram de você essa criatura assustadora que se tornou. Prefiro nem imaginar um mundo em que você não seja você.

Durante anos, Lada nutriu nada além de ódio pelo pai, para livrar-se da dor de ter sido abandonada depois de amá-lo tanto. Mas naquela noite, em sua barraca no acampamento, quando ia pegar no sono, desvencilhou-se de uma parte desses sentimentos. Porque ela também se sentia grata por ser quem era. Não mudaria nada em si mesma.

Isso significava que o dilema entre a parte dela que amava Mehmed e a parte que queria lutar com Hunyadi ainda permanecia.

*Fim de março*

TRÊS HORAS DEPOIS de saírem de Edirne, Radu, Cipriano e Nazira ouviram um cavalo galopando loucamente em sua direção. Eles guiaram os animais para a margem da estrada. Cipriano sacou a espada, e Radu fez o mesmo, apesar de nem imaginar quem poderia estar em seu encalço. Com certeza não eram as forças de Mehmed. Talvez um dos embaixadores de alguma forma poderia ter descoberto seus planos e estaria vindo avisar Cipriano?

O cavalo, espumando e ofegante, parou de forma abrupta diante deles.

– Ele matou todo mundo! – o cavaleiro gritou.

– Valentim? – Cipriano embainhou a espada. Era o menino de cabelos embaraçados que os ajudara nos estábulos.

Valentim tentou desmontar, mas em vez disso caiu no chão com violência.

– Ele matou todo mundo!

Cipriano saltou do cavalo e segurou Valentim.

– Como assim? Por que você está aqui?

– Ele matou todo mundo! Na festa. O sultão matou todo mundo. Todos eles.

Cipriano olhou para Radu e Nazira, horrorizado.

– Vocês sabiam?

Radu fez que não com a cabeça, chocado. Ele não sabia. Então aquela era a declaração de guerra de Mehmed. Radu sabia que vidas seriam perdidas – claro que sim, esse era o preço de um cerco –, mas aquilo parecia pessoal. Muito... excessivo. Parecia mais uma matança do que uma guerra. Ele não duvidava que Mehmed tivesse suas razões e, caso o sultão as explicasse, Radu entenderia.

De forma inesperada, a imagem dos embaixadores caídos no chão reluzente de cerâmica, em meio a poças de sangue, veio à mente de Radu. A bile subiu por sua garganta, ameaçando sair pela boca. Com certeza houvera uma razão.

– Eu não sabia – murmurou ele.

Cipriano abraçou o menino, ainda olhando para Radu e Nazira.

– Sua intervenção salvou minha vida. Devo tudo a vocês, e vou chamá-los de amigos até o dia da minha morte.

Nazira e Radu se entreolharam, e o peso daquilo em que estavam envolvidos enfim despencou de uma vez sobre seus ombros.

Três dias depois, a desconfiança de Radu de que Nazira precisaria de muita ajuda enquanto estivessem na estrada foi logo refutada. Além das coisas essenciais, ela trouxera também provisões. Isso nem tinha passado pela cabeça de Radu, mas Nazira não deixaria de pensar em algo assim. Ela piscou algumas vezes para ele enquanto acendia sem esforço uma fogueira e tirava a comida de uma bolsa de sela.

– Nós, esposas, somos companhias úteis para se ter por perto – disse ela.

Radu encolheu-se junto do fogo, sentindo-se grato pelo calor e pelas habilidades de Nazira.

– E esse tempo todo eu pensando que sua companhia fosse meramente decorativa.

Cipriano deu uma risadinha, e Radu e Nazira trocaram um sorriso secreto pensando em qual era seu verdadeiro papel decorativo. Era bom ouvir Cipriano rir. Ele estava compreensivamente em choque desde que recebera a notícia das mortes.

Assassinatos, Radu se corrigiu. Por motivos políticos, não pessoais. Por isso foram crimes de guerra, não crimes comuns. Isso tornava o fato mais fácil de engolir, porém não menos desagradável.

– Falta muito para chegarmos à cidade? – Radu perguntou.

– Devemos estar lá amanhã.

Eles pegaram um caminho mais longo, em parte em virtude do terror de Valentim e em parte pelo medo de Cipriano de estar sendo seguido. Radu e Nazira não tinham como garantir a seus companheiros de viagem que

Mehmed queria que chegassem sãos e salvos, então foram arrastados junto para as estradas secundárias e as zonas rurais mais ermas.

Nazira serviu a sopa e foi se sentar ao lado de Radu.

– Você se lembrou até dos temperos? – Radu perguntou. A sopa estava deliciosamente quente em sua língua.

– Você se casou muitíssimo bem, Radu. – Ela apoiou-se no braço livre dele. Radu ergueu os olhos e viu que Cipriano os observava com uma expressão triste e melancólica.

Nazira também reparou.

– Você é casado, Cipriano?

Ele sacudiu a cabeça negativamente, como se saísse de um transe, e olhou para sua tigela.

– Não.

– Fiquei curiosa para saber se tinha uma mulher à sua espera em casa. Você foi criado em Constantinopla?

Ele assentiu, molhando o pão velho na sopa para amolecê-lo.

Nazira continuou fazendo perguntas, arrancando informações de Cipriano. Radu ficou ao mesmo tempo orgulhoso dela e infeliz por isso ser necessário.

– Você ainda tem família por lá?

– Sim, mais ou menos. – O sorriso de Cipriano saiu meio torto, e não chegou até seus olhos. – Meu pai é Demétrio.

– O despota? – Radu perguntou, surpreso.

Os dois irmãos de Constantino, Demétrio e Tomás, governavam outras regiões do Peloponeso. Às vezes se estranhavam entre si, e se colocavam como inimigos e aliados com a mesma frequência. Radu não entendia por que um deles permitiria que seu filho fosse embaixador. Era uma função de prestígio questionável, ingrata e francamente perigosa. Os embaixadores corriam o risco de morrer em cortes estrangeiras e também na sua, caso trouxessem relatórios desfavoráveis.

Cipriano assentiu.

– Infelizmente, sou um bastardo. Minha mãe era amante dele. Então não sou valioso como os filhos legítimos. Constantino me acolheu e me concedeu

uma posição em sua corte como um favor à minha mãe.

– Ela era do Chipre? – Nazira questionou.

A expressão de Cipriano atenuou-se.

– Ela me deu esse nome em homenagem à sua ilha natal. Sempre disse que comigo ela estaria em casa onde quer que fosse.

Nazira soltou um suspiro charmoso.

– Já gostei dela. Você já foi ao Chipre? Ouvi dizer que é um lugar lindo.

– Não. Minha mãe morreu quatro anos atrás. Eu gostaria de conhecer sua terra natal, mas as necessidades de Constantino são mais importantes que meus caprichos.

– Ele é assim exigente, esse seu tio imperador? – O tom de voz de Nazira era leve e provocador. Radu inclinou-se para trás, perguntando-se de que formas Nazira ainda provaria que foi tremendamente subestimada por ele.

Cipriano riu.

– Não. É isso que me mantém a seu lado. Eu temeria pela minha alma se tivesse coragem de retribuir sua gentileza comigo abandonando-o em um momento de tremenda necessidade. – O rosto dele ficou sério outra vez. – Não sei como ele vai reagir se a notícia da morte dos embaixadores chegar até ele antes de nós. Ele vai pensar que eu morri também, e vai se culpar. Não foi culpa dele. Fui eu que pedi para ir.

Radu franziu a testa.

– Por que fez isso?

Cipriano fez uma pausa para terminar a sopa, olhando para a tigela como se isso quisesse dizer alguma coisa.

– Eu gostei da minha primeira visita. Edirne me pareceu muito bonita e... intrigante. Não imaginava que as coisas tivessem mudado tanto. – Ele voltou a erguer os olhos, em mais uma tentativa de pôr um sorriso no rosto, mas a tristeza estava estampada. – Além disso, estudei um tempão para aprender turco. Pareceu um desperdício não usar.

– Se eu soubesse, teria avisado vocês. – Mesmo enquanto dizia aquilo, Radu sentia que era mentira. Ele teria vontade de avisá-los, mas não teria contrariado o que Mehmed considerava o melhor a fazer.

Cipriano inclinou-se para a frente como se fosse apertar o ombro de Radu. Então se voltou para trás de novo.

– Seria melhor se não fizesse isso. O sultão seria alertado da deslealdade, e você teria morrido conosco. Não, é melhor assim. Não vou lamentar pelos meus companheiros, por causa da esperança que você nos trouxe.

A sopa azedou no estômago de Radu.

*Início de março*

— OS EMBAIXADORES CHEGARAM. De Edirne. — Stefan mal terminou de falar e Lada já estava saindo correndo do acampamento para o castelo. Radu estaria entre eles. Havia muito o que falar com ele, e ela estava ansiosa para lhe dar Oana de presente.

Ela correu até a sala do trono, esforçando-se para espiar por cima das cabeças dos outros que tentavam entrar. Dois guardas não a deixaram passar. Hunyadi a encontrou lá, discutindo com os homens.

— Meu irmão deve estar com os embaixadores — falou.

Hunyadi fez que não com a cabeça.

— Não, eles são todos turcos. Mas trouxeram isto. — Ele estendeu uma carta endereçada a Lada. Ao contrário da última vez, entregou-a ainda fechada.

Lada apertou com força a mão de Hunyadi, tentando esconder sua decepção e frustração.

— É de Radu. Eu pedi ajuda. Se tiver alguma notícia útil, eu falo para você.

Ele assentiu com um sorriso.

— Eu sei.

Ela pegou a carta e retirou-se para baixo da ponte levadiça, onde os galhos pesados dos salgueiros a abrigavam, e ela podia fingir que estava longe daquele castelo venenoso. Havia muitas razões para Radu não ter vindo. Ele podia estar doente. Atrasado. Morto. Ou finalmente ter conseguido o que queria, e nada seria capaz de atraí-lo para longe de lá.

Lada preferia a última opção, mas não por uma margem muito larga.

Ela rompeu o lacre e abriu a carta. Demorou um instante para perceber que não era de Radu, respondendo se a ajudaria ou não na Valáquia.

Era de Mehmed.

Seu rosto ficou vermelho quando ela leu e releu as primeiras linhas, horrorizada.

Eu sonho com seu pescoço, fino e sem adornos como o da gazela,
Sonho em ver suas tranças, caindo como um véu entre nós e nossa nudez,
Seus seios, lisos como espelhos, suas pernas como juncos finos
envergados pela água,

Ao escurecer ela ilumina as sombras, uma lamparina contra a noite,

E eu não vou resistir ao fogo e à paixão que aquecem meu corpo,

Ágil e retesado como uma flecha em prontidão, com ela, meu alvo.

– O que foi que ele colocou nesse papel? – Lada murmurou, franzindo a testa. Mehmed já tinha tentado ler poesia para ela antes, e Lada nunca permitiu. Era um desperdício de palavras e de saliva. Quem sentia desejo pensando em uma gazela? E seus seios não tinham nada a ver com espelhos.

Ela leu por alto o restante do poema. Quando enfim parou de comparar seu corpo com objetos e animais, ele resolveu ir direto ao assunto:

Sei que você não foi bem-sucedida em suas tentativas de assumir o trono. Eu gostaria de ter podido ajudar. No entanto, tenho uma proposta.

Lada fechou a cara. Ele não desejava ter podido ajudar – demonstrou claramente que não era isso que queria. Ela se preparou para ler um pedido para que voltasse para ele.

Faça o que for preciso para convencer Hunyadi a ficar longe de Constantinopla, e eu poderei partir com homens suficientes para apoiar sua reivindicação ao trono. Mande a resposta por meus embaixadores. Quando recebê-la, vou esperar por você no sul da Transilvânia, na fronteira com a Sérvia e a Valáquia.

Lada derrubou a carta no colo. O que quer que fosse que esperasse que Mehmed escrevesse – uma tentativa de atraí-la de volta ou de convencê-la de que tinha tomado a decisão errada –, não foi isso o que ela encontrou ali.

Não sabia se estava decepcionada, mas havia encontrado algo diferente do esperado. Apoio. Ele queria que ela fosse bem-sucedida. Estava oferecendo ajuda.

Seu caminho para o trono se abria de novo. Só o que ela precisava fazer era trair Hunyadi.

Já estava escuro quando, atordoada, Lada voltou ao acampamento. Seus homens ainda dormiam ao ar livre, não havia lugar para eles nos quartéis. Preferiam que fosse assim, e ela também. Uma barraca era melhor que a prisão de pedra de Hunedoara.

Quando entrou em sua barraca, encontrou Oana sentada no tapete perto de uma lamparina, com uma costura no colo. Na infância, Lada às vezes se perguntava se sua ama tinha os apetrechos de costura presos aos dedos de forma permanente. Lada desabou sobre o saco de dormir com um suspiro.

– O que está fazendo aqui? – perguntou para Oana.

– Bogdan ronca. Essa é a recompensa que eu ganho por carregar o peso dele por nove meses e quase morrer dando à luz. Meu garotinho lindo se transformou em um brutamontes que parece um porco no abate enquanto dorme.

Lada não teve como evitar o riso.

– Você já andou pelo acampamento à noite? Um bando de javalis faz menos barulho que os meus homens.

Oana assentiu, estreitando os olhos, e deixou o trabalho de lado.

– Está escuro demais para os meus olhos cansados.

– Durma. – Lada apanhou uma das peles em seu saco de dormir e a atirou para Oana. – Ou, se preferir, acho que consigo uma cama para você no castelo.

– Lada, minha querida, você me trouxe meu Bogdan de volta. Não precisa conseguir mais nada para mim nesta vida. – A ama parecia perigosamente perto das lágrimas. – Mas – ela falou com a voz embargada – eu ficaria muito contente em sair da Hungria. Eles parecem ter bolas de gude na boca. Consigo entender no máximo uma palavra a cada cinco.

– Seu desejo pode virar realidade em breve.

– De voltar à Valáquia?

Lada soltou um suspiro profundo, oprimido pelo peso do futuro.

– Não. Hunyadi pretender defender Constantinopla.

– Por que nós iríamos para lá?

– Porque ele acha que é a coisa certa a fazer.

A ama deu uma bufada de desprezo.

– O diabo que tome Bizâncio e toda a sua glória. Esse pessoal nunca fez nada por nós.

Lada ficou escutando enquanto a ama se deitava e se ajeitava, fazendo os sons baixos que os corpos cansados costumam emitir. Era irritante, mas havia algo de reconfortante na presença de outra mulher. Alguém que gostava dela.

“Qual seria o caminho errado?”, Lada perguntou-se. “Do que eu deveria abrir mão se isso significasse voltar para a Valáquia?” Ela poderia mentir para Mehmed, dizer que convenceu Hunyadi a manter distância de Constantinopla. Ele só descobriria a verdade quando ela já dispusesse de suas tropas. Mas haveria uma retaliação pesada depois, e inimigos ela já tinha de sobra.

O amor e a confiança de Hunyadi eram uma coisa valiosa; significavam mais para Lada do que imaginava ser possível. Mas ele não era capaz de lhe garantir seu trono. E não sentia a atração por Constantinopla que parecia afetar todos os homens de sua vida. Ela importava-se com Hunyadi. Constantinopla era só uma cidade.

Mas a Valáquia... A Valáquia era tudo.

Como se ouvisse seus pensamentos, a ama ecoou suas palavras:

– Tudo. Não existe preço que valha seu povo, sua terra.

– Mesmo que isso signifique trair alguém que confia em mim? Ou fazer acordos com o império que arrancou seu filho de você?

– Você o trouxe de volta. E você está de volta. A Valáquia precisa de você, e você merece a Valáquia. Que a sua lealdade se concentre onde seu coração está. Tudo o mais pode ficar pelo caminho e ser pisoteado quando entrarmos em casa. – Oana deu um tapinha no braço de Lada. – Minha garotinha feroz. Você é capaz de qualquer coisa.

Lada não sabia se era uma permissão ou uma profecia, mas decidiu acreditar, fosse o que fosse.

Embora manipular pessoas fosse a especialidade de Radu, Lada encontrou uma oportunidade para tanto que lhe pareceu poética como o pescoço de uma

gazela.

Hunyadi caminhava de um lado para o outro diante dela. Ele a chamara para o salão de reuniões do castelo, mas dessa vez só havia dois homens presentes.

– E quanto à Sérvia? – perguntou ele.

Lada sacudiu a cabeça.

– Tenho informação segura de que Mara Brankovic, uma das esposas de Murad, fez um novo tratado para a Sérvia. Se você for para Constantinopla, vai lutar contra os sérvios, não com eles. – Lada perguntou-se por um momento o que Mara Brankovic estaria fazendo com a liberdade conquistada com tanta astúcia. Mara recusara uma proposta de casamento de Constantino em pessoa e usou isso para formar uma aliança entre Mehmed e seu pai, o príncipe da Sérvia, criando uma nova vida para si, livre e solteira.

– Maldição. – Hunyadi recostou-se com um suspiro. – O que você acha do príncipe Danesti? Sei que odeia o sujeito, mas ele viria em nosso auxílio? Talvez ele morra na muralha, o que seria bem conveniente para você.

Lada cravou a ponta da faca no tampo da mesa, produzindo uma fenda profunda na madeira.

– Ele é um verme. E não muito tempo atrás estava em Edirne, afirmando pessoalmente sua lealdade a Mehmed.

– Como sabe?

– Eu mandei um assassino a Tirgoviste para matá-lo justamente nesse dia.

Hunyadi sacudiu negativamente a cabeça, mas sua expressão era mais de divertimento que de choque.

– Além disso – continuou Lada –, ele não pode enviar tropas sem o apoio dos boiardos. Eles vão ganhar tempo e protelar a decisão até ser tarde demais, e então vão mandar suas condolências.

– Mas os boiardos valáquios gostam de mim.

– Sim, mas têm medo de Mehmed. Qual você acha que vai ser a motivação mais forte para um bando de covardes?

Hunyadi assentiu em meio a resmungos.

– Mas eu tenho alguns apoios. Erzsebet está me incentivando a ir. E tenho

você e seus homens. Vai ser bom para vocês ter alguma coisa com que se ocupar.

Lada já tinha com que se ocupar. Ela respeitava Hunyadi, mas ele não tinha como lhe garantir seu trono. Mehmed tinha. Poderia inclusive arrancá-la de lá depois, caso ela não conseguisse cumprir sua parte do acordo.

– Erzsebet é justamente o motivo por que você precisa ficar – Lada falou, passando a faca pela fenda que estava abrindo na mesa.

– Como assim?

– A Hungria está em polvorosa. Laszlo não vai viver muito mais tempo, e Erzsebet sabe que você é uma ameaça ao poder. Matyas tem uma oportunidade de subir ao trono. Seu filho pode ser rei. – Ela fez uma pausa, deixando a última palavra pairar um pouco no ar. – Ele nunca mais vai ter uma chance melhor de assumir o trono. Com você em Constantinopla, Erzsebet vai dar um jeito de afastá-lo do castelo. Você deve entender o quanto sua força e sua reputação beneficiam a popularidade dele. Todo seu suor e seu sangue vão ter sido derramados em vão se sua lealdade for concedida ao imperador de uma terra condenada.

As linhas de expressão de Hunyadi acentuaram-se.

– Mas eu sou adepto do cristianismo.

– Você pode servir à cristandade aqui. Protegendo as fronteiras. Impedindo que Mehmed avance ainda mais pela Europa. Ele não vai se satisfazer com Constantinopla. Assim que a cidade cair, os olhos dele vão se voltar para a Hungria. Não pode deixar o país nas mãos de uma criança frágil e sua mãe conspiradora. – Lada fez uma pausa, como se estivesse pensativa. – Além disso, a sua presença nas muralhas não vai fazer diferença.

Ela sabia que não era verdade. Se Mehmed estava disposto a ceder tropas em troca da promessa de que Hunyadi não se envolveria, era porque entendia que a experiência e a reputação do húngaro eram armas capazes de manter a cidade longe do alcance dos otomanos de forma definitiva. Hunyadi com certeza faria muita diferença na defesa da cidade. E Lada não podia deixar que isso acontecesse.

– Mas os infiéis...

– Se nem mesmo o papa considera isso uma ameaça à cristandade, acho que você não tem com que se preocupar. As cidades mudam de mãos. As

fronteiras mudam. Deus permanece. – Lada enfim arriscou um olhar para Hunyadi, e o que viu quase a fez mudar de ideia.

Ele parecia mais velho do que no início da conversa, e infinitamente mais cansado.

– Eu já avisei o imperador Constantino de que lutaria por ele. A cidade depende da minha ajuda. Matyas pode se cuidar sem mim.

Lada viu a abertura e resolveu atacar:

– Então você é como meu pai. Ele vendeu nosso futuro em troca de seus desejos egoístas, assim como está disposto a rifar o de Matyas para satisfazer seu orgulho de soldado.

Hunyadi estendeu as mãos afastadas, com as palmas para cima, e olhou para elas. Eram grossas e calejadas, com juntas inchadas. Ele então as baixou para junto do corpo, e seus ombros despencaram.

– Você tem razão. É muito egoísmo meu buscar a glória em outro lugar. Meu dever é estar aqui.

Lada sentiu vontade de abraçá-lo. Queria oferecer conforto a ele. Queria confessar que não estava nem um pouco preocupada com Matyas e Constantinopla, mas gostava de Hunyadi. Só que o manipulou mesmo assim.

Em vez disso, deixou que ele se retirasse, sozinho. Então escreveu sua carta para Mehmed. Os embaixadores dele partiriam no dia seguinte, levando a mensagem. Eles entregariam sua traição – e seu futuro – nas mãos de Mehmed.

A Valáquia estava à espera.



Fim de março

N O DIA SEGUINTE, passaram por Rumeli Hisari, a nova fortaleza de Mehmed. Radu entortou o pescoço para poder ver, da estrada, o máximo possível. A fortaleza era imensa, com três torres altíssimas com vista para o Bósforo. Cipriano a encarou com olhos tristes e solenes. Valentim cuspiu em sua direção. Eles pararam quando uma linha de estacas surgiu à vista. Alinhados às margens do Bósforo, corpos decapitados faziam guarda como sentinelas.

– O que aconteceu? – murmurou Nazira.

O olhar de Cipriano tornou-se mais sério.

– Alguém deve ter tentado furar o bloqueio. Essa é a forma de o sultão avisar que o estreito está fechado.

Eles continuaram cavalgando, silenciosos e abalados. Radu lembrava-se muito bem da primeira lição que aprendera na corte do pai de Mehmed. Ele e Lada foram forçados a ver o jardineiro-chefe empalar vários homens. Foi o início de muitas lições sobre o rigor absoluto da lei. Radu conseguiu se esquecer disso – em parte – quando foi acolhido sob a proteção de Mehmed. Mas pelo jeito o sultão havia recebido o mesmo tipo de educação.

Não demorou muito para que vissem uma patrulha vinda de Rumeli Hisari. Uma das ironias daquela missão secreta era que Radu corria o risco de ser morto por alguém de seu próprio lado enquanto estivesse com o inimigo.

Cipriano sacou a espada.

– Não – disse Radu. – Deixe-me falar com eles. Acho que consigo negociar nossa passagem.

Ele observou desesperadamente o rosto dos soldados à medida que se aproximava, mas não conhecia nenhum. Radu ajeitou-se na sela com a postura mais ereta e confiante de que era capaz depois de passar três dias na

estrada. A guerra contra Constantinopla ainda não estava declarada. Ele podia dar um jeito na situação.

Precisava fazer isso.

– Quem é seu comandante? – perguntou em um tom indolente e imperativo, como se não houvesse nada a temer e tivesse todo o direito de fazer exigências.

Os homens diminuíram o ritmo da cavalgada e espalharam-se para cercar o pequeno grupo. Seus cavalos trotavam em círculos ao redor.

– Que negócios você tem a fazer na cidade? – perguntou o homem que ia à frente. A falta de dentes atrás do lábio inferior produziam um sibilado em sua fala. Em outras circunstâncias, isso divertiria Radu. Mas o soldado estava com a espada em riste, o que o tornava bem menos cômico.

Radu levantou uma sobrancelha.

– Trago uma mensagem a Constantino de nosso glorioso sultão, a mão de Deus na Terra, o abençoado Mehmed.

– Que mensagem?

Radu crispou o lábio superior, assumindo uma postura que combinava mais com Lada.

– Eu não sabia que você era o imperador de Constantinopla.

O homem levantou o queixo, irritado.

– Como vou saber se está dizendo a verdade?

– Pois bem, então me detenha e mande uma mensagem ao sultão. Com certeza ele vai ficar muito satisfeito com você por interferir em suas ordens expressas.

O soldado pareceu menos seguro de si, e puxou o cavalo para trás em um gesto ostensivo.

– Quem é você, afinal? Vou mandar uma mensagem avisando que foi visto aqui.

– Meu nome é Radu.

O homem franziu a testa, e então um sorriso revelou mais uma vez a falha na dentição.

– Radu, o Belo? Já ouvi falar.

Radu fingiu não ter ficado surpreso ao ouvir aquele título tão incomum.

– Então sabe que é melhor sair do meu caminho.

O homem fez um gesto para os outros soldados, que abriram espaço. O soldado banguela fez um comentário em um tom baixo e desagradável quando Radu passou:

– Tem certeza de que não foi mandado como um presente para o imperador? De repente ele pode ter uma predileção por meninos bonitos também.

Os soldados caíram na risada, um som que atingiu Radu pelas costas como um soco. Mas não se abalou nem se virou, continuou cavalgando com firmeza em direção à cidade.

– Muito bem – disse Cipriano a seu lado. – Pensei que fôssemos morrer.

– Existem algumas vantagens em ser famoso pela beleza, no fim das contas – comentou Nazira. Sua intenção era de que fosse uma piada, mas a tensão em seu tom de voz era perceptível.

Ele ficou mais do que perturbado com a insinuação do soldado. Como havia ouvido falar de Radu? E o que quis dizer quando disse que o imperador também poderia ter uma predileção por meninos bonitos? A insinuação ali era de que Radu era o brinquedinho de outro homem.

Só podia haver um homem a quem esse boato era direcionado. Ele tentou afastar esse pensamento, mas a ideia continuou pesando sobre suas costas como um manto de inverno.

– Vejam – apontou Nazira. – Navios.

A estrada fez uma curva, proporcionando a visão do estreito de Bósforo. Sete embarcações lindas e enormes navegavam em ritmo acelerado em direção às fortalezas gêmeas. Radu perguntou-se para onde estariam indo, e invejou a evidente eficiência daqueles marinheiros. Em sua Marinha, nunca tinha visto manobras tão precisas. Isso plantou uma semente de dúvida dentro dele.

– Não! – gritou Cipriano.

– Que foi? O que está acontecendo? – Radu virou-se, com a certeza de que sua mentira havia sido desmascarada e de que o soldado com a falha nos dentes estava vindo atrás deles. Mas a estrada continuava vazia. Cipriano olhava para a água.

– São os navios italianos. Devem ter centenas de homens a bordo. Estão indo embora da cidade. – Os ombros de Cipriano despencaram, e ele baixou a cabeça. – Eles nos abandonaram. A notícia da guerra chegou antes de nós. Venham. Precisamos nos apressar para consolar meu tio.

Eles esporearam os cavalos cansados. A muralha, que havia tanto tempo dominava os pensamentos de Mehmed, estava diante de Radu, e era... um anticlímax. Quilômetros e quilômetros de pedras desgastadas e remendadas, atravessando terras cultiváveis. Radu não sabia como seria possível alocar homens para proteger aquela muralha. Era longa demais. Mas também era muito alta, tinha facilmente cinco vezes sua altura. Qualquer avanço logo seria visto e refutado. Não havia onde se esconder, e nem um ponto mais vulnerável a ataques. E atrás da muralha externa ainda havia outra.

– Não fique boquiaberto assim – disse Nazira, cutucando-o com o cotovelo. – Você está parecendo um garoto do interior deslumbrado. – O sorriso dela era um aviso cheio de tensão. Ele estava esquadrinhando as muralhas com olhos de invasor. Por sorte, Cipriano estava concentrado apenas no caminho que ainda havia pela frente.

Radu esperava esse momento fazia tempo, mas jamais imaginou que atravessaria o portão com uma saudação dos soldados que o protegiam. De um momento para o outro, estavam dentro do perímetro das muralhas externas. Radu arriscou uma olhada para o portão enquanto eram fechados. Ele não sabia quando sairia dali, e nem se algum dia sairia.

Radu olhou para Nazira, que seguia ereta e orgulhosa sobre a montaria, com um sorriso esperançoso no rosto. Ele imitou sua postura confiante. Cipriano estava mais à frente, o que permitia que eles conversassem. Ele se aproximou da mulher.

– Como você consegue ser tão boa nisso?

Ela ergueu uma das mãos, apontando para si mesma.

– Quando a pessoa passa a vida inteira aprendendo a revelar apenas o que quer que os outros vejam para esconder seu verdadeiro eu, acaba virando especialista nisso. – Ela abriu um sorriso triste para Radu. – Você entende.

Ele fez que sim com a cabeça. Ela estava certa. Radu sabia como fazer aquilo. Iria dar tudo certo.

– Estou contente por ter você comigo.

Nazira deu risada.

– Claro que está. Agora trate de fazer uma expressão triste e curiosa, e vamos ver a cidade que é o destino do nosso sultão.

Radu virou-se para a frente de novo quando se aproximaram da muralha mais baixa, que controlava o acesso à cidade. Parecia que sua vida conspirara para sua presença ali. Não era a maneira como esperava entrar, mas era preciso aproveitar o momento mesmo assim. Afinal, Constantinopla era a cidade mais importante do mundo.

Constantinopla não era a cidade mais importante do mundo.

Em comparação com Edirne, era uma urbe em ruínas. Uma cidade fantasma. Mais da metade das habitações estreitas e aglomeradas pelas quais passaram tinha um ar de abandono. O declínio preenchia as ruas e pressionava as fundações. As portas de algumas casas estavam penduradas, e outras não existiam mais. Eles atravessaram quarteirões inteiros sem encontrar viva alma. A não ser que os magros gatos de rua e os cachorros mal-encarados tivessem alma, nesse caso cruzaram várias almas vivas.

Depois que o grupo de Radu atravessou a periferia da cidade, as coisas melhoraram um pouco. Mais casas pareciam habitadas. Havia barracas de comércio aqui e ali, e os homens faziam tentativas não muito convictas de vender alguma coisa enquanto eles passavam. As mulheres atravessavam as ruas em passos apressados, arrastando crianças e lançando olhares furtivos para a pequena comitiva montada.

Radu esperava mais soldados em patrulha, principalmente considerando que a notícia da guerra já chegara à cidade, mas eles não viram nenhum além dos guardas nos portões.

E ele não viu nada que remetesse à riqueza lendária de Constantinopla. Racionalmente, sempre soube que as ruas não eram calçadas com ouro, mas esperava algo mais. Até mesmo Tirgoviste tinha mais brilho que aquela capital.

Por fim, chegaram a uma região mais movimentada. Pararam de forma abrupta quando um padre cruzou o caminho, sacudindo um incensório e deixando um rastro de fumaça no ar. Ele entoava uma canção assustadora em grego. Atrás dele, uma fila de pessoas. Demorou vários minutos para que os cidadãos, todos em silêncio, a não ser o padre, por fim passassem e o caminho

ficasse livre de novo.

– O que foi isso? – Radu quis saber.

– Uma procissão. – Cipriano parecia perturbado. – Os conflitos internos não são poucos. A maioria gira em torno dos ortodoxos contra a Igreja Católica. Eu explico mais tarde. Venham.

Os sinos foram entoados, e o clangor ecoou pela cidade. Cipriano olhou para cima e suspirou.

– Esqueci que dia era hoje. Meu tio vai estar na catedral. Não podemos falar com ele lá. Venham, vou instalar vocês dois. Tenho uma casa perto do palácio.

– Nós não queremos incomodá-lo – Nazira falou. – Deve haver outro lugar disponível, não?

Cipriano dispensou as preocupações com um gesto.

– Tenho muitos quartos e vivo sozinho. Podemos ficar todos por lá sem nem cruzarmos uns com os outros. Como a maior parte da cidade, minha casa precisa de uma população muito maior do que aquela que tem.

A casa de Cipriano não ficava longe. Era uma construção bonita e bem conservada. As casas de Constantinopla eram quase geminadas, e as faixas estreitas de espaço entre elas muitas vezes desapareciam quando os telhados se encontravam. Ele sacou uma chave e abriu a porta da frente. Todos foram recebidos por uma lufada de ar frio.

– Valentim, vá acender o fogo. – O menino assentiu e correu lá para dentro. Cipriano franziu a testa. – Eu tenho uma criada. Por onde anda aquela menina? A sala principal já deveria estar com o fogo aceso. Maria? Maria! – Não houve resposta. – Muito bem, entrem. Logo vai ficar mais quente por aqui. – Ele os conduziu até uma pequena sala de estar, onde Valentim já havia acendido o fogo.

Eles ouviram passos na escada.

– Maria?

– Sou eu – gritou Valentim. – Não tem mais ninguém em casa.

Cipriano parecia incomodado. Nazira pôs a mão sobre a dele.

– Sua casa é linda. Muito obrigada. Espero que saiba que somos muito gratos pela gentileza.

– Claro! – Cipriano pôs a mão sobre a dela. – Me desculpe. Fiquei tão envolvido com as minhas preocupações e meus medos que mal tive tempo de pensar em como você está se sentindo. Você abandonou sua casa, seu país, suas posses. – Ele virou-se para Radu. – Vocês dois.

Radu pensou no que Lada diria em resposta caso estivesse em seu lugar.

– Edirne era a minha prisão, não a minha casa. O verdadeiro sacrifício quem fez foi Nazira.

Ela assentiu e baixou os olhos.

– Vou sentir falta do meu jardim. Mas não reconheço mais a paisagem do império com esse novo sultão. E não me sinto mais em casa por lá. – Nazira corrigiu a postura e assumiu uma posição mais alegre. – E estou com meu Radu.

Radu tentou imaginar como Fatima estaria se sentindo sozinha na casa que dividia com Nazira. Como deveria estar preocupada. Se sua separação de Mehmed já era uma agonia, o que dizer de alguém que estava distante da pessoa com quem dividia tudo, até o coração?

Ele estendeu os braços. Nazira foi até ele, apoiando a cabeça em seu peito. Cipriano os observava com o mesmo olhar de desejo que Radu detectara antes. Em seguida, limpou a garganta.

– Vou providenciar comida e mandar uma mensagem ao palácio para descobrir quando o imperador pode nos receber.

Ele os deixou sozinhos. Radu acariciou as costas de Nazira mais uma vez, e ficaram sentados lado a lado, virados para o fogo.

– Eu gostei dele – Nazira falou, com um tom de elogio fúnebre.

– Eu também – ecoou Radu.

*Fim de março*

OS HOMENS DE Lada tinham quase terminado de levantar acampamento quando Hunyadi apareceu. Seu cavalo pisoteava o chão e sacudia a cabeça, sentindo sua agitação sobre a cela.

– Você ficou sabendo, então? – ele perguntou a Lada.

Ela estava prendendo as alças da sela e interrompeu o movimento.

– Do quê? – questionou, tomando o cuidado de não revelar nada no tom de voz.

– Dos boatos de que as tropas otomanas estão se reunindo em Belgrado, em direção à nossa fronteira com a Sérvia. Você tinha razão quanto à lealdade dos sérvios. Abrigando os infiéis em sua própria capital!

Lada virou-se. Como Mehmed pôde ter sido tão burro? Era para eles se encontrarem no sul da Transilvânia. Com certeza ele não deveria chegar nem perto da fronteira da Hungria. Ela concordara que precisava da ajuda de Mehmed, mas de jeito nenhum deixaria que Hunyadi soubesse.

– Tem certeza?

Hunyadi sacudiu a cabeça negativamente.

– São rumores. E o batedor não viu nada pessoalmente. Mas eu não posso me arriscar. Não com Matyas tão próximo do trono. Você foi muito sábia em me aconselhar a ficar. – Ele sorriu para ela, mas com os olhos tristes. – Meu dever está aqui. Não posso virar as costas para Matyas por Constantinopla. Quando seus homens vão estar prontos para partir?

Lada se viu dominada pela necessidade de verificar cada alça de sua sela.

– Você quer cavalgar conosco para a Sérvia?

– Não. Quero você na Transilvânia. Protegendo as passagens caso os otomanos tentem atravessar a Transilvânia para entrar na Hungria por essa

via.

Hunyadi a ajudava de novo, oferecendo a maneira mais simples de disfarçar seus verdadeiros objetivos: Mehmed e a Valáquia. Ela assentiu.

– Nós vamos para a Transilvânia. Mas depois não vamos voltar. Vamos continuar quando o caminho estiver livre. – Suas palavras davam a entender que seguiria em frente quando os otomanos tivessem ido embora, mas na verdade o que queria dizer era que continuaria avançando quando os otomanos tivessem aberto caminho para ela. – Nós vamos para a Valáquia.

Hunyadi estendeu a mão para impedir que Lada continuasse puxando loucamente uma fivela que claramente já estava bem presa. Sua voz saiu suave e carregada de preocupação:

– O que está à sua espera lá?

– Não sei o que vai acontecer. Mas sei que lá é a minha terra. Passei tempo demais no exílio. Não posso continuar exilada. Vamos voltar para encontrar nosso destino. Viva ou morta, eu quero estar sobre o chão da Valáquia.

– Me dê mais tempo para assegurar nossas fronteiras, dissipar os rumores da ameaça. Quando Matyas estiver no trono, podemos ajudar.

Lada sacudiu negativamente a cabeça. Algumas semanas antes, aceitaria a oferta, mas agora sabia que não era mais esse o caso. Uma promessa de ajuda que poderia jamais se materializar valia muito menos do que as tropas cedidas por um sultão. Ela precisava seguir em frente. Pela Valáquia.

Seus pensamentos voltaram-se para Mehmed. Seu Mehmed, que estava à sua espera. Ela fingia que isso não tinha influência em seu desejo desesperado de ir, mas seu coração sabia que era uma mentira deslavada.

– Valáquia – sussurrou com firmeza para si mesma.

Antes de pensar no que estava fazendo, lançou os braços sobre Hunyadi.

– Obrigada – disse – por tudo.

Ele deu um tapinha nas costas dela.

– Tenha cuidado, menina-dragão. Você e eu fomos feitos para os campos de batalha, não para as cortes. Não entre em brigas para as quais não tiver as armas certas.

Ele a beijou na testa e voltou a montar no cavalo.

– Que Deus a acompanhe.

Lada sorriu, dessa vez com sinceridade.

– Deus só me vê quando estou na Valáquia.

Hunyadi sorriu.

– Mande lembranças para ele, então. – Ele virou o cavalo e afastou-se, muito mais devagar do que quando chegou. Lada observou a partida, e o sorriso desapareceu de seu rosto. Sua ama, que carregava seu saco de dormir, olhou para ela e balançou a cabeça.

Estava na hora de ir para casa.

*Fim de março*

CIPRIANO VOLTOU, CARREGANDO uma cesta de pães e queijos e um pequeno frango com o pescoço já quebrado. Com um gesto, pediu que o acompanhassem até a cozinha. Radu e Nazira estavam sentados em silêncio diante do fogo, ambos consumidos por suas aflições pessoais. Radu estava certo de que Nazira pensava em Fatima, mas por sua vez não conseguia se desvencilhar do ciclo de preocupações sobre o que Mehmed estaria fazendo e como poderia provar seu valor para o sultão.

Nazira empurrou Cipriano de leve e assumiu a frente.

– Me diga onde ficam os pratos e acenda o fogão.

Cipriano assentiu e mostrou onde ficavam as coisas na cozinha. Parecia sua primeira vez por lá também.

– Ah, veja só! Quantas panelas. Por que precisamos de tantas panelas?

Aos risos, Nazira apontou para a mesa.

– Vá se sentar, seu tolinho. Aposto que me viro melhor sozinha, inclusive.

Cipriano obedeceu.

– Resolvi o mistério da criada desaparecida. Ao que parece a notícia da minha morte se espalhou bem depressa. Ela considerou isso uma liberação do emprego e fugiu, não só da minha casa como da cidade. Assim como muita gente. Espero que ela esteja bem. – Ele suspirou, esfregando o rosto, exausto. – Vou tentar encontrar uma substituta, mas acho que não será fácil.

– Nós podemos muito bem dar conta de tudo – garantiu Nazira. Ela sorriu para Valentim, que se materializara do nada e estava ajudando a acender o fogão. – Valentim é muito capaz, e eu estou acostumada à cozinha. Acho que vamos nos sair muito bem sem mais ninguém na casa. – Ela lançou um olhar para Radu. Estava certa, claro. Quanto menos gente os observasse de perto,

melhor.

– Obrigado – agradeceu Cipriano. O alívio era visível: um relaxamento da tensão em torno dos olhos e dos ombros.

Houve uma batida na porta. Valentim saiu e depois voltou, acompanhado por um servo usando um colete com a águia de duas cabeças símbolo do imperador.

– O imperador deseja vê-los imediatamente.

Radu levantou-se.

– Estou à disposição dele. Vamos agora mesmo.

Radu e Cipriano vestiram o manto e saíram para a tarde fria. O servo andava com passos tão apressados que estava quase correndo.

– Tem alguma coisa que eu precise saber antes de entrar? – Radu perguntou, apreensivo. O primeiro encontro era o mais importante. Se ganhasse a confiança do imperador logo de cara, estaria na posição perfeita. Caso contrário...

Bom, estaria em uma posição bem menos favorável.

Cipriano pôs a mão no ombro de Radu.

– Você não tem nada a temer.

Para Radu, era impossível concordar.

Constantino, assim como a cidade que governava, não era o que Radu esperava. Era mais velho, mais próximo dos cinquenta do que dos quarenta. Cabelos ralos no topo da cabeça. Em vez de uma coroa elaborada, usava um simples aro de metal na cabeça. Embora todos os outros homens tivessem aderido à moda das camadas, o imperador não se vestia assim. Sua camisa branca e sua calça roxa eram bem simples, austeras até. Ele não parecia nem um pouco pretensioso.

A honestidade era um luxo tremendo.

Radu e Cipriano colocaram-se no fundo do salão lotado. Constantino andava de um lado para o outro lá na frente, com o corpo alto e esguio encurvado, fazendo com que a cabeça liderasse cada movimento. Com um sobressalto, Radu notou que os pés do imperador estavam descalços. Ele suprimiu uma risada diante do absurdo de ver o imperador de Roma andando

sem ter nem ao menos meias nos pés.

– E quanto ao Chifre de Ouro e o paredão marinho? – o imperador perguntou.

– Não temos nada a temer – disse um homem, fazendo um gesto de desprezo com a mão. Alto e largo, tinha um corpo que era praticamente um instrumento de guerra. – Um punhado de navios mal treinados contra meus marinheiros italianos não significa nada. Estamos absolutamente seguros no paredão marinho.

Radu viu aquilo como uma oportunidade. Dizer a verdade a Constantino, e sobre algo facilmente verificável, solidificaria sua posição. Tomar ciência do que estavam enfrentando não serviria para repor em um passe de mágica os sete navios que fugiram, nem posicionaria nas muralhas homens que não estavam a caminho.

– Ninguém está seguro aqui – disse Radu. Todos os rostos se viraram para ele, com expressões de curiosidade. – Quando parti, o almirante Suleiman contava com seis galeões grandes. Dez regulares. Quinze pequenos. Setenta e cinco botes a remo grandes para transportar os homens e navegar por passagens estreitas. Vinte balsas para cavalos.

A mudança na atmosfera foi palpável.

– Quem é você? – questionou um italiano.

– Radu de... – Ele se interrompeu, mais uma vez sem saber como se apresentar. – Nos últimos anos de Edirne, onde servi ao lado de Mehmed... ou melhor, do sultão, até bem pouco tempo. Mais especificamente supervisionando em segredo o desenvolvimento de sua Marinha.

Cipriano pôs a mão no ombro de Radu.

– Este é o homem que salvou a minha vida, tio.

Constantino apontou para um homem postado perto da porta.

– Mande uma mensagem ao governador de Gálata. Diga que vamos erguer a corrente pelo chifre para bloquear qualquer entrada. – Ninguém se moveu. – Agora! – gritou.

O homem levantou-se, fez uma mesura e retirou-se às pressas.

– Esse vai ser o principal ponto de ataque, então? – Constantino perguntou.

Radu sacudiu a cabeça.

– Ele pretende pressionar por todos os lados. Se conseguir passar pelo mar, muito bem. Mas seu verdadeiro foco são as muralhas terrestres.

– As muralhas vão resistir – disse um padre. – Sempre resistiram. E sempre resistirão.

– Elas já suportaram ataques antes, mas os ataques mudam – argumentou Radu. – O sultão não poupa investimentos em novos métodos e em novas armas. Ele estudou as muralhas, esteve aqui em pessoa. Quer concentrar o foco no vale do rio Lico e na parte de fora do palácio.

Um homem mais à frente franziu a testa. Usava roupas mais parecidas com as dos otomanos do que com as dos bizantinos.

– São escolhas óbvias. Nós já sabemos disso.

– Orhan tem razão – disse o italiano.

Radu teve um sobressalto, e observou melhor o homem de roupas incomuns que havia acabado de falar. Orhan era o falso herdeiro do Império Otomano, um homem que Constantinopla usava para ameaçar o reinado de Mehmed antes mesmo que ele começasse. Inclusive, àquela altura, Mehmed precisava enviar dinheiro periodicamente a Constantino, caso contrário o imperador mandaria Orhan ao império para iniciar uma guerra civil.

Orhan era uma ameaça real e constante à vida de Mehmed. A raiva invadiu o coração de Radu. Ele sentiu vontade de fazer alguma coisa para ferir aquelas pessoas, para que sentissem o medo que deveriam.

– Ele tem peças de artilharia.

– Nós já encaramos artilharias! – um homem corpulento gritou. – Se ele jogar pedras, nós jogamos pedras maiores. – As risadas ecoaram pelo salão. Encorajado, o homem continuou: – Os otomanos nunca tiveram a nossa potência.

Radu abriu um sorriso tenso em resposta à bravata obscena.

– Eles têm um canhão de quatro vezes a minha altura, capaz de lançar uma bola de trezentos quilos a mais de um quilômetro e meio de distância.

Ninguém riu ao ouvir isso, apesar de vários terem bufado em tom de deboche. Constantino suspirou.

– É melhor mandar servirem comida. E tem alguém anotando isso tudo? – Ele fez um gesto para que Radu se sentasse em uma cadeira vazia ali perto.

Radu obedeceu. Ele estava dentro, para o bem ou para o mal.

Constantino olhou para o teto, em busca de uma resposta.

– E se apelássemos para a reivindicação de Orhan?

Radu virou-se para o pretense herdeiro. Orhan olhou para as próprias mãos, pálidas e macias. Não eram mãos de guerreiro, como as de Constantino e as do italiano. Orhan assentiu.

Constantino estendeu a mão e deu um apertão no ombro do homem.

– Podemos fazer ameaças com base na ilegitimidade de Mehmed. Podemos graciosamente recusar o pagamento pela terra em que Rumeli Hisari foi construída. E incrementar nossos pagamentos a ele.

Radu perguntou-se se deveria apoiar essa ideia. Talvez Mehmed fosse querer. Mas atacaria mesmo assim. E tudo aqui seria de Mehmed no fim das contas, então não fazia diferença. Radu diria a verdade.

– A cabeça dele está voltada para a cidade com uma determinação singular. Ele fala e sonha com isso desde os doze anos de idade. Acho que nada irá detê-lo agora. A oferta pode ser feita, mas, a não ser que se renda, a cidade deve se preparar para o cerco. – Radu ousou torcer para que, depois de ouvir o que dissera sobre homens e canhões, eles de fato se rendessem. Radu poderia entregar a cidade intacta nas mãos de Mehmed!

Constantino virou-se para o italiano, com as sobrancelhas erguidas de expectativa.

– Giustiniani?

Giustiniani falava grego com um sotaque carregado, mas com uma autoridade e até uma jovialidade que transmitiam confiança.

– Estamos quase prontos, majestade. Esticamos a verba o máximo possível. Os alimentos e a água estão estocados. Temos o suficiente para um ano, com alguns reabastecimentos de pequeno porte. – Ele abriu um sorriso amargurado. – O fato de tanta gente ter ido embora tem seu lado bom, no fim das contas.

Radu gelou por dentro. Não haveria rendição fácil, portanto.

Giustiniani continuou:

– Podemos estar em inferioridade em termos de artilharia, embarcações e homens, e muito em termos de homens, mas fique tranquilo, Constantinopla

segue sendo a cidade mais bem protegida do mundo. Não vai cair facilmente. Me diga, Radu: você acha que podemos resistir a Mehmed?

Radu refletiu a respeito. A rendição ainda não passava pela cabeça de ninguém. E eles estavam certos em resistir. Até mesmo dizer aquelas palavras parecia uma deslealdade, mas reconhecer a realidade não teria nenhum efeito para mudá-la.

– Se conseguirem resistir ao cerco por tempo suficiente, existe uma chance. Os otomanos já atacaram Constantinopla antes, e sempre fracassaram. Eles são supersticiosos; vão encarar qualquer demora ou iniciativa malfadada como sinal de derrota iminente. Mehmed vai ter o tempo contra si, e também o moral. Está mais bem preparado que qualquer um que tenha vindo antes, mas está pondo em risco seu trono e seu legado nesse ataque. Caso a cidade resista, ele nunca mais vai conseguir apoio para fazer outra tentativa.

– Então, se conseguirmos, a cidade está a salvo dele.

Radu confirmou com a cabeça.

– Desconfio de que, se fracassar nas muralhas, Mehmed não vai viver por muito mais tempo. Existem muitos homens poderosos que não o aprovam. – Esse pensamento deixou Radu apavorado. Halil Vizir ainda estava ao lado de Mehmed, tramando contra ele a cada passo. Como Radu poderia proteger Mehmed estando longe?

Constantino olhou para o chão com uma expressão vazia e distante.

– Tudo o que precisamos fazer então é resistir.

Era simples e impossível assim.

*Fim de março*

— **A** ONDE VOCÊ VAI? — Bogdan perguntou.

Lada virou-se com as facas nas mãos. Em seguida, respirou fundo e as guardou. Era quase meia-noite. Ela pensou que sua saída furtiva do acampamento fosse passar despercebida. Deveria saber que Bogdan notaria, pois estava sempre de olho em todos os seus movimentos. Ele tinha uma maneira toda própria de rastreá-la, de observá-la sem vigiá-la. A lealdade da infância tinha ficado maior e mais forte com o tempo, assim como ele. Em geral, Lada considerava isso reconfortante. Mas ultimamente a coisa vinha ficando mais séria, como se ele não estivesse só olhando por ela, mas também esperando alguma coisa dela.

Lada fora deliberadamente vaga sobre o motivo da ida à fronteira tríplice entre Hungria, Transilvânia e Valáquia. Nenhum de seus homens questionou sua desobediência à instrução de Hunyadi quando passaram direto pelos acessos à Transilvânia que deveriam guardar.

Lada não sabia o que seus homens achariam de juntar-se de novo aos otomanos. Alguns ainda guardavam sentimentos negativos em relação a seus antigos captores e benfeitores; outros simplesmente os detestavam. Com certeza alguns preferiam lutar por Constantinopla, em vez de ao lado dos otomanos. Mas a líder era ela. Eles a seguiram para reconquistar a Valáquia, e Lada não precisava de permissão para tomar decisões. Quem não gostasse que seguisse seu caminho.

O seu caminho era adiante, rumo ao trono, fosse como fosse.

— Você deveria estar de patrulha do outro lado do acampamento — esbravejou.

Apesar de não conseguir ver o rosto dele, dava quase para sentir o sorriso velado.

– Você não respondeu à minha pergunta.

– Porque eu não sou obrigada. Vou sair. Mas volto. Isso é tudo o que precisa saber.

– Tem alguma coisa errada.

– Não tem nada de errado!

Ela passara o dia inteiro apreensiva, ciente de que Mehmed estava perto. Não conhecia a localização exata do acampamento, mas sabia que era a poucos quilômetros dali. Mehmed estava em um raio de alguns quilômetros, e não separado por rios, países inteiros e o ano que se passou desde sua partida. Ela pensou que tinha conseguido esconder sua agitação, mas pelo jeito não era o caso.

– Eu vou com você.

– Não! – Bogdan não. Qualquer um, menos Bogdan. Lada não teria coragem de olhar na cara dele caso descobrisse o que ela estava fazendo. Admitir o fato equivalia a um pedido de permissão, e ela recusava-se a fazer isso. Além disso, havia o desagravo velado de Bogdan em relação a Mehmed. Ela não queria ter que arrastar mais isso consigo.

– Preciso ir sozinha.

– Por quê?

– Volte para a patrulha.

Bogdan manteve-se imóvel por cinco suspiros infinitamente longos. Depois saiu andando para a noite.

Lada apressou-se para o meio da escuridão, carregando facas nas duas mãos. Havia muito chão pela frente. Seria mais fácil a cavalo, porém isso chamaria ainda mais a atenção para sua partida. Depois de uma hora circulando pelos arredores em busca de sinais de um acampamento, Lada diminui o ritmo. Ela pensou que fosse gostar de caminhar sozinha – a solidão não era um luxo do qual dispunha ultimamente –, mas sabia o que estava à sua espera.

Quem estava à sua espera.

E ela não sabia como se sentir a respeito da ideia de vê-lo de novo depois de uma separação tão longa. Não tinha conseguido entender seus sentimentos, separar o que era real e o que era apenas uma reação às circunstâncias de sua

infância. E se ela visse Mehmed e não sentisse nada? Pior, e se visse Mehmed e sentisse tudo com a mesma intensidade de quando estavam juntos? Tinha sido difícil deixá-lo. Ela estaria prestes a reabrir essa ferida?

Antes que pudesse pôr seus sentimentos em ordem, ela viu o quepe branco tão familiar dos janízaros reluzindo sob o luar. Uma irritação surgiu dentro de Lada. Eles deveriam saber que não era bom usar aqueles quepes brancos à noite. Se ela estivesse ali como uma assassina, aquele guarda de patrulha já estaria morto.

Um sorriso lento e malicioso abriu-se em seu rosto. Seu plano era chegar ao acampamento sem ser vista e anunciar sua presença. Ela não era esperada naquela noite, Mehmed avisara apenas onde estaria. Nenhum horário específico fora estabelecido.

Era noite de jogar “Matar o Sultão”.

Generosamente, decidiu não ferir nenhum guarda de patrulha. Eles provavelmente seriam punidos por deixarem que ela passasse despercebida, mas de forma merecida. O primeiro foi evitado sem dificuldades. O segundo e o terceiro anunciaram sua aproximação com uma cacofonia de gravetos quebrados. Mais perto do acampamento, o avanço era mais difícil. As barracas ficavam bem próximas, sob a proteção das árvores. Com o esconderijo proporcionado pela mata e pela escuridão, Lada não conseguia saber ao certo quantos homens Mehmed tinha trazido. Não pareciam ser suficientes. Mas poderiam ter se espalhado. Era isso o que ela teria feito.

Lada aproximou-se da escuridão mais profunda atrás de uma barraca quando dois janízaros passaram, conversando baixinho. Ela sentiu uma pontada de algo parecido com nostalgia ao ouvir de novo o idioma turco. Fechando a cara, apertou as facas nas mãos.

A barraca de Mehmed só faltava ter o nome dele escrito. Era a maior, feita com um tecido suntuoso que à luz do sol deveria reluzir em tons de dourado e vermelho. Mais um erro. Caso ela estivesse no comando, ele dormiria em uma das barracas menores e anônimas. Para obrigar um eventual assassino a revistar barraca por barraca, em vez de avistar um alvo fácil.

Ele realmente facilitava as coisas.

Lada espiou pela beirada a barraca de um soldado de onde vinham roncões baixinhos. A entrada da enorme tenda de Mehmed era guardada por dois janízaros, ambos despertos e alertas. Lada deslocou-se para a parte de trás da

barraca, vigiada apenas por sua amiga escuridão.

Sem hesitar, ela cravou a faca no tecido e o rasgou. Com um leve farfalhar no pano, criou sua própria entrada privativa.

Lá dentro, reinava a semipenumbra, amenizada apenas pelo brilho leve do carvão aceso no braseiro a um canto. Lada ficou curiosa para saber quem carregava a mobília que Mehmed levava em viagem: uma escrivaninha, um banquinho, uma mesa de refeições, uma grande variedade de almofadas e uma cama. Nada de sacos para dormir para o sultão, cujo corpo era precioso demais para tocar o chão.

E cujo corpo estava deitado naquela cama, ressonando de leve.

Lada aproximou-se com passos suaves e a faca em riste. E então parou, olhando para Mehmed.

Ela havia se esquecido do leve arqueamento de seus cílios escuros. Os lábios cheios estavam curvados para baixo nos cantos, como se seus sonhos o incomodassem. Os cabelos, quase sempre cobertos por turbantes nos últimos tempos, estavam soltos sobre o travesseiro, com uma mecha caída sobre a testa. Lada viu-se invadida por uma ternura repentina. Ela estendeu a mão e afastou o cabelo da testa dele.

Ele acordou sobressaltado, e a agarrou pelo pulso, com os olhos arregalados e o corpo enrijecido para uma batalha. Lada inclinou-se para a frente. Ela nunca havia visto uma ferocidade como aquela no rosto dele. Queria provar daquele veneno.

Mehmed continuou apertando seu pulso com toda a força.

– Lada? – perguntou, piscando várias vezes.

– Acabei de matar você. De novo.

Ele a puxou para si, beijando seus lábios com um apetite desesperado. Ela largou a faca. Tinha se esquecido de como era ser beijada, ser desejada. Pensava que não precisava disso.

Estava enganada.

Mehmed baixou os lábios para seu pescoço, levando as mãos aos seus cabelos.

– Quando você foi embora, levou junto meu coração. Me mate, Lada – ele falou, com tanto desejo nos olhos que ela não conseguiu se afastar. Ele rolou

na cama e a fez ficar por baixo. As mãos dele exploraram seu corpo, alternando entre a pressa brutal e uma leveza tão suave que quase doía.

Ele colou a boca no ouvido dela.

– Eu aprendi algumas coisas – Mehmed disse, com um tom de voz provocador – sobre dar prazer.

Antes que ela pudesse se perguntar onde ele havia aprendido essas coisas, depois de tê-lo acusado de não se preocupar com nada além da própria satisfação, Mehmed foi descendo por seu corpo. Ela arqueou as costas quando sentiu as mãos dele escorregarem por baixo de sua túnica e subirem pelo seu tronco. Lada o agarrou pelos cabelos, sem saber se o afastava ou se o puxava mais para perto. Ficou com medo de que, caso ele continuasse, ela fosse perder o controle. Ela nunca havia perdido o controle antes.

As mãos dele encontraram o espacinho entre suas pernas, e ela gritou de susto com a intensidade do toque. Ele respondeu com mais intensidade, beijando sua barriga, seus seios. Sua túnica subiu ainda mais e, impaciente com a falta de jeito dele, ela mesma a arrancou. Eles já haviam feito tudo isso antes, mas o período de ausência tornava as sensações muito mais fortes. Esse era o momento em que ela costumava interrompê-lo, em que o limite era traçado, de modo que Lada sempre ficava no controle do que faziam. Dessa forma seu corpo permanecia sendo seu, e só seu.

Ela não o interrompeu.

Ele tirou o camisolão de dormir. Não estava usando nada por baixo.

Ele soltou a cintura da calça e arrancou a peça. Lada achou que ele fosse querer senti-la por dentro, e considerou que talvez também quisesse isso.

Em vez disso, ele ergueu suas pernas e a beijou, beijou e beijou em um lugar que Lada jamais imaginou que pudesse ser beijado. Seu controle se desfez em uma onda de prazer, e ela não lamentou a perda. Gritou como se estivesse ferida, mas Mehmed levou a mão à boca dela e a montou.

Lada permitiu.

*Fim de março*

— **Q**UANTOS ANJOS CONSEGUEM dançar na cabeça de um alfinete? — um homem gritou, com um sorriso deformando o rosto bexiguento.

Um outro homem cravou o dedo no peito do primeiro, gritando alguma coisa sobre o Pai e o Filho. O bexiguento desferiu um soco, e os dois saíram rolando pela rua enlameada, esperneando e mordendo.

Cipriano nem parou para olhar, e conduziu Radu com o braço para que os contornasse.

— O pessoal aqui é bem... religioso, não?

Cipriano soltou uma risada amarga.

— Até o fim. Lá está ela. — Ele apontou.

Sem nada para fazer pelo restante do dia, Radu pediu para conhecer melhor a cidade. Queria ver em especial a célebre Hagia Sophia. Mehmed lhe recomendara uma visita ao local. Tinha sido sua única instrução. E, até que Constantino o chamasse de novo, não havia muito o que fazer a não ser manter olhos e ouvidos abertos.

A rua levava a um pátio, diante do qual ficava a imensa basílica. Era mais austera que a risada de Cipriano. Por todas as partes, passavam por igrejas com sinos ressoando, com um fluxo quase constante de gente entrando e saindo. Mas a Hagia Sophia, como era chamada em grego a Basílica de Santa Sofia, a joia de Constantinopla, uma igreja tão majestosa que segundo a lenda havia convertido toda a população da Rússia ao cristianismo ortodoxo, estava fria e vazia como um anoitecer chuvoso.

— Por que não tem ninguém? — Radu quis saber. Eles caminharam até a porta, que Cipriano tentou empurrar. Estava trancada.

— Tivemos uma missa em latim aqui algumas semanas atrás.

Radu sabia que os cultos da igreja ortodoxa eram conduzidos em grego, mas não entendeu o que Cipriano quis dizer.

Um cachorro passou correndo, seguido por um garotinho descalço.

– Rum Papa! – gritou. – Pare, Rum Papa! Volte aqui!

– Aquele menino chamou o cachorro de papa romano?

Cipriano passou os dedos pela madeira lindamente laqueada da porta da basílica.

– Sim. Metade dos cachorros da cidade tem esse nome. Apesar de meu tio apelar para o papa em busca de ajuda, as pessoas amaldiçoam o nome dele. Meu tio prega a união entre as duas igrejas, e até rezou uma missa aqui para celebrar a unificação oficial, o fim do cisma entre Oriente e Ocidente. E agora a igreja mais linda da cristandade está silenciosa e abandonada porque foi manchada por vinho aguado, hóstias católicas e orações em latim. – Cipriano suspirou, apoiando a palma da mão à porta em um gesto reverente. – E, apesar de ser sacrificada, a Hagia Sophia não nos trouxe nada. O papa não mandou ajuda nenhuma. – Ele sacudiu a cabeça. – Vamos. Podemos ver algumas relíquias. É sempre divertido.

– Você e eu temos opiniões diferentes sobre diversão.

Cipriano deu risada, dessa vez com mais ânimo, em contraste com o dia úmido e modorrento.

– Nós levamos as relíquias muito a sério nesta cidade. Elas nos protegem. – Ele deu uma piscadinha.

– Acredita mesmo nisso?

– Faz diferença? Se o povo acredita, se isso lhe dá forças, o que por sua vez fortalece a cidade, significa que as relíquias funcionam.

– Esse é um pensamento bastante circular.

– Nós, bizantinos, adoramos círculos. O tempo, a lua, os argumentos e, acima de tudo, as moedas. Todas as coisas boas são circulares.

Eles passaram por mais uma parte vazia da cidade. Enquanto caminhavam, Cipriano contava alegremente a história daquele pilar com as fundações corroídas. A cidade inteira apoiava-se em sua herança, e estava desmoronando ao redor dela.

Os dois estavam quase chegando a mais uma igreja quando o chão tremeu

sob seus pés. Radu cambaleou, e Cipriano o segurou. Um ruído de algo desprendendo-se ressoou mais acima.

– Corra! – Cipriano gritou, afastando Radu das paredes de uma casa próxima. Os detritos caíram com uma força esmagadora bem sobre o local onde estavam. Foram obrigados a se jogar na rua enlameada para escapar.

Radu estava ofegante, com os braços enroscados aos de Cipriano. Os olhos de Cipriano encontraram os seus, com as pupilas tão dilatadas que quase cobriam as íris cinzentas. Em seguida, sacudiu a cabeça e ficou de pé. Eles limparam o máximo possível a lama das roupas, mas estavam irremediavelmente imundos.

– Obrigado – disse Radu. – Seus instintos afiados salvaram nossas vidas.

Cipriano abriu um sorriso tímido, estendendo o braço para remover um pouco de lama do ombro de Radu.

– Considere isso um pagamento parcial da dívida que tenho com você.

A culpa o invadiu com toda a força. Radu engoliu em seco e virou para o outro lado.

– Isso acontece com frequência? A terra tremer desse jeito?

– Tem acontecido cada vez mais. E também temos enfrentado tempestades fora de época, invernos rigorosos e primaveras torturantes. Dá para imaginar o efeito que isso tem sobre o moral de pessoas à procura de sinais e presságios em tudo o que acontece.

Eles ouviram alguém gritando mais à frente. Radu perguntou-se se poderia ser mais uma briga, mas a cadência das vozes sugeria um discurso ensaiado. Eles se aproximaram da voz, atravessando algumas ruas até encontrarem uma plateia reunida em torno de um homem trepado no muro externo de um santuário.

– Romanos infelizes, vocês se deixaram enganar! Acreditaram no poder dos francos em vez de confiarem em seu Deus. Perderam a verdadeira religião, e sua cidade será destruída por seus pecados! – O homem, que usava uma túnica rústica marrom, ergueu os braços para o céu carregado e jogou a cabeça para trás. – Ó, Senhor, tende piedade de mim. Eu sou puro e isento de culpa pela corrupção desta cidade. – Ele levantou o rosto para encarar a plateia e passou a mão por cima das cabeças dos espectadores. – Saibam, pobres cidadãos, o que fizeram ao trocarem sua fé em Deus pelas promessas

do papa. Vocês negaram a verdadeira fé, que lhes foi passada por seus pais. Aceitaram a escravidão da heresia. Ao fazer isso, confessaram todos os seus pecados a Deus. Ai de vocês quando forem julgados!

As mulheres berraram, batendo no peito. Os homens levantaram as crianças, implorando bênçãos. Gritos furiosos e obscenos elevaram-se contra Constantino, o papa e tudo o que vinha da Itália.

Cipriano fez um gesto ríspido e segurou Radu pelo braço para se afastarem.

– Esse tolo tem mais raiva do papa do que do sultão. Adoraria ver a cidade queimar e receberia o caos de braços abertos só para provar que estava certo desde o início.

– Como eles podem detestar Constantino por fazer o que for preciso para protegê-los?

Cipriano esfregou o rosto com um gesto exausto, e em seguida olhou para as mãos ainda enlameadas.

– Aqui é Constantinopla. Estamos mais preocupados com a pureza da alma do que com a sobrevivência do corpo. Venha. Não resta mais nada de interessante para ver.

Depois de se lavarem e jantarem com Nazira, Cipriano pediu licença para ir ter com seu tio. Os principais afazeres de Constantino aparentemente resumiam-se a uma mobilização permanente para escrever cartas; sua arma era a pena, e sua munição, promessas vazias e súplicas desesperadas. Radu lamentou que Cipriano não o tivesse convidado para acompanhá-lo.

– Paciência – lembrou Nazira, apertando ombro dele enquanto ele lavava os pratos. – Você vai encontrar alguma forma de ajudar. O melhor que podemos fazer no momento é nos misturar à rotina da cidade.

Radu virou-se para vê-la vestida no estilo das mulheres de Constantinopla: um espartilho rígido e apertado, mangas justas e saias exageradas. Ele ergueu a sobrancelhas. Ela deu uma volta e uma risadinha.

– Gostou? Estou me sentindo uma flor com as pétalas erradas.

– Você está sempre linda. Vai a algum lugar?

– Ah, sim. Conheci a esposa de um dos conselheiros do imperador Constantino hoje na feira. Ela lamentou muito por mim quando confessei que não sabia cozinhar com os ingredientes daqui. Fui convidada para jantar com

ela.

– Mas nós acabamos de jantar... e estava tudo bem gostoso.

O sorrisinho de Nazira alargou-se.

– Mas ela não sabe. E, nesse jantar, vou conhecer outras esposas de homens importantes, que vão fofocar sobre as amantes dos homens importantes, e em pouco tempo vou ter uma rede de contatos maior que a sua.

– Eu não sabia que era uma competição.

Nazira riu, ficou na ponta dos pés e beijou as duas faces de Radu.

– É, sim. Uma competição para ver quem descobre mais coisas mais depressa, para podermos voltar para casa.

Ela disse isso com um tom bem-humorado, mas Radu detectou um sentimento em sua voz. Nazira nunca falava de Fatima, e ele estava envergonhado demais por ter separado as duas para tocar no assunto. Mas, se todos os dias ele sentia falta de seu relacionamento platônico e doloroso com Mehmed, o que dizer de Nazira e a mulher com quem compartilhava seu amor?

– Eu colocaria todas as minhas fichas em suas fofocas, nesse caso. Você é uma criatura assustadora.

Nazira fez uma mesura graciosa e saiu. Radu estava inquieto e ansioso. Ao se ver sozinho pela primeira vez desde sua chegada à cidade, abandonou a casa de Cipriano e saiu para as ruas às escuras. Foi obrigado a apertar seu manto ao sentir o vento frio que percorria as pedras sob seus pés.

Pensamentos assustadores acompanhavam seus passos. Nazira já tinha um plano em andamento. Só o que Radu podia dizer que fez foi participar de um encontro com Constantino em que se limitou a dizer a verdade. O medo do qual vinha se esquivando o envolveu de forma ainda mais firme que o manto em torno do corpo.

Ele não tinha ideia do que estava fazendo.

Tudo aquilo havia sido um erro. Mesmo se conseguisse informações cruciais, arrancadas de Cipriano ou Constantino, não havia como transmiti-las a Mehmed. Eles não tinham um código, nem um meio de trocar mensagens. A não ser que Radu descobrisse alguma forma brilhante de sabotagem dentro dos muros da cidade, sua presença ali como espião era quase inútil. Radu não queria decepcionar Mehmed, mas era inevitável a preocupação com o fato de

que o sultão havia falhado com ele. Por que mandá-lo para cá com quase nenhuma instrução, quase nenhum preparo? Radu teria muito mais serventia ao lado dele.

Ou talvez isso fosse apenas no que Radu queria acreditar, porque o que mais desejava era estar ao lado de Mehmed. Então sua presença era tão facilmente dispensável?

Ou... Mehmed teria desconfiado a respeito dos verdadeiros sentimentos de Radu e o mandado embora por isso? Ele sabia que não deveria se sentir assim com relação a outros homens. Havia muitas coisas que podiam ser justificadas, mas ele não conhecia nenhuma que permitisse aquilo que gostaria de ter com Mehmed.

Esse amor o separaria da pessoa mais importante de sua vida e do Deus que lhe trouxe consolo em sua solidão?

Radu queria andar para ter uma imagem mais clara da cidade, porém acabou de volta à abandonada Hagia Sophia. Mesmo naquele momento, ele seguia as instruções de Mehmed até sem se dar conta.

Não havia ninguém nas ruas. Radu sacou algumas ferramentas de um bolso secreto do colete e cuidadosamente tentou desarmar a fechadura. Depois de alguns minutos de insistência, foi recompensado com um clique. Ele entrou discretamente. Seus olhos demoraram algum tempo para se ajustar à escuridão. Um farfalhar repentino provocou um sobressalto, um medo de ser descoberto, mas era só o bater de asas dos pombos. Eles também tinham vindo à igreja vazia para fazer sua adoração.

Externando toda sua exaustão e seu medo em um suspiro profundo, ele orou. Não tinha conseguido rezar direito desde que chegara a Constantinopla. Os movimentos de adoração eram mais reconfortantes que uma banheira quente, e igualmente purificadores. Radu soltou tudo o que vinha mantendo preso. Seu foco era determinado, e sua fé era um ponto luminoso na construção às escuras.

Depois de terminar, ficou relutante em sair, e subiu as escadas para o balcão, onde as mulheres permaneciam durante as cerimônias. No fim, acabou encontrando uma pequena porta que levava a uma nova escadaria, e depois a degraus presos à parede. Empurrando o alçapão no topo, ele saiu para o telhado. Constantinopla desvelou-se diante de seus olhos. Era possível ver o palácio, uma estrutura gigantesca em que Constantino trabalhava noite adentro.

Para ele, bastaria estar presente ali e esperar. Radu se aproximaria de Constantino, e acreditaria que uma forma de ajudar Mehmed se apresentaria quando chegasse o momento. Ele confiaria no plano que Mehmed tinha para ele. E confiaria em Deus para ajudá-lo a cumprir sua missão.

Radu tentou se apegar mais a essa confiança e menos ao medo. Olhando a cidade do alto, perguntou-se o que seria cada uma daquelas luzes. Quem vivia por lá? Em que estavam pensando? Também estariam rezando pela paz? Por uma orientação? Por proteção?

E qual deus estariam ouvindo?

Ele sentou-se na beirada do telhado, balançando os pés sobre o vazio mais abaixo, que ecoava aquele que se abria dentro de Radu. Ele sentiu-se perto de cair, ou de levantar voo. Não sabia qual das duas coisas aconteceria, mas sem dúvida o tempo diria.

*Início de abril*

MEHMED ESTAVA DEITADO em um estado de relaxamento tamanho que parecia outra pessoa. Lada se perguntou... Não, ela não questionaria nada. Não pensaria em nada. Se ele podia se manter naquele espaço em que não precisasse de mais nada no mundo, então ela também poderia.

Isso durou mais ou menos dois minutos. Ela se debateu e o empurrou.

– Você sempre fica suado assim?

Ele deu risada, puxando-a para perto e afundando o rosto em seu pescoço. Sua mão encontrou outro lugar para pousar.

– Quer que eu faça você suar mais?

Ela deu um berro, em parte de deleite, em parte pelo choque provocado por aqueles dedos abusados, e o empurrou. Antes que pudesse se dar conta do erro que cometera ao fazer tanto barulho, a parte da frente da barraca foi aberta, e dois janízaros entraram correndo. Mehmed ajeitou-se para esconder Lada com seu corpo.

– Fora – Mehmed disse, com um tom frio e impositivo, bem diferente daquele que estava usando poucos momentos antes.

– Nós ouvimos...

– Fora.

Os janízaros baixaram a cabeça. Um deles interrompeu a retirada.

– Majestade, ouvimos relatos de um enfrentamento, com Hunyadi, na fronteira entre a Sérvia e a Hungria.

– Os relatórios podem esperar até amanhã! Não entrem aqui por motivo algum.

Os janízaros quase caíram de tanto que se curvaram, e saíram apressados.

Lada apoiou-se sobre o cotovelo e puxou o cobertor para cobrir o peito descoberto.

– Você mandou tropas para lá mesmo, então?

Mehmed tentou puxá-la de volta para a cama.

– Você está me deixando com frio.

Ela afastou-se um pouco mais.

– Por que você mandou homens para a fronteira da Hungria?

Mehmed respondeu com um tom casual tão ensaiado que os pelos da nuca de Lada se arrepiaram.

– Como um lembrete a Hunyadi de que a presença dele na Hungria ainda é necessária.

– Mas eu convenci Hunyadi a manter distância de Constantinopla. Eu já tinha falado isso. Não confia em mim?

– Claro que confio! Mas não posso correr risco nenhum. Foi uma precaução extra, só isso.

Fazia sentido, Lada admitiu. Mas o fato de ele sentir que precisava refazer uma tarefa já feita por ela a incomodava. E, além disso, havia a preocupação com a segurança de Hunyadi. Ele era uma das poucas pessoas no mundo que Lada considerava da família.

Família. Lada ainda nem tinha pensado em perguntar sobre Radu.

– Onde está Radu? Ele veio? – Ele não havia ido com os embaixadores, mas, onde Mehmed estivesse, Radu estaria também.

Mehmed desistiu de tentar fazê-la deitar-se de novo. Ele jogou-se de costas e pôs o braço sobre o rosto como se estivesse cansado.

– Não, Radu não veio.

– Ele não veio – ela repetiu, com o desânimo e a perplexidade audíveis no tom de voz. Lada precisava do irmão. Ele sabia lidar com gente como os boiardos. Hunyadi estava certo, ela não tinha as armas certas para esse tipo de combate. Radu sim. Como ele ousava rejeitá-la de novo? – Ele disse por quê?

Mehmed fez que não com a cabeça.

– Onde ele está? – O que poderia ser importante o suficiente para mantê-lo longe de Lada e de Mehmed?

Mehmed encolheu os ombros. Ele estava se esquivando da resposta. Ela agarrou o braço que cobria o rosto dele e o afastou, para que ele não pudesse esconder a expressão da face.

– Onde está meu irmão, Mehmed?

Ele olhou para o teto da barraca.

– Em Constantinopla.

– O cerco já começou? – O cerco já estava em andamento, e Mehmed ali. Com ela. Ela sentiu um calor de satisfação por finalmente ter sido considerada mais importante que aquela cidade idiota.

– Não.

Sua satisfação desfez-se, deixando-a gelada.

– Então o que ele está fazendo em Constantinopla? Virou seu embaixador? Você sabe o quanto isso é perigoso!

– Eu precisava de alguém lá dentro.

Lada sentou-se, deixando cair o cobertor. Ele não respondera à pergunta sobre Radu ser um embaixador. Esquivou-se com algo que parecia uma resposta, mas obviamente não era. Ele não estava lá como embaixador, portanto.

– Você o mandou para lá como espião!

– Eu precisava de alguém em que pudesse confiar sem sombra de dúvida.

– Não me interessa o que você precisava! Era para ele estar aqui, comigo! Ou pelo menos ao seu lado durante o cerco, onde com certeza estaria seguro.

Mehmed sentou-se também, com os olhos faiscando perigosa-mente.

– O que você quer dizer?

– Que o lugar onde você estiver durante o cerco vai ser o mais seguro do mundo. É lá que eu quero meu irmão também! Como pôde fazê-lo correr tanto perigo?

– Era a melhor opção.

– Para ele ou para você?

– Para o império.

– Ah, para o império! Bom, então tudo bem. – Lada afastou as cobertas e

levantou-se da cama. Ela começou a vestir as roupas jogadas no chão.

– Radu vai ficar bem. Ele é muito mais esperto e forte do que você é capaz de admitir – disse Mehmed.

Lada cravou o dedo no peito dele.

– Não venha me dizer que conhece meu irmão melhor que eu.

Mehmed deu risada.

– Mas eu conheço.

As palavras das quais ela sabia que iria se arrepender ficaram presas na ponta de sua língua. Caso Mehmed não soubesse o que Radu sentia por ele, não seria ela quem iria dizer.

– Você exige demais dele.

– Só peço o que sei que ele está disposto a fazer. Nada mais.

– Então eu o conheço melhor que você mesmo, seu tonto. Radu faria qualquer coisa por você.

Mehmed desviou o olhar, e seu rosto ficou todo vermelho.

– Você sabe... – Lada estreitou os olhos, e cerrou os punhos com tanta força que até doeram. – Sabe que ele é apaixonado por você.

Mehmed inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse tentando se desvencilhar de um peso sobre o ombro.

– Seu irmão é muito importante para mim.

– Mas nunca vai ser tão importante quanto você é para ele. Precisa libertá-lo, Mehmed. Precisa libertá-lo dessa falsa esperança que ele carrega.

Ele sacudiu negativamente a cabeça.

– Não posso. Eu gosto de Radu. E preciso dele.

– Mas nunca vai amá-lo do jeito que ele ama você.

Mehmed ficou de pé, segurando o punho fechado de Lada.

– Como poderia? Eu amo você.

Lada fechou os olhos ao ouvir aquelas palavras. Radu era como um fantasma no recinto, arrastado pelo murmúrio da brisa contra seu pescoço. Ela conseguira o que queria, e não sabia o que fazer com aquilo.

– Mande buscá-lo. Ele pode morrer.

Mehmed soltou suas mãos.

– Não tenho ninguém melhor para essa tarefa. Existe um risco, é verdade. Mas é um risco aceitável. Ele conhece os perigos e concordou em ir. Tem o mesmo interesse que eu em Constantinopla.

Lada soltou uma risada seca.

– Ninguém tem tanto interesse quanto você naquela maldita cidade.

– Você tem o mesmo interesse pela Valáquia.

– Porque a Valáquia é minha! Que direito você tem sobre Constantinopla para justificar o risco de vida que Radu está correndo?

Mehmed sacudiu negativamente a cabeça. Ele sentou-se na beirada da cama, com os ombros curvados, passando os dedos pelos cabelos.

– Eu prometi a Radu que ele iria voltar são e salvo. E que depois iríamos ficar todos juntos.

– Você não tem como prometer isso. E como vamos ficar todos juntos? Ele sempre vai escolher ficar do seu lado e não do meu.

– Não se o meu lado for o mesmo que o seu. – Ele sorriu para ela, com a exaustão estampada nas olheiras. – Não consigo fazer isso sozinho. Você estava certa em ir embora. Eu não reconhecia o seu valor, e a teria deixado para trás. Mas agora reconheço. – O sorriso dele tornou-se mais afetuoso. – E você também sabe disso agora. Preciso de você comigo. Quero você comigo. Vamos juntos para as muralhas. Me ajude a cumprir meu destino. E depois... governe. Comigo. Como imperatriz de Roma.

Lada deu um passo para trás, perplexa.

– Imperatriz.

Ainda sem roupa, Mehmed ficou de pé diante dela, totalmente exposto e vulnerável, com as mãos estendidas e as palmas para cima.

– Tome a cidade comigo. Assuma a coroa. E me assumo, Lada.

Uma lembrança havia muito esquecida voltou à mente dela. Huma, a assustadora mãe de Mehmed, contando a história de Teodora. A atriz, a prostituta, a mulher sem poder por quem o imperador se apaixonou e passou a governar ao lado dele. Salvando o imperador e a cidade, mudando tudo com

sua visão de como tudo deveria ser, com base apenas em sua força de vontade.

E no poder do homem que a amava.

Lada poderia ser essa mulher?

Mas Mehmed não disse imperadora. Disse imperatriz. Esposa do imperador. Ela só teria algum poder e uma posição por causa de um homem. E não era uma prostituta barata, nem uma atriz. Já tinha um trono para reivindicar para si.

– Mas e a Valáquia?

– Esqueça a Valáquia! Por que ser voivoda de um país sem importância se pode ser imperatriz do império mais poderoso do mundo?

Ela se afastou dele.

– Porque, se eu não governar a Valáquia, ninguém vai.

Mehmed fez um gesto com a mão.

– Vamos dar um jeito para que a Valáquia esteja sempre em boas mãos.

Lada sacudiu a cabeça devagar. A proposta era tentadora. Mas ela estava perto demais da Valáquia. Conseguia sentir sua proximidade, assim como acontecera com Mehmed. Ela não poderia virar as costas para seu país naquele momento.

– Onde estão as tropas? Eu posso... nós podemos acertar isso depois. Quando eu tiver garantido a Valáquia, e você, Constantinopla, aí... aí, sei lá. Pode até existir um caminho para nós. Depois que fizermos o que é preciso fazer.

O sofrimento transformou o rosto de Mehmed no de alguém mais jovem, menos calejado.

– Foi só por isso que você veio?

– Claro que foi! – Lada esbravejou.

A vulnerabilidade foi substituída pela frieza, com feições duras e uma postura imperiosa. Ele pegou o camisolão de dormir e vestiu sobre a cabeça.

– Não tem tropa nenhuma.

– Como assim?

– Preciso de todos os homens que puder usar. Não posso abrir mão de ninguém para desestabilizar um país que eu já controlo. Tenho um tratado com o príncipe Danesti.

Lada deu um passo atrás.

– Mas para acossar Hunyadi você tinha homens. E não precisava ter feito isso. Poderia ter confiado em mim e me passado essas tropas. Em algum momento pensou nisso? Pretendia mesmo me ajudar?

– Eu estou ajudando você! Seu destino está em coisas maiores! Comigo. – Ele deu um passo para a frente, e ela ergueu as mãos.

– Você não escreveu para mim. Nem uma mísera vez, não até eu contar para Radu que havia conquistado a confiança de Hunyadi. Você enxergou uma oportunidade para me usar. Eu traí Hunyadi por sua causa. – Em toda sua vida, Lada nunca tinha se sentido tão diminuída e infeliz. Ela havia abusado da generosidade de Hunyadi em troca de nada. Todas as suas justificativas e racionalizações de nada valiam. Ela não estava nem um pouco mais próxima da Valáquia, apesar de tudo o que sacrificara. – Você me enganou.

– Eu lhe fiz um favor! Mesmo se eu mandasse as tropas e você tomasse o trono, jamais iria conseguir mantê-lo. O povo jamais aceitaria uma mulher como príncipe. Abandone essa ilusão, Lada. Isso vai destruir você. Venha comigo. Lute ao meu lado. É a única pessoa a quem eu confio a minha vida. – Ele apontou para o rasgo na barraca. – Eu posso morrer sem você.

Lada ergueu uma sobrancelha.

– Acho que é um risco aceitável.

Mehmed levantou os braços e começou a andar de um lado para o outro.

– O que eu estou oferecendo significa muito mais. Estou oferecendo o mundo. Estou me oferecendo para você. – Ele apontou para a cama, irritado. – Você aceitou de bom grado poucos minutos atrás.

– A situação era diferente! Você me prometeu soldados.

– Foi só uma transação comercial para você? – ele retrucou, com o desgosto impregnando cada palavra.

Lada deu um murro no estômago dele. Mehmed dobrou-se, e ela disse bem no ouvido dele:

– Nunca mais fale assim comigo.

Mas aquelas palavras a haviam afetado. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Ela não havia vendido seu corpo, e ficou com ódio dele por pensar que pudesse tê-lo usado para manipulá-lo assim. Mas ela havia corrompido, sim, sua determinação de conquistar o trono sozinha, assim como seu relacionamento com Hunyadi. E tudo por uma falsa promessa de algumas centenas de homens.

Mehmed segurou sua mão e a levou ao rosto.

– Seja o que for que você decida acreditar, saiba que fiz isso por amor. Eu amo você. Sempre amei. E mesmo assim você escolhe a Valáquia?

Lada puxou a mão de volta e pegou a faca no chão.

– Você traiu meu irmão fingindo não conhecer seus sentimentos. E me traiu. Mas eu nunca vou trair a Valáquia. – Ela ergueu a faca e apontou para ele. – Se puser os pés na Valáquia de novo... no meu chão... eu mato você.

Ignorando Mehmed, que chamava seu nome aos gritos, ela saiu da barraca pela mesma abertura pela qual entrara. Dessa vez, o corte pareceu bem mais profundo.

*Início de abril*

EM MEIO À névoa pesada da manhã, Radu transpirava. Ele apoiou-se nos degraus de pedra, para respirar um pouco, depois continuou subindo. O formato estranho do pedaço de lápide que segurava fazia seus dedos doerem. Quando enfim chegou ao alto da muralha, foi caminhando com passos inseguros até o monte de pedras para acrescentar a sua.

– Que curioso, usar as pedras das lápides dos mortos para consertar as muralhas.

Radu olhou para o rosto desgastado, porém animado, de Giovanni Giustiniani, o italiano presente em seu primeiro e até então único encontro com Constantino. Giustiniani era um homem alto, de ombros largos, que exalava força em cada movimento. Uma ruga profunda na testa fazia parecer que estava sempre com a cara fechada, mas as demais rugas transmitiam a impressão de alguém sorridente e bonachão.

Radu limpou a testa com a manga e endireitou a postura. Era apenas alguns centímetros mais alto que o outro.

– Bom, pelo menos esses cidadãos puderam contribuir com a defesa da cidade.

Giustiniani deu risada, um som que soava como um canhão. Ele bateu no ombro de Radu.

– Eu me lembro de você. Foi você que nos trouxe notícias sobre os preparativos dos infiéis.

Radu confirmou com a cabeça. Era sempre curioso ouvir os otomanos serem chamados de infiéis, pois era assim que eles se referiam aos cristãos.

– Eu queria ter vindo com notícias melhores.

– Toda informação ajuda, seja boa ou ruim. – Giustiniani virou-se para um

grupo de homens que gritava uns com os outros. – Os mortos, que contribuem com as pedras das lápides, estão fazendo mais que os vivos, que não param de brigar uns com os outros. – Ele se afastou na direção do desentendimento.

Radu inclinou-se sobre a beirada da muralha e observou a planície mais abaixo. Tudo o que pudesse ser usado para esconder a presença das forças otomanas fora removido. Diante deles, um fosso, uma vala larga e profunda destinada a deter a velocidade da ofensiva e facilitar a tarefa de refutá-los. As defesas de Constantinopla, constituídas de uma fossa, a muralha externa, onde estava Radu, e uma muralha interna, repeliram todos os invasores por mais de mil anos.

Mas nenhum deles era Mehmed.

– Radu! – Aquela voz detonou dentro dele uma onda de felicidade antes mesmo de Radu se dar conta de quem o estava chamando.

Quando se virou, viu Cipriano aproximar-se junto com o imperador. Radu fez uma mesura profunda, tentando parecer surpreso, mas havia escutado Cipriano dizer que faria uma caminhada pelas muralhas com Constantino naquele dia e se posicionado em um dos pontos mais críticos, ciente de que os dois passariam por lá mais cedo ou mais tarde. Cipriano andava tão ocupado que ele e Radu mal se viam, apesar de morarem na mesma casa.

Mas armar uma estratégia para esbarrar com Cipriano era uma decisão tática. Não era por causa da solidão por não poder conversar com ninguém fora do quarto que compartilhava com Nazira. Ela também passava muito tempo fora, fazendo visitas e socializando, o que deixava Radu com tempo demais para pensar.

– Você viu Giustiniani? – Cipriano perguntou.

– Acabou de sair daqui. Estourou uma briga, e ele foi ver o que era.

Constantino debruçou-se sobre a muralha, coçando a barba.

– Se os italianos não nos mandarem nada além de Giustiniani, já vão ter nos ajudado mais que qualquer um. Não dá para impedir que os genoveses briguem com os venezianos, que brigam com os gregos, que desconfiam dos genoveses, que odeiam os ortodoxos, que detestam os católicos. Só os turcos, sob as ordens de Orhan, parecem se dar bem com todos. – Ele abriu um sorriso ácido para Radu.

– Orhan ainda está aqui? – Radu ficou surpreso que o outro não tivesse

fugido da cidade antes do cerco.

– Ele não tem para onde ir. E fico contente por sua ajuda, e de seus homens. Ele não é nenhum Giustiniani, mas por outro lado ninguém é. A não ser, talvez, Hunyadi.

Radu estava ansioso para poder dar sua colaboração à conversa:

– Nunca tinha ouvido falar de Giustiniani, mas, se for como Hunyadi, os otomanos vão ter motivos de sobra para temê-lo e detestá-lo.

– Eles têm tanto medo assim de Hunyadi?

– Ele é como um espectro que os assombra. Mesmo as vitórias contra ele não são celebradas, porque têm um custo muito alto. Só de ouvir falar o nome dele Mehmed fica perturbado.

Constantino balançou a cabeça, pensativo.

– Ele já deveria estar aqui a esta altura. Acho que nós o perdemos.

– Mas vocês não têm mais venezianos? – Radu torceu para que sua pergunta fosse interpretada como uma maneira de demonstrar que estava otimista, e não que estava escarafunchando em busca de informações.

– Só alguns. Espero que outros estejam a caminho. Gálata, nossa vizinha, não vai mandar nenhum homem. Eles morrem de medo de se envolver no conflito. São aliados de todos, e portanto de ninguém. O máximo que conseguimos fazer foi convencê-los a prender a corrente do outro lado do chifre.

A corrente gigantesca que barrava o acesso ao Chifre de Ouro tinha sido esticada de Constantinopla até Gálata. Exposta por via naval às águas que levavam ao chifre, Gálata não contava com as defesas naturais de Constantinopla. Caso fosse atacada por Mehmed, a cidade cairia. Mas ele não queria desperdiçar recursos com Gálata. Se conquistasse Constantinopla, Gálata seria sua naturalmente.

Durante o dia, as pessoas circulavam livremente entre as duas cidades, mas à noite ambas fechavam seus portões. Radu desejava que todos em Constantinopla atravessassem a baía rumo à Gálata e ficassem por lá. Ele não entendia por que havia gente em Constantinopla. Quando Mehmed chegasse, Radu torcia para que todos vissem que era inútil resistir.

– Ali. – Constantino apontou. Cipriano fazia anotações detalhadas. Radu chegou mais perto, observando para onde o dedo de Constantino se dirigia. –

Precisamos do máximo de homens possível na parte do rio Lico.

Embora Constantinopla tivesse sido erguida sobre um morro, havia uma parte da muralha que não ficava em terreno elevado. O rio Lico a atravessava, o que tornava impossível a escavação de uma fossa, deixando o local perigosamente acessível. Radu sabia de tudo isso porque examinara os mapas de Mehmed, mas ver pessoalmente era bem mais empolgante, ainda mais daquele lado da muralha, onde só esperava poder estar depois que o cerco fosse bem-sucedido.

Constantino discriminou em detalhes quais homens e comandantes deveriam ser postados por lá. Radu guardou tudo na memória, junto com as demais informações que conseguira. A todo lugar que ia, Constantino mantinha-se ereto e confiante, elogiando os homens pelo trabalho em andamento e dando sugestões para futuras melhorias. Podia ser desprezado na cidade, mas entre os soldados parecia respeitadíssimo, e retribuía esse respeito.

– Aqui – falou, detendo o passo outra vez.

Eles tinham chegado a uma parte remendada. Se o restante da muralha exibia uma superfície de cascalho com uma faixa vermelha de tijolos, aquele local era uma confusão de padrões. E, ao contrário do restante, ali só havia uma muralha, em vez de duas, e fazia um ângulo reto, com o palácio onde Constantino vivia mais atrás.

– Por que esta parte é tão diferente? – Radu perguntou, apesar de saber a resposta.

– Nós não podíamos deixar um santuário para fora das muralhas. – O tom de voz de Constantino revelava certa irritação, mas o sorriso confiante jamais abandonava seu rosto. – Estamos mais bem protegidos por uma muralha e um santuário sagrado do que por duas muralhas. Ou, no mínimo, foi isso o que pensaram centenas de anos atrás, quando expandiram a muralha para incluir o santuário.

Constantino notou vários pontos frágeis e em mau estado enquanto falava com o capataz que comandava os trabalhos. Por fim, os três desceram as escadas e voltaram à cidade por um portão muitíssimo bem guardado, usado apenas para a passagem dos soldados durante os ataques.

– Me diga, Radu, o que achou das minhas muralhas? – Constantino perguntou.

– Acho que fazem jus à imensa reputação que têm. Aguentaram tanto tempo assim por um motivo.

Constantino assentiu, pensativo.

– Elas ainda são capazes de nos proteger.

Elas duraram mil anos em que o modelo dos cercos permaneceu sempre o mesmo. Mas Mehmed não estava preso ao passado. Ele era o futuro. Trazia coisas que ninguém jamais imaginara, e que aquelas muralhas ainda não tinham enfrentado.

Constantino voltou a falar, e seus pensamentos pelo jeito eram parecidos com os de Radu.

– Ouvi dizer que o sultão está consertando estradas e pontes nas minhas terras. É muita gentileza dele fazer esse serviço de manutenção enquanto estou ocupado. Você acha que ele cederia alguns homens para ajudar na reforma das muralhas, já que está tão preocupado com isso?

Radu soltou uma risadinha fraca.

– Infelizmente não estou mais em posição de fazer tal pedido.

A expressão de Constantino tornou-se tão séria que Radu ficou com medo de ter deixado escapar alguma coisa. A mão do imperador baixou sobre seu ombro, mas não para agredi-lo, e, sim, para consolá-lo.

– Eu sei por que você fugiu. Todo mundo já ouviu falar da depravação dele, dos haréns para homens e para mulheres. Está a salvo aqui, Radu. Nunca mais vai precisar voltar para aquela vida.

Radu passou um bom tempo analisando as palavras e o tom de voz de Constantino. Ele olhou para Cipriano, que observava o palácio com uma expressão de determinação. Então tudo fez sentido. A ironia dos guardas por que passaram em Rumeli Hisari. A disposição de todos para aceitar o fato de que Radu trairia Mehmed com tanta facilidade. Os olhares cheios de escárnio ou pena.

– Eu... sim, obrigado. Eu preciso... Com licença. – Radu virou-se e saiu pisando duro. Quando ficou fora das vistas, desabou ao pé da muralha, levando a mão à boca, horrorizado.

Era esse o boato, então? Que Mehmed tinha um harém masculino? E que Radu era a joia do estabelecimento? Radu, o Belo. Alguém o havia chamado assim não fazia muito tempo, antes ainda do soldado. Halil Vizir, lá em

Edirne. Ele seria a fonte? Seria mais uma de suas táticas para difamar Mehmed, para fazê-lo parecer maligno?

Radu não sabia o que era mais desesperador – o fato de todos menos ele conhecerem o boato, ou a mera insinuação de que Mehmed deitar-se com homens e mulheres o tornasse maligno. Seus sentimentos por Mehmed nunca lhe pareceram malignos ou perversos. Eram a coisa mais sincera de sua vida, quase sagrada. Ouvir seu amor ser profanado com tanta facilidade era de embrulhar o estômago.

Então outro pensamento, ainda mais terrível, ocorreu-lhe. Mehmed devia conhecer todos esses boatos. Com toda certeza. O distanciamento de Radu com o sultão não era destinado a enganar apenas os inimigos? Além disso, Mehmed aproveitou a primeira chance possível para despachar Radu, sem nenhum preparativo. Mehmed não hesitou em aproveitar a oportunidade, mesmo nem nenhuma informação ou garantia a respeito. Radu pensava que era porque Mehmed confiava nele. Agora se questionava.

E se Mehmed soubesse dos boatos e também dos verdadeiros sentimentos de Radu, e tivesse mandado Radu para lá para dar um jeito de se livrar das duas coisas?

Radu desabou na cama ao lado de Nazira. Fora um longo dia ajudando nos reparos da muralha. A ironia de ser mandado para lá para minar as defesas da cidade enquanto fisicamente ajudava a fortalecê-las não passou despercebida pelos músculos cansados de Radu.

Soltando um suspiro pesado, pôs o braço sobre o rosto.

– Você primeiro.

Nazira o fez se virar de bruços e começou a massagear suas costas. Radu afundou no colchão de superfície irregular, sem se preocupar com os talos de penas que o espetavam. O simples contato humano com alguém que gostava dele era mais revigorante do que qualquer técnica que Nazira pudesse usar com suas mãos pequenas. Ele deu-se conta de que quase não fora tocado nos últimos anos. Lada nunca demonstrou seu afeto fisicamente, a não ser com violência. Lazar muitas vezes o tocava por acidente, mas Radu fazia de tudo para não pensar em seu amigo morto. Ele lembrava-se de cada instante de contato físico com Mehmed, mas em todas as ocasiões foram curtos e formais demais, nunca suficientes.

E então aconteceu aquele beijo horroroso com Salih, o filho de Halil, um beijo que encheu Radu de desprezo por si mesmo por gostar de sentir-se desejado, mesmo quando o sentimento não era recíproco.

Portanto, a intimidade com Nazira tinha seus benefícios. Obvia-mente, o lado negativo de ser casado era ter que compartilhar o mesmo quarto, e a mesma cama. Às vezes, Radu despertava de seus sonhos – sonhos dolorosos e desesperadores em que sua mente de alguma forma conhecia sensações que seu corpo ainda não experimentara – em um estado que realmente não gostaria que Nazira testemunhasse. Muitas vezes, apesar da exaustão, não conseguia dormir, por medo do que poderia vir a sonhar deitado ao lado dela.

Nazira encontrou um ponto sensível, e Radu fez uma careta.

– Vamos ver o que eu ouvi hoje – começou ela. – Que Mehmed é o anticristo.

– Pois é, eu ouvi essa também.

– E sobre a criança que sonhou que o anjo da guarda que protege as muralhas da cidade tinha abandonado seu posto?

– Não, essa para mim é nova. Ouvi falar de um pescador que pegou ostras que vertiam sangue.

– Ainda bem que nunca gostei de ostras. E de peixe! Tem tanto peixe nesta cidade. Se eu nunca mais comer peixe na vida, vou ficar feliz. O que mais? Humm. Ah! Helena, uma das minhas novas amigas, está bem amargurada. Ao que parece, o primeiro imperador da cidade foi Constantino, filho de Helena. E agora este imperador também é Constantino, filho de Helena, o que significa que o ciclo da história está se fechando, e que a cidade está condenada. Isso também significa que o nome Helena anda em baixa, e ela está levando para o lado pessoal.

– Por que ficou amiga dela?

– Ela está ciceroneando um dos capitães dos navios venezianos, um homem chamado Coco. E fala dele o tempo todo.

– Muito bem – disse Radu, franzindo o rosto quando Nazira apertou outra parte mais dolorida de seus ombros. – Nas muralhas estão dizendo que, com a relíquia da verdadeira cruz dentro da cidade, o anticristo não pode tomá-la. Por outro lado, não estão gostando do padrão com que os pássaros estão voando pelo céu. Porém, Maria em pessoa está protegendo a cidade. Só que

infelizmente o tio de alguém enfim decifrou as mensagens secretas entalhadas em um pilar de mil anos de idade avisando que este é o último ano de vida na Terra. Mas a lua vai entrar na fase minguante em breve, e a cidade não pode ser invadida em época de lua minguante, e por aí vai. Constantinopla está ao mesmo tempo condenada e invencível.

– Esse pessoal é louco – Nazira disse com tristeza.

– Pelo menos nos poupa do trabalho de fomentar o caos dentro das muralhas. Isso eles fazem bem sozinhos.

– E como anda sua aproximação de Constantino?

Radu encolheu os ombros e voltou a se deitar de costas. Nazira virou-se de lado, apoiada sobre o cotovelo. Ele não contara a verdadeira razão por que Constantino aceitara sua lealdade sem questionamento; era uma coisa humilhante demais para dizer em voz alta.

– Eu só o vejo de passagem. Ele vive circulando pela cidade, para servir como inspiração para o povo.

– Eu já o vi algumas vezes. Helena o odeia. Ele me pareceu simpático. E quanto aos outros homens importantes?

– No momento estão tentando se organizar, e à espera de mais ajuda externa antes de decidir assumir um compromisso com a defesa da cidade. Eu quase não os vejo. Não sabia que a espera poderia ser uma tarefa tão exaustiva.

– E Cipriano?

Radu mexeu-se na cama, desconfortável.

– Ele é bem próximo de Constantino. Faz anotações para ele. Com certeza sabe tudo sobre como a cidade está organizada. Mas...

– Mas o quê?

Radu fechou os olhos e esfregou o rosto. Havia um problema maior envolvendo Cipriano, uma questão nebulosa, cujos contornos Radu ainda não tinha conseguido distinguir. E aliás nem sabia se queria.

– Nós estamos morando com Cipriano. Fazendo as refeições com ele, dormindo no quarto ao lado do dele. – E os dois gostavam de Cipriano. Nazira nunca tinha dito nada, mas Radu percebia pelos sorrisos que ela dava, e pela maneira como ria das histórias dele durante as refeições. Radu não era o único ali a ter sentimentos contraditórios em relação ao inimigo. Mas

resolveu racionalizá-los mesmo assim. – Pode ser perigoso usar informações obtidas com ele. Vai parecer suspeito demais.

– Verdade. – Nazira levantou o cobertor até o queixo e aninhou-se ao lado de Radu. – Vamos em frente, então.

Radu deu um tapinha no braço dela, e esperou que sua respiração se estabilizasse e se tornasse mais profunda. Depois, rolou para a beirada da cama e sentou-se com a cabeça entre as mãos.

A única coisa que Radu tinha conseguido indo até lá tinha sido se afastar de Mehmed e dos boatos que espalhavam sobre os dois. Radu sabia que, se era disso que Mehmed precisava, então deveria estar contente por ter lhe proporcionado. Deveria estar disposto a sacrificar a si mesmo para proteger a visão de Mehmed, preservar sua reputação. Mas não poderia – e nem queria – sacrificar Nazira.

Ele se manteria firme. Faria valer a pena o tempo que passariam por lá. E a tiraria de lá sã e salva, a qualquer custo.

*Início de abril*

OANA – A ÚNICA que sabia do encontro de Lada com Mehmed – não disse nada quando ela ordenou que seus homens levantassem acampamento na manhã seguinte. Lada se sentiu grata. Ela não conseguiria lidar com questionamentos sobre os soldados que deveria trazer de volta.

Bogdan ficou mais perto do que nunca. Não perguntou aonde ela tinha ido. Pelo menos a aceitação incondicional de suas decisões continuava a mesma. Mas, mesmo se ele perguntasse, ela jamais diria.

Para ninguém.

A mente de Lada girava furiosamente em círculos. Havia sido traída por Mehmed, em quem sempre confiara. E ele ainda pensou que ela escolheria Constantinopla depois disso? Mehmed não a conhecia mesmo.

Mas, na noite seguinte, deitada no chão congelado, sua mente a traiu. Imagens suas como imperatriz ao lado de Mehmed a perseguiram quando fechava os olhos. Essa era a pior parte, saber que, em algum nível, ela queria todo esse poder, mesmo a um custo tão alto.

Ela acordou ofegante e dolorida. Não. Piores eram os sonhos com Mehmed ao seu lado em um contexto bem diferente.

Lada fez seus homens partirem antes do amanhecer. O sono não estava sendo seu aliado. Ela os conduziu para Hunedoara, garantindo a si mesma que pelo menos ajudara Hunyadi de alguma forma. Constantinopla iria cair – disso não havia dúvidas, por mais que ela tivesse passado a duvidar de Mehmed e a repugná-lo –, e Hunyadi teria morrido por lá. Sua traição preservou a vida dele. Pelo menos era possível consolar-se com isso.

– Eu odeio a Hungria – Petru grunhiu, cavalgando junto a Lada, Nicolae e Bogdan. – E aquele lorde, ou nobre, ou príncipe Matyas? Quando ele chega perto de mim, põe o lenço no nariz. – Petru baixou a cabeça e cheirou debaixo

dos braços. – Não estou sentindo cheiro nenhum.

Nicolae aproximou-se, e em seguida fingiu um desmaio.

– É porque o seu olfato deve ter cometido suicídio por desespero.

– Matyas não é um príncipe – Lada falou. – É o filho de Hunyadi.

Petru franziu o rosto, surpreso.

– Como foi que Hunyadi gerou aquele político fracote?

Quem respondeu com um tom de voz brincalhão foi Nicolae:

– Assim como a semente traiçoeira de Vlad Dracul gerou a nossa valente Lada!

Lada olhava só para a frente, atordoada. Nesse momento, ela se deu conta de que era exatamente como o pai. Hunyadi a alertara para não menosprezar o homem que a havia tornado quem era. Pelo jeito, seu pai tinha feito um belo trabalho. Lada também usou alguém que confiava nela e o ofereceu em troca da ajuda dos otomanos, e não se beneficiou em nada com isso. E tinha sido estúpida o bastante para entrar em uma relação pessoal com Mehmed.

Ela era uma tonta.

– Lada? – Bogdan chamou, com a voz grave carregada de preocupação.

Ela atçou o cavalo para ir mais depressa, colocando-se à frente deles para que não vissem as primeiras lágrimas que derramava desde os tempos de criança.

Mas Oana a alcançou. Lada limpou furiosamente o rosto.

– O que você quer?

– Aonde você vai?

– Vou voltar para Hunyadi. Ele é meu único aliado.

Oana soltou um resmungo.

– Ele não é seu único aliado. Tem outros familiares além de seu pai.

– Mircea também já morreu. E nenhum dos boiardos tem uma relação tão próxima com os Dracul quanto a que têm com os Danesti ou os Basarab.

– Não por esse lado. Pelo lado da sua mãe. Pelo que sei, ela ainda vive na Moldávia. E faz parte da realeza de lá.

Lada virou a cabeça para o lado e cuspiu.

– Ela não significa nada para mim.

– Que seja, mas ela pode não pensar assim. O sangue chama o sangue. Você ainda pode abrir caminho para o trono com o apoio da família dela. No mínimo, pode ser um lugar para descansar e reagrupar. Está precisando de um descanso.

Com um grunhido, Lada esfregou a cabeça.

– Eu não quero vê-la.

Havia uma razão por que apelar para os parentes moldávios nunca passara por sua cabeça. Sua mãe havia deixado de existir para ela muitos anos antes. A ideia de colocar aquela mulher de volta em sua vida, mesmo que com isso conseguisse o trono...

Oana chegou mais perto.

– Não vai lhe custar mais do que aquilo que aconteceu com o sultão, o que quer que tenha sido.

– Pelas chagas divinas, mulher, tudo bem. – Lada ignorou o sorriso satisfeito de Oana e virou o cavalo. – Novo plano – disse quando se juntou de novo a seus homens.

– Novo plano? – Petru perguntou.

– Para onde vamos agora? – Nicolae quis saber.

– Moldávia.

– Moldávia? – Petru repetiu.

– Tem algum eco aqui? – Lada retrucou, olhando feio para Petru.

Embora tenha baixado a cabeça e ficado vermelho, um tom de entusiasmo surgiu em sua voz.

– Vamos queimar cidades moldávias? Como fizemos na Transilvânia?

Lada não tinha se esquecido de Matei e do desperdício que fora a morte dele, fosse ou não um traidor. Ela não perderia homens por vinganças mesquinhas outra vez. Apenas por retaliações que valiam a pena. Sacudiu a cabeça.

– Então o quê? – Nicolae incentivou.

– Vamos apelar para o meu sangue. Nós vamos visitar a minha... – Ela fez uma pausa, sentindo a palavra que iria dizer ficar entalada na garganta, ameaçando sufocá-la. – A minha mãe.

– Ela é tão linda – Petru murmurou, olhando por entre os galhos da moita em que estavam escondidos. – Você não tem nada a ver com ela.

Nicolae fez uma careta.

– E é por isso, Petru, que a sua linhagem familiar vai morrer com você.

Lada não queria – nem podia – responder, já que sua mãe nesse momento cavalgava elegantemente diante deles pelo caminho de terra de sua propriedade rural.

A única lembrança clara que Lada tinha da mulher era dos cabelos compridos caídos sobre o rosto, os ombros pontudos e as costas curvadas. Arrastando-se. Chorando. Ela esperava ver ali a mesma criatura destroçada. Não imaginava que sua mãe pudesse parar de pé, muito menos cavalgar.

Aquela mulher era miúda e tinha ossos finos como os de um pássaro. Seus cabelos, presos em um penteado elaborado sob o chapéu, reluzia em um tom de preto com um toque grisalho. As costas mantinham-se eretas, e o queixo erguido sob o véu de renda cobria o rosto.

Lada estava apreensiva quanto à ideia de tentar se aproveitar de sua ligação sanguínea como a mãe para obter a ajuda do avô, rei da Moldávia. Porém era mais fácil quando imaginava sua mãe por baixo. Como um capacho para pisar em cima.

Ali sua mãe não estava assim. Estava em uma posição mais elevada que a de Lada.

– Melhor irmos embora – disse ela. – Não foi uma boa ideia.

– Precisamos pelo menos falar com ela – Nicolae disse.

– Não sei nem se essa é ela. Não vejo minha mãe desde os três anos de idade. Nós podemos ter seguido uma pista errada. Ela pode estar morta.

Bogdan empurrou Petru de lado para ver melhor.

– É ela mesmo.

– Como sabe?

Ele encolheu os ombros.

– Eu era mais velho que você quando ela foi embora.

– Só um ano!

Ele piscou algumas vezes, e encarou Lada com uma expressão incomodada.

– Eu me lembro de tudo da nossa infância. – Bogdan disse a palavra nossa com uma ternura incomum. Lada ficou um tanto sem jeito, talvez ainda mais do que já estava.

Lada cruzou os braços sobre o peito.

– Bom, o que podemos fazer? Vamos saltar do meio do mato e gritar “Olá, mamãe!”?

Nicolae sacudiu a cabeça.

– Claro que não. Ela não é a nossa mãe. É só a sua.

– Na verdade, nem isso. Ela não vai nem me reconhecer. – Lada teria que provar sua identidade para a mulher que a abandonara na infância. E não tinha como.

– Nós podemos levar a minha mãe – disse Bogdan. – Ela foi a dama de companhia da sua por muitos anos.

Eles haviam deixado Oana no acampamento junto com o restante dos homens, escondido na passagem montanhosa por onde entraram na Moldávia. Durante toda a viagem, Lada teve vontade de virar as costas e fugir de volta para casa. Mas não podia. Precisava de ajuda.

Ela detestava precisar dos outros.

– Tudo bem. – Lada ficou de pé e atravessou a moita. Ela apareceu bem no momento em que sua mãe passava a cavalo.

– Pelas chagas divinas! – Vassilissa gritou, usando uma das expressões preferidas do pai de Lada. – De onde foi que você... – Ela se interrompeu, levando os dedos à boca, pressionando os lábios.

– Você deveria viajar acompanhada de guardas. – Lada usou a raiva como uma armadura contra a mulher. – Poderia ser qualquer um.

Vassilissa levou a mão trêmula ao coração.

– Nós não vamos assaltar você. – Lada suspirou. – Viemos só conversar.

– Ladislav – murmurou Vassilissa. – Minha menininha.

Lada havia se preparado para a humilhação que seria se apresentar. Mas não pensou em qual seria sua reação caso a mãe a reconhecesse. Ela deu um passo atrás, atordoada, sentindo a visão estreitar-se como se estivesse em um túnel. Todos os seus músculos enrijeceram-se, à espera de um ataque.

Vassilissa curvou-se para a frente o máximo possível no cavalo. Sua voz tornou-se quase indiscernível, por causa da pulsação acelerada retumbando nos ouvidos de Lada.

– Ladislav. – Ela estendeu uma mão pequena e enluvada na direção dos cabelos de Lada. Em seguida, limpou a garganta, medindo Lada de cima a baixo e a fazendo se sentir como se estivesse nua. – Venha. Vamos dar um banho em você e arrumar umas roupas novas. – Sua mãe virou a montaria para a propriedade e acelerou o passo.

– Eu tenho homens aqui comigo! – Lada gritou, enfim recuperando a voz.

– Não – Vassilissa respondeu, sem se virar. – Só você. Nada de homens.

Sem saber o que fazer, Lada fez um gesto para Petru, Nicolae e Bogdan, que a observavam de trás da moita.

– Vocês... fiquem aqui, por enquanto. Vou voltar para buscá-los.

– Tem certeza de que não vai correr perigo? – Bogdan perguntou, estreitando os olhos na direção de onde Vassilissa tinha voltado às pressas.

Lada tinha certeza de que algum tipo de perigo iria correr. Mas não do tipo que Bogdan temia.

– Esperem aqui.

Quando chegou à sede da propriedade, a porta da frente estava fechada. Uma trepadeira seca agarrava-se a todas as superfícies, envolvendo todos os ângulos e formatos da casa. No verão, devia ficar verdejante e bonita, mas no momento, não.

O mínimo que sua mãe poderia ter feito era ter esperado. Lada soltou uma risada amarga. Não, sua mãe estava acostumada a fazer menos que o mínimo pela filha. Claro que obrigaria Lada a bater. Ela arremessou o punho fechado contra a porta, que se abriu tão rapidamente que foi como se a criada já estivesse à sua espera.

A garota fez uma medida desajeitada. Usava um vestido marrom sem forma

e uma touca preta que não servia direito.

– Seja bem-vinda. Minha senhora preparou um quarto de hóspedes para a senhorita.

Lada franziu a testa. Quem mais sua mãe poderia estar esperando?

– Eu acabei de encontrá-la ali no caminho.

A menina limpou a garganta, mantendo os olhos voltados para o chão.

– Minha senhora preparou um quarto. Por favor, venha comigo.

– Onde está minha mãe... onde está Vassilissa?

– Se vier comigo, posso mostrar o quarto e preparar seu banho. Sua senhoria recebe as visitas depois do jantar.

– Mas ela já sabe que estou aqui. E meus homens estão lá fora.

A criada enfim levantou os olhos, que apontavam para direções ligeiramente diferentes, um deles mais para a esquerda. Ela murmurou:

– Por favor, senhorita, não fale sobre homens com ela. Nós aqui fazemos o que ela manda. É melhor assim. Permita que eu leve a senhorita ao quarto, e ela vai recebê-la depois do jantar.

Irritada, Lada fez um gesto com a mão.

– Tudo bem. Me leve ao meu quarto.

A menina abriu um rápido sorriso de gratidão e conduziu Lada para o interior da casa. Quanto mais se aprofundavam lá dentro, mais seu estômago se contraía.

Havia alguma coisa muito errada ali.

*Início de abril*

O CRISTO OLHAVA com tristeza para Radu. Por mais que se movesse e alterasse o ângulo de visão, os olhos redondos de Jesus o seguiam.

– Você está bem? – Cipriano perguntou com o canto da boca, chegando mais perto.

Radu parou de se mexer sob o enorme mosaico.

– Sim. Só estou cansado.

Diante deles, atrás de uma gigantesca porta de madeira, um padre entoava liturgias atrás de liturgias. O grego de Radu era bom, mas ele não conseguia entender muita coisa dos fraseados e a das expressões antigas. Mesmo que entendesse, não se interessaria. Aquela igreja o remetia à sua infância. Radu detestou sua infância, e ficava bem desconfortável ao ser lembrado dela.

Tudo era desproporcional naquela igreja. Apesar de não ser grandiosa ou bonita como a Hagia Sophia, todas as superfícies disponíveis eram revestidas de ouro. O padre usava túnicas elaboradíssimas, com bordados intrincados que exalavam história e tradição. Um incensário preenchia o local com uma fumaça aromática que fazia os olhos de Radu lacrimejarem e sua cabeça girar.

Na plataforma elevada ao lado do padre, Constantino estava sentado no trono. Radu o invejava por poder ficar sentado. Todos os demais estavam de pé, próximos demais, imóveis e atentos. Radu ansiava pelo movimento de uma prece de verdade, pela simplicidade, pela beleza e pelo companheirismo daqueles momentos.

A liturgia seguia em frente, fria e alheia como os murais sobre vários santos e seus fins violentos na decoração das paredes. Lada pelo menos se interessaria por isso. Radu sorriu, lembrando-se do dia em que visitaram um mosteiro na ilha de Snagov, na Valáquia. Lada fora castigada por rir ao ver uma representação violenta da morte de São Bartolomeu. Uma pintura

detalhada do homem semiesfolado adornava uma das paredes. Radu não conseguia olhar para aquele mural sem estremecer de medo. Lada dissera para ele pensar em vez disso em como São Bartolomeu deveria estar com frio com metade da pele arrancada.

Ele desejou que Lada estivesse com ele naquele momento. Mas, mesmo se estivesse, estaria na galeria com Nazira e as demais mulheres. E ela estaria furiosíssima com a situação.

Radu evitou o olhar de Jesus outra vez e se pegou observando um mosaico igualmente assustador de Maria. A cabeça dela estava inclinada para o lado, com um menino Jesus solene e de olhos fixos em seu colo. Você vai proteger a cidade?, Radu perguntou silenciosamente para a santa. Ele sabia que só existia um Deus. Mas naquela cidade o misticismo assumia a forma de um fervor religioso tamanho que era impossível não temer o outro deus, o deus de sua infância, que se escondia em meio à névoa, à chuva e aos tremores de terra. Radu estava preso atrás daquelas muralhas, separado da pessoa em quem se transformara. Com a língua, praguejava contra os infiéis muçulmanos, enquanto com o coração rogava o tempo todo pelo perdão.

Com certeza, o verdadeiro Deus, o Deus de seu coração, sabia o que Radu estava fazendo ali. Mesmo que o próprio Radu não soubesse.

Quando a liturgia por fim terminou, Radu não queria mais nada além de voltar para a casa de Cipriano e dormir o dia todo. Mas Cipriano o agarrou pelo braço e o puxou na direção de um grupo que circundava Constantino.

– Queria apresentar você a... ah, ali estão eles! – Cipriano cumprimentou de forma calorosa dois garotos que tinham os mesmos rostos tristes de olhos redondos dos mosaicos ao redor. Radu meio que esperava que inclinassem a cabeça e erguessem as mãos em poses de santos. Em vez disso, abriram sorrisos tímidos.

– Estes são João e seu irmão Manuel. Meus primos. O pai deles era João, o imperador que antecedeu Constantino.

O menino mais velho parecia ter uns oito anos, e o mais novo, cinco. Usavam túnicas roxas e diademas dourados. Os fechos das correntes que seguravam suas túnicas brilhavam como pedras preciosas, mas, quando Radu olhou mais de perto, viu que eram de vidro.

– Eu sou Radu – falou com uma mesura.

Manuel, o menino mais novo, empertigou-se, e seus olhos redondos

arredondaram-se ainda mais.

– Do palácio do sultão?

– Quem falou para vocês sobre mim? – Radu perguntou com um sorriso intrigado.

– Cipriano contou tudo a seu respeito!

Cipriano limpou a garganta.

– Tudo não. Só que... que você me salvou.

Manuel assentiu.

– É verdade o que dizem sobre o sultão?

Radu sorriu para disfarçar o frio que sentiu no estômago. Até mesmo aquele garotinho teria ouvido falar que Radu era um divertimento vergonhoso do sultão? Por que Cipriano teria dito isso?

– Dizem muitas coisas sobre ele. Acho que você precisa ser mais específico.

– Que o sultão mata um homem antes de cada refeição e derrama o sangue sobre a comida para se proteger contra a morte.

Radu ficou tão aliviado que não conseguiu conter o riso. Ele fingiu um acesso de tosse para disfarçar.

– Não, a não ser que as coisas tenham mudado muito desde que vim embora. Ele prefere a comida sem sangue, como a maioria das pessoas.

– Ouvi dizer que ele é tão rico que mandou trocar todos os dentes por joias – disse João, o mais velho, com um desinteresse ensaiado, mas inclinou-se para a frente com a mesma avidez que o irmão.

– Isso facilitaria um bocado a tarefa de comer as refeições com sangue! Mas não, também não é verdade. Só que às vezes ele usa um turbante tão alto que quase encosta no teto! – Era um exagero, mas os dois meninos balançaram a cabeça, encantados. – Tem fontes com águas cristalinas em todos os seus aposentos, e seus dedos são tão carregados de joias que ele não consegue nem assinar o próprio nome sem tirar uns anéis primeiro.

Manuel fechou a cara.

– Então eu não sei por que ele quer a nossa cidade idiota.

João deu uma cotovelada nas costelas do outro.

– Você está com inveja porque eu sou herdeiro do trono e você não.

Manuel pôs a língua para fora.

– Não se você morrer primeiro!

Cipriano pôs a mão no ombro dos dois.

– Não falem assim, meninos. – Eles se acalmaram, olhando para o chão, envergonhados. – E eu vou ter que conversar com sua ama para falar sobre os boatos que vocês andam ouvindo.

João foi o primeiro a erguer os olhos. Ele levantou o queixo corajosamente, mas estremeceu um pouco.

– O sultão é tão cruel quanto dizem?

Radu sentiu vontade de negar, mas precisava se lembrar de que estava executando um papel.

– Ele é... muito inteligente, e muito decidido. É capaz de fazer o que for preciso para conseguir o que quer. Então, sim, ele pode ser cruel.

João assentiu, e em seguida cerrou os dentes, determinado.

– Bom, isso não importa. As muralhas são nossa salvação. E, mesmo se ele conseguir passar por elas, um anjo vai descer do céu com espadas em chamas antes que eles cheguem à estátua de Justiniano. Os infiéis nunca vão conquistar a minha cidade.

Uma risada grave e estrondosa ressoou ao lado. Constantino bagunçou os cachos castanhos dos meninos, desalinhando o diadema.

– Sua cidade? Tenho quase certeza de que ainda é minha.

João sorriu, todo vermelho.

– Eu só quis dizer...

– Não precisa ter medo, João. Vou cuidar bem dela até chegar a sua vez.

Seus sorrisos voltaram-se para Radu. O peso do amor e da esperança do menino, combinado com o olhar de Jesus no mosaico, quase esmagou Radu no chão. Ele fez uma mesura para esconder seus sentimentos, e então endireitou a postura.

– Você pode se juntar a nós para uma refeição? – Constantino perguntou. – Seria bom ter outra pessoa para responder às perguntas incessantes deles, só para variar um pouco.

– Eu adoraria – respondeu Radu, ainda exausto, mas energizado por uma pontada de euforia.

Era o primeiro convite pessoal que recebia para passar algum tempo com o imperador. Isso era bom. Um passo na direção certa. Uma maneira de sentir que estava fazendo alguma coisa, apesar de temer que fosse inútil.

Nesse momento, uma mãozinha pequena segurou a de Radu, e quando ele baixou os olhos deu de cara com os olhos de santo de Manuel. O garotinho sorriu, e Radu sentiu sua alma se contorcer ao retribuir o gesto.

Tudo tinha sido normal demais durante o jantar. Até mesmo Radu conseguiu relaxar e desfrutar da comida, dos risos e das histórias. Todas as suas esperanças de ficar sabendo de alguma coisa útil se perderam entre fatias de pão, carne e frutas secas.

Foi quando ele teve uma ideia.

Mehmed o mandara sem nenhum plano em mente, mas ele poderia destruir as chances de a cidade sobreviver a um cerco antes mesmo de os otomanos chegarem a Constantinopla. Se a comida os fazia se sentir em um clima de normalidade, como se seu lar não estivesse sob uma ameaça iminente, então a ausência de comida enfim deixaria claro que não tinham como sobreviver.

Seria um ato de misericórdia destruir os suprimentos de comida. As pessoas seriam obrigadas a fugir. Mesmo que isso não levasse de forma direta a uma rendição, pelo menos a cidade ficaria esvaziada de civis inocentes.

Orhan, o falso herdeiro do trono otomano, foi fundamental para a descoberta da localização de uma das principais fontes de suprimentos. Como seus homens não podiam circular pela muralha – por medo de que os soldados os confundissem com turcos leais a Mehmed –, eles tinham outras atribuições na cidade. E uma delas era patrulhar e verificar todos os cadeados de um depósito. Para Radu, não poderia ser outra coisa a não ser comida.

Não foi nada difícil para ele seguir os homens e localizar seu alvo. Mas então havia a questão mais importante: como fazer para eliminá-lo?

Lada o incendiaria. Radu não tinha dúvida. Mas o depósito ficava em um local relativamente populoso da cidade. Caso colocasse fogo no lugar, o incêndio se espalharia. Ele poderia acabar matando cidadãos inocentes, e parte de sua motivação para esse ato era justamente salvá-los. Radu não podia se arriscar a provocar danos colaterais.

O envenenamento teria o mesmo efeito, porque só descobririam que a comida estava envenenada quando as pessoas começassem a morrer. E, além disso, Radu não tinha condições de obter grandes quantidades de veneno, muito menos em segredo.

Ele estava na cozinha partindo um pedaço de pão, refletindo sobre o problema da comida, quando Nazira deu um grito de terror de dentro do quarto. Radu correu para o andar de cima e a encontrou de pé sobre a cama.

– Um rato! – Ela apontou para um canto, onde uma ratazana escura parecia igualmente apavorada. – Mata!

Radu suspirou, procurando por alguma coisa grande o suficiente para esmagar o roedor. Mas então se interrompeu. Um sorriso apareceu em seu rosto.

– Não. Eu vou pegá-lo.

Embora houvesse ratos de sobra na cidade, capturar um número significativo não era tarefa simples. Ou melhor, representava uma série de tarefas simples e cansativas. E, como Radu não podia se ausentar da muralha, foi obrigado a sacrificar seu sono. Nazira adorou o plano, mas era fisicamente incapaz de interagir com ratos sem gritar. E berros não combinavam muito bem com segredos.

Por isso, Radu passava as noites, todas as noites, caçando ratos. Era uma vida bem diferente daquela que levava ao lado do sultão, mas não muito distante daquele que sempre fora seu papel. Espionar, reunir suprimentos, abrir caminho para que um objetivo fosse cumprido.

Seria uma missão empolgante caso não envolvesse tantos malditos ratos.

– O que aconteceu com as suas mãos? – Cipriano perguntou certa manhã, depois de algumas noites de desventuras com os ratos. Ele e Radu estavam comendo juntos nas muralhas, lado a lado, observando o campo vazio que anunciava a ameaça futura.

Radu olhou para seus dedos.

– As criaturas que habitam o cemitério não gostam de dividir suas lápides com invasores.

Cipriano baixou o pão que comia e segurou as mãos de Radu, examinando-as atentamente. Radu sentiu um frio na barriga. Não estava com medo de ser

descoberto, mas também não sabia dizer por que se sentia assim.

– Cuidado – disse Cipriano, passando o dedo bem de leve na palma da mão de Radu. – Nós precisamos dessas mãos. – Cipriano ergueu a cabeça, e Radu se viu incapaz de resistir à intensidade daquele olhar. Cipriano largou as mãos e soltou uma risada constrangida. – Precisamos de todas as mãos que pudermos conseguir.

– Pois é – murmurou Radu, ainda sentindo o dedo de Cipriano contornando sua palma.

Naquela noite, Radu já tinha ratos suficientes. Caso pegasse mais, não teria como transportá-los em segredo. Ele esperou que os homens de Orhan terminassem sua patrulha e passassem pela porta dos fundos do depósito. Eles nunca entravam, apenas verificavam os cadeados. Ele atravessou a rua em silêncio com um saco de criaturas tremelicantes e repulsivas cheio até a boca pendurado nas costas. Radu pôs o saco no chão e começou a manipular o cadeado, praguejando contra a lentidão de seus dedos. Cipriano estava certo. Eles precisavam daquelas mãos.

Por fim, tremendo de nervosismo, Radu conseguiu abrir a porta. Entrando discretamente, ele dirigiu-se ao centro da vasta construção. Caixotes e barris o espreitavam como túmulos na escuridão. Tudo ali tinha um cheiro quente e empoeirado. Ele estava certo quanto ao conteúdo do depósito. Usando uma barra de metal, abriu as tampas dos recipientes e despejou os ratos sobre caixotes e barris até que restassem no saco apenas os roedores que não sobreviveram ao cativeiro. Mesmo assim, mal conseguiu mexer em um terço dos produtos. Teria que fazer aquilo todas as noites durante semanas para destruir todos os suprimentos.

Ponha fogo em tudo, Lada murmurou em sua mente.

– Sempre existe outra saída – respondeu Radu. Um trovão retumbou no céu, como se concordasse com a afirmação. A cidade vinha sofrendo com chuvas torrenciais. Radu precisaria voltar correndo para casa caso não quisesse ser pego por uma. Ele olhou para o teto...

E teve outra ideia.

De volta ao lado de fora, ele analisou as opções. As construções de Constantinopla eram antigas e bem próximas umas das outras. Ele correu por um beco, procurando o que precisava. Três casas adiante, encontrou: uma

escada. As primeiras gotas de chuva o atingiram no momento em que subia no telhado da construção. Respirando fundo, correu o mais rápido que conseguiu e saltou sobre o beco, atingindo o telhado vizinho com tanta força que quase escorregou. Lada se sairia muito melhor naquela função. Por outro lado, não se daria nem ao trabalho. Tudo ali já estaria em chamas.

Afastando os pensamentos da irmã, mais talhada para a tarefa, Radu correu para o telhado seguinte, voando por cima do beco. Dessa vez a aterrissagem foi mais suave, mas ele caiu de costas, sorrindo ao ver a chuva apertar ao redor. Sob seu corpo, quente, empoeirada e seca, estava a comida da cidade.

Ele foi até o ponto mais alto do telhado de ângulo inclinado. O segredo era desencaixar as telhas o bastante para produzir aberturas pequenas, e em número suficiente apenas para que o estrago só fosse percebido tarde demais. As telhas eram pesadas, e estavam bem presas. Ele usou o peso do corpo como alavanca para deslocá-las. E concentrou-se nos pontos mais óbvios em que a água poderia ter se infiltrado ao longo da vida útil de um telhado tão antigo.

A chuva despencou com toda a força. As telhas tornaram-se escorregadias; Radu segurava-se com cuidado. Não podia ser descoberto nem se ferir. Em um triunfo silencioso, observou quando a água que caía do céu penetrava o telhado pelas aberturas criadas por ele.

Depois de desencaixar o máximo de telhas possível, ele rastejou até o ponto mais distante do depósito. Mas um novo problema havia surgido.

Não dava mais para correr e pegar impulso. Com o telhado escorregadio como estava, seria uma queda certa para a morte. A distância do chão era grande – três vezes a sua altura –, e se caísse no meio de uma corrida as chances de sobrevivência não seriam boas.

Havia uma plataforma estreita ladeando a beirada do telhado. A chuva caía forte; a tempestade estava ganhando intensidade. Ele desceu do telhado e agarrou-se à plataforma, segurando-se apenas pelos dedos. Com uma prece silenciosa, deixou o corpo cair. Ao atingir o chão, Radu rolou, tomando o cuidado de não deixar nenhuma parte de seu corpo receber a maior parte do impacto. Era um truque que aprendera muito tempo antes, quando fugia e se escondia de Mircea, seu irmão mais velho. Ele precisou pular de muitos muros e janelas na infância.

Mircea estava morto, e Radu não lamentava. Mas quando ficou de pé, apalpando o corpo em busca de ferimentos, sentiu-se grato pelas lições

aprendidas. Um de seus tornozelos estava dolorido, ficaria inchado na manhã seguinte. Era um pequeno preço a pagar. Radu pôs o capuz na cabeça.

– Ei! Você!

Surpreso, Radu virou-se. Estava escuro demais para verem seu rosto, mas os homens de Orhan haviam voltado em sua patrulha. E Radu estava bem na frente da porta do depósito. Se olhassem lá dentro, todo seu trabalho teria sido em vão.

Em um gesto apressado, ele sacou do bolso uma pedra de riscar e a jogou no chão. Em seguida, praguejando bem alto em turco, saiu correndo.

– Ele estava tentando queimar a comida! Espião! Sabotagem! – O grito elevou-se atrás dele, seguido de passos apressados.

Radu correu o máximo que podia.

Os sinos começaram a dar o alarme, seguindo-os em seus apelos. Radu cortou caminho pelos becos e pelas ruas. Pulando muros, procurava se manter próximo das partes mais escuras da cidade. Em pouco tempo, viu-se em um local abandonado. Mas os ruídos da perseguição continuavam. Parecia um pesadelo: correndo por uma cidade morta, sendo seguido pelas trevas sem ter onde se esconder.

Desesperado, Radu pensou em correr para a muralha externa. Se conseguisse chegar à muralha, poderia sair da cidade. Ir até Mehmed.

Mas, caso desaparecesse na mesma noite em que um sabotador fora visto na cidade, ninguém teria dificuldade em ligar um fato ao outro. Nazira ficaria em maus lençóis. Radu virou-se e correu até um estábulo vazio. A chuva se infiltrava pelo telhado destruído. Ele encolheu-se em um canto.

Certa vez, Radu escondera-se de Lada em um estábulo. Ela prometera que ele não seria morto por ninguém que não fosse ela. Por favor, pensou Radu, que isso seja uma profecia.

Depois de esperar por tanto tempo seu coração acalmou-se e seu corpo começou a tremer de frio e não de medo. Radu levantou-se e saiu pela noite. A chuva estava se acalmando, e pouco a pouco ele encontrou o caminho de volta da parte abandonada da cidade para a região onde ainda havia vida. Depois de deixar o manto preto e pesado em um varal, prendeu os cabelos em um rabo de cavalo. Em seguida, saiu andando, sem a menor pressa, encolhido para se proteger da chuva.

Quando pôs a mão na maçaneta, foi segurado pelo ombro com força. A mão o virou, e em seguida veio o abraço.

– Radu! – disse Cipriano, apertando-o com força em seus braços. – Procurei-o por toda parte. Tem um sabotador na cidade. Ele foi pego tentando causar um incêndio. Fiquei preocupadíssimo com você.

Radu respirou fundo e tentou falar com um tom de voz tranquilo.

– Escutei os sinos e saí para ver o que tinha acontecido. Fiquei com medo de que os otomanos tivessem chegado. Mas por que se preocupar comigo?

Cipriano manteve o abraço por mais alguns instantes, e não tirou as mãos de seus ombros quando se afastou.

– Se os homens do sultão tivessem encontrado você... – Os olhos dele se fecharam de preocupação. – Eu temi pela sua segurança.

Radu o abraçou de novo, não só em busca do calor humano e do consolo para a exaustão daquela longa noite, mas também porque era a única maneira de esconder o quanto ficara tocado por, em uma situação como aquela, Cipriano temer acima de tudo pela vida de um traidor.

*Início de abril*

UMA NUVEM DE poeira pairava diante da janela, onde as cortinas haviam sido abertas com um gesto brusco. O quarto ficava nos fundos da casa, no segundo andar. Além de um terreiro, Lada conseguia ver a cerca viva atrás da qual vigiara sua mãe. Porém não era possível precisar o ponto no qual seus homens a aguardavam.

Pelo menos esperava que eles ainda estivessem à sua espera. Lada sentia-se isolada. E se tivessem ido embora? Radu já estava perdido para sempre. Mehmed era um traidor. Ela havia se afastado de Hunyadi. Não podia perder seus homens também.

A criada limpou a garganta. Lada achou que a menina iria embora, mas ela permaneceu parada ao lado da banheira fumegante que havia enchido.

– E então? – Lada esbravejou.

– Posso ajudá-la a se despir?

– Não!

A menina recuou como se tivesse sido agredida.

– Mas eu preciso.

– Você não precisa fazer nada.

– Mas... eu tenho que lavar seu cabelo, e fazer uma trança depois, e ajudá-la a colocar um dos vestidos de sua senhoria. – A menina fez uma careta de preocupação, analisando a cintura grossa e o peito largo de Lada.

Lada gargalhou, enfim dando-se conta do absurdo da situação. Lá estava ela, reencontrando a mãe pela primeira vez em quinze anos, e a mulher queria arrumar seus cabelos e vesti-la com roupas finas. Não, sua mãe mandou que outra pessoa fizesse isso. Era a cara dela. Pelo menos Oana não estava lá. Teria se oferecido para fazer o trabalho de bom grado.

– Pode ficar do outro lado da porta para ela pensar que ainda está aqui dentro. E depois vai precisar levar comida e um recado para os meus homens lá fora. Você vai encontrar o acampamento deles...

A menina soltou um gritinho de medo.

– Homens! Eu não posso. É proibido. Ai, por favor, não me peça isso. Se ela souber, se descobrir...

Lada ergueu as mãos.

– Tudo bem! Eles vão sobreviver até eu voltar. Fora daqui.

A menina assentiu, entrelaçando os dedos, e saiu porta afora. Lada a seguiu e colou a orelha na porta. Era possível ouvir a respiração acelerada e apavorada da menina do outro lado.

O que estava acontecendo naquela casa?

Lada tomou um banho. Ao longo daquele ano de fugas, aprendera a nunca recusar um banho ou uma refeição. Mas não lavou os cabelos, nem fez nenhum esforço para domá-los. Ela pôs as mesmas roupas de viagem – uma calça, uma túnica e um casaco, tudo preto. A faixa vermelha foi amarrada em torno da cintura. Quando terminou de calçar as botas, ela abriu a porta. A criada estava tão perto que seus narizes quase se tocaram.

– Seu cabelo?

Lada fez que não com a cabeça, bem séria.

– Encontrei um vestido mais antigo de sua senhoria. Posso soltar as costuras e... – A menina se interrompeu, e a esperança morreu em seu rosto ao ver que a expressão de Lada permaneceu inalterada.

– Quando é o jantar? – Lada perguntou.

– Ela já comeu.

– Sem mim?

– Nossa programação é muito rígida. – A criada inclinou-se para a frente, olhando para os lados como se estivesse com medo de ser descoberta. – Vou trazer comida da cozinha mais tarde – murmurou.

Lada ficou sem saber como reagir. Com gratidão? Incredulidade? Em vez disso, foi em frente com seu objetivo.

– Se o jantar já terminou, eu posso falar com ela agora.

– Sim! Ela vai estar à espera das visitas na sala de estar.

– Ela recebe muitas visitas?

A criada fez que não com a cabeça.

– Quase nunca.

– Então ela está esperando só por mim.

– Depois do jantar, ela espera as visitas. Você é uma visita, então pode ir vê-la agora.

Lada seguiu a menina pelo corredor e desceu as escadas. Ela preferia estar prestes a enfrentar um contingente de búlgaros, ou uma cavalaria montada. Pelo menos isso era possível entender.

Huma, a mãe de Mehmed, de repente lhe veio à mente. Huma era feroz e assustadora. Usava a feminilidade como arma, de um jeito que Lada não compreendia e jamais conseguiria reproduzir. O que sua mãe estaria fazendo? Deixando Lada desconcertada para ficar em vantagem na conversa? Huma conseguia manipular Lada e Radu forçando-os a lidar com ela de acordo com seus próprios termos. Sua mãe devia estar fazendo a mesma coisa.

Era reconfortante, em certo sentido, estar prestes a encarar um desafio parecido com a formidável mãe de Mehmed. Huma era uma oponente de respeito. Uma assassina contumaz, que chegou ao ponto de afogar o meio-irmão mais novo de Mehmed em uma banheira. Lada estremeceu, e seus cabelos arrepiaram-se na nuca. Haveria alguma razão mais sinistra para a criada insistir em ficar com Lada durante o banho?

Ela observou a criatura miúda e trêmula que ia à sua frente com desconfiança redobrada. Flexionando as mãos, Lada afastou esses pensamentos. Embora estivesse certa de que sua mãe a queria morta, ela com certeza encomendaria seu assassinato a outra pessoa. Aquela mocinha precisaria recorrer a um veneno, ou matá-la durante o sono. No fim das contas, havia sido bom ter perdido o jantar.

Mas Huma tinha feito tudo o que fizera para benefício do filho. O que Vassilissa ganharia matando Lada? E por que ela sentia-se mais à vontade pensando em Vassilissa como assassina do que sua mãe?

Antes que Lada pudesse encontrar uma resposta, a criada abriu a porta da sala de visitas. Era como ser lançada em um forno aberto. O ar estava carregado, e a temperatura muito acima do aceitável. As janelas trancadas, e o

fogo rugia em uma lareira grande demais para o cômodo.

A criada praticamente empurrou Lada para dentro, fechando a porta o mais depressa possível depois. Os olhos de Lada demoraram a se ajustar à semipenumbra. Sua mãe estava sentada em uma poltrona de espaldar alto, com as mãos imóveis e entrelaçadas no colo e as saias volumosas escondendo os pés. O chapéu tinha sido substituído por um longo véu preso no alto da cabeça, escondendo o rosto. Ela não estava com o mesmo vestido de antes. Aquele era branco, com um colarinho engomado tão alto que fazia com que a cabeça coberta pelo véu parecesse equilibrada em uma bandeja. As dobras e os detalhes do vestido a engoliam por inteiro.

– Ah – sua mãe falou, resumindo todo um discurso decepcionado em uma única sílaba. – Você não se trocou.

Lada teve vontade de sacar as facas embainhadas nos pulsos.

– São essas roupas que eu uso.

Ela assumiu um lugar na poltrona diante da mãe sem ser convidada. O móvel cedeu sob seu peso, pois o estofamento estava gasto, e o veludo puído.

– Quer alguma coisa? Um chá? Um vinho?

– Vinho.

Vassilissa fez um aceno para a criada, que serviu duas taças e entregou uma para cada. Lada deu um gole. Ou melhor, fingiu ter dado um gole, preferindo esperar a mãe beber primeiro. A lembrança de Huma era recente demais para que se arriscasse assim. Mas, por enquanto, sua mãe não se revelara nem um pouco parecida com Huma. A mãe de Mehmed dominava o espaço ao redor, por maior que fosse o cômodo. Mesmo naquela sala pequena, a mãe de Lada parecia escondida em meio à mobília.

Vassilissa levantou o véu e deu um leve gole. Lada fez o mesmo. Os olhos de sua mãe eram grandes como os seus, mas o rosto era mais parecido com o de Radu. Era desconcertante ver seu irmão refletido na face de uma desconhecida. Lada não conseguia determinar as similaridades de forma exata; tinham uma beleza e uma delicadeza em comum. Mas o rosto da mãe estava desgastado e alquebrado. Era isso que também aconteceria com Radu? Ele definharia com o tempo, tornaria-se uma sombra de si mesmo?

Lada desejava ter Radu ao seu lado de novo. Caso seu irmão estivesse lá, ela poderia se concentrar em protegê-lo. Ter que proteger apenas a si mesma

parecia torná-la muito mais vulnerável.

– Diga-me – a mãe falou, mantendo uma das mãos na frente da boca. – O que traz você aqui? Não é a época mais agradável do ano, infelizmente. É muito melhor quando a primavera está no auge.

Lada franziu a testa.

– Estou aqui para ver você.

– Que gracinha. Não recebemos muitas visitas. – Ela baixou a mão, sorrindo sem mostrar os dentes. Depois começou simplesmente a encará-la. Lada se perguntou se seus próprios olhos, também grandes e expressivos, eram assim tão desconcertantes.

Lada nunca foi boa no tipo de jogo que as mulheres fazem, nas batalhas disputadas e vencidas por meio de conversas incompreensíveis. Ela continuou falando:

– Imagino que já tenha ficado sabendo que meu pai morreu. E Mircea também.

Vassilissa levou a mão à boca de novo. Lada pensou que fosse por ter ficado horrorizada ou triste, mas Vassilissa manteve o tom de uma conversa amena:

– Você anda a cavalo? Para mim, um passeio de montaria à tarde ajuda a acalmar os nervos e a abrir o apetite. Tenho três cavalos. Eles não têm nome. Sou péssima para escolher nomes! Mas são todos mansos e gentis. Talvez você possa conhecê-los amanhã.

– Por que está me falando de cavalos? – Lada baixou a taça e inclinou-se para a frente. – Nós não nos vemos há anos, desde que você foi embora. Pelo menos, faça a cortesia de me tratar como uma igual. Seu marido, o meu pai, está morto.

A mãe fez uma careta de dor, e um fragmento de verdade apareceu. Seus lábios afastaram-se em um gesto animalesco, e Lada teve um vislumbre de uma boca cheia de dentes quebrados. Não apodrecidos – Lada já havia visto muitas bocas assim –, nem com as falhas que indicavam dentes perdidos. A boca de Vassilissa era um cemitério de dentes partidos. Lada não sabia o que tinha causado tamanho estrago.

Sua mãe rastejando, chorando.

Não. Ela sabia, sim, o que tinha causado tamanho estrago.

Lada baixou o tom de voz:

– Ele se foi. Está morto.

Caso sua mãe tenha ouvido, não deu nenhum sinal. Ela baixou de novo o véu e começou a estalar a língua.

– Me diga, você caça? Eu considero algo abominável, mas ouvi dizer que as damas mais avançadas fazem isso hoje em dia. – Sua risada era aguda e repentina, como o voo de um pássaro que bate em retirada em pânico. – Se quiser, posso mandar chamar seu primo. Ele é um excelente falcoeiro. Com certeza faria uma demonstração, se você desejar. Costuma vir aqui no verão. Precisa ficar na cidade, claro, a várias léguas de distância, mas sempre vem quando recebo visitas! Deve vir daqui a alguns meses.

– Eu não vou estar aqui, então. Não vim fazer uma visita. Preciso de ajuda.

Vassilissa deu risada outra vez, produzindo o mesmo ruído horroroso.

– Eu que o diga! Mas minha criada é capaz de fazer maravilhas com seus cabelos. Você vai se adaptar em dois tempos. Gostou do quarto?

Lada ficou de pé.

– Preciso falar com o seu pai.

Vassilissa sacudiu negativamente a cabeça.

– Ele está... Ele... acredito que tenha morrido.

Com um suspiro de desolação, Lada se sentou de novo.

– E quem governa a Moldávia?

– Seu primo, acredito. Ah. – Vassilissa entrelaçou os dedos no colo. – Será que por isso ele não vai poder vir neste verão? Eu lamento. Acabei de prometer uma demonstração de falcoaria.

– Eu não quero saber de falcões! Preciso de homens. Preciso de alianças. – Lada estremeceu, e uma onda de raiva e tristeza até então despercebida a dominou. Seu pai lhe dera uma faca, e sua mãe lhe deixara sem nada. Ela precisava desesperadamente de algo a que se agarrar. Ou, caso não fosse possível, alguma coisa contra a qual lutar. – Preciso que você me pergunte por onde andei nos últimos quinze anos! Preciso que me pergunte onde está o seu filho!

Sua mãe ficou de pé, tremendo debaixo do vestido.

– Está na hora de eu me recolher para deitar. A criada vai cuidar de você. Seu quarto é o melhor da casa. Vai ser feliz aqui. E vai estar segura. É uma casa muito segura.

Vassilissa estendeu a mão. A criada correu para o lado dela. Pela primeira vez, Lada notou que sua mãe caminhava mancando bastante. Por baixo do vestido, dava para ver que um dos pés estava contorcido em um ângulo estranho. Como Vassilissa não fazia nenhuma careta de dor ao apoiá-lo, dava para ver que era uma contusão antiga e consolidada. Lada ficou sem saber o que dizer, não sabia como conversar com aquela desconhecida, aquela criatura arruinada. Sua mãe era exatamente a mesma pessoa que a abandonara. A única diferença era que havia encontrado um lugar seguro para se esconder.

Talvez Radu ficasse sensibilizado ao vê-la. Lada sabia que a compaixão dele seria enorme.

Ela só conseguia sentir raiva.

– Você não voltou para nos buscar – Lada falou. – Ele nos vendeu. Para os turcos. Fomos torturados. Fomos criados em uma terra estranha por carrascos. Radu ficou para trás. Foi domado por eles.

– Bem. – Vassilissa estendeu o braço como se fosse dar um tapinha no ombro de Lada quando passou. A mão dela ficou suspensa no ar, e então voltou a se apoiar na criada para se equilibrar. – Você pode ficar em definitivo, se quiser. Estamos seguras aqui.

– Meu lugar é na Valáquia.

A voz de sua mãe saiu em um sussurro áspero, que enfim revelou os verdadeiros sentimentos dela:

– Aquilo não é lugar para ninguém.

A criada não queria revelar muita coisa, mas, pelo que Lada conseguiu perceber, sua mãe estava louca. As duas viviam juntas naquela casa, longe de tudo e de todos, fazia dez anos. Vassilissa recebera a propriedade do pai, que sem dúvida não aguentou conviver com a mulher devastada que ela se tornara.

Todo dia era a mesma coisa. A criada sorriu ao falar a respeito, repetindo a todo momento o quanto era agradável estar em segurança e saber sempre o

que esperar. Foi isso que a mãe de Lada escolheu. Segurança. Reclusão. A mulher abandonou os filhos de forma absoluta e irrevogável para viver em um isolamento confortável em vez de lidar com as dificuldades da vida.

As dificuldades dos próprios filhos em sua tentativa desesperada de sobreviver sem ninguém para ampará-los.

Lada não se despediu. Passou na cozinha e roubou o máximo que conseguia carregar. Então fechou a porta da frente e percorreu a pé a alameda escura até onde seus homens – seus amigos – estavam acampados. Ela sentou-se ao lado, aquecendo-se na fogueira e fortalecendo-se com a força deles. Bogdan chegou mais perto, e ela encostou-se nele.

– E então? – perguntou Nicolae.

– Ela ficou louca.

– Então vocês têm alguma coisa em comum, no fim das contas!

A tentativa de conferir mais leveza à conversa não provocou nenhuma reação em Lada. Quando voltou a falar, ele baixou o tom de voz:

– Vamos conseguir alguma ajuda da Moldávia?

– Não da parte dela. Podemos ir até a capital e fazer um apelo ao novo rei. Mas acho que esse pessoal não vai ajudar em nada. Ela é como todos os outros nobres, os boiardos. Todos sofrem da mesma doença. Eles se escondem atrás do luxo e da riqueza e se recusam a ver qualquer coisa que ponha em risco seu conforto. – Lada se interrompeu, lembrando-se dos dentes da mãe, do pé dela. Talvez não fosse uma boa ideia criticar o pouco conforto que uma mulher indefesa conseguiu encontrar em um mundo cruel.

Mas ela com certeza tinha motivo para guardar rancor de sua mãe por não ter se empoderado. Fugir e abandonar quem mais precisava dela foi a atitude mais baixa e covarde que ela poderia ter tomado. Lada jamais faria isso. Não conseguiria. Fosse o que fosse, Lada não era do tipo que conseguiria continuar vivendo depois de virar as costas para as pessoas que dependiam dela.

– E agora, então? – Nicolae questionou. – Vamos tentar convencer outros boiardos de que é uma princesa domada e não um príncipe guerreiro?

Lada pegou um cantil de água e despejou nas chamas, que chiaram e morreram.

– Não sei. Eu já tentei... – Sua voz ficou embargada. Ela havia tentado de

tudo. Jurou lealdade a reis estrangeiros, traiu seu aliado, acreditou que amor e sinceridade andassem juntos. – Eu já tentei de tudo.

– O pequeno zelote sempre foi a possibilidade menos provável. Mas nenhum de nós culpa você por ter buscado ajuda lá também.

Lada endireitou a postura, alarmada.

– Como assim?

O semblante de Nicolae não demonstrava nenhum sinal de reprovação.

– Nós aqui somos soldados e batedores muito bons, Lada. Pensou que ninguém iria ficar sabendo que o sultão montou acampamento a poucos quilômetros do nosso?

Ela baixou a cabeça, sentindo o peso da vergonha.

– Eu falei que estava libertando vocês. Mas, quando ele ofereceu ajuda, resolvi agarrar a oportunidade.

– Por nós não faz diferença – disse Petru.

Mas, pela postura imóvel de Bogdan, Lada entendeu que para ele talvez fizesse.

– Nós sabemos que você luta por nós. Pela Valáquia. – Nicolae encolheu os ombros. – O pequeno zelote foi um meio para chegar a um fim. Não funcionou. Então vamos atrás de outros meios para esse mesmo fim.

Lada ergueu as mãos.

– Eu esgotei todos os meus meios. Lamento por ter feito vocês me seguirem até aqui.

– Ainda temos Hunyadi – Bogdan falou.

Nicolae coçou a barba e inclinou-se para trás com uma expressão pensativa.

– Não, Hunyadi não é a melhor opção. Nós temos nosso próprio Hunyadi, que é a Lada. Precisamos de alguém que saiba lidar com outro tipo de poder. Nós precisamos de Matyas.

– Ele é igual a todos os outros governantes – Lada falou, balançando negativamente a cabeça.

– É exatamente essa a questão. – Nicolae sorriu, e o brilho das brasas iluminou seu sorriso em meio à escuridão. – Ele é igual a todos os outros. Então, se estiver do nosso lado...

Lada respirou fundo, enchendo os pulmões de fumaça. Ela não queria se envolver com Matyas, sabia que a ajuda dele – caso viesse – teria seu preço. De quanto mais ela poderia abrir mão para voltar ao lugar que era seu por direito?

– Pela Valáquia – Bogdan falou.

– Pela Valáquia – Lada assentiu.



4 a 6 de abril

UMA NÉVOA ESPESSA caiu sobre a cidade, abafando a movimentação habitual, silenciando os sinos das igrejas, amenizando o som dos passos, encobrindo as ruas em uma camada úmida e sufocante de mistério.

Radu deu as costas para a janela, de onde estava olhando para a branquidão que vinha de longe como uma doença cada vez mais próxima. Respirando fundo, ele ajoelhou-se no chão, virado para Meca. Desabafando medos e questionamentos, ele torceu para que sua prece conseguisse escapar da cidade envolvida pelo nevoeiro. Estava tão absorto no ritual que só percebeu que os sinos estavam tocando em disparada quando sua porta foi aberta.

Por uma fração de segundo, Radu ficou paralisado. Estava ereto sobre os joelhos, então juntou as mãos diante de si como se estivesse no meio de uma oração perfeitamente aceitável para os padrões cristãos. Com a respiração ofegante, Cipriano olhou ao redor no quarto. Quando baixou os olhos e o viu, Radu teve quase certeza de que não havia sido flagrado fazendo nada que não deveria.

– O que foi? – Radu perguntou, ficando de pé.

– Os turcos. – Cipriano apoiou-se no batente da porta. – Eles chegaram.

Sem dizer uma palavra, Radu vestiu o manto. Nazira estava na cozinha preparando a refeição da tarde com umas verduras anêmicas e um pão endurecido.

– Já que vocês vão sair, tentem comprar alguma carne! – gritou quando os dois passaram às pressas.

– Os turcos estão aqui! – Cipriano respondeu.

Quando eles saíram correndo pela porta da frente, Nazira estava a seu lado, usando apenas um vestido e chinelos. Radu abriu o manto e jogou sobre os ombros da mulher. Ela o segurou com força, acompanhando o ritmo dos dois

em sua carreira desabalada pelas ruas em direção às muralhas.

Caso não estivessem acompanhados de Cipriano, Radu tinha certeza de que acabariam se perdendo. A neblina alterava o caráter da cidade, obscurecendo os pontos de orientação, escondendo as cores já desbotadas. Sem nenhuma torre de igreja visível, os sinos que tocavam pareciam vir do mundo dos espíritos, lançando seu alerta metálico solitariamente no ar.

– Quando foi que chegaram? – Radu quase caiu em uma parte mais escorregadia do caminho. Cipriano o segurou pelo cotovelo para estabilizá-lo.

– Não sei. Só fiquei sabendo agora.

Depois de conseguirem atravessar as diversas procissões religiosas e chegar às muralhas, Nazira estava ofegante e Radu, exausto. A passagem deles foi permitida por uma poterna, um dos portões secundários entre as muralhas que os soldados usavam para entrar e sair da cidade. Engrossada pelo peso do medo, a névoa estava mais espessa naquela terra de ninguém, circulando e pulsando como uma criatura viva. Radu ficava esfregando os braços o tempo todo, tentando se livrar daquela sensação.

Eles não foram os únicos que vieram correndo. Precisaram esperar alguns bons minutos antes que surgisse uma abertura para subir por uma escada estreita até o alto da muralha externa. Enquanto procurava por uma boa posição para ficar, Radu esbarrou em Giustiniani. O italiano fez um aceno de cabeça e abriu um espaço para ele se colocar.

Ali, ombro a ombro com os inimigos, Radu e Nazira contemplaram seus conterrâneos. As barracas estavam espalhadas em meio à névoa como cogumelos que brotaram a distâncias exatamente iguais. A movimentação agitava a névoa branca, oferecendo vislumbres de homens logo engolidos outra vez.

– Estamos cercados por um exército de fantasmas – Cipriano murmurou.

– Não deixe ninguém ouvir isso – Giustiniani falou em um tom de urgência.
– Já temos mais superstições aqui do que conseguimos dar conta.

– Quando chegaram? – Radu quis saber. Ele inclinou-se para a frente e estreitou os olhos, apesar de saber que isso não iria iluminar em um passe de mágica o ar carregado de umidade. De saber que não veria o que – ou quem – gostaria. Porém tentou mesmo assim.

– Deve ter sido à noite – disse Giustiniani. – A maldita neblina estava tão

forte que nós não vimos. Recebi relatos de barulhos estranhos, e então finalmente ela se dissipou um pouco.

– O que vamos fazer? – Cipriano questionou.

– Esperar até podermos ver melhor. E depois começamos a coletar informações.

Giustiniani estava certo, a visibilidade estava péssima, mas havia ruídos se elevando no ar. Às vezes, os sons eram abafados, como se viessem de uma grande distância. E, às vezes, eram ouvidos com uma clareza tamanha que todos se assustavam, olhando ao redor com medo de que os otomanos já tivessem atravessado a muralha.

– Pás – Nazira falou, apontando para o acampamento. – Estão ouvindo esse barulho de escavação sempre no mesmo ritmo?

Giustiniani fez que sim com a cabeça.

– Eles estão cavando sua própria vala, uma linha de proteção para as tropas. Vão erguer um paredão para esconder suas forças, e com a terra escavada vão tentar aterrar o nosso fosso.

Mais um som atravessou o ar. Radu meio que se virou ao perceber o que estava acontecendo. Era um chamado à oração, que não podia ser atendido por ele. Sua prece havia sido feita cedo demais. Nazira segurou sua mão e a apertou com força. Eles ficaram imóveis até que o ruído cessasse.

– Infiéis imundos – resmungou um homem ao lado de Giustiniani, cuspiendo sobre a muralha. – A horda do diabo. – O sujeito endireitou-se e exaltou-se. – Ouviram isso? São cristãos! Eu conheço essa liturgia. É uma resposta a eles! Eu... – Ele se interrompeu, franzindo a testa. – De onde está vindo isso?

– Do outro lado da muralha – Cipriano respondeu, com uma voz pesada e opaca como a neblina.

– Mercenários? – Giustiniani especulou.

Radu percebeu que o italiano estava se dirigindo a ele.

– Provavelmente homens em serviço compulsório dos Estados vassalos: sérvios, búlgaros, talvez até alguns valáquios. E talvez até alguns que possam ter vindo por iniciativa própria quando ouviram falar do ataque.

– Por que cristãos se voltariam contra nós? – O rosto do soldado estava crispado de desespero. Ele voltou-se para Radu como se assim fosse

conseguir todas as respostas.

Mas foi Giustiniani quem falou:

– Pelo mesmo motivo que não nos mandaram ajuda: dinheiro. – Foi a vez dele de cuspir por cima da muralha. – Como ele vai se organizar?

Radu apoiou-se na muralha, virando as costas para os acampamentos otomanos e mirando a névoa branca. Apenas uma construção era capaz de se erguer acima da neblina e perfurá-la: a espiral da Hagia Sophia. A basílica que a cidade deixou às escuras.

– As tropas não regulares e os cristãos vão se posicionar à frente na maior parte das muralhas. Nos locais que consideram menos importantes. Ele não confia em ninguém que esteja aqui só por dinheiro. Os janízaros e os sipahis vão ser posicionados nos pontos fracos: o rio Lico, e a parte do Palácio de Blaquerna.

– Então ele vai estar enfraquecido onde as outras forças vão estar a cargo. Se nós sairmos e rompermos a linha...

Radu sacudiu negativamente a cabeça.

– Ele vai deixar alguns homens com as tropas não regulares para manter a ordem e a disciplina como possível. Suas linhas não vão ter pontos fracos. Ele vai concentrar os ataques nas suas fraquezas, mas não vai ter pontos vulneráveis a serem atacados.

– Então vamos esperar. – Giustiniani suspirou.

– Então vamos esperar – repetiu Radu.

O dia seguinte amanheceu com o céu aberto. Pela expressão no rosto dos soldados, seria melhor que não tivesse sido assim.

Radu estava mais uma vez ao lado de Giustiniani, acompanhado de Cipriano. Nazira tinha ficado em casa. Seu abraço de despedida havia sido apertado, e o sussurro dela pedindo cuidado ficou gravado em sua mente. Radu precisava ser mais cauteloso do que nunca.

Giustiniani entregou-lhe uma luneta. Ele a apontou para a parte posterior do acampamento, para um canto de onde subia uma fumaça.

– O que isso está fazendo aqui?

Radu demorou um tempo para ajustar o foco, e mais alguns momentos para

direcionar a lente para o que queria encontrar. Uma familiaridade o aqueceu por dentro, mas seu afeto ficou escondido atrás de uma expressão séria.

– Forjas – falou, devolvendo a luneta.

– Para que eles precisam de forjas desse tamanho? – Cipriano questionou.

– Canhões.

– Eles vão fabricar canhões no campo de batalha? – Cipriano deu risada. – Será que também pretendem montar uma olaria? Para construir sua própria muralha, já que estão aqui?

– Acho que é mais para consertar os canhões, na verdade.

– Eles precisariam de uma quantidade absurda de suprimentos. – Giustiniani franziu a testa. – A logística da coisa seria um pesadelo. Você acha que eles conseguiriam?

– Acho que sim. Mehmed... – Radu fez uma careta e recomeçou: – O sultão é organizado e metódico. Conta com recursos que pode trazer de dois continentes. Se precisar, já vai estar aqui, ou a caminho. Eu já participei de um cerco otomano antes, na época do sultão Murad. Este vai ser ainda maior, mais limpo e mais eficiente. Mehmed soube observar e aprender. Vai trazer suprimentos para o tempo que for necessário. Os homens vão se limitar a uma refeição por dia para fazer a comida render. Ele vai manter tudo meticulosamente limpo e organizado para evitar as doenças.

Giustiniani apontou para as fileiras de barracas.

– Pelas minhas estimativas, são quase duzentos mil homens lá fora.

Cipriano soltou o ar com força, como se tivesse sido atingido no estômago.

– Tudo isso?

Radu fez que sim com a cabeça.

– Mas com aproximadamente dois homens de suporte para cada um em batalha.

– Mesmo assim ainda são sessenta mil? Setenta mil? – Cipriano cobriu a boca com a mão. Radu ficou chocado ao ver as lágrimas se acumularem em seus olhos cinzentos. – São tantos! O que a cristandade pode fazer contando com uma mera fração do que dispõe o islã? Como nosso Deus vai conseguir lidar com a ferocidade dessa fé?

– Não blasfeme, meu jovem. – O tom de Giustiniani era áspero, porém se tornou mais ameno quando ele voltou a falar: – E nada de desespero. As probabilidades não estão todas contra nós como parece. – Ele deu um tapinha na pedra diante deles com a mão grossa e calejada. – Com um punhado de homens e estas muralhas, eu consigo deter até as forças do inferno.

– Ótimo – Cipriano falou em um tom ausente, observando o acampamento otomano. – Porque parece que é isso que vamos enfrentar.

Giustiniani afastou-se, mas Radu e Cipriano permaneceram onde estavam. Cipriano fez um gesto de desgosto com a mão.

– Vejam só os animais naquele curral. Aquele ali, bem ali. Não são nem animais de guerra. Aquele nobre só os trouxe para se exhibir!

Os olhos de Radu nunca abandonavam a barraca vermelha e dourada ao centro: a de Mehmed.

– Um paxá, provavelmente. Ou um ghazi de alguma região oriental. Eles não se veem com muita frequência, por isso usam ocasiões como esta para mostrar força e riqueza.

Cipriano deu risada.

– Eles não estão nem preocupados em nos assustar. Só estão aqui para impressionar uns aos outros. – Ele suspirou, enfim se virando e sentando com as costas apoiadas às pedras. Radu sabia que Mehmed ainda não tinha chegado, que a barraca estava vazia. Ainda assim, precisou se esforçar para desviar o olhar e sentar-se ao lado de Cipriano.

– Se eles têm tudo isso... se podem trazer tudo isso para uma campanha militar... por que vão querer nossa cidade? O acampamento deles é melhor do que qualquer coisa que temos aqui.

Radu suspirou, apoiando a cabeça contra o calcário frio que o separava de seu povo.

– Eles acham que Constantinopla é pavimentada com ouro.

– Chegaram duzentos anos atrasados. Como o sultão pode não saber disso?

– Ele sabe. – Radu falou com convicção. Mehmed era cauteloso e meticuloso demais para não conhecer o verdadeiro estado da cidade. – Mas deixa que todos acreditem que a cidade é rica, para se motivarem a lutar. Só que ele quer a cidade pelo que ela representa. Por sua história. Por sua posição. Para ser sua capital.

– E por isso vai tomá-la.

– E por isso vai tomá-la. – Radu assentiu e ecoou as palavras de Cipriano.

– Como é a vida sob o domínio dos otomanos? Para os Estados vassalos e os povos conquistados?

Radu fechou os olhos e viu uma barraca vermelha e dourada em sua mente. Viu o rosto do homem que estaria lá em breve. Viu a si mesmo, onde deveria estar, na barraca junto com Mehmed.

Para impressionar Cipriano com sua lealdade, ele deveria falar sobre grandes horrores. Mas a expressão de desespero no rosto de Cipriano o assombrou. Havia certo consolo na verdade, então Radu a exagerou:

– Sinceramente? Existe coisa pior. – Radu espantou as imagens do que não aconteceria, e concentrou-se na cidade sobre um morro à sua frente. – Os otomanos não acreditam nos sistemas feudais. As pessoas são bem mais livres sob aquele governo. A manufatura e o comércio florescem. Eles permitem que os vassalos mantenham sua fé, sem nenhuma perseguição.

– Eles não forçam a conversão?

– Os cristãos são livres para permanecerem cristãos. Os otomanos até preferem assim, porque cobram menos impostos dos muçulmanos.

Cipriano deu risada, o que surpreendeu Radu.

– Bom, isso é bem... prático da parte deles.

Radu abriu um sorriso tristonho.

– Não sei se isso serve de consolo, mas quando comparo o povo da Valáquia como o do Império Otomano, os otomanos estão em vantagem.

Cipriano engoliu em seco, sentindo um nó na garganta. Ele olhou para as mãos, que estavam entrelaçadas na frente do corpo.

– Mas não foi melhor para você.

Radu virou a cabeça para o lado oposto ao lembrar-se do que os outros achavam que ele era para Mehmed. Da vergonha e do sofrimento que diziam que ele carregava. Algo que ele faria de bom grado, mas que Mehmed nunca sequer insinuara.

– Não – Radu falou, com uma voz gelada sob a luz do sol. Ele ficou de pé bem a tempo de ver o cortejo de Mehmed chegar. As muralhas da cidade

impunham uma barreira intransponível entre Radu e o desejo de seu coração.
– Para mim não foi.

*Meados de abril*

LADA ESTAVA DE pé, paralisada de raiva e tristeza, ao lado da cama em que Hunyadi jazia moribundo.

Fazia três semanas que ela o deixara, e ele estava firme e forte. Agora era uma mera sombra de si mesmo.

Mehmed conseguira matá-lo, no fim das contas.

Hunyadi soltou uma risadinha ofegante.

– Ele manda os homens contaminados pela peste para a linha de frente. É uma atitude inteligente, na verdade. Apesar de não conseguir me atingir com a espada, conseguiu me pegar com... – Suas palavras foram interrompidas pela respiração pesada e difícil.

Lada nunca tinha se sentido tão impotente na vida. Estava com vontade de matar alguém.

Queria matar Mehmed.

– Onde está Matyas? – perguntou à garota que cuidava de Hunyadi no quarto escuro e apertado em uma casa humilde a boa distância do castelo.

A menina evitou o contato visual, atijando o fogo, como se manter as chamas vivas fosse servir de alguma coisa para alguém.

– Ele não vem aqui.

– O pai dele está morrendo. Mande alguém ir buscá-lo.

A garota fez que não com a cabeça, e algumas mechas de cabelos caíram sobre seu rosto.

– Ele não vai vir.

– É melhor assim – disse Hunyadi, finalmente conseguindo falar de novo. Ele sorriu. As gengivas estavam pálidas, e os lábios, rachados. – Eu não

estava presente quando meu pai morreu. Estava ocupado demais lutando para ir ver um velho lavrador doente morrer. E agora meu filho está ocupado demais no castelo para vir ver um velho soldado doente morrer. Isso é bom.

Lada estava detestando aquela conversa. Queria mais tempo com Hunyadi. Queria de volta o tempo que desperdiçou, que acabaria lhe custando tanto. Ainda havia muito o que aprender com ele. Ela o ajudou a beber um gole de água e ajeitou seu travesseiro.

– Como conseguiu? Como chegou tão longe tendo partido do nada?

– Eu sempre escolhi o caminho mais complicado. Fiz coisas que ninguém estava disposto a encarar. Corri riscos que todo mundo preferia evitar. Eu era mais esperto. Mais determinado. Mais forte. – Ele ergueu uma mão trêmula no ar e soltou uma risada resfolegada. – Bom, certas coisas mudam. Mas sempre fui brutal. Era o mais brutal. Quando a pessoa começa por baixo, é preciso lutar por cada palmo de chão que ocupa no mundo. – Ele deu um tapinha no rosto de Lada com a mão quente e fina como um pergaminho. – Mesmo começando do nada, tive mais sorte que você. Se fosse um menino, o mundo inteiro estremeceria sob os seus pés.

– Eu não tenho nenhuma vontade de ser homem. – Lada fechou a cara.

Em seguida, fez uma careta ao se lembrar das mãos, da língua e dos lábios de Mehmed em seu corpo. Ela nunca fora mais feliz por ser mulher do que naquele momento falsamente precioso. Naquele instante, seu corpo não lhe pareceu alheio e estranho. Ela queria esse sentimento de volta.

Hunyadi estreitou os olhos, pensativo.

– Não. Você tem razão. Acho que, se tivesse nascido menino, talvez acabasse se satisfazendo com o que o mundo lhe oferecesse. É nisso que somos parecidos. Vemos tudo o que não é nosso, ambicionamos. Não perdemos essa ambição. Você precisa sempre lutar por tudo. Mesmo quando já tem, precisa lutar para manter. Precisa ser mais implacável, mais brutal, mais tudo. Qualquer fraqueza que surgir pode arruinar o que conquistou. As pessoas vão ver qualquer eventual brecha como prova de que elas estavam certas, e de que uma mulher não pode fazer o que você faz.

Hunyadi sabia do que estava falando. Os méritos, os feitos e a força de Lada jamais falaria por si sós. Ela precisava abrir caminho pelo mundo ladeira acima, e pelo resto da vida. Seus dentes miúdos mostraram-se em um sorriso furioso.

– Eu vou deixar você orgulhoso. Ninguém vai ser mais brutal que eu. Ninguém vai ser mais implacável. E nunca vou deixar de lutar.

Hunyadi deu risada, tossindo e ofegando até ficar tão pálido que já parecia morto. Lada o ajudou a beber mais água. Ele engasgou e cuspiu a maior parte do líquido, mas conseguiu dar um gole. Por fim, fechou os olhos.

– Não existe descanso para quem é cruel. Mas esta alma cruel precisa de um pouco disso agora, acho.

– Durma. – Lada queria poder garantir que ele iria melhorar, mas não seria capaz de mentir. De novo, não.

– Me prometa – murmurou ele. – Prometa que vai cuidar do meu Matyas. Ser aliada dele.

– Eu juro. – Ela não mencionou que já pretendia fazer justamente isso.

– Seu pai está morrendo – Lada falou quando se sentou em uma sala a sós com Matyas. A frase saiu como uma acusação, apesar de ela saber que não era culpa dele. Era culpa sua, pelo menos em parte.

– Eu nunca entendi meu pai – Matyas falou, brincando com um cálice de vinho. – Nunca o conheci de verdade. Ele me mandou para longe assim que aprendi a falar. Quando me visitava, me olhava com uma cara... uma cara de quem não acreditava que eu era seu. E só o que eu ouvia dele eram histórias sobre suas conquistas, sua coragem, seus triunfos. E, quando me visitava, eu recitava poesia para ele. Uma vez pedi para ele me ensinar a lutar. Ele não perdeu a paciência comigo nenhuma vez, nunca ficou tempo suficiente comigo, mas nesse dia fiquei com medo de que fosse me bater. Disse que não tinha lutado a vida toda só para ver seu filho acabar com uma espada na mão também. – Matyas tocou no cabo da lâmina que carregava na lateral do corpo. – Agora tenho uma espada que não faço ideia de como usar. Esse é o legado dele para mim.

– Você não precisa de uma espada. Só precisa ter a seu lado pessoas que saibam manejá-la. – Lada inclinou-se para a frente, obrigando-o a encará-la. – Você quer ser rei.

Matyas abriu um sorriso malicioso.

– Eu sou leal a nosso abençoado rei, que seu reinado seja longo.

Lada dispensou a falsidade com um gesto com a mão.

– Se eu quisesse ouvir esse tipo de besteira, teria ido à corte, e não pedido uma audiência com você.

Matyas deu risada.

– Acho que você está há tempo demais vivendo no meio dos soldados.

– E eu acho que nós temos coisas a oferecer um ao outro. Você quer a Hungria. Eu quero a Valáquia. Vou fazer o que puder para que você consiga seu trono. E, quando isso acontecer, você vai me ajudar a conquistar o meu.

Matyas ergueu as sobrancelhas.

– Ah, vou? Me diga, por que eu faria isso?

– Uma Valáquia forte significa uma Hungria mais segura. Nós dois sabemos que o atual príncipe concedeu ao sultão o direito de se deslocar pelo país. Eles entram nas suas fronteiras sem ao menos uma lâmina para barrar seu caminho. Se você me ajudar a conquistar a Valáquia, eu garanto que nenhum exército otomano vai chegar aqui com vida.

Matyas passou a mão acima da cabeça, traçando o contorno de algo que Lada não conseguia ver.

– Sabia que a Polônia está com a coroa? Dizem que é por “segurança”. Ninguém pode ser um rei legítimo da Hungria sem essa coroa.

– Isso faz diferença? É só um objeto.

– É um símbolo.

– A dependência de símbolos só mostra fraqueza. Se você é um rei, não precisa de coroa nenhuma.

– Humm. – Matyas baixou a mão e examinou Lada de cima a baixo, como se ela fosse um animal de carga, não uma pessoa. – Meu pai deixou você no comando enquanto se recupera.

O que Matyas realmente sabia sobre o estado de saúde de seu pai? Lada não tinha a sutileza necessária para dar a notícia de uma forma menos direta. Ele já deveria saber disso.

– Seu pai não vai se recuperar.

Matyas sacudiu negativamente a cabeça.

– Não, isso não vai servir. Meu pai está em quarentena para cuidar da saúde, mas, enquanto descansa, encarregou você de cuidar de suas atribuições

mais importantes.

Lada captou no ar o que ele queria dizer.

– Sim – confirmou ela. – Ele me deixou a cargo de tudo.

– E encarregou você de proteger o trono. Contra os atos de traição.

– Traição. – Lada esperava ter que argumentar com Matyas, convencê-lo de sua utilidade. Ela subestimara a vontade dele de aproveitar qualquer vantagem que surgisse a seu favor.

– Sim. Ao que parece, Ulrich, o protetor do rei e meu principal rival, vem cometendo atos de traição. Você e seus homens vão entrar na casa dele e encontrar todas as provas necessárias. – Matyas sorriu, mostrando os dentes manchados de vinho. – E depois vão executá-lo em nome do meu pai.

Lada ergueu uma sobrancelha.

– Sem julgamento?

– Vocês são valáquios. Todo mundo sabe o quanto são violentos.

Ele ficou observando Lada à espera de uma reação. Uma objeção ao pedido para cometer um assassinato. Uma indignação por ser chamada de violenta. Ele não obteria dela uma reação desse tipo. Ela o encarou com um esboço de sorriso. Matyas parecia achar que ela não gostava de que as pessoas falassem isso a seu respeito. Mas, na verdade, aquilo era motivo de orgulho.

Satisfeito com a ausência de protestos da parte dela, Matyas continuou.

– Depois que Ulrich estiver morto, o rei vai precisar de um novo protetor e regente.

Lada assentiu. Era simples assim.

– E depois?

– Depois o rei vai sucumbir à saúde frágil, e o protetor vai ser a escolha mais óbvia para a sucessão. Um rei que pode ser o elo de ligação entre você e as pessoas capazes de garantir o seu trono.

Matyas estendeu a mão, que ficou suspensa no ar entre os dois como uma corrente. Uma corrente com o peso da morte de dois inocentes. Ulrich, que Lada não conhecia, mas que tinha uma reputação de ser justo e correto. E o rei menino, que não tinha feito nada de errado além de nascer com um poder que não era capaz de manter.

Duas mortes. Dois tronos.

Lada apertou a mão dele.



9 de abril

RADU ENTROU NA cozinha com uma faca na mão. O ruído que o despertara no meio da noite foi revelado pela luz da vela, alterando a perspectiva do recinto. Alguns brilhos dourados, uma multidão de sombras escuras.

Um dos pontos luminosos era o rosto de Cipriano, mas sem o brilho habitual.

– O que foi? – Radu atravessou a cozinha até ele e sentiu a temperatura de sua testa, temendo que estivesse doente.

Então sentiu o cheiro do álcool, e o mal-estar de Cipriano se explicou.

– Venha. – Radu segurou Cipriano pelo cotovelo para equilibrá-lo. – Você precisa ir se deitar.

– Não. Não! Eu não posso dormir. Não agora. Acho que meus sonhos vão se desfazer diante de mim depois do encontro que tive hoje à noite com meu tio.

A parte cada vez menor de Radu que ainda alimentava a esperança de fazer diferença entrou em alerta.

– Então vamos dar uma volta. O ar da noite vai ajudar a deixar você sóbrio.

Cipriano murmurou sua concordância. Radu encontrou o manto do outro jogado no chão, e o ajudou a prendê-lo sobre os ombros. Cipriano mantinha-se próximo a Radu, com uma das mãos em seu ombro. O peso dela sugeria que o homem não conseguiria parar em pé sem se apoiar em Radu.

– E quanto a Nazira?

– Ela não vai sentir minha falta. – Radu abriu a porta e ajudou Cipriano a cruzar a curta distância até a rua. Eles caminharam em silêncio por um tempo, com Cipriano apoiado em Radu para se equilibrar. A noite estava bem fria, silenciosa como uma tumba.

– Você ama Nazira – Cipriano comentou.

– Sim.

– Como uma irmã.

Radu deteve o passo, e Cipriano perdeu o equilíbrio. Radu deu uma risadinha forçada.

– Só não conhecendo minha irmã para dizer que sinto por ela o mesmo que por Nazira.

Cipriano fez um gesto enfático com a mão.

– Mas não existe paixão entre vocês.

Radu retomou a caminhada, com a cabeça girando. Cipriano tinha visto demais. Eles nunca deveriam ter concordado em viver com ele. Se alguém desconfiasse de que Nazira fosse algo além de sua amada esposa, eles estariam mais ameaçados do que nunca. Ela havia vindo para que sua história fosse aceita sem suspeitas. Mas se as pessoas duvidassem do casamento em si...

– Ela é minha esposa, uma preocupação minha. E agora você se tornou uma preocupação também. O que aconteceu? Nunca vi você assim.

Nas semanas que passaram juntos, Cipriano nunca tinha bebido. Mesmo quando soube da morte dos colegas embaixadores, ele manteve a compostura em um luto discreto. Alguma coisa deve ter acontecido naquela noite para produzir uma alteração tão drástica de comportamento.

– Oito mil – Cipriano disse em um sussurro.

– Oito mil o quê?

– Oito mil homens. É só o que temos.

Radu parou de novo, fazendo Cipriano cambalear outra vez. Radu o segurou pelos braços.

– Oito mil?

Era menos do que Radu imaginava. Ele tinha visto o quanto a cidade estava desolada, mas não imaginou que isso servisse como um indicativo da quantidade de soldados com que eles poderiam contar.

– Oito mil homens para vinte quilômetros de muralhas. Oito mil homens contra sessenta mil.

– Mas com certeza vão vir mais.

Cipriano fez que não com a cabeça, cambaleando para o lado com o movimento.

– Meu tio espera que sim, mas eu não. Os turcos já estão aqui. Disseram que a Marinha deles está a caminho. Quem vai mandar ajuda? E como chegar até aqui? Quem vai olhar para aquelas hordas diante dos portões e ter coragem de lutar ao nosso lado?

– Mas você ouviu o que Giustiniani disse nas muralhas. Vocês ainda contam com a fortificação. – Radu não sabia se pressionava Cipriano para obter mais detalhes sobre as condições de defesa da cidade ou se tentava consolá-lo. – Vocês conseguiram repelir o ataque de ontem!

Mehmed tinha mandado um pequeno contingente a um dos pontos mais frágeis da muralha. Foi um ataque repentino e feroz. Mas, depois de algumas horas, duzentos otomanos estavam mortos e apenas um punhado de defensores havia sido perdido. Foi uma grande vitória para Giustiniani, uma prova de que sua afirmação de que era capaz de defender a cidade tinha seu peso.

Ou, pelo menos, era isso que estava sendo dito. Radu desconfiava de que Mehmed estivesse apenas brincando, como um gato faz com a presa. Porque o que ninguém sabia, o que não estava sendo levado em conta, era que Mehmed não pretendia derrubar as muralhas lançando homens sobre elas. Os canhões ainda não haviam chegado. Até lá, ele se contentaria em proporcionar pequenos sustos e ver a reação do outro lado.

Radu viu uma construção familiar diante deles. Ele direcionou Cipriano para a Hagia Sophia e o colocou encostado à parede enquanto mexia na fechadura. A porta abriu-se com um clique. Radu segurou Cipriano e o jogou para dentro da igreja. Cipriano cambaleou, olhando para o teto em vez dos próprios pés.

– Por que estamos aqui?

– Porque é tranquilo.

– Você já veio aqui antes? Abriu a fechadura com a maior facilidade.

Radu sorriu, porque sabia que Cipriano não ia conseguir enxergá-lo no escuro.

– Eu demorei um tempão para abrir a fechadura. Você é que está bêbado

demaís para lembrar. Até dormiu no meio do processo.

– Dormi nada!

Aos risos, Radu guiou Cipriano até um canto, onde o bêbado escorregou pela parede até se sentar e recostou a cabeça. Radu se acomodou a seu lado, na mesma postura.

– Eu lamento muito – Cipriano falou.

– Pelo quê?

– Por trazer você aqui. Condenei você à morte. Eu deveria... pensei em ir para algum outro lugar. Para o Chipre. Eu deveria ter convencido você a sair desta loucura. Agora está preso aqui, e é tudo culpa minha.

Radu pôs a mão no braço de Cipriano, detestando ouvir o tom de angústia na voz de seu amigo – não, amigo, não. Ele não poderia vê-lo como amigo, e não faria isso. Radu logo recolheu a mão.

– Você nos salvou de Mehmed. Não peça desculpas. Vim para cá porque queria ajudar a cidade. Não teríamos aceitado fugir para nos esconder, e você não conseguiria também.

– Você o chama de Mehmed.

Radu virou-se para Cipriano, que estava com a cabeça voltada para a frente, para a escuridão. Era impossível ler a expressão em seu rosto.

– Como assim? – perguntou, cauteloso.

– O sultão. Você tenta evitar, mas, quando não está prestando atenção, se refere a ele como Mehmed. Vocês eram próximos.

Radu vasculhou as sombras ao redor em busca de uma resposta. Mas Cipriano voltou a se manifestar antes:

– Não era tão ruim, né? Conviver com ele?

Radu entrou em alerta máximo. A embriaguez de Cipriano poderia ter sido um truque para fazer com que Radu se sentisse seguro a ponto de revelar algo que não deveria? Aquilo seria uma continuação do interrogatório sobre seu relacionamento com Nazira? Ele escolheu as palavras com o máximo de cautela que já teve na vida ao dizer algo:

– O sultão foi generoso comigo quando éramos crianças. Eu o admirava. Considerava que ele tinha me salvado do sofrimento que passamos nas mãos

dos tutores indicados pelo seu pai. Ele era tudo o que eu tinha.

– Mas sua irmã estava com você.

Radu soltou uma risada áspera.

– Volto a repetir: você nunca conheceu a minha irmã. Ela reagia aos tormentos que sofremos se tornando ainda mais durona e cruel. Tudo aquilo a fortaleceu, mas estava acabando comigo. Então quando Mehmed... o sultão... me acolheu, foi como se o sol voltasse a brilhar depois do inverno mais gelado e difícil da minha vida. – Radu limpou a garganta. Tinha se aproximado o máximo possível da verdade, então suas mentiras seriam mascaradas pela sinceridade: – Mas, quando crescemos, ele mudou. Ficou mais focado. Mais determinado. Eu não podia contar com o amigo e protetor que eu imaginava ter, na verdade nunca pude. Eu o valorizava acima de qualquer coisa, e ele... Bem. Tudo naquele império pertence a ele, que simplesmente usa as pessoas de acordo com seus interesses.

Radu sabia que Cipriano iria pensar que ele estava falando sobre fazer parte de um harém masculino. Mas a tristeza em sua voz não precisou ser nada forçada. Mehmed o usara, o mandara para lá em uma missão sem propósito. Radu preferia conviver com a ideia de ser um segredo vergonhoso a ser banido.

– Mas você o amava?

Radu encarou Cipriano, que por sua vez estava com a cabeça voltada para o mármore frio do piso, contornando com o dedo o rejunte entre duas peças. Pareceu uma pergunta estranhamente sincera, não uma tentativa de provocação.

Radu ficou de pé.

– Isso não interessa, porque eu o traí. Ele nunca perdoa traição. – Radu estendeu a mão, e Cipriano a segurou. Ele ajudou o outro a levantar-se, e os dois perderam o equilíbrio. Cipriano agarrou-se ao seu colarinho, apoiando o rosto no ombro de Radu.

– Eu perdoaria você – murmurou ele. Durante o tempo de várias respirações, Radu pensou que talvez, de repente...

Então Cipriano curvou-se com a mão no estômago e correu para a porta. Radu foi atrás, mas se arrependeu quando viu Cipriano vomitando na rua em frente à Hagia Sophia.

Confuso e com frio, Radu fechou e trancou a porta por fora. Eu perdoaria você. A frase ecoava em sua mente, perpetuando-se onde deveria ser esquecida.

Perdoaria mesmo? Se soubesse?

Radu virou-se para ajudar Cipriano, cujos sons repugnantes eram o único ruído que se ouvia na escuridão. Foi quando uma movimentação chamou a atenção de seu olhar. Do outro lado da rua, na sombra de um pilar, havia um garoto. Radu estreitou os olhos em meio à penumbra, e então respirou fundo, surpreso.

Era Amal. O criado que tinha servido de espião para ele quando Murad morreu. O criado que atravessou o império para avisar Mehmed de que era preciso reivindicar o trono antes que outra pessoa fizesse isso. O criado que quase com certeza estava no palácio em Edirne quando Radu foi embora.

O garoto sorriu para Radu. Olhando para trás para ver se Cipriano ainda estava ocupado com outras coisas, Radu atravessou a rua correndo. Ele murmurou a localização das tropas, o número de homens e outros detalhes que era possível garantir que Amal lembraria. Para levar a Mehmed.

Seu Mehmed.

Em seguida, Radu retornou até onde estava Cipriano para ajudá-lo a voltar para casa, com seu fardo aliviado pela empolgação e pela esperança.

Radu andava de um lado para o outro com uma vela na mão, lançando sua sombra na parede atrás de si. Nazira estava sentada na cama.

– Ele tinha, sim, um plano para nós! Foi por isso que me mandou visitar a basílica. Tinha a intenção, desde o início, de mandar um batedor para nos encontrar lá. Amal é a escolha perfeita! A passagem entre Gálata e Constantinopla fica aberta durante o dia. Ele pode entrar e sair facilmente, e ir encontrar os homens de Mehmed fora dos portões de Gálata para levar informações. Ah, Nazira, ele tinha um plano para nós.

Radu enfim se sentou, vencido pela exaustão e pelo alívio. Nazira desceu da cama e ajoelhou-se diante dele, colocando a vela em uma mesinha e segurando as mãos de Radu.

– Claro que ele tinha um plano para nós. Acha mesmo que ele teria nos mandado até aqui para nada?

– Fiquei com medo disso. Pensei que ele quisesse se livrar de mim. Eu estava assustado. Pensei que tinha arriscado a sua vida por nada.

Ela estalou a língua.

– Eu jamais faria uma besteira dessas. E nem pensaria que Mehmed é do tipo que esbanja seus recursos dessa maneira. Claro que ele protegeria você. Precisamos ser cautelosos com Amal, e não deixar que ele corra perigo. Mas se trata de um bom método.

Antes que Radu pudesse fazer alguma coisa para impedir, as lágrimas rolaram de seus olhos. Ele e Nazira seriam úteis. Conseguiriam ajudar Mehmed. E Mehmed saberia, e ficaria contente.

– Ele não me abandonou – Radu falou, apoiando a cabeça no ombro de Nazira. – Eu ainda posso ajudá-lo.

Nazira deu um tapinha em suas costas, depois ergueu o queixo dele para olhá-lo nos olhos.

– Nós podemos ajudar o império. É por isso que estamos aqui. Para cumprir as palavras do Profeta, que a paz esteja com ele, e assegurar a estabilidade do nosso povo. Lutamos por nossos irmãos e irmãs, pela segurança de todos. Não perca isso de vista. Não estamos aqui como um favor a Mehmed. – Ela fez uma pausa, amenizando o tom de voz, mas endurecendo as palavras: – Ele não vai se apaixonar por você pelo que fez aqui.

Radu inclinou-se para trás ao ouvir essas palavras.

– Não venha me falar sobre isso.

– Você alimenta esperanças demais, e isso contamina sua alma. Sirva a Mehmed porque assim está servindo ao império. Mas não faça por alguma esperança absurda de que isso vai fazer com que ele sinta por você o mesmo tipo de amor que sente por ele. Ele não é capaz.

– Você não o conhece!

Nazira ergueu uma sobrancelha. Radu baixou o tom de voz, sussurrando em vez de gritar:

– Você não o conhece. Além disso, eu não desejo dele nada além de sua amizade.

– Fique à vontade para mentir para mim, mas pare de mentir para si mesmo, por favor. Seja qual for sua esperança em relação a ele, garanto que nunca vai

se realizar.

– Você encontrou o amor.

– Sim. Com alguém capaz de retribuir. Mas você se recusa a abandonar esse amor doentio por um homem incapaz de retribuí-lo.

Radu piscou algumas vezes para conter as lágrimas.

– Eu não mereço ser amado?

Ela pôs a mão no rosto dele.

– Meu doce Radu, você merece viver o amor mais grandioso que o mundo já viu. Eu só não acho que Mehmed seja capaz de amar ninguém da mesma forma que você o ama.

– Ele ama Lada.

– Eu conheci sua irmã, e conheço Mehmed. Eles amam a si mesmos e suas ambições acima de qualquer coisa. Amam o que impulsiona suas ambições e, quando isso deixa de acontecer, o amor se transforma em um ódio mais intenso do que qualquer amor poderia ser. Você ama com todo o seu coração, Radu, e merece alguém que consiga entregar a mesma coisa em troca.

A felicidade fugaz de Radu transformou-se em um peso, afundando seu estado de espírito para um ponto até então inédito.

– Mas Mehmed é tudo o que eu sempre quis. Não existe no mundo um homem como ele.

– Concordo. Ele vai ser o maior líder que nosso povo já teve. E está destinado a grandes coisas. É mais do que um homem... mas por isso também é menos. Ele não tem nada a oferecer a você.

Radu ficou de pé e afastou-se de Nazira. Estava se sentindo acossado por todos os lados, sufocado e precisando desesperadamente de ar.

– Isso não importa, aliás! Eu não posso ter o amor que desejo em nenhuma religião. É errado.

Nazira o segurou pelo braço e o girou para encará-lo. Estava perplexa.

– Você acha que meu amor por Fatima é errado?

Ele ergueu as mãos.

– Não! Não.

– Deus envolve mais coisa do que conseguimos entender. A paz que sinto ao rezar é a mesma que sinto quando estou a sós com Fatima. A clareza do jejum é a mesma que experimento quando estamos trabalhando juntas. Quando estou com Fatima, todos os meus sentimentos são puros e bons. Não consigo imaginar um deus que abomine o amor, seja qual for a maneira que expressamos nossa ternura uns pelos outros. Quero que você encontre o mesmo amor, e que nunca tenha raiva de si mesmo por um amor que sinta. – Ela o puxou mais para perto, e Radu permitiu, perguntando-se se era possível para ele ter a mesma clareza e pureza no amor que Nazira encontrou.

Mesmo sabendo que, com Mehmed, isso era impossível.

Mas como abrir mão do homem que estava entranhado em sua alma?

*Meados de abril*

ELES ESPALHARAM-SE PELA propriedade como um incêndio. Os criados acordaram com o som de móveis sendo arrebatados e vidros sendo quebrados. Alguns tentaram resistir. Lada deu ordens para que seus homens não matassem ninguém. Não era difícil neutralizar um bando de pessoas sonolentas e desarmadas.

Quando chegaram aos aposentos de Ulrich, ele estava vestido e à espera. As costas eretas sob os ombros largos, e a expressão no rosto impassível. Não havia mais ninguém no aposento. Lada sentiu-se grata por não haver uma esposa presente para chorar e implorar, para ser testemunha. O serviço sairia mais limpo dessa maneira.

Ulrich tinha uma espada embainhada na cintura. Ele não fez nenhuma menção de sacar a arma.

– O que significa isso? – questionou, com a voz calma e confiante.

Lada já sabia qual seria o destino do homem. Não queria nenhum tipo de enfrentamento. Sem testemunhas, não seria necessário fazer um teatro de acusações que ambos saberiam que eram falsas. Vê-lo encarar o próprio fim de maneira tão estoica a fez sentir um pouco de vergonha. Aquele era um homem de fibra. Talvez até um grande homem, de acordo com as apurações de Stefan.

Portanto ela não disse nada. Passou por ele e sacou a carta de Mehmed do colete. O selo ainda estava intacto, e a assinatura elaboradíssima era inconfundível. Em seguida, tirou com as pinças um carvão em brasa do fogo. Com uma leve sensação de prazer vingativo, queimou seu próprio nome e o poema que Mehmed escrevera com toda a falsidade. Quando terminou, a única coisa que restava era a assinatura de Mehmed e a promessa de encontrá-los na Transilvânia e de fornecer tropas.

Ela estendeu a carta para Nicolae.

– Ele foi encontrado tentando queimar isto.

Nicolae pegou a carta com uma expressão de desconforto no rosto. Ela não revelara tudo para seus homens, apenas que invadiriam a casa em nome de Matyas e Hunyadi. Afinal de contas, aquela aliança fora ideia de Nicolae. Ele não tinha o direito de questionar o destino a que levaria o caminho que escolheu.

Lada virou-se para Ulrich. Por fim, alguma emoção surgiu em seus olhos castanhos intensos. Mas ele não estava com medo ou furioso, como ela esperava. Parecia apenas triste.

– Ele poderia ser um excelente rei, sabe.

Lada perguntou-se por que Ulrich estaria falando sobre Matyas. Mas então Ulrich continuou seu discurso:

– É um bom menino. Inteligente. Com uma bondade genuína na alma que é incomum encontrar em qualquer um, principalmente na realeza. Se tiver tempo para crescer até chegar à maioridade, vai ser um rei justo e bondoso. O tipo de governante que a Hungria precisa e merece.

– Eu lamento. – E, para sua própria surpresa, Lada lamentava mesmo. Estava tão concentrada em concretizar a reivindicação de Matyas ao trono que nem parou para pensar em como se sentiria. Assegurar o trono da Hungria para outra pessoa não era um ato tão simples como imaginava.

Ela sacudiu negativamente a cabeça.

– Mas eu não posso colocar a necessidade da Hungria acima da necessidade da Valáquia.

As lágrimas que se acumularam nos olhos de Ulrich capturaram o brilho do fogo. Ele baixou a cabeça e murmurou uma prece. Em seguida, estendeu os braços para os lados.

– Lembrem-se: ele é uma criança. Deem a ele uma morte piedosa.

A faca de Lada parou no ar. Quando olhou para baixo, ela viu que estava tremendo em sua mão. Era a primeira vez que iria matar um homem fora do campo de batalha. E não era para salvar a própria vida. Era por escolha sua. Ela poderia deixar Ulrich – um homem bom – continuar vivendo. Ele tomaria o ataque como uma prova da traição de Matyas e usaria o incidente para expulsá-lo do castelo. O jovem poderia se tornar um homem moldado pela força de seu verdadeiro protetor.

Lada olhou para o rosto de Bogdan – o rosto de sua infância. Não havia nenhum indício de julgamento ali. Ele simplesmente assistia a tudo, à espera. O medalhão do colar em torno de seu pescoço pressionava seu coração.

A Valáquia.

Ela respirou fundo. Quando cravou a faca no coração de Ulrich, sua mão estava firme de novo.

A “prova” encontrada foi suficiente para justificar a morte de Ulrich sem maiores protestos. E, como Erzsebet tinha sido a responsável por nomeá-lo protetor do rei, suas decisões também passaram a ser consideradas suspeitas. Ela foi transferida para um castelo distante, para ser mantida em isolamento. Matyas foi nomeado regente – e herdeiro, caso o rei morresse de causas naturais.

Ladanão duvidava de que seria esse o caso, e muito mais cedo que o previsto. Quando viu Matyas pôr a mão no ombro da criança trêmula, Lada lembrou-se do último pedido de Ulrich.

– Seja gentil quando der cabo dele – ela disse quando encontrou Matyas em um corredor deserto do castelo que em breve seria dele. Lada detestava Hunedoara, odiava aquele castelo, e também seu aliado. Ela precisava se desvencilhar da Hungria.

Matyas deu risada.

– Está me dando ordens agora?

– Foi o último pedido de Ulrich.

– Eu vou fazer o que achar melhor. – Ele lhe entregou uma carta, selada com seu brasão, em que um corvo era a figura mais proeminente. Naquela manhã, Lada vira um corvo arrancar um pombo de seu ninho nos beirais do castelo, e despedaçá-lo de forma metódica e eficiente.

– É uma apresentação a Toma Basarab. Ele vai orientar você e ajudá-la na tomada do trono. Ninguém conhece os boiardos valáquios melhor que Toma.

– E as tropas?

Matyas sacudiu negativamente a cabeça.

– Eu não tenho homens melhores para oferecer do que aqueles que você já tem, e além disso não posso abrir mão de nenhum. Se você for acompanhada

das minhas tropas e fracassar, isso vai destruir as relações entre a Hungria e a Valáquia.

Lada abriu um sorriso tenso.

– Então, eu saindo vencedora ou morrendo, você ainda vai ter um aliado no trono. – Matyas tinha nascido para aquilo. O jovem rei podia ter um coração bondoso, porém Matyas sabia o que era necessário para conquistar e manter o poder.

– Seu entendimento é perfeito – respondeu ele. – Espero que tenha sucesso, Lada Dracul. Estou curioso para saber do que é capaz. Desejo ter com você um relacionamento longo e frutífero.

Lada não queria nada com ele. Mas Matyas lhe dera mais uma faca, que ela usaria para abrir caminho até o trono.

Ela inclinou a cabeça, indisposta a fazer qualquer tipo de mesura.

– Vou prestar meus respeitos ao seu pai antes de ir embora.

A expressão de Matyas tornou-se um pouco desconcertada por um instante, mas logo recuperou a astúcia habitual.

– Ele morreu. Seu último ato foi revelar a traição de Ulrich. Não precisa ficar para o funeral.

Lada fez uma careta. Hunyadi foi arruinado por uma traição sua, e depois ela atraíçou um homem bom em nome dele. Foi essa a retribuição que deu a Hunyadi pelo amor, a confiança e o apoio que recebeu.

Ela apertou o medalhão do colar em torno do pescoço com tanta força que seus dedos ficaram sem cor.

– Você é uma menina estranha – Matyas falou com um tom afetuosos.

– Eu sou um dragão – Lada respondeu. Em seguida, virou as costas e saiu daquele lugar tóxico pelo que esperava ser a última vez.



12 a 19 de abril

ENQUANTO RADU E Nazira oravam no quarto antes do amanhecer, o fim do mundo começou.

Eles sentiram o chão tremer sob seus joelhos, interrompendo a oração. Os sinos das igrejas ressoaram com a urgência dos anjos anunciando o fim dos tempos. Radu ouviu a gritaria nas ruas.

– Os canhões. – Ele virou-se para Nazira. – Os canhões estão aqui.

– Pode ir – falou ela.

Radu calçou as botas e quase caiu, de tão apressado. Antes que terminasse de ajustar o manto, ouviu batidas na porta do quarto. Quando abriu, deu de cara com Cipriano, pálido e desgastado como o cascalho das muralhas.

– Os canhões – falou ele, sacudindo a cabeça. – É o nosso fim.

– Precisamos ir para as muralhas. – Radu segurou o braço de Cipriano e o virou. – Você já foi? Elas já caíram? Os otomanos estão na cidade?

– Não sei o que aconteceu depois que fui embora. Eu estava com meu tio e Giustiniani. Eles solicitaram você. Acho que finalmente acreditaram no seu relato sobre as armas de fogo dos turcos.

Radu quase deu uma gargalhada depois de sair da casa de Cipriano e correr pelas ruas. Eles precisaram passar por várias aglomerações que se formaram na frente das igrejas, com todo mundo querendo entrar ao mesmo tempo. Explosões sucessivas abalavam a cidade toda, pontuadas pelos sinos ainda tocando e pelos berros desesperados.

– Você! – Cipriano agarrou um monge pelo colarinho. O homem olhou para Cipriano como se estivesse diante do diabo em pessoa. – Aonde você vai?

– Para a igreja!

– Você não vai ajudar ninguém por lá!

A convicção do monge de que Cipriano era o diabo se consolidou. Ele fechou a cara, contrariado.

– É o único lugar em que eu posso ajudar alguém!

– Reúna os cidadãos e peça para levarem pedras e material de construção para as muralhas. Vamos precisar da ajuda de todos se quisermos sobreviver a essa noite. Vocês podem rezar enquanto trabalham.

O monge hesitou, mas por fim assentiu.

– Vou avisar a todos.

– Isso foi uma boa ideia – Radu falou quando eles voltaram a correr na direção das muralhas.

– Não vai ser suficiente. Prometa que, se eles entrarem, você vai fugir.

– Preciso pegar Nazira primeiro.

Cipriano balançou positivamente a cabeça.

– Vá para Gálata, se puder. Talvez consiga passar despercebido.

– E você?

– Vou ficar com o meu tio.

Radu deteve o passo. As muralhas já estavam visíveis. Era possível notar as nuvens de fumaça e de poeira pairando no ar como uma visão do futuro.

– Você não precisa morrer pela cidade. Não é nem a sua cidade.

Cipriano parou e os dois ficaram lado a lado, ofegantes.

– Meu tio me dedicou toda a gentileza.

– E você é grato a isso, como deve. Mas quando a questão for ficar e morrer ou fugir e sobreviver, escolha a segunda. Ele vai querer que você faça isso.

– Vai mesmo?

– Se não quiser, deveria. A cidade vai resistir ou cair de acordo com os caprichos do destino. Seria uma tragédia se você tombasse junto. – Radu se deu conta do quanto estava sendo sincero. Ele não suportava a ideia de que Cipriano morresse junto com a cidade.

Os olhos cinzentos de Cipriano passaram de perturbados a pensativos. Então ele abriu um sorriso, daqueles que quase faziam seus olhos se fecharem, do tipo que Radu não via fazia um bom tempo, e isso apagou todo

o resto. Cipriano sacudiu a cabeça como se quisesse espantar o sorriso e assumir uma expressão mais condizente com a situação, mas não conseguiu.

– Obrigado – falou.

Radu nunca tinha reparado na boca de Cipriano antes, mas por algum motivo não conseguia desviar os olhos dela agora.

Com tanto barulho e gritaria, Radu estava desorientado. Sua cabeça ficou zozna, e seu coração batia muito mais forte do que deveria para uma corrida tão curta.

O som de uma bola de pedra chocando-se contra a muralha de calcário o tirou do estupor. Cipriano guiou Radu em meio ao caos até onde o imperador e Giustiniani o esperavam. Eles estavam embaixo de uma torre, gesticulando enfaticamente. O cano de um canhão enorme saía para fora da torre, apontado para as tropas otomanas.

– Não! – gritou Radu, disparando na direção deles.

Um estalo alto o deixou momentaneamente ensurdecido. Mesmo à distância, deu para ver a força do impacto empurrando o canhão para trás. O calor e o deslocamento de ar da explosão eram demasiados para aquela arma. Ao se chocar contra a parede traseira da torre com toda a força, tanto a arma como a torre explodiram. Radu virou-se e atirou-se sobre Cipriano, lançando ambos ao chão e cobrindo a cabeça para se proteger da chuva de escombros. Alguma coisa chocou-se com força contra seu ombro.

Quando apenas uma pequena camada de poeira caía ao redor, Radu saiu de cima de Cipriano e levou a mão ao ombro.

– Está machucado? – Cipriano inclinou-se sobre ele, buscando algum ferimento.

– Vá procurar o imperador! Ele estava mais perto.

Cipriano levantou-se e contornou o que restou da torre.

– Tio? Tio!

Com um grunhido de dor, Radu sentou-se. A torre estava destruída. Só restava a base de pedra. Vários corpos feridos estavam soterrados sob o entulho.

– Aqui! – Cipriano gritou.

Radu fez uma careta ao tentar ficar de pé. Cipriano devia ter localizado o

imperador. Ou seu corpo. Radu sabia que a morte tão precoce de Constantino era motivo de alívio ou até de alegria, ainda mais por causa de uma bobagem de seus próprios homens. Mas aquilo o entristeceu.

– Oh! – exclamou ao erguer os olhos e dar de cara com Constantino estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar. – Eu pensei... você estava tão perto da torre!

– Giustiniani ouviu seu grito, e nós pulamos para longe. Como sabia o que ia acontecer? – Constantino olhou para os escombros com uma expressão de raiva feroz. – Meu mestre armeiro é um traidor? Ele nos sabotou?

Radu levou a mão ao ombro para tentar aliviar a dor que o fazia latejar.

– Um traidor não. Só um tolo. Não dá para disparar um canhão desse tamanho sem uma proteção ao redor. A força do disparo joga a arma para trás. E ele também colocou muita pólvora. Eu falei que conhecia a artilharia do sultão. Urbana, a engenheira que as fabricou, veio da Transilvânia. Ela era minha amiga. Nós conversamos bastante.

– Me deixe ver você – Cipriano falou. Ele virou Radu e afastou com cuidado o tecido da camisa do ombro ferido. Seus dedos leves percorreram a pele de Radu. Ele estremeceu. – Não está sangrando. O hematoma não vai ser pequeno. Mas, se ainda consegue mover o ombro, pelo menos não deve estar quebrado. – Os dedos de Cipriano permaneceram ali por uma infinidade de segundos mais; em seguida, ele recolocou a camisa de Radu. A respiração acelerada voltou.

Giustiniani limpou a garganta e cuspiu. Seus cabelos estavam tão empoeirados que ele parecia ter envelhecido trinta anos de um momento para o outro enquanto observava Radu, pensativo.

– Você é um especialista em canhões, então?

– Um especialista, não. Mas essas torres não estão equipadas para receber canhões. Não são robustas o suficiente, e não têm espaço para artilharia. Vocês vão ter que arrumar outra maneira de usar essas armas.

– Pensamos que, atirando nos canhões do sultão, nós poderíamos...

– Eles são um alvo pequeno demais. Vocês precisariam de vários disparos para calcular a distância certa, mas então eles simplesmente moveriam as armas. Vocês viram o acampamento deles. Mesmo se conseguissem destruir um canhão, eles têm como fazer os reparos e forjar mais armas. Com certeza

Urbana está lá. Não existe ninguém melhor que ela. E acho que eles estão disparando a artilharia de trás de uma trincheira.

Constantino assentiu, desolado.

– Aquele primeiro tiro no Portão de São Romão... pensei que o mundo estivesse acabando. Mas não houve mais nenhuma explosão como aquela. Quem sabe o canhão quebrou?

Radu tentou mexer o ombro. Ele conseguia movê-lo, mas a dor era lancinante.

– O Basílica. – Ele quase sorriu, imaginando o quanto Urbana estaria satisfeita. – Precisa esfriar depois de ser disparado, por isso o número de tiros em um único dia acaba sendo limitado. É destinado mais a mostrar o que eles podem do que a ser usado na prática. É o número de armas que vocês devem temer, não o tamanho de uma delas. As muralhas estão aguentando firme?

Giustiniani espanou um pouco de poeira dos cabelos.

– Por enquanto não tem nenhuma abertura que represente ameaça. Eles estão atirando do jeito errado. Deveriam mandar saraivadas de três balas, uma no meio com uma de cada lado, para derrubar uma seção inteira da muralha. Em vez disso, atiram várias vezes seguida no mesmo ponto. Estão fazendo estrago, mas não o suficiente.

Giustiniani inclinou-se para fora, observando sem ao menos piscar uma enorme bola de pedra atingir a muralha a apenas alguns metros deles. Era um barulho mais alto que qualquer um que Radu já tivesse ouvido, como um trovão chocando-se contra outro.

– Nós não podemos absorver tantas pancadas. Os fragmentos da muralha são tão capazes de matar nossos homens quanto os tiros de canhão. – Giustiniani ficou em silêncio por um tempo, em uma reflexão profunda. – Não temos como revidar os tiros de canhão, e também não dá para confiar na robustez da muralha. – Ele abriu um sorriso tristonho. – Está na hora de pensar em ser mais flexível.

Como estava com o ombro ferido, Radu ajudou Cipriano a organizar os trabalhos, em vez de pôr a mão na massa e participar dos reparos às muralhas. Passaram o dia todo correndo, instruindo os homens a cobrir com argamassa a superfície para fortalecê-la. Eles amarraram fardos de lã com corda e os baixaram para absorver uma parte do impacto. Todas as tapeçarias do palácio

foram removidas, e os bordados elegantes de grandes momentos do passado agora estavam pendurados diante das paredes em uma tentativa desesperada de assegurar algum futuro.

Ao cair da noite, todos na cidade estavam assustados e temerosos depois de um dia de bombardeio incessante. Mas estavam prontos. Assim que escureceu, Giustiniani mandou subir os suprimentos. Diante de todas as aberturas na muralha foram colocadas estacas com peças de couro esticadas entre elas. No espaço entre elas e as partes danificadas da muralha foram despejadas pedras, madeiras, arbustos, lenhas, e baldes e mais baldes de terra.

Estacas de madeira para salvar uma cidade.

– Isso não pode ser incendiado? – Radu perguntou a Cipriano enquanto ambos supervisionavam os reparos a um trecho da muralha do Palácio de Blaquerna.

– O couro não pega fogo facilmente. Mas precisamos posicionar guardas com balestras para impedir a aproximação do inimigo mesmo assim. – Cipriano fez uma pausa para gritar aos homens instruções sobre o transporte de enormes barris carregados de terra. – Lá para cima, para termos onde nos esconder!

Os homens tinham acabado de posicionar os barris quando uma bola de pedra surgiu da escuridão em alta velocidade. Radu não teve tempo nem de prender a respiração antes de o projétil chocar-se contra a barreira improvisada.

O material colocado atrás das peças de couro absorveu o impacto da bala de canhão, que rolou inofensivamente para o chão.

Os homens ao redor vibraram. Muitos caíram de joelhos para agradecer. Cipriano soltou um grito de alegria e deu um abraço em Radu. Ele fez uma careta por causa da dor no ombro, mas então um berro de felicidade escapou de seus lábios antes que pudesse se dar conta de que estava torcendo para o lado errado.

Os cinco dias seguintes não trouxeram nenhuma mudança, nem ao menos tempo para respirar. Os canhões eram disparados sem parar, e o som de pedra contra pedra tornou-se tão constante que Radu deixou de notar. O cheiro acre de fumaça se espalhava por toda parte. Quando ele foi para casa dormir algumas horas, Nazira o fez jogar água nos cabelos do lado de fora para

livrar-se de uma parte da poeira.

Mas, assim que o sono o dominava, o barulho da muralha o despertava. Ele desistiu de ir para casa, e tirava alguns cochilos à sombra da muralha interna quando precisava descansar um pouco. As horas acumulavam-se, e apenas o sol e a lua marcavam a passagem do tempo. Mesmo a luz do dia estava tão obscurecida pela fumaça que mal era visível.

Além do bombardeio incessante, as tropas otomanas faziam incursões aleatórias às muralhas, usando cordas com ganchos para derrubar os barris de terra que protegiam os defensores. Os otomanos formavam fileiras tão cerradas que um único tiro de um canhão de pequeno porte seria capaz de matar todos eles, mas mesmo assim continuavam vindo.

Essa era a parte que Radu gostaria de bloquear de sua memória, os acontecimentos que certamente o tornariam incapaz de se desvencilhar do que viu na muralha. Porque ele precisava estar daquele lado, e precisava cumprir seu papel. Portanto, quando os soldados otomanos, seus irmãos de fé, voltavam correndo para tentar recuperar o corpo de seus compatriotas, Radu estava no alto da muralha com os inimigos, ajudando a transformar cada um deles em um alvo.

Na primeira vez que atingiu um homem, ele virou-se e vomitou. Mas logo seu corpo tornou-se imune ao horror do que estava fazendo. Isso era o pior. A cada disparo, ele rezava para errar, e a cada acerto rezava para que as muralhas caíssem em breve e para que os demais fossem poupados.

No sexto dia de bombardeio, uma explosão retumbou no ar, ecoando pelas muralhas. Foi um evento notável apenas porque o ruído não vinha da muralha, e, sim, do acampamento otomano.

Radu correu para o alto da muralha e inclinou-se para fora. Uma fumaça preta subia da trincheira de terra que escondia o Basílica. A localização do canhão foi identificada no primeiro dia, mas Giustiniani não conseguiu destruí-lo. Aparentemente, não era necessário.

Mesmo à distância, a devastação era evidente. A arma devia ter enfim sucumbido ao calor e à pressão de tantos disparos e explodiu. Radu limpou furiosamente o rosto, mas suas mãos o deixaram mais encardido do que estava antes. Sem dúvida, Urbana teria acompanhado Mehmed para cuidar de sua preciosa artilharia. Seu maior triunfo teria sido seu fim?

Uma comemoração exausta e alquebrada ressoou ao redor, mas dessa vez

ele se poupou de fingir interesse em participar. O Basílica não existia mais. A muralha ainda estava de pé. E sua amiga muito provavelmente estava morta.

Cipriano o encontrou sentado com as costas apoiadas ao barril, observando com um olhar perdido a cidade sobre o morro. Quanto estrago mais aquele maldito lugar ainda causaria a todos antes de sucumbir?

– Venha. Giustiniani está na porção do rio Lico da muralha. Com certeza ainda tem alguma refeição que vale a pena comer.

Cipriano conduziu Radu até o italiano. Ele comeu em um silêncio entorpecido ao pôr do sol, só lembrando quando era tarde demais de que não tinha feito sua prece silenciosa.

– É melhor você ir descansar – disse Giustiniani, abrindo um sorriso cansado. – Tivemos uma vitória hoje, ainda que o mérito não tenha sido nosso. Mas vamos ficar com ela mesmo assim.

Radu sentia-se capaz de dormir por anos. Era tudo o que mais queria. Cair no sono e só acordar quando a cidade fosse a capital otomana, quando tudo estivesse mudado e o lugar fosse de novo pacífico. Porque ele ainda acreditava que Constantinopla deveria ser, e ainda seria, de Mehmed. Foi o Profeta, que a paz estivesse com ele, quem determinou isso.

Mas Radu não queria ver mais nada que aconteceria antes de a cidade cair.

Foi quando um ressoar de pancadas ritmadas quebrou o silêncio da noite, acompanhado do rufar de tambores e de chamados dos berrantes. Por fim, os gritos dos homens juntaram-se ao coro, uma cacofonia arrepiante de promessas de morte. Os pelos dos braços de Radu arrepiaram-se. Ele já vira essa tática antes, em Kruje, só que estava do outro lado, juntando-se ao paredão sonoro produzido por seus irmãos de fé.

Nunca estivera daquele lado. E entendia agora por que era uma tática tão eficiente fazer com que o adversário soubesse o que vinha em sua direção sem ter para onde fugir. As chamas acenderam-se por todo o vale mais abaixo. Junto com a onda de som, milhares de homens avançaram contra a muralha.

Radu seguiu as ordens gritadas por Giustiniani. Os homens vieram correndo de outras seções da muralha para ajudar. Radu disparava flecha após flecha, trocando de arma para uma balesta quando seu ombro ferido não aguentava mais.

Mesmo assim, os otomanos vieram.

Onde conseguiam ultrapassar a muralha, Giustiniani estava à espera. Em alguns locais, a pilha de corpos era tão alta que servia de escada quase até o topo. Otomanos subindo sobre os corpos de outros otomanos, escalando rumo à morte certa, para que seus cadáveres transformassem-se em degraus para os que viessem depois.

A fumaça e a escuridão, os gritos e os tambores, o sangue e o fogo envolviam tudo. Radu estava atordoado. Como poderiam ser considerados homens? Como tudo aquilo poderia ser real?

– Radu! – berrou Cipriano. Ele segurou Radu pelo braço e o afastou do raio de alcance de uma espada. Diversos otomanos haviam conseguido escalar a muralha perto dali. Radu queria dizer a todos que eles não eram inimigos. Mas suas lâminas estavam em riste, então Radu os encarou. Cipriano colou as costas às suas. Uma espada reluziu na direção de Cipriano. Cipriano não, foi o único pensamento de Radu ao arrancar com um golpe o braço que brandia a arma. Foi quando enfim conseguiu ver o rosto do homem, que olhou para Radu, e nesse momento toda a raiva desapareceu de sua face. Ele era parecido com Petru, aquele janízaro burro que andava com Lada. E poderia ser, caso Lada não tivesse levado seus homens para a Valáquia. Então o soldado tombou por cima da muralha e desapareceu na escuridão.

Radu não teve tempo de pensar, de sentir, porque logo surgiu outra espada e outro braço. Aqueles eram seus irmãos de fé, mas, em meio ao caos e à fúria, isso não importava. Era matar ou morrer, e Radu matou.

E matou.

E matou.

Por fim, a onda produzida pelo ataque começou a retroceder, retirando-se silenciosamente noite adentro. Giustiniani passou mancando por Radu e Cipriano.

– Queimem os aríetes. Deixem que eles recolham seus mortos.

Radu não sabia quanto tempo aquilo tinha durado, nem o quanto havia lhes custado, mas pelo menos acabou. Ele só percebeu que estava chorando quando Cipriano o abraçou e o apertou com força.

– Acabou. Nós conseguimos. A muralha continua de pé.

O cansaço de Radu o impedia de se dar conta se estava chorando de alívio ou de desespero. Ele não tinha escolha – ou teria? Precisava salvar Cipriano,

precisava se manter vivo. Mas aquilo não parecia uma vitória. Juntos, desceram cambaleando da muralha e voltaram à cidade, despencando à sombra de uma igreja e caindo em um sono que nenhum bombardeio seria capaz de interromper.

Quando Radu acordou, estava com a cabeça apoiada no ombro de Cipriano. Uma sensação intensa de bem-estar e alívio o dominou. Eles tinham conseguido. Estavam vivos.

E então o alívio deu lugar ao horror. Ele havia lutado ao lado daquele homem, comemorado sua sobrevivência, apesar de saber que cada bizantino sobrevivente era um oponente a mais para Mehmed vencer. Apesar de saber que, a cada dia que as muralhas resistiam, mais de seus irmãos muçulmanos morriam.

Onde estava seu coração? Onde estava sua lealdade?

Radu afastou-se com passos arrastados do ainda adormecido Cipriano. Ele perambulou à toa, atordoadado e de luto, e acabou mais uma vez se dirigindo à Hagia Sophia. Um garotinho estava dormindo encolhido junto à base da construção. Invisível em meio a tanto breu.

Radu foi até Amal com passos pesados. Ele abaixou-se e acordou o menino.

– Diga a Mehmed que ele está disparando os canhões do jeito errado.

*Meados de abril*

LADA CORREU PARA juntar-se ao solitário Stefan, que vinha sem pressa do desfiladeiro mais adiante. Estava barbeado. O rosto peludo o ajudava a misturar-se aos demais no castelo em Hunedoara, mas ali apenas os proprietários de terra podiam usar barba, e um rosto sem pelos o tornaria mais invisível.

– Nenhum rumor precede nossa chegada – avisou ele. – Podemos montar acampamento hoje à tarde e percorrer o resto do caminho amanhã.

Lada suspirou.

– Eu montaria acampamento até com o diabo se isso significasse sair deste frio.

– Acho que o diabo inclusive gosta do fogo.

Lada estreitou os olhos.

– Stefan, você fez uma piada? Não imaginei que fosse capaz.

O rosto dele não demonstrou nenhuma reação.

– Eu tenho muitas habilidades.

Lada deu risada.

– Disso eu já sabia.

O caminho que eles tomaram ladeava o rio Arges, retrazendo o trajeto que Lada fizera com o pai muitos verões antes. Desta vez, Bogdan cavalgava a seu lado, e não atrás junto com os criados. E Radu estava perdido para sempre, assim como seu pai e qualquer sentimento bom que ainda pudesse ter por ele.

Radu sobreviveria. Ficaria bem. Não poderia morrer nas muralhas de Constantinopla porque pertencia a Lada, e ela não permitiria. Assim como a

Valáquia era sua e não poderia ser de mais ninguém.

– Por que você fica olhando toda hora para aquele pico? – Nicolae perguntou, seguindo os olhos dela. – Isso está me deixando apreensivo. Está esperando algum ataque?

Lada fechou a cara.

– Não.

Ela pensara em fazer uma escapada do caminho até as ruínas da fortaleza no alto do pico. Queria se colocar lá no alto para receber o nascer do sol e sentir o calor de sua verdadeira mãe, a Valáquia, acolhendo-a e abençoando-a.

Porém o encontro recente com a outra mãe a deixara incomodada, com uma sensação de incerteza. E se ela tivesse uma lembrança equivocada da fortaleza? E se fosse até lá em cima e o sol se escondesse atrás das nuvens? E se fosse um nascer do sol como outro qualquer?

Ela não podia se arriscar a macular uma lembrança tão preciosa. Lada apertou o colar no pescoço, aquele que Radu lhe dera para substituir o velho saquinho de couro. Dentro do pingente havia os restos pulverizados do ramo e da flor de abeto daquelas mesmas montanhas. Ela carregara aquilo consigo como talismãs pelos territórios inimigos. Agora estava em casa, e ainda assim era um território inimigo.

Ela escalaria aquele pico um dia, e em breve. Quando tudo fosse seu. Ela voltaria e reconstruiria a fortaleza em homenagem à Valáquia.

Eles pararam na base da elevação para encher os cantis e dar de beber aos cavalos. Lada desceu da cela e foi até um aglomerado de pedras cinzentas e escuras, seguindo um fio d'água que continuava até o riacho. Debaixo das rochas havia uma caverna escondida. Ela abaixou-se e enfiou-se lá dentro, onde o frio era ainda mais intenso. Não era possível ver muito longe, por isso ela tateou as paredes rústicas da caverna. Mas então algo mudou sob seus dedos. Ela encontrou pedras lisas demais, que não tinham o formato natural das rochas. Alguém havia escavado aquilo na montanha. Isso significava que não se tratava de uma caverna.

Era uma passagem secreta.

Lada avançou cegamente até o fundo. Lá não havia outros túneis nem ramificações. Por que abrir uma passagem que não levava a lugar nenhum? Teria alguém cortado o coração da montanha, como Ferhat na história antiga,

só para descobrir que as montanhas não têm coração?

Um pingo d'água caiu em sua cabeça, e ela ergueu o queixo. Em seguida, deu um berro. O som ecoou mais acima, desaparecendo em meio ao ruído frenético de morcegos despertados de seu sono. Lada encolheu-se toda, mas nenhum animal veio em sua direção.

Isso significava que havia outra forma de escapar. Ela tateou a parede de novo até encontrar apoios para as mãos entalhados na pedra. Só podia haver um lugar para onde esse túnel levava: a fortaleza em ruínas. O que significava que havia uma rota de fuga, uma maneira de libertar-se quando todos os acessos estivessem bloqueados.

A Valáquia sempre encontrava um jeito.

Embora fosse primavera – um frio terrível, mas de primavera –, Lada viu mais campos entregues ao mato do que terras prontas para serem semeadas. O território por onde viajavam tinha um ar de estagnação.

Por fim, chegaram a uma terra fértil que estava sendo usada. Cabanas decrepitas com fumaça subindo das chaminés marcavam as extremidades dos campos. No horizonte, a sede da propriedade dos Basarab destacava-se, uma casa de dois andares grande o bastante para abrigar todos os camponeses das cabanas por que passaram. Lada e seus homens não fizeram nenhuma tentativa de esconder sua chegada. Matyas tinha prometido dar a notícia. Caso os tivesse traído, precisariam lutar do mesmo jeito.

Havia um menino sentado à beira da estrada. Sua cabeça era grande demais para o corpo magérrimo, visível entre os trapos que vestia. Estava muito frio para usar qualquer coisa menos quente que um manto. Ele observou a aproximação do pelotão sem reagir.

Nicolae parou diante dele.

– Onde está sua mãe?

O menino piscou algumas vezes, sem responder.

– Seu pai?

Mais uma vez sem resposta, Nicolae estendeu a mão.

– Venha comigo – chamou. O menino ficou de pé, e sem dificuldade Nicolae o colocou sobre o cavalo.

– Ele deve estar infestado de carrapatos – Petru falou, franzindo a testa. – Deixe o menino aí.

Nicolae olhou feio para Petru, sem demonstrar nem um pouco do bom humor anterior.

– Se infestação fosse motivo para expulsar alguém da nossa companhia, você já estaria fora há muito tempo.

Petru empertigou-se na sela, levando a mão ao cabo da espada.

– Estou cansado de ser o alvo das suas piadinhas.

– Quando um prego não quer levar martelada, é só não pôr a cabeça para fora.

Petru assumiu uma expressão feroz. Lada posicionou a montaria entre eles.

– Se Nicolae quer recolher gente por aí, a escolha é dele.

Bogdan, que ia junto a Lada, apontou com o queixo para a comitiva.

– Estamos fazendo isso cada vez mais. – Atrás dos homens montados, mais ou menos a meia légua de distância, um grupo de pessoas exaustas, porém determinadas, os seguia.

Além dos trinta janízaros restantes, Lada tinha recrutado mais duas dúzias de valáquios durante sua passagem pela Transilvânia e pela Hungria. Eles carregavam cajados, rastelos, porretes. Um deles tinha uma foice enferrujada. Nenhum dispunha de cavalos, mas todos marchavam na formação mais próxima de que eram capazes. Lada conhecia aqueles homens. Mas além deles havia a periferia do acampamento – mulheres mobilizadas por Oana para cuidar das coisas, homens velhos e expostos demais à ambição dos mais jovens e até um homem com suas filhas que os seguiram a partir de Arges para não pegarem sozinhos a estrada perigosa.

– Que absurdo – Lada falou. – Por que continuam com a gente?

No caso de seus homens, era possível entender. Eles não tinham opção melhor, nem algum lugar para ir. Eram leais a ela, e havia a esperança de que talvez Lada pudesse encontrar um espaço para eles no mundo. Além disso, eram soldados, estavam acostumados a viagens e sacrifícios. Mas aquelas pessoas, elas...

Elas não tinham opção melhor, nem algum lugar para ir. Eram leais a ela, e havia a esperança de que talvez Lada pudesse encontrar um espaço para elas

no mundo também.

Uma hora depois, Lada estava sentada em uma sala bem mobiliada, bebendo vinho quente e sentindo-se aquecida pela primeira vez desde sua passagem pelo calor sufocante da sala de visitas de sua mãe. Bogdan estava de um lado, Nicolae do outro. Petru e Stefan estavam de pé junto à porta, casualmente intimidadores. Junto à parede oposta, os guardas de Toma Basarab marcavam lugar com uma confiança cheia de empáfia.

– A carta que recebi de Matyas Corvino foi... interessante.

Os cabelos e a barba de Toma Basarab eram grisalhos. Ele usava veludos e sedas escuros como o vinho que servia, e os botões da roupa eram de um tom prateado que combinava com o dos cabelos.

– Eu quero ser o príncipe – Lada falou.

Toma Basarab deu risada, exibindo um sorriso tão brilhante quanto os botões da roupa.

– Por que você tem esse desejo?

– Nossos príncipes falharam com a Valáquia. Estão ocupados demais fazendo apelos a potências estrangeiras, bajulando boiardos, enchendo seus cofres. Enquanto o país apodrece. Eu vou mudar isso.

Toma inclinou-se para trás, batendo com os dedos na taça.

– O sistema é o que é. Até aqui vem funcionando.

– Funcionando para quem?

– Eu sei que você tem grandes sonhos, pequena Draculesti. Mas a Valáquia é a Valáquia, sempre foi e sempre vai ser. O que tem a oferecer?

Lada entendeu imediatamente que a verdadeira pergunta era: “O que você tem a oferecer a mim?”. Ela desejou que Radu estivesse lá. Ele saberia fazer aquela velha raposa comer em sua mão. Lada lançou um olhar de frieza a ele.

– Seu erro é imaginar que estou preocupada em oferecer alguma coisa. O sistema está arruinado. Eu vou mudá-lo.

– Agitadores que pedem mudanças acabam mortos.

Lada escancarou os dentes em um sorriso.

– Vamos ver quem vai acabar morto quando tudo terminar.

Toma sorriu, abrindo lentamente os lábios sob os olhos escuros.

– Acho que entendo o que tem a oferecer, então. Matyas fez bem em mandá-la para cá. Você tem muito potencial. Vou ser seu conselheiro. Existem muito boiardos que posso atrair para o seu lado. Alguns vão precisar de uma... persuasão mais agressiva. Mas desconfio de que você seja boa nisso. Sob a minha orientação, vai ter seu trono em Tirgoviste. Seria um orgulho para mim estar a seu lado, servindo a um príncipe Draculesti. – Ele estendeu a mão para ela diante do fogo da lareira.

Lada lembrou-se da piada de acampar com o diabo, e um sentimento repentino de repulsa a dominou. Ela não queria a ajuda dele, nem a de ninguém. Mas precisava.

– Obrigada. – Essas palavras arrastaram-se como areia por entre seus dentes.

– Meus homens vão mostrar as acomodações aos seus. Podemos fazer uma refeição enquanto conversamos sobre as regiões aqui ao redor. Muitos dos boiardos fizeram coisas terríveis para seu povo. – Ele estalou a língua como se lamentasse, mas seus olhos pareciam calcular as vantagens financeiras que poderia obter com Lada.



19 a 21 de abril

A INFORMAÇÃO DE Radu levou a ataques mais bem-sucedidos com os canhões, e ele pagou o preço. Todos os dias via os bombardeios reconfigurados provocarem mais devastação nas muralhas, e todos os dias ia cambaleando para casa, exausto por tentar remendar os buracos. Sua ajuda a Mehmed colocava sua vida em perigo constante. Mehmed estaria preocupado? Arrependido?

O trabalho de Nazira era igualmente exaustivo, mas de outras formas.

– Helena chora o tempo todo – contou de manhã, o único momento do dia em que se encontravam. – Tive que passar meia hora garantindo que Coco, o capitão italiano de quem é amante, realmente a ama e que quando tudo terminar vai largar a esposa que tem em Veneza para ficar com ela. É só isso que eu posso fazer em vez de dar um tapa na cara dela e dizer que está desperdiçando sua vida. As outras mulheres passam a maior parte do tempo rezando na igreja. E, quando não estão lá, ficam reclamando da dificuldade de conseguir comida e de que precisaram doar suas tapeçarias para proteger as muralhas. Como vai o seu trabalho?

Radu calçou as botas. Estavam cobertas de poeira das muralhas.

– O bombardeio está dando mais resultado, mas não existe nenhuma brecha suficiente para lançar uma força de ataque de grande porte. Mehmed está mandando tropas de escaramuçadores para fustigar a defesa e não nos deixar descansar. Já não sei o que mais podemos fazer.

Nazira sentou-se ao lado dele na cama e apoiou a cabeça em seu ombro.

– É um trabalho desgastante, para nossas almas e nossos corpos. Se quiser ir embora, vou estar a seu lado. Mas você acha que, se fugirmos da cidade e nos juntarmos ao acampamento agora, vamos poder dizer que fizemos tudo o que era possível? Eu sei que você não ficaria satisfeito com nada menos. Nem Mehmed.

Radu suspirou, passando as mãos pelos cabelos e puxando-os na nuca. Ele sentia falta de usar turbante. O adereço mantinha os cabelos afastados do rosto e proporcionava proteção contra o sol. Havia um elemento tranquilizador também em enrolar a peça na cabeça todas as manhãs. Todos esses rituais reconfortantes foram perdidos para ele ali.

– Você tem razão. Nós vamos ficar.

Nazira deu um tapinha em sua mão.

– Mas eu ouvi falar uma coisa que vai deixá-lo feliz. Dizem que a Marinha otomana está chegando, deixando um rastro de destruição no caminho. Nosso amigo Suleiman vai estar aqui em breve, o que pode ser um sinal de desfecho rápido.

Radu permitiu-se um sorriso cansado com uma pontada de esperança. Faria bem para sua alma ver aquelas embarcações. E não se incomodaria de não estar nelas, porque o mar era um lugar ainda menos atraente para ele que a muralha.

– Procurei você por toda parte! – Cipriano falou, juntando-se a Radu na parte da muralha que dava para o Chifre de Ouro. Radu vinha evitando Cipriano desde a noite em que lutaram lado a lado. Era mais fácil assim. No entanto, continuava procurando Cipriano entre os homens pelo jeito de andar, com os ombros erguidos e balançando os braços com vitalidade.

– Você sai tão cedo que nunca está em casa nas refeições. Estou sentindo sua falta. – Cipriano olhou para a água e ajeitou o manto em torno dos ombros. – Nazira é uma boa companhia, mas não é a mesma coisa sem você.

Fazia três dias que Nazira dera a notícia da aproximação da frota. A cada tempo livre que surgia, Radu ficava à procura das embarcações na muralha.

Naquele dia, sua longa espera foi correspondida. Ele só desejou que Cipriano não estivesse assim tão próximo. Isso tornava difícil para Radu ficar feliz de verdade. A imensa corrente estava esticada, uma barreira intransponível entre Constantinopla e Gálata. No chifre, os navios de Constantino estavam a postos, prontos para repelir alguma tentativa de destruir a corrente. Eram embarcações comerciais venezianas em sua maioria, bem maiores e mais largas que os galeões de guerra otomanos. Também estavam armados até os dentes, e contavam com uma tripulação bem treinada em resistir a ataques de piratas.

Do outro lado da corrente, fora do alcance dos canhões, a frota de Radu fazia a água parecer uma floresta de mastros. Seu coração encheu-se de orgulho e, sentindo-se culpado, ele afastou-se discretamente de Cipriano. A frota havia chegado no dia anterior, mas aquela era sua primeira chance de vê-la pessoalmente. Radu perguntou-se em que barco estaria Suleiman, e desejou poder ver o almirante no comando da Marinha mais bem preparada do mundo.

Cipriano desviou o olhar, com desolação no rosto.

– São muito mais numerosos do que esperávamos. Você estava certo, como sempre. Onde conseguiram marinheiros?

– São quase todos mercenários gregos.

– Nossa ruína vai ser causada pelos nossos, então.

Radu torcia para que fosse verdade, mas ainda queria ser capaz de oferecer algum consolo a Cipriano. Era um impulso que não havia como negar, e mais uma vez ele pensou no quanto tudo seria mais fácil se Cipriano os abandonasse à própria sorte quando chegaram à cidade. Aquela insistência em firmar uma amizade provocava um aperto incessante no peito de Radu.

Mais uma vez, Radu optou pela verdade como forma de esquivar-se de uma mentira.

– Mas os otomanos não têm como passar pela corrente.

– Nem eles, nem ninguém. O que significa que não temos como receber ajuda. Homens, armas, suprimentos... nada mais vai poder entrar. O que temos hoje é o que vamos ter no fim, seja ele qual for.

– De qualquer forma, as muralhas estão seguras pelo mar. Mesmo se os otomanos atravessarem a corrente, um ataque por esse lado é quase impossível. O sultão sabe. Ele quer pressionar por todos os lados para cansar vocês. Mas não vai ser preciso deslocar muitos homens a mais para guardar este lado. O rio Lico é o acesso de entrada dele.

Cipriano observou Radu atentamente.

– Você ainda pensa mais como alguém que está na ofensiva do que na defensiva.

Radu ficou vermelho e assumiu uma genuína expressão de timidez.

– Passei muitos anos espiando os mapas da cidade por cima do ombro de

Mehmed.

– Como ele é? Como pessoa, não como sultão.

– No último ano, o sultão e o ser humano tornaram-se inseparáveis. – Da mesma forma como viu Mehmed ganhar poder, Radu também testemunhou seu afastamento cada vez maior, o que era ao mesmo tempo motivo de orgulho e desolação. – Antes disso? Era focado. Motivado. Com uma intensidade tremenda que não se abalava, fosse qual fosse o que monopolizasse suas atenções. Quando esbarrava em algo inatingível, era exatamente isso que passava a querer, nada mais.

– Como você? – O tom de Cipriano era suave, sem nenhum sinal de acusação. Era uma questão de curiosidade, como se ele quisesse preencher as lacunas de uma história que ouviu apenas em parte.

Radu fez que não com a cabeça, mantendo os olhos fixos na água. Mais adiante, o sol estava carregado, refletindo na água a mesma cor dos olhos de Cipriano. Porém era mais seguro olhar para o mar.

– Não, o verdadeiro desafio era outra pessoa da família Draculesti.

– Sua irmã? Ela entrou para o harém dele?

– Não. – Radu abriu um sorriso amargo e enfim se virou para Cipriano. – O problema era justamente esse. Ela não entrou, e nunca iria entrar, por isso ele a queria mais que tudo.

– O que aconteceu?

– Ela foi embora.

– Ela não deveria ter abandonado você.

– Eu queria que ela fizesse isso. E ajudei. Achei que, se ela fosse embora, Mehmed finalmente veria que... – Radu interrompeu a frase. Era bem fácil conversar com Cipriano. Fácil demais. Ele não poderia admitir essas coisas, nem para ele, nem para ninguém.

Cipriano completou a frase para ele:

– Mas Mehmed só conseguia ver aquilo que não tinha. Ele é cego.

Radu limpou a garganta e desviou os olhos.

– Pois é. Ela me abandonou, e deixou Mehmed também. E, por isso, acho que ele sempre vai ser apaixonado por ela. Ou no mínimo desejá-la. Ele não

se conforma com o fracasso.

– Ela era a Constantinopla dele.

Radu sorriu, pois já havia pensado nisso antes. Só que não era o raciocínio certo.

– Na verdade acho que a própria Constantinopla é a Constantinopla dele. Nada vai ser capaz de substituir o que a cidade representa no coração dele.

Um grito na torre ao lado atraiu a atenção dos dois de volta para a água. Os galeões otomanos tinham desmanchado a formação e estavam se afastando da corrente. Radu não entendeu por quê, mas então viu quatro navios mercantes enormes dirigindo-se para o chifre.

E indo diretamente na direção da Marinha otomana.

– São navios italianos! – Cipriano falou, debruçando-se na muralha. – Eles estão tentando chegar ao chifre!

As embarcações que estavam do outro lado da corrente aproximaram-se da barreira, disparando contra a frota otomana. Eles estavam distantes demais para fazer alguma diferença. Para Radu, era possível sentir o desespero mesmo à distância. Todos estavam vendo os navios italianos, mas ninguém podia ajudá-los.

– São quatro navios contra mais de cem. Eles nunca vão conseguir passar.

Cipriano abriu um sorriso tristonho.

– Você não deve subestimá-los. Esses homens nasceram na água. Se o vento continuar favorável, se a sorte estiver do nosso lado... – Os lábios de Cipriano moveram-se silenciosamente, talvez em oração, talvez por algum outro motivo que Radu desconhecia.

Juntos, observaram a batalha do alto. Radu não precisava fingir que estava torcendo para o outro lado, pois acompanhava tudo com a mesma intensidade que os demais, e ninguém tinha como saber que suas esperanças estavam depositadas na Marinha otomana.

Não parecia um cenário promissor. Ele achava que os números proporcionariam uma vantagem, mas os grandes e pesados atravessavam a água como se não tivessem oponentes. Os galeões menores esforçavam-se para manobrar no mar agitado, e sua falta de experiência logo ficou visível. Eles disparavam seus canhões contra os navios italianos, mas nenhuma artilharia pesada o bastante para fazer alguma diferença podia ser colocada

naqueles galeões de pequeno porte.

Os quatro navios abriram caminho bem no seio da Marinha otomana.

Cipriano vibrou junto com os demais que se aglomeravam na muralha. A comemoração fazia parecer que estavam acompanhando um evento esportivo, não uma batalha. Radu ficou decepcionadíssimo ao constatar que de fato não fora uma batalha. Sua Marinha era imprestável.

Então ele percebeu que o vento não estava mais soprando o ar salgado do mar em seu rosto. Tudo ficou estagnado ao redor deles – e dos navios mercantes também. Com a mesma rapidez com que atravessavam as águas, ficaram à deriva, estagnados.

E os galeões tinham remos.

Suleiman não perdeu tempo. Os galeões maiores aproximaram-se, e os menores colocaram-se bem perto dos navios mercantes. Sem vento, os navios estavam à mercê da correnteza, que os fazia se mover à deriva, lentamente, mas de forma contínua, na direção de Gálata, onde os homens de Mehmed já estavam à espera.

Mas os marinheiros italianos não se renderiam facilmente. Eles amarraram os quatro navios para impedir que fossem separados e retirados. As embarcações otomanas convergiram para tão perto que parecia possível que um homem caminhasse de um lado ao outro do mar sem ao menos tocar a água.

Os primeiros galeões pequenos a entrar em contato com os navios mercantes não tiveram a menor chance de fazer nada. Pedras imensas e barris enormes foram derrubados pelas guias dos conveses, danificando algumas embarcações e afundando outras. Os sons da batalha – a madeira partindo-se, o impacto das pedras e o choque do aço contra o aço – ecoou pelo chifre.

E, como sempre, um som que Radu passou a ouvir até no sono: os gritos dos homens. Mesmo à distância, por uma sutil diferença de modulação, era possível distinguir quais eram os berros dos assassinos e quais eram os dos moribundos.

Quando os otomanos conseguiram lançar as cordas nas amuradas, elas foram cortadas. Mãos que buscavam apoio eram decepadas. Piche fervente era jogado sobre os invasores, e Radu viu homens em chamas despencando para morrer na água ou em seus próprios barcos, incendiando-os com seus corpos.

Os italianos tinham a vantagem do tamanho e do peso, mas os otomanos não desistiram. A cada galeão afundado, dois tomavam seu lugar. Era uma coisa exaustiva de se assistir. O sol forte estava bem acima da cabeça de todos, marcando a passagem arrastada do tempo. A plateia ao redor de Radu e Cipriano ficou em silêncio, a não ser por alguma eventual oração ou expressão de susto. Apesar de os italianos lutarem bravamente, o desfecho era inevitável. À deriva, eles aproximavam-se cada vez mais da costa, onde os canhões otomanos seriam capazes de produzir o estrago que os galeões não conseguiram. Era só uma questão de tempo.

Radu fechou os olhos de alívio quando sentiu uma brisa atingir seu rosto maltratado pelo sol. Em seguida, abriu-os de novo, horrorizado. A brisa que vinha do sul transformou-se em vento forte. Uma celebração elevou-se na muralha quando as velas dos italianos encheram-se. Os navios atravessaram a barreira de galeões ao redor, tirando-os do caminho como se fossem gravetos, avançando de forma simultânea. Iriam escapar, e isso era um fato inevitável e indiscutível.

Radu olhou para a costa do lado de Gálata e sentiu seu coração aportar. Montada em um lindo cavalo branco, uma figura minúscula via sua Marinha – com mais de cem embarcações de guerra, a melhor do mundo – ser superada por quatro navios mercantes.

O projeto de Radu. A Marinha de Radu. Ele baixou a cabeça, envergonhado. Contrariando todas as probabilidades, tinham fracassado. O cavalo de Mehmed virou-se, e ele afastou-se rapidamente. Ao longo da muralha, os cidadãos gritavam e vibravam, eufóricos com o milagre perpetrado pelos navios italianos. A corrente foi baixada para permitir sua passagem. Nenhum galeão conseguiu se aproximar depressa o bastante para tirar vantagem da abertura antes que ela fosse esticada de novo.

Era o fim da batalha.

Daquela vez, Radu tinha sido convidado para um encontro com o imperador. Mas bem que gostaria de poder recusar. A humilhação da derrota da Marinha instalou-se em seu peito como uma doença. Era uma bênção, portanto, não estar com Mehmed. Radu não queria nem pensar no que Mehmed diria, no quanto estaria decepcionado. Ele confiara essa tarefa a Radu, que fracassara por completo.

Apesar de saber que não deveria, Radu encontrou algum consolo na

companhia de Cipriano. Ele mesmo estava à deriva, desgastado pelo tempo e pelo fracasso. Pelo menos com Cipriano teria que fingir que estava tudo bem. Era um bom motivo. O único motivo. Ele não se permitia nenhum outro motivo para sentir falta do sorriso ou do toque de Cipriano.

No salão de reuniões de Constantino, Radu e Cipriano juntaram-se a Giustiniani, o falso herdeiro otomano Orhan, o comandante italiano Coco (que Radu conhecia apenas pelas histórias de Nazira sobre a desafortunada Helena), e o imperador. Constantino movia-se com muito mais leveza do que Radu estava acostumado. De novo caminhava descalço, exalando uma energia jovial.

– Grãos, armas, homens. Duzentos arqueiros! Mas essa não é a maior força. Eles nos trouxeram esperança. Outros podem vir. E virão. O vento foi a mãos de Deus, trazendo uma bênção à cidade. A primeira de muitas.

Coco assentiu, incapaz de não se contagiar com a alegria de Constantino.

– Um bom navio italiano vale cem embarcações dos infiéis.

Giustiniani deu risada e um tapinha nas costas de Orhan.

– Está vendo, nós, italianos, podemos fazer coisas boas. Ouvi dizer que o sultão está furioso. O almirante vai pagar caro pelo fracasso.

– Suleiman? – Radu falou antes de se dar conta do que estava fazendo. Tentou transmitir uma expressão de impassibilidade no rosto, mas era impossível. – Eu o conhecia. Ele vai... Vai ser morto? – Uma mão suave pousou em suas costas, provocando um sobressalto, mas ele não se virou. A tristeza de Radu era assim tão óbvia para Cipriano?

– Ele perdeu um olho na batalha. Isso deve servir para salvá-lo, como uma prova de que lutou o quanto pôde. – Giustiniani soltou um risinho de deboche. – Foi uma sorte para ele. Nossos batedores relataram que o homem foi chicoteado e destituído da patente e da autoridade. Um dos paxás está encarregado dos navios agora. Não que isso faça diferença. Não temos nada a temer vindo do mar.

– Mas os venezianos sabem disso? – questionou Cipriano. – Eles devem ter ouvido falar do tamanho da Marinha otomana. Como explicar a eles que têm a passagem garantida para o Chifre?

Radu desejou desesperadamente que Lada estivesse lá. Ela não ficaria triste; não se deixaria abater pelo fracasso. Saberaria como reverter isso a seu

favor. Usaria a força e a confiança do inimigo contra eles. Da mesma forma que quando entraram no palácio sob o nariz de Halil Paxá, colocando Mehmed em posição de assumir o trono depois da morte do pai.

Um brilho de deleite surgiu na alma de Radu quando se lembrou daquela noite, com os guerreiros janízaros de Lada vestidos com véus e túnicas de seda, tentando andar como mulheres para passar pelos vigias. E então ele soube exatamente o que Lada faria.

– Vocês têm bandeiras otomanas? – perguntou.

Todos viraram-se para Radu, intrigados. Orhan, um homem silencioso e delicado que usava um turbante combinado com as roupas bizantinas, fez que sim com a cabeça.

– Tenho um bom suprimento delas.

– E quanto a fardas?

Dessa vez Constantino respondeu:

– Temos duzentos prisioneiros. Eles não vão precisar das fardas nas nossas masmorras.

– Mandem três embarcações sob a cobertura da noite. Barcos pequenos, nada muito ameaçador. Posso ensinar à tripulação algumas saudações mais comuns em turco. Eles podem içar a bandeira otomana e se aproximar dos galeões o quanto quiserem.

– Passar disfarçados. – Constantino coçou a barba, pensativo.

– Três barcos pequenos podem chegar aonde navio grande nenhum é capaz. Eles podem ficar encarregados de buscar a ajuda de que precisamos, e podem voltar anunciando a chegada de novos navios, para que possamos elaborar um plano para recebê-los.

Giustiniani espreguiçou-se na cadeira, inclinando-se para trás.

– É um bom plano. Coco, selecione os homens. Eles vão partir hoje à noite.

O capitão italiano assentiu. Orhan pediu licença para ir buscar as bandeiras, e Giustiniani foi atrás das fardas.

– Muito bem. – Cipriano sorriu para Radu.

Radu não conseguiria retribuir o gesto, então olhou para o chão. Ele não teria tempo para avisar Mehmed. Mas não seria preciso. Ele queria que

aqueles barcos escapassem. Porque, se conseguissem escapar, conseguiriam voltar.

E, quando fizessem isso, Radu teria um aviso em primeira mão da chegada de reforços venezianos. Então poderia alertar Mehmed e conseguir uma espécie de redenção.

*Meados de abril*

DESSA VEZ, STEFAN não voltou sozinho da ronda de batedor. Apareceu com um certo peso nos ombros, entrando no acampamento com uma menina.

– O que é isso? – Lada mal olhou para a garota. – Você deveria trazer informações sobre as terras e os homens de Silviu.

Toma Basarab os mandara em primeiro lugar para lá. Silviu não dispunha de muita coisa em termos de soldados, mas era um Danesti, e estava no caminho de todos os seus objetivos posteriores. Eles não poderiam deixar para trás um parente próximo do príncipe. Lada iria negociar seu apoio. Caso não fosse possível, teria que prendê-lo e desperdiçar um recurso escasso, deixando alguns homens por lá para vigiá-lo. Toma Basarab não quis nem saber de ouvir seus argumentos contrários.

– E então? – perguntou ela.

Stefan encolheu os ombros e limpou a garganta, como se precisasse arrancar as palavras à força. Lada nunca o vira assim. Um medo a dominou. Ele estaria ferido? Ela o olhou de cima a baixo, mas não parecia haver nada de errado com ele.

O rosto dele ficou bem vermelho.

– Ela me pegou.

Lada enfim olhou para a garota. Tinha sua altura, e talvez fosse um pouco mais nova, porém não muito. Retribuiu o olhar de Lada com uma encarada ousada e decidida. O maxilar estreito estava cerrado, e os olhos escuros faiscavam. Levava um tecido cru amarrado nos cabelos, e as roupas pareciam ter sido feitas para outra pessoa. Tinha um caimento todo errado no corpo, larga nos ombros e apertada na barriga, que...

– Ah – Lada falou, franzindo a testa.

As mãos da garota dirigiram-se instintivamente para a barriga de grávida. Em seguida, ela as moveu deliberadamente.

– Peguei seu homem espiando. Disse que iria entregá-lo para os guardas se não me trouxesse aqui.

Lada ergueu as sobrancelhas para Stefan, que se encolheu um pouco mais sob o manto. Ninguém nunca o notava. Ele deslocava-se como alguém invisível, um andarilho exausto que ninguém queria abrigar. Era essa sua intenção, inclusive.

– Muito bem. – Lada voltou a atenção de novo para a garota. – Agora está aqui. O que quer?

– Você é a mulher, certo? Pensei que fosse mais alta. E mais velha. É bem jovem.

Lada deu uma encarada nela.

– Existem muitas mulheres neste país. Vai precisar ser um pouco mais específica.

– Eu ouvi uns boatos. Você ficou um tempo com Toma Basarab. E saiu levando soldados. Os camponeses comentam.

Lada remexeu-se, inquieta. Graças aos homens de Toma – os soldados treinados e os lavradores que recrutaram –, suas fileiras incharam para mais de cem homens. Os camponeses eram mal treinados e desnutridos, mas tinham um apetite para a luta que não podia ser subestimado. Além disso, não comiam muito, o que era bom.

A menina inclinou-se para a frente, exalando intensidade.

– Você vai fazer isso em outros lugares? Reunir homens para combater o príncipe?

– Sim – Lada respondeu.

– Ótimo. – A garota cerrou os punhos na frente da barriga. – Eu quero os Danesti mortos.

Era um desejo perigoso demais para ser proferido em voz alta. Lada admirou a ousadia dela.

– Seu marido quer se juntar a nós? Ele poderia ter vindo pessoal-mente.

A garota soltou uma risada áspera, uma demonstração mais de amargura do

que de humor.

– Eu não tenho marido. Diga a ela o que viu, Stefan.

Para surpresa de Lada, ele obedeceu à ordem sem questionar.

– Um monte de garotas. Nos campos. A maioria... – Ele fez uma pausa e apontou com o queixo para a barriga da moça. – A maioria na mesma situação.

– E sem nenhum marido entre nós. Alguns anos atrás tivemos um surto terrível de peste. Matou a maioria dos rapazes. Faltaram homens para trabalhar na lavoura. Não havia com quem casar as filhas. Então nosso amado boiardo Danesti decidiu cuidar de nós pessoalmente. – A garota se interrompeu, como se estivesse à espera de algo. Lada não respondeu, então ela continuou: – Não temos maridos. – A menina olhou feio para Lada por sua falta de compreensão. – Não somos casadas, mas nossos bebês são todos primos, e bastardos.

Quando, enfim, entendeu, Lada soltou um suspiro horrorizado.

– Oh.

– Por isso não vai encontrar muitos homens aqui para engrossar suas fileiras. Silviu, o verme que é nosso boiardo, vai concordar com o que você quiser porque é um covarde, mas vai correndo contar tudo para o príncipe na primeira oportunidade. E ele não tem nada a oferecer. É melhor matá-lo. Se não quiser fazer isso, vá embora. Estas terras são uma perda de tempo para você.

Lada sentiu a raiva borbulhar dentro de si.

– Por quê?

– Eu já disse, nós não temos homens.

– Não. Por que você deixou isso acontecer? Por que vocês todas deixaram isso acontecer?

O rosto da garota ficou roxo de raiva.

– Por que deixamos acontecer? Que escolha nós tínhamos? Nós nos entregamos para nossas famílias não morrerem de fome. Qual é a escolha nesse caso?

– Esse Silviu trabalha no cultivo da terra?

– Não, claro que não.

– Ele cuida dos animais?

– Não.

– Ele faz alguma coisa pessoalmente para alimentar as famílias daqui?

A menina encarou Lada como se estivesse com vontade de bater nela.

– Ele é o dono. É o dono de tudo.

Lada fez uma pausa, avaliando as opções. Em seguida, encolheu os ombros. Ela negociaria em seus próprios termos.

– Não mais.

Eles marcharam diretamente pelos campos, passando por mais uma dezena de garotas na mesma condição da menina, que se chamava Daciana. As moças observaram a passagem dos homens. Ninguém disse nada.

Daciana caminhava ao lado do cavalo de Stefan. Lada percebeu que a presença da garota o deixava sem jeito, o que considerou perversamente divertido. Ela já vira Stefan cortar a garganta de um homem sem piscar. Mas aquela menina grávida deixá-lo desconcertado assim não era estranho. Daciana o tratava bem quando falava com ele. As pessoas só costumavam reparar em Stefan quando era tarde demais. Mas aquela moça o notou, e continuava a lhe dedicar atenção.

Lada gostou dela.

Uma mulher mais velha veio correndo pelo campo e os alcançou. Ela segurou a mão de Daciana e a deteve. Daciana aproximou-se dela e sussurrou alguma coisa. Aparentemente satisfeita com a explicação, a mulher afastou-se.

A casa de Silviu ficava na encosta de um morro, com vista para as terras cultivadas. Havia dez guardas postados na entrada. Os capacetes ligeiramente tortos, e eles seguravam as espadas e as lanças com tanta força que as armas até tremiam. Lada parou o cavalo bem na frente deles, já em seu raio de ação. Ela lembrou-se de Hunyadi entrando em uma cidade inimiga, com os ombros erguidos e uma confiança inabalável. Ela estabeleceu essa mesma aura sobre si.

– Estou aqui para falar com Silviu.

Os guardas entreolharam-se, perdidos.

Lada tinha setenta homens às costas. Os guardas sabiam que ela estava lá para tomar o que quisesse.

– Digam que vou recebê-lo aqui. E fiquem à vontade para se juntar aos meus homens ou fugir. Qualquer outra atitude só vai prejudicá-los.

O homem mais baixo, de peito largo e de meia-idade, fez uma careta.

– Eu não obedeço a ordens de mulheres.

– Meus homens não têm esse problema. – Lada ergueu a mão. O homem tombou, com uma seta de balesta cravada no peito.

Um guarda com lábio leporino saltou para o lado como se a morte fosse contagiosa. E nesse caso era.

– Eu vou buscá-lo, senhorita! Hã, senhora. Sua senhoria. Eu... agora mesmo!

Dois guardas viraram-se e saíram correndo. Os demais começaram a se render para os homens de Lada, baixando as armas.

– Olá, Miron – disse Daciana. Ela deu um passo à frente, bloqueando o caminho de um dos guardas. Havia algo venenoso no rosto dele, com olhos miúdos mirando o tempo todo ao redor. – Lembra que nós brincávamos juntos quando crianças?

Ele evitou seu olhar. Ela apontou para a mulher mais velha a seu lado.

– Lembra quando ganhou um pouco de leite da minha mãe porque estava morrendo de fome?

Ele franziu os lábios de raiva, mas não respondeu.

– Lembra quando eu estava gritando sem parar, e você ficou parado na frente da porta sem fazer nada? Lembra quando ele ofereceu a você... como foi que ele falou mesmo, uma “segundinha”? Lembra que você fez?

O homem enfim criou coragem para encará-la. Ele encolheu os ombros, com uma indiferença cruel no rosto. E deu uma trombada nela para tirá-la do caminho.

– Eu me lembro disso também – a mãe falou, erguendo a mão. A visão de Lada estava bloqueada pelo corpo do homem. Ele fez um ruído estranho e contorceu-se. Em seguida, cambaleou para a frente, com as mãos ensanguentadas tentando em vão arrancar o cabo tosco da faca cravada em sua barriga. Ele desabou junto à parede de pedra da casa. Os olhos de rato

arregalaram-se de choque e de dor para a garota e para a mãe.

– E agora nunca vamos precisar nos lembrar de você de novo. – Daciana deu as costas para ele.

Stefan sacou um lenço do colete e ofereceu à garota. Ela passou a peça para a mãe, que limpou o sangue das mãos.

– O que significa isso? – Um homem corpulento, com o rosto atravessado por veias e manchas de idade e álcool saiu cambaleando da casa. Usava um colete de veludo e um colar de ouro, além de um chapéu preto na cabeça grande.

– Silviu? – Lada perguntou. – Vim aqui para negociar o seu apoio. – Lada sacou a balesta e mandou uma seta bem no meio de seu peito. Um dos homens de Toma deu um grito de surpresa.

Lada virou o cavalo.

– Deu tudo certo. Temos o apoio total desta propriedade. Ela é de vocês. – Ela apontou para Daciana.

Daciana assentiu, com uma expressão perplexa no rosto. Sua mãe terminou de limpar as mãos e devolveu o lenço à filha.

– Vou avisar os homens.

– Não – Lada esbravejou. – Eu não disse que a terra era deles. Nem de nenhum pai que exista aqui. Eles perderam seus direitos quando venderam as filhas em troca de comida. Por que vocês deixaram que eles continuassem vivos?

A mãe de Daciana encarou Lada sem nenhuma vergonha.

– Tenho três outras filhas. Eu não tinha como me sacrificar sem sacrificá-las também. Até hoje.

Lada queria argumentar, impor punições. Mas então se deu conta de que aquela mulher trabalhava na lavoura, onde não teria necessidade de usar uma faca. Há quanto tempo carregava a arma? Por quanto tempo a guardou em segredo, à espera do momento certo? Era uma mulher inteligente. Percebeu que havia uma brecha e a aproveitou.

Por que mais gente não fez isso antes, ela não entendia. Caso os valáquios soubessem enxergar além dos títulos e do veludo, veriam que eram a verdadeira força naquela terra; o poder, de fato, estava nas mãos deles. Só

precisavam de uma faca e de uma oportunidade.

Lada podia oferecer as duas coisas a eles.

– Você está no comando – ela disse à mulher.

– Você não pode fazer isso – disse um homem de Toma. – Precisamos de um boiardo.

– Você é um boiardo? – Lada esbravejou.

O homem abriu a boca para argumentar.

– A única que tem sangue real aqui sou eu. – Ela o encarou até que baixasse a cabeça e desviasse os olhos. Em seguida, apontou para o corpo do soldado e dirigiu-se à mãe de Daciana: – Eu confio em você. Trate suas filhas e netas melhor do que os pais delas as trataram.

A mãe de Daciana assentiu com um gesto lento, e uma determinação surgiu em seus olhos no lugar do choque.

– O que fazemos quando o príncipe descobrir que nosso boiardo está morto?

– Façam o que sempre fizeram. Cultivem a terra. Deixem que eu me preocupo com o príncipe.

A mulher assentiu, e baixou a cabeça em uma mesura.

– Nós devemos tudo a você.

Lada sorriu.

– Não se esqueçam disso. Eu prometo que não vou esquecer.



21 a 28 de abril

A – Í ESTÁ VOCÊ! – Cipriano falou, todo animado, desafiando a exaustão estampada em seu rosto com poeira, muco e vestígios de sangue.

Radu parou diante da porta, fazendo o máximo possível para retribuir o sorriso de Cipriano. Ele estava voltando de uma longa noite na muralha. Uma noite entrecortada pelo alaranjado das chamas e o vermelho do sangue. Era um alívio rever Cipriano. Era sempre um alívio porque, com a muralha a defender, eles nunca sabiam se iam se reencontrar quando se despediam.

Cipriano inclinou-se e abriu a porta, gesticulando animadamente.

– Consegui frutas secas. Não vou dizer o que precisei fazer para isso, mas...

– Turcos! Os turcos estão no chifre! – um menino gritou, correndo pela rua.

Cipriano e Radu trocaram olhares confusos e preocupados. Radu estava cansado demais para saber se sentia-se animado ou temeroso. Ele correu até o menino, segurou-o pela manga e o fez parar.

– A corrente foi partida?

O menino fez que não com a cabeça, olhos arregalados de agitação e medo.

– Eles transportaram os navios por terra firme! – O menino desvencilhou-se dele e saiu correndo, gritando a notícia sem dar mais explicações.

Cipriano ergueu as sobrancelhas, com a preocupação sobrepujada pela curiosidade. Ele começou a andar na direção da seção da muralha que dava para o mar. Radu foi atrás.

– Você entendeu alguma coisa do que ele falou? – Cipriano questionou.

– Talvez tenham conseguido entrar do mesmo jeito que nossos barcos passaram por eles?

– Isso funcionou por causa do caos. Mas não tem caos nenhum do nosso lado da corrente. Ninguém dorme. A vigilância é mantida todas as horas do dia. Deve ter mais alguma coisa acontecendo.

Radu foi andando atrás de Cipriano. Ele não tinha mais energia para correr. Tinha passado metade da noite cortando as cordas dos ganchos que os otomanos jogaram para tentar desalojar os barris de terra usados para proteger os defensores. Era um trabalho exaustivo. Mesmo as flechas que passavam zunindo perto de seus ouvidos mal eram registradas depois de algumas horas trabalhando nos barris. Mas pelo menos ele só precisou remover ganchos. Não teve que matar nenhum irmão de fé na noite anterior, o que já a tornava melhor que muitas outras.

Sua mente ainda estava voltada para os barris de terra quando eles chegaram ao topo da muralha para espiar.

– Pelas chagas divinas – murmurou Radu. Nada seria capaz de prepará-lo para aquilo. Os otomanos estavam de fato dentro do chifre. E, como o menino dissera, estavam transportando os barcos por terra firme.

Três galeões de tamanho médio flutuavam na água, com as tripulações aos risos e brandindo os remos. Descendo por um caminho de troncos enfileirados na colina atrás do chifre, mais um galeão aproximava-se lentamente do mar. Os homens ao redor agitavam os remos no ar, em uma sincronia perfeita. Bois vinham puxando as embarcações, e centenas de homem seguravam as cordas no alto da elevação para controlar a velocidade da descida. No topo da colina atrás do galeão já havia mais uma embarcação.

Uma barraca listrada tinha sido armada para acompanhar o progresso dos trabalhos. Radu não conseguia ver com clareza à distância, mas desconfiava de que o próprio Mehmed estivesse por lá. Ao redor da barraca, uma banda de janízaros tocava uma música mais apropriada para uma festa do que para uma guerra. As notas vibrantes dos metais atravessavam o chifre e chegavam a Radu e Cipriano.

Quando o galeão deslizou pela barranca até o mar, gritos de vibração elevaram-se entre os otomanos.

– Por que nossos navios não estão fazendo nada? – Cipriano questionou.

Radu apontou para uma fileira de canhões alinhados na beira da água, mirando para onde estava a frota de Constantino, indefesa. Alguns navios até se aproximavam, aparentemente em dúvida se arriscavam-se ou não a encarar

as saraivadas dos canhões.

Sem aviso, uma pedra enorme voou do alto da cidade de Gálata e caiu com um estrondo na água entre a frota bizantina e os galeões otomanos. Caiu tão perto dos navios mercantes mais próximos que eles sacudiram com as ondas provocadas pelo impacto.

Mehmed também resolvera o problema de atirar a partir de Gálata. Segundo acordo assinado em tratado diplomático, ele não podia instalar canhões na cidade. Então ele apelou para os trabucos de guerras passadas. Eles foram posicionados atrás da cidade, e lançavam pedras para dentro da água.

Um impacto e uma nuvem de poeira ergueram-se do meio de Gálata, provando que a mira dos trabucos não era perfeita. Ou talvez fosse proposital, um alerta para o pessoal da cidade não interferir. Radu estava perplexo com o brilhantismo de Mehmed.

Enquanto isso, mais um galeão entrava na água, e havia mais dois a caminho.

Cipriano não olhou para Radu.

– Esse plano deve ter sido elaborado durante meses. Para ter todos os suprimentos de que eles precisam, a logística do ataque... Você sabia?

O peito de Radu estava comprimido pelo peso do fracasso. Não só havia desapontado Mehmed com sua Marinha, como o sultão tinha previsto essa falha. Ele fizera seus planos sem Radu, para superar eventuais obstáculos. O que Radu poderia esperar oferecer a um homem como esse?

– Eu não fazia ideia. – Radu sacudiu a cabeça, sentindo que a música do outro lado era zombaria direcionada a ele. – Imagino que deva haver mais planos de que eu não tenho conhecimento.

Cipriano pôs a mão de leve em seu ombro.

– Se Mehmed suspeitasse que um fio de sua barba soubesse de seus segredos, ele o arrancaria e o queimaria.

Radu recusou o consolo.

– Eu não tenho mais como ajudar.

Ele não conseguia mais ajudar.

Nazira arrancou os vermes dos poucos grãos que ainda lhes restavam.

– Você acha que dá para comer isso?

Radu fez uma careta.

– Se for necessário, acho que sim. Mas, se o cerco durar tanto assim, Mehmed vai ter perdido. Já está demorando até demais.

– Eu queria que sua aventura pelos depósitos de comida não tivesse sido tão bem-sucedida. – Nazira abriu um sorrisinho ácido.

– Ainda tem comida de sobra em Gálata, só que ninguém tem dinheiro para comprar. Minha sabotagem não encerrou o cerco, só tornou as coisas piores. – Radu inclinou-se para a frente, apoiando a cabeça na mesa. Precisaria voltar à muralha naquela noite. Seus turnos anteriores tinham passado sem grandes sobressaltos. Foram horas solitárias também. E Cipriano quase nunca estava em casa quando Radu voltava.

Obviamente, Nazira também estava pensando em seu anfitrião.

– Podemos tentar obter mais informações de Cipriano.

Radu não ergueu a cabeça. Não faria isso ainda.

– É perigoso demais.

Nazira pareceu aliviada.

– Ainda bem que concorda. Além disso, fica parecendo uma coisa... errada. Usar Cipriano mais do que já estamos fazendo.

– Ele é uma boa pessoa, e eu... Às vezes mal consigo olhar para ele, sabendo do que estamos fazendo aqui. Não consigo olhar para nenhum deles. Constantino é um bom sujeito também. Giustiniani. Todos eles. Quanto mais tempo ficamos aqui, mais difícil fica lembrar-me do motivo por que é tão importante tomar a cidade. Eu lutei ao lado deles, sangrei com eles, ficamos ombro a ombro enquanto matávamos meus irmãos muçulmanos. Como... – A voz de Radu ficou embargada, interrompendo a pergunta. – Como vamos conseguir seguir em frente? – murmurou.

Nazira pôs a mão no rosto dele.

– Você deveria pedir para se juntar a Orhan e seus homens. Eles ficam longe das muralhas. Assim não precisaria matar ninguém. Nunca deveria ter se colocado nessa posição. Seu coração é grande demais para esse trabalho, Radu. – Ela inclinou-se e o beijou na testa. – Nem imagino o que você foi forçado a ver e a fazer. Ninguém conseguiria manter a clareza dos

pensamentos no meio disso.

– Isso importa? Eu não ajudei em nada.

– Ajudou, sim. E pode fazer ainda mais. O melhor que podemos fazer para os dois lados é acelerar o fim do cerco. Quanto mais tempo durar, pior vai ser para todos. – Nazira ficou de pé e vestiu o manto. Apesar de os dias estarem ficando mais quentes, as noites ainda eram frias. – Eu vou me encontrar com Helena. Ela vem reclamando de que nos últimos dias Coco está mais tenso que o habitual, fica esbravejando com ela e não consegue parar quieto.

Isso atraiu o interesse de Radu.

– Ele é o principal capitão da frota.

– Exatamente. Tem alguma coisa em andamento no mar. Só não sei o que é.

Radu levantou-se também, contente por ter algo para fazer.

– Vou mandar Amal para Gálata. Posso enviar um aviso a ele do teto da Hagia Sophia se tiver alguma coisa a caminho, e ele alerta os galeões. Vou vigiar a casa de Coco durante a noite.

– Pode não ser nada.

Radu abriu um sorriso cansado.

– Então vai combinar perfeitamente com as minhas outras contribuições até aqui.

Radu posicionou-se agachado na sombra a umas três casas de distância daquela em que morava Coco. Amal correu para fazer a travessia a Gálata antes que os portões fossem fechados à noite. Ele conhecia uma torre com guardas pagos por Mehmed onde poderia ficar esperando algum sinal.

Provavelmente não daria em nada, mas era melhor que ficar nas muralhas. Qualquer coisa era melhor que as muralhas.

Radu deixou sua mente divagar, com os pensamentos permeados pelos impactos distantes do bombardeio. Era um ataque incessante, mas no coração da cidade não passava de som ambiente. O cheiro de fumaça e de queimado também ficava só em segundo plano. E não havia cheiro de sangue. Apenas a lembrança constante dele.

Como Radu não queria pensar – nem sobre Mehmed, nem sobre embarcações, nem sobre Cipriano –, ficou recitando trechos do Corão,

deixando-se levar pela beleza e pelo ritmo dos versos. Ainda havia uma paz que podia ser obtida assim.

Ele foi interrompido duas horas antes do amanhecer. A porta da casa de Coco abriu-se, e várias figuras escondidas sob mantos saíram apressadamente pelas ruas. Na direção do chifre.

Radu correu na direção oposta. A fechadura da Hagia Sophia oferecia bem menos resistência agora que ele tinha uma chave. Ele correu para o telhado, onde pegou um lampião. Três dos lados da peça eram de metal polido, porém o quarto contava com um painel de vidro transparente. Ele acendeu o pavio e apontou a luz para Gálata, soltando uma prece de gratidão. A noite estava clara o suficiente para que o alerta fosse visto.

Quando começou a pensar que Amal não tivesse conseguido ver, uma luz respondeu, piscando três vezes em rápida sucessão antes de se apagar. Radu apagou o lampião. Não sabia com o que havia colaborado, se é que tinha feito alguma coisa.

Então uma estrela cadente de brilho intenso cruzou lentamente o firmamento, deixando um rastro em seu trajeto, como um sinal dos céus. Radu ergueu a mão em sua direção, lembrando-se de uma noite não muito tempo antes em que viu estrelas caindo, acompanhado por Mehmed e Lada. Ele fechou os olhos, e uma gratidão o invadiu. Talvez a superstição da cidade o estivesse afetando, mas era impossível não ver aquilo como um sinal. Ele tinha feito uma coisa boa. E ajudara Mehmed.

Radu foi para a muralha perto do Portão de São Romão, circulando em meio aos homens como se tivesse estado por lá a noite toda. Fez questão de trocar umas poucas palavras com alguns, para que depois se lembrassem de sua presença. Apesar de estar observando os otomanos, seus pensamentos estavam voltados para o chifre às suas costas e para a cidade que os separava.

Os sinos começaram a tocar uma hora antes do amanhecer. Radu fingiu estar surpreso como todos os demais, como se também achasse que o ataque poderia estar acontecendo naquele ponto.

Assim que veio o alívio, Radu dirigiu-se com os outros homens para a seção da muralha em frente ao mar. O brilho fugaz dos disparos dos canhões iluminava o fim de uma batalha. Um galeão pequeno estava em chamas. Radu sentiu um frio na barriga. Mas, à medida que a embarcação deslocava-se lentamente pela água, o fogo revelou que um dos navios mercantes estava seminaufragado, pendendo pesadamente para o lado. O navio arrastava-se

para longe, flanqueado por dois outros.

– O que aconteceu? – Radu perguntou para um guarda na muralha. – Eles tentaram um ataque?

O homem fez que não com a cabeça.

– Nós tentamos. Mas de alguma forma descobriram, e começaram a atirar nos nossos navios quando chegaram mais perto da margem para pegá-los de surpresa. Eles afundaram um dos nossos menores.

Radu sentiu vontade de gargalhar de alívio. Mehmed saberia que ele estava sendo útil. Os italianos não arriscariam outro ataque aos galeões, não depois disso. O Chifre de Ouro na prática estava neutralizado.

O dia amanheceu, iluminando o que restou da batalha. Apesar de vários galeões incendiados, não havia perdas significativas do lado otomano. Porém, Radu viu na água mais mastros do que deveria haver por lá.

Mas então se deu conta de que não eram mastros. Os troncos de madeira apontados para o céu da manhã eram estacas. E em cada uma delas, conforme a luz do dia ia revelando, havia um marinheiro italiano empalado. Bem no centro, na estaca mais alta, Radu reconheceu Coco.

Mais acima na colina, cercado por janízaros, um homem de turbante branco e manto roxo observava tudo montado em um cavalo.

Radu não conseguia entender a cena diante dele. Os otomanos tinham vencido! Tinham derrotado um ataque surpresa. Não havia necessidade nenhuma de fazer aquilo, a não ser para torturar a cidade. Parecia desnecessário.

Parecia... cruel.

Perturbado, Radu ficou observando os corpos como se aquela vigília pudesse trazer alguma paz a eles. Ou pelo menos a ele. Não parecia guerra, e, sim, assassinato. E tudo por causa dele.

Uma comoção mais adiante na muralha enfim atraiu a atenção de Radu para longe das estacas. Ele inclinou-se apenas o suficiente para ver o primeiro prisioneiro otomano ser lançado sobre a beirada. A corda em torno do pescoço do homem esticou-se, e seu corpo começou a balançar sem vida.

Antes que Radu pudesse gritar, outro prisioneiro foi enforcado. E mais outro. E mais outro. Horrorizado, ele viu os prisioneiros otomanos serem pendurados como peças de decoração, uma tapeçaria de terror junto à muralha

em resposta à brutalidade cometida no Chifre.

Incapaz de suportar a cena, ele foi correndo na direção dos enforcados. Alguém precisava pôr um fim naquilo. Aqueles soldados precisavam ser responsabilizados pela crueldade imposta aos prisioneiros.

No entanto, parou quando viu a fila de otomanos esperando o enforcamento. Estavam de joelhos, alguns rezando, alguns chorando, alguns ensanguentados e feridos demais para fazer o que quer que fosse. E, de pé atrás dele, firme como um pilar bem na direção de Mehmed do outro lado do Chifre, estava Constantino.

Radu enganara-se. Não havia homens bons naquela cidade.

E também não havia homens bons fora dela.

*Meados de abril*

LADA SAIU DA barraca e encontrou o fogo já aceso, com uma panela de água fervendo sobre ele. Ela obrigara Oana a ficar para trás e ajudar a organizar sua base na propriedade de Toma, em parte porque confiava que sua antiga ama faria um bom trabalho, e em parte porque não aguentava mais ter alguém implicando com seus malditos cabelos. Desde então, Lada nunca mais tinha encontrado um fogo aceso ao acordar.

– O que você está fazendo? – perguntou a Daciana.

Daciana apontou para a panela.

– As opções são chá fraco de pinho ou chá fraco de pinho. Vocês realmente estão precisando de suprimentos melhores.

– Você entendeu o que eu quis dizer. – Lada sentou-se e pegou uma caneca com o chá borbulhante. Estava fraco mesmo, conforme prometido. – Não estou cavalgando pelo país para adotar por caridade as pessoas que quiserem se juntar à minha trupe viajante. Estou recrutando homens para lutar. Além disso, é importante que a terra fique bem cuidada.

– Por que você se preocupa tanto com a terra?

– Porque ela é minha. Não quero ser o príncipe de um país sem lavouras. As pessoas precisam comer.

Daciana deu risada.

– Você vai ser príncipe, então?

Lada não achou a menor graça.

– Não existe outro título. Vou ser voivoda, príncipe da Valáquia. E vou transformar esta terra no país que meu povo merece.

Daciana abaixou-se, com os movimentos prejudicados pela barriga de grávida.

– Muito bem, então. Você leva os homens como soldados e deixa as mulheres para plantar, para não morrer todo mundo de fome. Mas o que você vai fazer com os boiardos?

Nesse exato momento, uma carta de Toma Basarab foi entregue por um menino novinho de rosto liso.

Lada leu a mensagem com a cara fechada. Nicolae sentou-se a seu lado e tentou espiar por cima de seu ombro.

– O que diz aí?

– Ele não concorda com as minhas táticas de negociação. – Sua irritação borbulhou ainda mais que o chá na panela. – E ele diz que vai se juntar a nós para garantir que eu não negocie mais assim com nenhum outro boiardo.

Ela jogou a carta no chão, ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro.

– Quem é ele para me dizer o que fazer? Vocês viram aquele Silviu! Viram as terras dele, o que estava fazendo por lá. Eu não estava certa?

Nicolae leu a carta com uma expressão de resignação.

– Eu não vou dizer que você está errada. Mas... talvez mais cuidado e planejamento com os outros boiardos seja melhor.

– Por quê? – Daciana quis saber.

– Nós precisamos deles.

Lada soltou um risinho de deboche.

– Precisamos deles? Ninguém precisa deles. São um bando de vermes que se alimenta da terra sem oferecer nada em troca!

Nicolae assumiu uma expressão de dor e cansaço.

– Eles são necessários para a organização. Coletam impostos. Administram as terras produtivas. Recrutam tropas entre os homens de suas regiões.

Lada inclinou-se para a frente.

– Me diga uma coisa, Nicolae. Você acha que eles estão fazendo um bom trabalho?

– As estradas estão infestadas de ladrões. – Nicolae sorriu. – Os campos estão tomados pelo mato ou abandonados. Os boiardos estão gordos e ricos enquanto o povo passa fome. O príncipe só tem o apoio militar que eles

decidirem dar, e isso nunca acontece. Mas, ainda assim, esse é o jeito como o país funciona. Arrume um jeito de usar melhor os boiardos. Ter mais controle sobre o que fazem. Mas você não vai conseguir subir ao trono sem eles.

Lada sentou-se, enojada.

– Por que não?

– Você já está usando Toma Basarab. Acha que ele sabe o que está fazendo?

– Eu não confio nem um pouco nele.

Nicolae coçou a cicatriz.

– Você estava achando que ele entregaria o trono de graça? Você precisa de aliados. Precisa dos boiardos. Não pode passar por cima deles e, para conseguir esse apoio, você precisa de Toma. – Nicolae pôs o braço sobre os ombros de Lada e a puxou para mais perto. – Faça um acordo com o diabo até o momento em que estiverem os dois em cima da ponte.

– Eu sou o diabo nesse caso ou são eles?

Nicolae deu risada, mas não respondeu.

Bogdan sentou-se ao lado de Lada, olhando para o braço de Nicolae, posicionado sobre os ombros dela. Ele ofereceu-lhe o miolo de seu pão. Era a parte mais macia, a favorita dela. Bogdan tirou a casca sem esperar nenhum agradecimento em troca. Simplesmente fez isso, como costumava fazer todo o resto para Lada. E sempre foi assim.

Isso fez surgir uma ideia.

– E se eu tomar a terra... e se eu entregar a terra para gente que faça por merecer, como a mãe de Daciana? Vou ter a lealdade dessas pessoas. Os boiardos têm o controle sobre a terra com base em séculos de herança sanguínea. A terra é deles por direito de nascença. Então é só arrancá-la daqueles que se opuserem a nós e entregá-la a gente que tenha uma visão parecida com a minha sobre a Valáquia. Essas pessoas não teriam nada a reivindicar a não ser meu favorecimento, e todas deveriam lealdade a mim. – Ela viu a aprovação estampada nos olhos de Bogdan e abriu um sorriso. Ele baixou a cabeça, com o rosto vermelho.

– Você não pode matar todos os boiardos. – Nicolae serviu-se de uma caneca de chá.

– Ah, não?

Nicolae levantou a cabeça e estreitou os olhos.

– Eles não fizeram reivindicação nenhuma com base no direito de nascença. Nunca fizeram nada contra você, e não existe nenhuma garantia de que vão fazer. Acho que não agiu errado quando matou aquele porco, mas exterminar todos os nobres do país vai gerar uma repercussão que nem mesmo você vai conseguir controlar. – Lada não respondeu, e ele jogou as mãos para o alto, derramando o chá. – Eles têm parentes na nobreza de outros países. Você vai atrair muita atenção e muita inimizade. Vai sofrer retaliações. Além disso, eles têm família. Têm influência. E são pessoas.

Lada voltou-se para as chamas, deixando que o fogo dominasse seu campo de visão.

– Claro. Eu vou ouvir Toma Basarab e aceitar a lealdade daqueles que me oferecerem. Mas ninguém vai ter nada aqui se não fizer por merecer. Isso vale para todos os valáquios. – Ela piscou algumas vezes, vendo as manchas de luz dançarem diante de seus olhos. – Inclusive você, Daciana. Por isso vou perguntar de novo: o que está fazendo aqui?

– Você não tem dama de companhia.

Nicolae soltou um risinho de deboche.

– Você está enganada. Nossa Lada não é uma mulher. É um dragão.

Bogdan grunhiu baixinho, sentindo a raiva subir pela garganta. Lada deu risada e um tapinha no joelho de Bogdan. Em seguida, jogou um punhado de terra e agulhas de pinheiro em Nicolae.

– Ninguém pediu sua opinião.

– Minhas opiniões são presentes que eu distribuo livremente, sem pedir permissão nem pagamento.

– Vá distribuir seus presentes em outro lugar – grunhiu Bogdan.

Lada fez um aceno com a mão.

– Nicolae tem razão. Eu não preciso de dama de companhia porque não sou uma mulher da corte. Sou um soldado.

Daciana sorriu, toda pretensiosa e satisfeita.

– Exatamente. Um soldado não tem tempo para lavar as pragas das roupas do mês.

Lada ficou vermelha e olhou para o chão, e não para Nicolae e Bogdan. A barriga de Daciana pairava sobre seu campo de visão. E então ela pensou em uma coisa.

Uma coisa terrível.

Lada ficou de pé, quase caindo no fogo. Ela segurou a mão de Daciana.

– Venha comigo. – A menina soltou um gritinho de susto e levantou-se a duras penas. Lada a afastou do acampamento para o meio das árvores.

– Me conte mais sobre estar esperando uma criança. Como aconteceu? Quanto tempo demorou até você descobrir que tinha uma... – Lada passou a mão na barriga de Daciana, incapaz de evitar as lágrimas nos olhos. – Até você descobrir que essa coisa estava aí dentro?

Os olhos escuros de Daciana não revelaram nenhuma emoção.

– Quando foi seu último sangramento?

Lada virou as costas e afastou-se alguns passos.

– Não é disso que estou falando, só quero saber...

– Eu não sou burra nem fofoqueira. Quando foi seu último sangramento?

– Algumas semanas atrás. Oito talvez? Ou nove. – Antes de Hunyadi, nas montanhas da Transilvânia. As suas roupas de baixo congelaram quando ela pôs para secar depois da lavagem.

– Seus sangramentos são regulares?

Lada sacudiu a cabeça.

– Não. Só algumas vezes por ano.

– Sorte sua. Eu sou... – Daciana se interrompeu e respirou fundo. – Eu era tão regular que dava para acompanhar os ciclos da lua pelo meu sangue. Quando foi a última vez que um homem visitou você?

Lada virou-se, esbravejando.

– Homem nenhum me visita.

Mais uma vez, Daciana respondeu sem expressar nenhuma emoção.

– Seus seios já estariam doloridos e inchados. Você teria enjoos. Estaria exausta como nunca na vida.

Lada sacudiu a cabeça, aliviada, mas então percebeu que estava

confirmando as hipóteses de Daciana. Claro que sim. Ela era uma tola. Aquela movimentação com Mehmed na escuridão, o toque da pele dele, a sensação dele dentro dela...

Ela fechou os olhos, porque vinha se esforçando demais para não pensar no que acontecera. Mas, assim que permitiu que as memórias viessem à tona, sentiu vontade de matá-lo. E de estar com ele de novo.

Lada não sabia qual impulso era mais forte.

– Minha irmã é assim como você. – Daciana falava como se as duas estivessem conversando sobre o tempo. – Ela quase nunca sangra. É uma das únicas que não está de barriga, apesar de várias visitas do boiardo, que sua alma seja amaldiçoada para sempre. – Daciana cuspiu no chão. – Ela teve sorte. Você também deve ter.

Lada engoliu em seco uma parte de seu medo. Tinha gosto de sangue e bile. Daciana virou-se para voltar ao acampamento.

– Você pode ficar comigo – Lada disse.

A garota sorriu.

– Eu sei.

– Pode dormir na minha barraca, se assim for se sentir mais segura.

– É muita generosidade sua. Mas em breve vou dividir uma barraca com Stefan.

– Ah, vai?

Ela nunca imaginou que Stefan fosse se envolver com uma mulher. Mas, entre todos os seus homens, ele era o que tinha mais probabilidade de fazer isso sem ser notado.

O sorriso de Daciana tornou-se mais aberto e malicioso.

– Só que ele ainda não sabe.

Lada deu risada, e as duas voltaram caminhando lado a lado. Era uma pena que ninguém tivesse dado uma faca a Daciana quando criança. Lada desconfiava de que ela seria tão letal quanto qualquer homem de seu acampamento.



5 a 16 de maio

SEM QUERER PASSAR mais tempo nos reparos à muralha – uma enorme parte havia desabado no dia anterior, depois de muitas baixas de ambos os lados, mas nada que mudasse o rumo das coisas –, Radu foi visitar a torre de Orhan, onde todos os turcos da cidade estavam posicionados. Ali, pelo menos, havia otomanos que ele não precisaria matar.

Radu parou para sentar-se ao lado do guarda. Ele conhecia todos ali de vista, e alguns pelo nome. Eram forasteiros na cidade, comprometidos com sua defesa, mas não habitantes de fato. Todos os encaravam com algum nível de desconfiança.

– Tem pouquíssima comida – reclamou Ismael, o guarda. – E nem uma moeda para comprar mais. Orhan nos sustenta como pode, mas não está sendo fácil.

Radu assentiu.

– Os venezianos tentaram fugir ontem. Giustiniani impediu por pouco. Os homens estão faltando aos turnos nas muralhas, ficando na cidade à procura de comida para alimentar as famílias.

– Essa é a natureza de um cerco. A morte acossa por fora, a decadência pressiona por dentro. – Ismael abriu um sorriso infeliz. – Mas nós ainda podemos sair dessa. Voltar ao que era antes. Que falta eu sinto de sair à rua e as pessoas me jogarem lama só porque sou turco. Agora não posso nem sair de medo porque as pessoas podem achar que somos homens do sultão que entraram na cidade.

Radu inclinou-se para trás, e o caixote onde estava sentado grunhiu um protesto. Alguma coisa lá dentro chamou a sua atenção: uma bandeira otomana. O caixote guardava as bandeiras que não tinham usado no esquema do barco mensageiro. Agora que também estava inútil e abandonado, Radu sentiu uma pontada de solidariedade em relação às bandeiras.

– Por que ficaram? – Radu perguntou.

Se Mehmed vencesse, os homens de Orhan seriam os primeiros a morrer. E, mesmo se Mehmed fracassasse, continuariam a ser párias na cidade. Orhan jamais conseguiria reivindicar o trono otomano, pois Mehmed tinha herdeiros. Ele era um peso morto em termos políticos.

Ismael coçou o queixo, pensativo.

– Orhan é um homem bom. Foi tratado a vida toda como moeda de troca, mas não se tornou cruel ou amargurado por isso. Não foi isso que eu ouvi falar sobre o sultão. – Ele encolheu os ombros. – Seja como for, meu destino sempre foi ligado a esta cidade. Morrendo do lado de dentro das muralhas ou tentando derrubá-las. Nós escolhemos ficar com um homem que respeitamos.

Algumas semanas antes, Radu teria sentido vontade de bater em Ismael por acusar Mehmed de ser cruel. Agora, toda vez que fechava os olhos, Radu via uma floresta de estacas com seus frutos monstruosos pendurados.

Os dois homens observaram quando uma procissão de cavalos atravessou o caminho de lama diante deles. No centro da comitiva, Constantino, com os ombros caídos e a cabeça baixa. No dia anterior, havia sido sua presença nas muralhas que mantivera os defensores em atividade por tempo suficiente para repelir o ataque. Mas Radu percebeu que ele estava começando a desmoronar sob a pressão.

A lama atravessou o ar, acertando o flanco do cavalo de Constantino. Os soldados a seu lado entraram em alerta imediato, procurando o responsável por atirá-la. Constantino suspirou e sacudiu negativamente a cabeça.

– Herege! – alguém gritou de um beco. – Nossos filhos estão passando fome por causa da sua traição a Deus!

Constantino olhou para o lado e viu Radu. Ele abriu um sorriso amargurado.

– Nossos filhos estão passando fome porque a pouca prata que restou na cidade pertence a Deus.

Quando a comitiva do imperador passou, Radu despediu-se de Ismael. Enquanto voltava à casa de Cipriano, cruzou com várias evidências do sofrimento à que a cidade estava sendo submetida. Uma coisa era testemunhar a morte dos homens nas muralhas. Ver as crianças sentadas nos degraus, sem energia e com os olhos arregalados de fome, era algo bem diferente. Havia

comida em Gálata, e os comerciantes de lá ainda faziam negócios com Constantinopla durante o dia. Mas, se ninguém tivesse dinheiro, toda a comida existente no mundo estava fora de alcance.

As palavras de Constantino ecoavam na mente de Radu, recusando-se a ir embora. A pouca prata que restou na cidade pertence a Deus. Radu não podia fazer nada para forçar o fim do cerco. Mas talvez pudesse aliviar uma parte do sofrimento causado por isso. Um sofrimento que ele ajudou a provocar quando destruiu a comida. Talvez ainda fosse possível fazer algo por sua alma.

Cipriano e Nazira estavam na sala de estar quando Radu entrou pela porta revigorado.

– O que é essa animação toda? – Cipriano questionou.

– Existe prata dentro das igrejas, não?

Cipriano confirmou com a cabeça.

– As bandejas de coleta são todas de prata.

– E eles usam para arrecadar dinheiro para os pobres. Acho que podemos usar essas bandejas para gerar dinheiro para os pobres. Com certeza Deus aprovaria um esforço como esse. – Radu não era capaz de imaginar que algum deus, fosse o cristão ou o verdadeiro, pudesse reprovar a caridade, fosse a quem fosse destinada. Afinal, esse era um dos pilares do islã. Ele não se sentia assim tão feliz com alguma coisa desde sua chegada à cidade.

Cipriano sacudiu negativamente a cabeça.

– Meu tio não pode tirar nada das igrejas, não com a reputação que tem. Eles mal o deixam rezar por lá hoje em dia. Se começasse a confiscar prata sagrada, a cidade iria se rebelar.

Radu abriu um sorriso malicioso, estendendo a mão para ajudar Nazira a levantar-se.

– Seu tio não vai confiscar nada, nem pegar. Eu sei como ter acesso a uma fundição.

Cipriano mordeu o lábio, com os olhos cinzentos dançando de deleite.

– Eu sei onde as moedas reais são cunhadas. O equipamento não anda sendo muito usado ultimamente.

– Eu conheço alguém que é muito bom em abrir fechaduras.

Nazira deu risada, apanhando um xale preto e jogando-o sobre a cabeça.

– E eu conheço alguém que vai estar limpando as igrejas para que nosso bando festivo de ladrões não seja surpreendido.

Era absurdo, mas por outro lado podia ser bom fazer alguma coisa que não fosse lutar nas muralhas ou sentir ódio de si mesmo. Radu praticamente saltitava pelas ruas. Nazira ia de um lado, com Cipriano do outro, e a noite parecia agradável como poucas em sua vida. Eles encontraram uma igreja escura e vazia não muito longe da casa de Cipriano.

Nazira posicionou seu balde de materiais de limpeza à vista de qualquer um, batendo o pé com impaciência no chão, como se quisesse começar logo o trabalho. O balde convenientemente escondia Radu, que mexia na fechadura. A porta abriu-se com um clique, e eles entraram na ponta dos pés. Radu gostava mais das igrejas quando ficavam às escuras. As decorações suntuosas estavam escondidas, e o silêncio era mais sagrado que qualquer liturgia.

Cipriano caminhou com passos confiantes até o altar, onde pegou uma bandeja e a ergueu em triunfo. Nazira colocou-a no fundo do balde e escondeu-a com os panos de limpeza.

Em três horas, eles passaram por várias igrejas. O balde de Nazira estava quase cheio. Radu estava cansado demais para ser furtivo, e ele e Cipriano ficavam o tempo todo rindo um do outro pela maneira como se complicavam para se deslocar no escuro. Em uma igreja, Cipriano tropeçou e caiu de costas em um banco, com as pernas para cima. Radu curvou-se sobre si mesmo, às gargalhadas, tentando não fazer muito barulho com o riso para que não fossem pegos. Em vez de levantar imediatamente, Cipriano continuou deitado, agitando as pernas, até arrancar lágrimas dos olhos de Radu.

Quando a décima igreja foi saqueada, eles concordaram que a seguinte seria a última. Eles circularam pelas ruas trocando risadinhas abafadas pela neblina da cidade. Radu não sabia como era se embriagar, mas imaginava tratar-se de uma sensação parecida com aquela.

– Eu preciso disso! – uma mulher gritou. Eles detiveram o passo, alarmados. Duas mulheres disputavam um balaio. Cada uma tinha duas crianças agarradas às pernas, puxando suas saias e chorando. – Meus filhos estão com fome! – uma das mulheres gritou.

– Estamos todos com fome! – um homem falou, enfiando-se entre as duas com um empurrão. Uma delas caiu na rua enlameada, levando uma criança

consigo na queda. A outra tentou pegar o balaio, mas o homem foi mais rápido.

– Me dê isso aqui – ela implorou, pegando uma criança pequena e mostrando a ele para comprovar seu desespero.

– Eu também tenho crianças famintas para alimentar.

Cipriano e Radu aproximaram-se, sem saber o que fazer, mas cientes de que algo precisava ser feito.

– Você deveria estar nas muralhas – disse Cipriano para o homem.

O homem contorceu o rosto em uma expressão dura e brutal.

– Para você ficar com toda a comida? Vou voltar para a muralha quando a minha família estiver alimentada.

Ele passou por eles dando um esbarrão em Nazira, que quase foi ao chão. Nem ao menos olhou para trás para ver a reação das mulheres de quem havia roubado a comida. A que ainda estava de pé saiu pisando duro, com uma criança nos braços e a outra correndo para acompanhar seus passos.

Radu estendeu a mão para ajudar a mulher a levantar-se. Ela segurou sua mão e ficou de pé, espanando a poeira da saia e usando uma parte do tecido que não estava enlameada para limpar o rosto da criança.

– Você deveria ir para Gálata – disse Radu, com a maior gentileza de que era capaz. – Tem mais comida lá, e seus filhos estariam mais seguros.

– Deus vai nos proteger – ela falou, e Radu ficou sem saber se era uma prece ou um sinal de condenação.

– Mas Deus não está alimentando vocês.

Ela o encarou, horrorizada, depois enfiou a criança no meio das saias e afastou-se às pressas, como se a blasfêmia de Radu fosse contagiosa.

Por pouco não levou a alegria despreocupada que sentiam também. Mas pelo menos eles sabiam que aquela noite valeria a pena. Era necessário.

– Mais uma – Cipriano falou, apesar de soar cansado. Ele mostrou o caminho. – O mosteiro onde fica a Hodegétia.

– O que é isso? – Nazira perguntou, com um braço dado com Radu e o outro com Cipriano. Não parecia a configuração certa. Radu preferiria estar entre eles. Assim tudo ficaria mais equilibrado. Mas agora estava carregando

o balde pesado.

– A Hodegéttria é a imagem mais sagrada da cidade – Cipriano explicou. – Uma pintura da Virgem Maria segurando o menino Jesus. Dizem que foi trazida da Terra Santa pelo apóstolo Lucas. É levada para as muralhas às vezes como forma de proteção, mas os monges não estão permitindo mais, como retaliação ao meu tio por ter negociado com os católicos.

– Acham mesmo que uma pintura vai os salvar? – Nazira perguntou, mas sem intenção de criticar, e, sim, por mera curiosidade. Radu não gostou de ouvir os termos que ela usou, os em vez de nos, mas Cipriano nem reparou. Pelo menos Radu não era o único a sentir-se à vontade demais na companhia dele.

– Dizem que já salvou a cidade antes – Cipriano respondeu.

– Você acredita nisso? – Nazira insistiu.

Cipriano olhou para as estrelas em meio a uma fina camada de nuvens e outra de fumaça que jamais se dissipava.

– Acredito que a Virgem Maria iria preferir ver que estamos cuidando bem de nós mesmos, e não de um retrato seu. É por isso que vou distrair o guarda para vocês dois poderem entrar e pegar toda a prata que puderem. – Ele fez uma mesura exagerada, tentando restabelecer em parte o clima de diversão, e então dobrou a esquina da rua do mosteiro.

Radu encostou-se em uma porta externa secundária, tentando abrir a fechadura o mais depressa possível. Eles entraram em um corredor totalmente às escuras. Tateando pelo caminho, chegaram a uma segunda porta. Trancada.

– Que promissor – Nazira murmurou.

Radu abriu mais uma fechadura. O ar lá de dentro fez seu nariz arder por causa dos vestígios da fumaça de um incensário. Ele resolveu ousar e acendeu uma vela na sala sem janela. Quando a chama ganhou vida, a imagem da Virgem Maria surgiu diante deles. A figura sacra, quase do tamanho de Radu, estava montada sobre um estrado com cabos de madeiras mais compridos nas extremidades para possibilitar o transporte.

– Pena que não podemos derreter isso também – Nazira comentou, pensativa, observando a moldura dourada e pesada. Radu foi atrás das peças de prata. Havia poucas e eram pequenas, e ele as enfiou nos bolsos. Nazira continuou imóvel, observando a imagem.

– Acho que é esse o problema de Constantinopla – ela disse. – As pessoas esperam que a salvação venha de uma pintura, não umas das outras. Ficam discutindo e debatendo sobre o destino da alma depois da morte, deixando de lado as necessidades desta vida. Não é à toa que a cidade está morrendo.

Radu pôs a mão no ombro dela.

– Já peguei o que viemos buscar.

Nazira não se moveu. À luz da vela, era possível ver seus olhos cheios de lágrimas.

– Eu odeio todo mundo aqui. Odeio todos nesta cidade. Quando ando entre eles, e converso com eles, é como lidar com fantasmas. Sinto vontade de usar roupas de luto todos os dias. – Ela começou a chorar. Enfiando a mão em um dos potes no balde, encheu-a de graxa.

Radu segurou a mão dela antes que pudesse esfregar a graxa na imagem sacra.

– Não – ele disse baixinho.

– Nós deveríamos queimar isso. Para castigá-los.

– Eles já estão recebendo castigo suficiente.

– Sua irmã queimaria, para acabar com o moral deles.

– Minha irmã faria muito pior. – Ele sorriu, imaginando qual seria a atitude de Lada se estivesse em seu lugar. Nada naquela cidade estaria a salvo. – Mas Cipriano está lá fora. Ele saberia.

Nazira fungou e assentiu. Ela esfregou a mão nas alças do estrado, tentando se livrar da graxa.

– Desculpe. Estou com tanta saudade de Fatima que é como se minha alma tivesse congelado. E é difícil ficar me lembrando de que não posso me apegar a ninguém aqui. Quando viemos eu tinha certeza de que isso não seria problema. Eu queria... eu queria que sofressem. Queria testemunhar sua queda.

Radu nunca tinha ouvido Nazira falar assim.

– Para proteger o islã?

– Por vingança – murmurou. – Por Fatima. A família dela foi morta por cruzados quando ela era bem novinha. Eles fizeram coisas horríveis. Coisas

que nem consigo descrever. Eu queria que Constantinopla fosse nossa para impedir mais cruzadas, sim. Mas também para castigar as pessoas. – Ela limpou os olhos com a ponta do xale. – Sei que não é uma coisa racional. Ninguém aqui pode ser responsabilizado pelo que aconteceu com Fatima. Mas esse ódio cego que eles sentem por nós, essa demonização do islã, foi isso que motivou aqueles homens a fazerem o que fizeram. Foi uma perversidade da minha parte ter vindo para cá com tanto ódio no coração. O ódio transforma todos nós em monstros.

Radu puxou-a para junto de si e abraçou-a com força.

– Você jamais seria um monstro – falou, observando a Virgem Maria exhibir solenemente o filho. O rosto dela não revelava nenhuma emoção, nenhum resquício de julgamento ou misericórdia.

– Ainda acho que estamos fazendo a coisa certa. – Nazira ajeitou o xale. – E estou tentando direcionar meu coração apenas a Deus.

Radu assentiu, segurando a mão dela. Juntos, eles saíram do mosteiro.

Cipriano os encontrou do lado de fora.

– A fundição não é longe daqui. Não vai ter ninguém por lá.

Quando chegaram à fundição, o fogo dos fornos estava apagado. Demoraria um bom tempo para derreter o metal. Nazira avisou que iria voltar para casa e dormir.

Radu então se deu conta que ela usava a tristeza como um manto. Sorria com tanta facilidade que era simples ignorar a aura de tristeza que a cercava. Radu gostaria de poder arrancar aquilo dela. Mas sabia que somente quando saíssem daquela cidade e reencontrassem Fatima ela começaria a se recuperar.

Depois que acenderam a fornalha, Cipriano encontrou os moldes da moeda.

– Meu pai me falou que eu jamais geraria dinheiro para a família. Queria que ele me visse agora.

– Meu pai nunca nem prestou atenção suficiente em mim para avaliar se eu valia alguma coisa.

– E o bastardo nessa história ainda sou eu.

Radu deu risada, e foi recompensado por um dos sorrisos sinceros de Cipriano. Eles revezaram-se para atizar o fogo. Cipriano aproximou-se por trás, observando as chamas por cima do ombro de Radu. Ele tinha se lavado,

não estava mais com o cheiro das muralhas. Estava com cheiro de roupas secas ao sol, com um toque da brisa marinha. Radu respirou tão fundo que até sentiu-se atordoado.

– Você é muito bom nisso – comentou Cipriano, junto da orelha de Radu.

O elogio o teria deixado vermelho. Depois da infância que teve, Radu devorava elogios como um homem faminto mordendo um pão. Só que estava tão quente ali que seu rosto já estava corado. Não demorou muito para o recinto inteiro virar um forno. Cipriano removeu algumas camadas de roupa, inclusive a camisa.

Está mesmo insuportavelmente quente, Radu pensou, procurando olhar para qualquer coisa que não fosse Cipriano.

Quando o fogo pegou de vez, eles foram colocando as peças de prata uma a uma, coletando o metal derretido. As moedas que fizeram eram toscas, claramente inferiores ao dinheiro de verdade. Mas em tempos como aquele ninguém faria questão de examiná-las muito de perto.

Cipriano deitou-se no chão, apoiando a cabeça nos braços. Radu não olhou para ele.

Mas então não resistiu.

Cipriano era alto e magro, com ombros largos. Os olhos de Radu percorreram o local onde seu tronco afinava sob as costelas e apontava para a cintura da calça.

Não. Ele estava cansado, e tinha... alguma coisa. Tinha alguma coisa ali. Ele não sabia o que, e não conseguia formar um pensamento coerente. Olhar para Cipriano o fez se lembrar de uma noite em que viu Mehmed no quarto, antes que o outro notasse sua presença. Radu sentiu uma pontada de culpa, como se de alguma forma tivesse traído Mehmed naquela noite. Quando pensou no quanto estava amargurado em Edirne, sentiu vontade de rir. Ele daria qualquer coisa para estar tão próximo de Mehmed, e não enredado em um turbilhão de sentimentos que a distância imposta pelas muralhas provocava.

Só que em sua mente ele jamais abriria mão do que estava vivendo naquela noite, apesar de tudo o que havia lhe custado chegar até ali.

Mesmo assim, Radu manteve os olhos sobre a mesa. Se Cipriano o pegasse olhando, como reagiria? Como Radu gostaria que ele reagisse? Radu

observou atentamente as moedas

- Como explicar isto a seu tio?
- Pode ser o dote de uma solteirona que quer se casar comigo.
- Seria mais fácil de acreditar se você dissesse que era um tesouro escondido.
- Na verdade eu sou bem popular entre as mulheres de idade avançada. São meus olhos, sabe. Elas não se cansam dos meus olhos.

Radu enfim tirou a própria camisa, porque o local não parava de esquentar. E continuou fazendo de tudo para não olhar para Cipriano. Às vezes conseguia. O tempo todo, ficou do seu lado da mesa, contente por haver essa barreira que o afastava de Cipriano. E grato por sua calça ser grossa o suficiente para esconder as sensações que seu corpo não poderia aceitar que existiam.

Os corpos eram mesmo coisas traiçoeiras.

*Meados de abril*

— **N**ÓS PRECISAMOS DE Dorin — Toma falou, todo empertigado sobre sua montaria. — E ele é um Basarab.

Lada apontou para o local de onde estava vindo.

— Ele nos atacou!

Ela havia sido recebida na extremidade do bosque nas terras de Dorin Basarab por três dúzias de lavradores apavorados e mal armados. Dez soldados bem treinados estavam postados às costas dos camponeses, o que não lhe deixava alternativa a não ser lutar. Antes que Lada pudesse abrir a boca, um agricultor lhe atirou uma flecha. Bogdan imediatamente matou o homem com sua espada, e foi atrás dos demais. Depois de alguns minutos sangrentos e frenéticos, todos foram despachados. Foi um desperdício de seu tempo, além da vida daqueles homens.

Toma não se importava. Fungou de leve, observando com ares de admiração a sede da propriedade mais à frente.

— Dorin vai concordar em nos apoiar. E não vamos ter mais nenhum incidente. — Ele deu uma encarada em Lada. — Para acalmar os ânimos, vou oferecer a ele as terras de Silviu quando você estiver no trono.

— Não. Elas já foram cedidas a outra pessoa.

Toma deu risada.

— A uma camponesa? Pois é, ouvi dizer. Que divertido. Por favor, deixe a distribuição de terras comigo. Na verdade, talvez seja melhor você ficar aqui com seus homens. Eu cuido de tudo.

Ele afastou-se com a montaria, seguido por seus homens. Lada o observou com a tensão da corda de um arco prestes a ser disparado.

Nicolae pôs a mão no braço dela.

– Que foi? – esbravejou ela.

Ele apontou com a cabeça para trás. Quando se virou, ela viu uma fila de camponeses. Uma fila de camponeses furiosos. Eles não a atacaram, provavelmente por causa dos homens armados que a cercavam, mas sem dúvida a matariam se tivessem a chance.

– Quem está no comando? – Lada perguntou, posicionando seu cavalo diante deles.

– Meu irmão – um homem grunhiu.

– Onde ele está?

– Está morto no campo lá atrás.

Lada parou o cavalo e deu uma encarada no homem por cima do nariz comprido e adunco.

– E você acha que a culpa é minha?

– A espada de vocês está suja de sangue.

Lada sacou a lâmina. Estava limpa e impecável.

– Minha espada não está manchada. Minha espada não está atrás de seus irmãos e primos, forçando todos a entrar em uma luta para a qual não têm preparo. Minha espada não está apontada para o pescoço de vocês, obrigando todos a servirem a um homem que não está nem um pouco preocupado com a sua sobrevivência. Minha espada não foi empunhada pelos homens do seu boiardo para impedir que seus filhos e amigos fugissem, como deveriam ter feito.

Nicolae pigarreou ao lado.

– Talvez não seja a melhor tática tentar convencê-los a lutar ao nosso lado – ele disse baixinho.

Lada virou o cavalo, enojada e irritada.

– Estamos indo para Tirgoviste – falou. – Juntem-se a nós.

O homem olhou para o lado, coçando o rosto.

– Isso não é certo, uma moça empunhando uma espada.

Lada sabia que matá-lo estabeleceria um precedente complicado. Apesar disso, sua espada aproximou-se um pouco mais do homem.

– Por que nós faríamos isso? – perguntou um velho com cabelos brancos e crespos como as nuvens mais acima. A papada de pele solta sob seu queixo balançava enquanto ele falava. – Estávamos bem até você chegar. Não queremos encrenca com Tirgoviste.

Lada virou-se para ele, decidindo poupar o outro homem.

– De fato, Tirgoviste nunca tomou conhecimento da sua existência. E nem quer tomar. Ninguém lá está preocupado com sua vida, ou com a de suas famílias, ou com o seu bem-estar. O que o príncipe já ofereceu para você?

O velho encolheu os ombros magros.

– Nada.

– Se você se contenta com nada, por favor, fique à vontade para ir embora e encontrar outro boiardo para servir. Dorin Basarab vai estar ao meu lado. E, quando eu estiver no trono, vou me lembrar de todos os homens que me ajudaram a chegar lá, não importa qual seja o posto.

– Você quer ser príncipe? – o outro homem perguntou. Não estava mais irritado. Estava confuso. Lada preferia lidar com a raiva.

– Eu vou ser príncipe.

– De que família você é? Não sobrou nenhum irmão seu? – questionou ele.

Ela abriu a boca para declamar sua linhagem. Mas então se interrompeu. Ela não tinha direito ao trono por causa de sua família. Por causa de seu pai. Porque seu irmão não o tomaria. Ela estava fazendo aquilo não por si mesma, nem pelo nome de sua família, mas pela Valáquia. O trono seria seu por mérito.

– Sou Lada Dracul, e vou ser príncipe. – Ela baixou o tom de voz e inclinou-se para o homem, ameaçadora como o som de mil espadas sendo desembainhadas: – Você duvida?

Ele deu um passo atrás, enfim reconhecendo a verdade no rosto dela. Lada não era uma moça. Era um dragão, e o país inteiro logo saberia disso.

– E se você fracassar? – o velho questionou.

– Isso não muda nada para vocês. Seu boiardo vai voltar para cá. Eles sempre se safam. Mas se eu conseguir, e sei que isso vai acontecer, vou me lembrar de vocês. Estão me entendendo?

Os homens assentiram com a cabeça, alguns de forma mais relutante do que

outros. O velho abriu um sorriso desdentado.

– Acho que você é louca. Mas não vou recusar uma oferta como essa. – Ele fez uma medida.

Lada olhou por cima da cabeça deles para o horizonte. O momento foi arruinado pela aproximação de um dos homens de Toma.

– Minha senhoria disse que vocês podem montar acampamento atrás da sede da propriedade. Você pode se juntar a eles para o jantar, se assim quiser.

Lada não queria. Ela cerrou os dentes e concordou com a cabeça mesmo assim.



16 a 24 de maio

O MÊS DE maio já tinha passado da metade, e não havia um fim à vista para o cerco. A exaustão com que os dias arrastavam-se para Radu só era interrompida por rompantes sangrentos de horror. Tudo naquele momento lhe parecia sujo – a terra, as nuvens, sua alma.

Depois daquela noite na fundição, ele voltou a fazer o máximo possível para evitar Cipriano. Os contatos restantes de Nazira eram de pouca utilidade. Helena caiu em desgraça por ser associada ao desafortunado e empalado Coco, e Nazira acabou no ostracismo também. Passava a maior parte do tempo tentando encontrar comida e entregando a quem precisava. Radu nunca questionou de que isso adiantava. Ele entendia a necessidade da caridade, mesmo no caso de uma alma consumida pela culpa. Compreendia também o desejo de penitência.

Quando ele ia para casa, Radu deitava-se ao lado de Nazira na cama, e os dois permaneciam em silêncio, sem se tocar. Estavam lado a lado, e ainda assim sozinhos. A única convicção de Radu naquele mar de fumaça inesgotável era a de que Nazira escaparia viva. Todo o resto era negociável.

No dia dezenove de maio, os sinos da cidade entoaram seu já familiar chamado à muralha. Pânico!, diziam. Morte!, anunciavam. Destruição!, bradavam. Não eram mais instrumentos da devoção, eram arautos da condenação.

Radu passou diante da Hagia Sophia. Um puxão em sua camisa provocou-lhe um sobressalto. Quando se virou, deu de cara com Amal.

– Não tenho nada para ele no momento – avisou Radu.

Amal sacudiu negativamente a cabeça.

– Ele tem uma mensagem para você.

O coração exausto de Radu bateu acelerado. Mehmed! Seu Mehmed.

– Sim?

– Ele disse para você se manter longe das muralhas hoje. Encontre outro lugar para ficar.

Radu não sabia se gargalhava de deleite ou se chorava de alívio. Mehmed lembrava-se dele, preocupava-se com sua segurança.

– Por quê?

Amal encolheu os ombros.

– O recado foi esse.

– Diga a ele que agradeço. Diga a ele... – Diga a ele que estou com saudade. Diga a ele que quero que tudo volte a ser como antes. Diga a ele que estou morrendo de medo de que não volte a ser. Diga a ele que, mesmo que seja, não sei se isso vai me satisfazer de novo algum dia. – Diga que meus pensamentos e minhas orações estão com ele.

Amal assentiu, e então o braço como se estivesse pedindo esmola. Radu tirou uma moeda do bolso e a pôs na mão do menino.

Em seguida tomou o caminho de volta, feliz por pelo menos poder dizer a Nazira que Mehmed pensara neles e mandara um aviso. Mas então se lembrou: Cipriano já estava na muralha.

A muralha que Mehmed considerava um local tão perigoso a ponto de mandar um alerta.

Radu poderia ir para casa. Poderia esperar para ver o que aconteceria. Poderia ficar na janela, à espera de Cipriano. E se Cipriano não voltasse...

Radu correu para a muralha. Não conseguia pensar em uma razão, algum pretexto para tirar Cipriano de lá. Não questionou por que valia a pena correr o risco. Simplesmente sabia que era necessário.

Quando chegou, ele deteve o passo, em choque. Havia torres do outro lado da muralha. Feitas de madeira, estavam cobertas de lâminas de couro e metal para protegê-las do fogo e das flechas. Rodas enormes chamavam a atenção nas suas bases. E elas seguiam a caminho da cidade.

Onde Mehmed havia mantido as torres escondidas era um mistério. Ninguém ao redor de Radu sabia de onde tinham vindo nem quando apareceram. Mas seu propósito já estava sendo cumprido. À medida que as torres avançavam, os homens com escudos que as tripulavam jogavam terra e

pedras no fosso. De forma lenta e constante, eles estavam preenchendo a vala ao redor das muralhas.

Radu passou às pressas por uma fileira de arqueiros, procurando Cipriano desesperadamente. Mehmed não o queria por lá, e agora era possível entender por quê. As muralhas caíam naquele dia.

Os arqueiros lançavam flechas flamejantes, que acertavam inocuamente o exterior da estrutura, protegido por escudos. Pequenos canhões eram disparados, produzindo o mesmo efeito nulo. As torres avançavam sem pausa. Giustiniani foi até o centro da muralha, a uma distância de alguns homens de onde Radu estava agachado atrás de barris. Saraivadas incessantes de flechas eram disparadas sobre a muralha, impedindo a concatenação de um contra-ataque.

– Que diabo de novidade é essa? – Giustiniani questionou, espiando por entre os barris. Ele notou a presença de Radu e foi engatinhando até ele, apontando para as torres. – Você sabia que eles tinham isso?

Radu fez que não com a cabeça e encostou-se nos barris, sentindo-se incapaz de olhar para as torres.

Toda a raiva anterior que sentira de Mehmed tinha se dissipado, como uma flecha que batia sem conseguir perfurar a armadura que a mensagem do sultão proporcionara. Mas o fato de protegê-lo não significava que Mehmed confiava nele. As torres deviam ter sido planejadas desde o início do cerco. E Mehmed nunca tocou no assunto com Radu.

O que significa, das duas, uma: ou Mehmed não confiava nele, ou vinha ocultando informações de forma deliberada porque estava procurando uma maneira de inserir Radu na cidade desde o início, e poderia temer que fosse pego e torturado.

Mesmo com a armadura do alerta de Mehmed a postos, ambas as opções eram de cortar o coração de Radu.

Ao anoitecer, as valas estavam preenchidas de material sólido suficiente para que as torres pudessem atravessá-las. Seu progresso era devagar e inevitável como o pôr do sol. Diante da vista de todos, os homens em suas bases as empurravam, fazendo-as avançar pouco a pouco. A chuva de flechas vinda das torres não cessava. Era impossível organizar um contra-ataque, assim como avançar sobre elas. As torres aproximavam-se a uma velocidade desesperadamente lenta, trazendo a ruína da cidade a passos vagarosos. E

Radu ainda não tinha encontrado Cipriano. A essa altura não podia mais ir embora, porque não estava com seu amigo, e porque pareceria que estava fugindo.

Alguém apareceu a cavalo no espaço entre as muralhas puxando uma carroça levando uma carga pesada.

– Giustiniani!

Era Cipriano. Radu animou-se um pouco. A cidade iria cair, mas Cipriano estava lá! Radu poderia afastá-lo da muralha, e eles poderiam buscar Nazira e fugir. Radu agachou-se, correndo até a escada e então descendo os degraus.

Cipriano estava de pé sobre a carroça, com as flechas caindo ao seu redor, descarregando um barril por um dos lados do veículo. Radu apanhou um escudo caído, posicionou-se ao lado de Cipriano e o protegeu enquanto trabalhava.

– Precisamos sair daqui! – Radu gritou.

– Estou quase terminando! – Uma flecha chocou-se contra o escudo sobre suas cabeças. Cipriano fez uma pausa, abrindo um sorriso para Radu que transformou seu rosto. – Bom, está aí mais uma vida que devo a você. Um dia desses precisa me dizer como posso retribuir.

– O que é isso? – Radu perguntou enquanto os outros homens que apareceram para ajudar descarregavam os barris.

– Pólvora.

– Os canhões são pequenos demais para danificar a estrutura das torres.

O sorriso de Cipriano tornou-se menos afetuosos, porém mais apropriado ao ambiente em que se encontravam.

– Não é para os canhões. – E gritou: – Levem isso para as muralhas.

Radu saltou da carroça, ainda protegendo Cipriano, que instruía os homens. Seu olhar voltava-se o tempo todo para o portão, imaginando como conseguiria tirar Cipriano de lá com ele. Enquanto isso, Cipriano continuava em ação, indiferente ao desespero de Radu. Não era uma tarefa fácil carregar os barris pesados pelas escadas estreitas. Eles só conseguiram a duras penas, perdendo um homem atingido por uma flechada. Radu seguiu Cipriano enquanto os barris eram rolados até serem posicionados bem diante das torres. Talvez se ajudasse Cipriano a fazer o que pretendia, Radu conseguisse convencê-lo a sair da muralha.

Giustiniani começou a gesticular, preocupado.

– Essa é quase toda a pólvora que nos resta.

– E não está servindo para muita coisa nos canhões – Cipriano rebateu. – Essa é nossa melhor chance.

– Mas não temos o suficiente para todas as torres. E são várias.

– O sultão não sabe disso, certo?

Radu compreendeu o que se passava quando Cipriano começou a instalar os pavios na tampa dos barris.

– Você vai explodir as torres. – Radu soltou uma gargalhada, que saiu áspera por causa da exaustão e da fumaça. Era exatamente o que Lada teria feito. Ele mesmo deveria ter pensado nisso.

Não. Na verdade não estava trabalhando para aquele lado. Radu bateu com a cabeça nas pedras atrás de si, tentando enfiar algum juízo nela. Ele deveria fazer alguma coisa para impedir. Mas estava de mãos atadas. Não podia fazer nada por Mehmed, nem algo que colocasse em risco a vida de Cipriano.

Cipriano bateu no colete, transpirando.

– Eu não tenho uma pedra para riscar.

Radu ofereceu a sua. Quando seus dedos roçaram os de Cipriano, houve uma fagulha que nada tinha a ver com a pedra. Radu engoliu em seco a confusão de sentimentos que bloqueava sua garganta e sua respiração.

Cipriano sorriu para ele, então usou a pedra para acender o pavio.

– Se o barril abrir quando cair no chão, vamos explodir a nós mesmos.

Radu encolheu os ombros, inclinando-se para trás. Talvez fosse um fim piedoso, a essa altura.

– Pelo menos vou bem acompanhado para o inferno.

Cipriano deu risada. Giustiniani olhou feio para os dois.

– Vou contar até três – Cipriano avisou. Os dois outros barris estavam a poucos passos de distância. – Um... dois... três!

Radu e Cipriano empurraram o barril para fora da muralha, e os demais soldados fizeram o mesmo com os outros. Eles preparavam-se para uma explosão, mas nada aconteceu. Então foram espiar, prendendo a respiração enquanto viam os barris rolares na direção da torre. O de Giustiniani desviou

demaís para a direita, e acabou encalhado nos escombros. O terceiro barril perdeu impulso na metade do caminho. Mas o de Cipriano seguiu em frente, rolando direto para a base de uma das torres.

– Abaixem-se – Cipriano gritou, puxando Radu, que protegeu as orelhas, mas mesmo assim a explosão foi ensurdecedora. A força do deslocamento de ar fez tudo ao redor tremer. O mundo mergulhou na imobilidade em um instante de silêncio. Então os escombros atingiram os barris às suas costas, caindo por toda parte.

A torre estava no chão, arrebatada. Os homens correram para ajudar os otomanos feridos, sem se dar conta dos outros barris. Radu e Cipriano agacharam-se de novo, e duas explosões seguiram-se em rápida sucessão.

O cheiro de pólvora quase encobriu o fedor de carne queimada.

Giustiniani ficou de pé, apontando para um grupo de soldados diante de uma porta secundária.

– Queimem tudo! Matem qualquer um que ainda esteja se movendo!

A porta foi aberta e os homens saíram. Foi um trabalho rápido, o de matar os otomanos sobreviventes, atordoados pela última explosão. Em seguida, jogaram piche sobre o que restava da estrutura e das rodas da torre. Quando incendiadas, queimaram com tanta força que Radu podia sentir o calor das chamas no rosto.

Cipriano deu as costas para a matança, dobrando os joelhos e apoiando a cabeça neles. Seus ombros tremiam.

– Está ferido? – Radu levou a mão ao braço do outro, mas não ousou tocá-lo. Não de propósito, nem com ternura. Ele desafiara a ordem de Mehmed de permanecer em segurança porque não conseguia abandonar Cipriano. E, ao fazer isso, tinha ajudado a derrotar aquela nova e promissora oportunidade de encerrar o cerco. De quantas formas um homem podia se tornar traidor em uma única vida?

Cipriano ergueu os olhos. Radu não conseguiu distinguir se estava rindo ou chorando.

– Eu pensei mesmo que fosse acabar explodindo a muralha. Achei que tinha uma grande chance de abrir uma brecha para ele entrar.

– Mas tentou mesmo assim?

Cipriano esfregou os olhos, deixando o rosto sujo de fuligem.

– Ele está atacando de todas as formas possíveis. Por baixo das muralhas, por fora, por cima. Da terra, do mar. Não precisa funcionar todas as vezes. Basta uma. E no fim alguma coisa vai funcionar. – Cipriano recostou a cabeça, olhando para a fumaça acima. – Mas não hoje – murmurou.

– Mas não hoje – Radu repetiu, sem saber se dizia isso com alívio ou com tristeza.

A aposta de Cipriano valera a pena. Quando uma torre caiu, Mehmed fez as outras recuarem. O bombardeio continuava incessante, mas a essa altura era um fato quase normal.

Dois dias depois que as torres saíram de cena, Cipriano foi convocado ao palácio. Radu estava calçando as botas para voltar à muralha. Amal não estava no local de costume na Hagia Sophia. De qualquer forma, Radu não tinha nada a transmitir a Mehmed além de confissões e sentimentos confusos.

– Meu tio requisitou a sua presença também – Cipriano falou.

Radu franziu a testa, surpreso.

– Por quê?

– Ele não quis dizer.

Uma pequena parte da alma de Radu, que não havia sido aniquilada pelos bombardeios, temeu que ele tivesse sido descoberto. Talvez estivesse a caminho da própria morte. Ele lançou um olhar para Nazira do outro lado da sala.

– Nazira, hoje as coisas parecem mais calmas na muralha. Você deveria ir até Gálata para ver se tem alguma comida para comprar por lá. Cipriano está perdendo peso.

– Estou nada! – Cipriano estufou a barriga e deu uns tapinhas nela.

– Ele está péssimo. – Radu sorriu como se estivesse brincando, mas lançou um olhar cheio de significado para Nazira. – Traga um pouco do alimento daqueles italianos gloriosamente gordos.

– Quem está péssimo é você. – Nazira estreitou os olhos e sacudiu a cabeça negativamente para Radu. – Não vou para Gálata por ninguém nem por nada. Vou estar bem aqui quando voltarem do palácio.

Radu aproximou-se dela e lhe deu um beijo na testa.

– Por favor – murmurou, com a boca colada à pele da mulher.

– Sem você, não. – Ela recuou e sorriu, estendendo a mão até seu rosto com a barba por fazer. – Vocês tratem de comer no palácio. Me poupem do trabalho de preparar uma refeição. E, já que vão estar por lá, podem pedir também uma navalha emprestada ao imperador.

Com um último olhar de súplica, Radu juntou-se a Cipriano. Eles caminharam lado a lado pelas ruas enlameadas. Apesar de haver mais procissões religiosas do que nunca, deram a sorte de não cruzar com nenhuma. Às vezes, em seu sonho, Radu via-se preso no meio de uma procissão. Ao redor, só o som da liturgia dos padres, os gritos das mulheres e o choro das crianças, enquanto a fumaça branca do incensário invadia seus olhos e seu nariz até deixá-lo incapaz de enxergar e respirar. Quando a fumaça dissipava-se, estavam todos mortos. Mas a liturgia continuava.

– Você está bem? – Cipriano perguntou. – Está tremendo.

Radu balançou a cabeça.

– Está bem frio para um mês de maio.

– Não comente com ninguém. Ou vão encontrar alguma profecia afirmando que um mês de maio frio é sinal do fim do mundo.

Radu tentou rir, mas não conseguiu. Se pelo menos Nazira concordasse em ir embora, ele se sentiria em paz caso encontrasse seu fim. A essa altura, era inevitável. Ele iria morrer por lá. Mas ela não precisava morrer também.

Pelo menos havia a certeza de que não fora descoberto por Cipriano. A sinceridade dele estava estampada no rosto. Se Radu estivesse se encaminhando para a morte, Cipriano não sabia disso. Não era exatamente um consolo, mas era o suficiente para mantê-lo em movimento, desfrutando daqueles momentos preciosos antes que Cipriano descobrisse a verdade e jamais o encarasse de novo com aqueles belos olhos cinzentos.

Eles passaram por várias mulheres e crianças arrastando sacos cheios de pedras e cascalho para o reparo das muralhas. Quando uma bola de pedra disparada por um canhão atingiu a fachada de uma casa próxima, Radu e Cipriano agacharam-se instintivamente, antes mesmo de se darem conta do que significava o barulho.

As mulheres e as crianças não tinham essa experiência. Uma das crianças estava caída na rua, destrocada e imóvel. Uma mulher ajoelhou-se ao lado

dela. Ela pegou o corpinho no colo e o posicionou contra a parede.

– Eu já volto – a mulher falou, com as mãos ensanguentadas. Em seguida, apanhou seu saco de pedras e o da criança para ir até a muralha.

– Como podemos viver assim? – Cipriano murmurou. – Aqui é o inferno?

Radu pegou Cipriano pela mão e o afastou do corpo da criança. O palácio estava diante deles. Radu sabia que não importava o que ele esperava ou temesse que fosse acontecer. A morte era insensível e aleatória, capaz de levar com a mesma facilidade uma criança inocente e um homem culpado.

Eles foram recebidos por dois soldados e passaram direto pela sala de Constantino. Foram se aprofundando dentro do palácio, atravessando o pátio para entrar em outra construção. Era mais fria que o restante do prédio, pois as pedras mantinham de fora o calor do dia. O ar cheirava a musgo e desespero.

– Por que estamos indo para as masmorras? – Cipriano questionou.

Radu permitiu-se um momento de tristeza genuína por Nazira. Ele havia falhado. Em tudo, mas principalmente na coisa mais importante que tinha prometido para si mesmo e para Deus. Eu lamento, pensou em forma de oração. Me desculpe. Salve Nazira.

– Prisioneiros – um dos soldados falou, como se isso explicasse tudo.

Quando passaram por uma porta ao final de uma escadaria curva, Constantino virou-se para eles. Tinha uma expressão fechada. A seu lado estava Giustiniani. Radu respirou fundo, rezando para ter forças. Ele encarou os olhares sem piscar. Ainda precisava ser capaz de negociar a vida de Nazira.

– Aí estão vocês. Vamos. – Giustiniani fez um gesto impaciente. Radu deu um passo à frente, enfim conseguindo ver o que havia atrás deles.

Ajoelhado no chão, acorrentado, ensanguentado e atordoado, estava um homem que Radu tinha visto pela última vez levando uma bronca da mãe enquanto entregava pólvora. Timur, o filho de Tohin. Como havia ido parar ali?

– Ele só fala árabe – Giustiniani explicou –, e não conseguimos entender. Você pode traduzir?

– Acho que sim. De onde ele veio? – Radu perguntou, tentando controlar o tom de voz.

– Foi pego cavando um túnel debaixo das muralhas. Os demais foram mortos com fogo grego. Queimados vivos.

– Eu tive sorte – Timur murmurou por entre os lábios inchados e ensanguentados e os dentes quebrados. Ele olhou para Radu e sorriu. Radu não entendeu se era um sorriso de reconhecimento ou de loucura.

Radu não estava lá para ser torturado e morto. Estava lá para ajudar a torturar um homem que conhecia. Um homem que tinha família. Dois filhos, de acordo com o que dissera. Ou seriam três? Radu não se lembrava. Parecia muito importante recordar-se disso naquele momento. Eu lamento, pensou em forma de prece de novo, dessa vez ainda mais angustiado. Mas Nazira ainda estava a salvo. Ele apegou-se a isso como forma de impedir que as trevas tomassem conta de sua mente.

Radu limpou a garganta.

– Eu conheço esse homem. Ele se chama Timur. Nós tivemos um breve contato antes da minha fuga da corte.

Giustiniani grunhiu:

– Precisamos das localizações dos outros túneis. Meus homens estão fazendo o interrogatório há um bom tempo, mas ele não entregou nenhuma informação. – O italiano apontou para o mapa na parede. – Faça o que for preciso para ele falar.

O sangue escorria lentamente pelo rosto de Timur, acumulando-se em poças nas pedras sob seu corpo.

Radu agachou-se diante dele. Ele só conhecia as palavras em árabe do Corão, e não usaria os versos sagrados ali. Não queria usar o idioma turco, por medo de que Constantino e Cipriano entendessem.

– Você fala húngaro? – perguntou no idioma. Radu sabia que Cipriano não conhecia essa língua, e tinha quase certeza de que o mesmo valia para os outros. Ele os olhou, mas os demais não pareciam entender o que estava sendo dito.

Timur elevou a cabeça. Seus olhos brilharam em um brevíssimo instante de reconhecimento, mas em seguida ele baixou a cabeça de novo.

– Sim – respondeu em húngaro. – Um pouco. Você pode me salvar. – A frase não foi dita como uma pergunta. Uma pergunta significaria uma esperança. Timur sabia que não havia nenhuma.

– Eu posso garantir uma morte rápida. E... – A voz de Radu ficou embargada. Ele respirou fundo antes de continuar: – E vou mandar informarem Mehmed de sua bravura. Sua família vai ser sempre bem cuidada. Eu juro.

Timur estremeceu, e o que restava de tensão em seus ombros enfim se esvaiu.

– O que eles querem?

– A localização de todos os outros túneis. Existem homens por lá agora?

– Agora não. À noite.

– Se passar a informação, eles vão tomar uma providência agora mesmo. Ninguém mais vai precisar morrer. Os túneis não funcionaram. E você fez o que podia. Lamento que tenha terminado assim.

Um suspiro escapou dos lábios do outro. Tinha cheiro de sangue, mas o tom foi de alívio.

– Eu fiz a minha parte. Deus sabe. Você vai falar isso para o sultão.

– Vou falar. – Radu apontou para o mapa. Timur mostrou diversas localizações, traçando linhas de um ponto a outros. O sangue em seus dedos funcionou como tinta.

– Ele está dizendo a verdade – Giustiniani falou. – Eu já desconfiava desses dois lugares. O primeiro encontramos de manhã. Mas dos outros não sabíamos. – Ele enrolou o mapa ensanguentado e o entregou a um guarda, que saiu correndo da cela.

Com as costas viradas para os demais, Radu murmurou uma bênção em árabe que só ele e Timur conseguiram ouvir. O rosto de Timur relaxou, e ele fechou os olhos. Radu sacou uma faca e cravou na nuca de Timur, que despencou no chão, sem vida. Havia pouquíssimo sangue. O que quer que tivesse sido feito antes da chegada de Radu, serviu para drenar a maior parte de seu líquido vital.

Cipriano soltou uma exclamação de surpresa. Radu sacou um lenço e limpou a faca. Seus dedos estavam mais firmes do que ele se sentia.

– Prometi uma morte rápida em troca das informações. Ele cumpriu sua parte do acordo.

– Mas nós poderíamos precisar dele para alguma outra coisa – Giustiniani

argumentou, franzindo a testa.

Radu fez uma cara de surpresa fingida.

– Eu lamento. Você me disse para fazer o que fosse preciso para descobrir o que ele sabia. Foi preciso fazer isso. – Radu evitou o olhar de Cipriano e fez uma mesura para Constantino. – A não ser que necessite de mim para outra coisa, tenho de ir até as muralhas.

Constantino coçou a barba. Assim de perto, Radu pôde ver que a pele sob os pelos do rosto estava vermelha e irritada.

– Que nós também possamos ter essa mesma misericórdia nas mãos de nossos inimigos – disse bem baixinho, como se estivesse falando sozinho.

O som de botas descendo as escadas às pressas desviou a atenção de todos para a porta. Um soldado entrou correndo, ofegante.

– Os barcos... Os barcos que mandamos. Eles voltaram.

– E? – Constantino aproximou-se do soldado.

O soldado sacudiu negativamente a cabeça, com a desesperança estampada no rosto.

– Ninguém vai vir.

Constantino caiu de joelhos, baixando a cabeça em uma pose parecida com a de Timur quando Radu chegou. Não havia nenhuma corrente atando o imperador, mas sua chance de libertação era a mesma de Timur. Radu observou tudo como se estivesse a uma grande distância, e o tempo pareceu se arrastar, com os intervalos entre as batidas de seu coração durando uma eternidade.

Se Lada estivesse aqui, Radu mais uma vez se perguntou, o que ela faria?

A porta estava bem ali. Giustiniani e Cipriano tinham desviado o olhar em sinal de respeito à angústia de Constantino. Radu podia cravar a lâmina na nuca do imperador da mesma forma como fizera com Timur. Podia pôr um fim imediato em Constantino. O imperador vinha mantendo Constantinopla viva por pura força de caráter. Com sua morte, as muralhas não significariam nada. A cidade renderia-se imediatamente.

Lada faria isso. Aproveitaria a oportunidade em vez de ficar parada, pensando. Radu tinha certeza de que ela nunca se perguntara na vida sobre o que ele faria em seu lugar. Ele fechou os olhos, tomado pelo desespero.

Mehmed mandara o irmão errado para a cidade. Porque ele tinha como acabar com tudo naquele exato instante, e talvez até sair vivo. Mesmo conhecendo Constantino, e tendo respeito por ele, Radu seria capaz. Afinal de contas, ele matara Lazar. Havia enfiado uma faca em seu melhor amigo para salvar Mehmed.

Caso fizesse a mesma coisa ali, o cerco terminaria. Seria quase um ato de piedade para com um homem que vinha sofrendo com um fardo grande demais para qualquer um carregar. A cidade se renderia e cairia sem sofrer saques ou ainda mais estragos.

O corpo destroçado da criança na rua veio à tona em sua mente. Acusador. Suplicante. Se Constantino fosse assassinado, ninguém mais precisaria morrer.

Mas, enquanto Radu pensava no que podia fazer, no que deveria fazer, outra imagem lhe vinha à mente: um par de olhos cinzentos que jamais o encararia da mesma forma caso fizesse aquilo. Radu estava olhando para Constantino, mas só o que conseguia sentir era a presença de Cipriano.

Talvez se Cipriano não estivesse lá, talvez se Cipriano não fosse Cipriano, Radu poderia fazer a coisa certa. Em vez disso, só ficou olhando, impotente e imprestável.

O imperador chorava, a inocência morria ao seu redor, e Radu era incapaz de oferecer misericórdia a quem quer que fosse. Foi com a culpa comprimindo seu pescoço como o laço de uma forca que Radu seguiu os demais para fora das masmorras e para dentro do palácio.

Um criado visivelmente trêmulo apareceu.

– Tem uma pessoa aqui para ver vossa senhoria.

Constantino fez um sinal para que todos o acompanhassem. Sem dúvida era o capitão do barco, para transmitir um relatório completo de suas descobertas. Radu não queria ir. Mas podia surgir alguma informação importante para transmitir a Amal, como uma forma de reparação por não ter se livrado de Constantino quando surgiu a ocasião para isso.

A porta se abriu, mas não revelou a presença de marinheiros exaustos. Quem estava parado no centro do recinto era Halil Paxá.

*Final de abril*

TOMA BASARAB EXAMINAVA carta após carta, sorrindo ou resmungando pensativamente, a depender do conteúdo de cada uma.

– Sente-se logo, antes que abra um buraco no tapete. Que aliás vale mais que qualquer coisa sua. – Ele fez uma pausa para produzir um efeito dramático. – Na verdade, você não tem nada, né?

Lada olhou feio para ele, mas parou de andar de um lado para o outro.

– E então?

Toma recostou-se na cadeira. Eles estavam em outra das residências de um boiardo da família Basarab. O escritório parecia até ser de Toma. Suas cartas ocupavam toda a mesa, com o vinho colocado ao alcance da mão. Só a espada de Lada parecia fora de lugar.

Eles estavam perto de Tirgoviste. Tão perto que Lada não aguentava mais ficar naquela casa com aquela gente, quando sabia da proximidade do trono.

Toma estendeu uma carta.

– O príncipe quer saber o que estamos tramando.

– E?

Toma sorriu, e seu rosto deixou de ser o de um boiardo de maneiras impecáveis para tornar-se algo que Lada entendia muito melhor: um predador.

– E não faz diferença nenhuma. Temos todo o apoio de que precisamos. Mais da metade dos boiardos está do meu lado. – Ele fez uma pausa, abrindo um sorriso mais generoso. – Do nosso lado. A maioria não vai querer fazer nada antes de saber quem sairá vencedor. Ele não vai conseguir reunir uma força significativa a tempo de se salvar. Seus filhos, e todos os homens a que poderia recorrer, estão lutando nas muralhas de Constantinopla a pedido do sultão.

Lada fechou os olhos e respirou fundo.

– Eu posso marchar sobre Tirgoviste.

– Sim, minha cara, pode mesmo – Toma respondeu, como se ela tivesse pedido sua permissão. – E eu vou atrás.

– Mas não tão cedo. – Ela abriu os olhos e ergueu a sobrancelha.

Ele deu risada.

– Não, não tão cedo. Mas pode levar com você todas as minhas esperanças e as minhas preces.

Lada recolheu a espada, apoiada contra uma cadeira.

– Pode ficar com suas preces. Eu não preciso delas.

Estavam em movimento fazia apenas duas horas quando os batedores que iam à frente deram um alerta. Lada esporeou o cavalo para um galope ligeiro, rapidamente percorrendo a distância que a separava dos batedores.

Era tarde demais. Ambos os homens, que estavam com ela desde Edirne, estavam sangrando até a morte no chão. Um bando de uma dúzia de homens imundos os cercava, revistando suas roupas.

Eles olharam para Lada. Seus rostos contorceram-se em uma expressão de prazer cruel, saudando-a com olhos mortos. Ela sacou a espada e matou dois deles antes que os demais sequer pensassem em reagir. Quando se deram conta de que ela não era presa fácil, Bogdan e um grupo de seus homens chegaram.

Vários dos ladrões fugiram para o bosque.

– Matem todos – Lada ordenou. Ela fez uma pausa, pensativa. Um dos bandidos estava encolhido no chão, cobrindo a cabeça com os braços. – Deixem este aqui.

Ela desceu da montaria, deu um chute no homem e o puxou para obrigá-lo a encará-la. O rosto dele estava coberto de manchas vermelhas típicas da juventude. Devia ser no máximo dois anos mais novo que ela.

– Tem mais ladrões por aqui? – perguntou, apontando com o queixo para a estrada.

– Não. Não. Por aqui só nós.

– E no resto do caminho?

Ele fez que sim com a cabeça, em um gesto desesperado.

– Sim, senhorita. Por toda parte.

Ela inclinou-se para a frente e encostou a espada no pescoço dele.

– Está interessado em um trabalho?

Ele não tinha como responder com um gesto afirmativo. Não conseguia nem engolir a saliva. Então limitou-se a emitir um sofrido “sim”.

– Vá pela estrada na nossa frente. Encontre todos os ladrões e assaltantes, qualquer um que estiver atacando meu povo, e mande um recado. Estas estradas agora pertencem a Lada Dracul. E eu digo que são seguras. Quem desafiar minha palavra vai ser morto.

Ela afastou a espada. O garoto ficou de pé aos tropeções e fez uma mesura.

– Sim. Sim, senhorita. Vou dizer.

Ela ficou pensativa por um momento. Palavras eram uma coisa. Evidências físicas eram outra. Agachou-se e cortou as orelhas dos cadáveres mais próximos. A primeira ela decepou. A segunda cortou no lugar certo. Nicolae fez uma careta. O som e a sensação eram desagradáveis, mas Lada revirou os olhos para ele.

– Leve isto. – Ela entregou as orelhas para o garoto.

Ele parecia prestes a esvaziar o conteúdo do estômago, mas recebeu as orelhas nas mãos trêmulas.

– São lembretes de que estou falando sério. Se fugir, ou não repassar minha mensagem, vou saber. E vou atrás de você.

Com a voz falhando, o menino garantiu que não a decepcionaria, e depois de um tropeção saiu correndo pela estrada.

Bogdan voltou alguns minutos depois, limpando o sangue da espada.

– Pegamos todos.

– Ótimo.

Lada olhou para a silhueta do garoto, que se afastava rapidamente. Era uma boa mensagem. Mas não bastava. Ela passara anos em uma terra cujas estradas eram seguras. Os otomanos eram livres para viajar e fazer comércio, e seu país só prosperava. Ela não havia se esquecido dessa lição.

No fim das contas, tinha aprendido algo com seus tutores.

– Estas estradas precisam de uma sinalização mais clara. Pendurem os corpos nas árvores. Escrevam “ladrões” neles. – Vários dos recrutas mais recentes pareciam preocupados. A maioria não sabia ler nem escrever. – Nicolae vai se encarregar disso – avisou.

– Parece uma coisa meio exagerada. – Nicolae interrompeu o passo enquanto arrastava um dos corpos dos batedores para a lateral da estrada, onde outro soldado começava a cavar uma cova rasa.

Lada deu de ombros.

– Eles já estão mortos mesmo. Podem muito bem ter alguma utilidade, já que não fizeram nada em vida.

Depois de um dia todo na estrada, e com Tirgoviste ao alcance da vista, eles montaram acampamento. Daciana ainda não havia se mudado para a barraca de Stefan, mas Lada estava certa de que isso aconteceria em pouco tempo.

Stefan observava a movimentação de Daciana pelo acampamento com uma espécie de medo confuso nos olhos. Ficava tão apreensivo e assustadíssimo que Lada sentia-se temerosa de mandá-lo na frente como batedor. Daciana mal lhe dava atenção, mas de tempos em tempos interrompia o trabalho para fazer um comentário com ele, ou ajeitar seu colete, ou falar sobre a cor ou o comprimento de sua barba, de vez em quando passando a mão em seu rosto.

Lada não entendia aquela estranha dança que Daciana estava realizando. Parecia ser bem ineficiente. Mas, só de ver a maneira como Stefan olhava para a garota, a própria Lada também sentia um certo desconforto.

O meio de suas pernas ganhava vida nos momentos mais estranhos, lembrando-a de como já se sentira no passado e poderia vir a se sentir no futuro. Ela amaldiçoava Mehmed por ter lhe apresentado essas sensações. Antes, ela sequer sabia que isso existia. Agora tinha vontade de experimentar de novo.

Daciana aproximou-se de Stefan, murmurou alguma coisa em sua orelha e deu risada.

Bogdan juntou-se a Lada na fogueira. Seu corpo era robusto e ameaçador, ao contrário do de Mehmed, todo esguio. Bogdan era uma marreta, e Mehmed uma espada. As marretas, porém, também têm suas qualidades. Lada o

encarou e estreitou os olhos.

– Você faria qualquer coisa por mim. – A frase não foi dita em tom de pergunta.

Ele a olhou como se tivesse acabado de ouvi-la falar uma coisa banal, como que o céu era azul.

– Faria.

– Venha comigo. – Ela ficou de pé e foi para sua barraca. Bogdan a seguiu.

Era um jeito muito mais eficiente de lidar com a questão do que os métodos de Daciana. E, caso não sentisse com Bogdan o mesmo que experimentara com Mehmed, caso a fagulha e o fogo e o desejo não fossem arrebatadores, Bogdan continuaria sendo o que sempre foi: leal e útil.

No segundo dia na estrada, não houve nenhum encontro com ladrões. Só encontraram vestígios de acampamentos abandonados às pressas. Lada sentiu uma pontada de algo que poderia ser parecido com orgulho maternal. Seu pequeno ladrãozinho tinha obedecido às ordens.

Bogdan cavalgava mais perto dela do que antes, e de tempos em tempos, em meio a demonstrações nada elegantes de instinto protetor, ela capturava uma pontada de uma recém-descoberta afeição. Isso a deixava profundamente desconfortável. Ela sabia que Bogdan tinha por ela um sentimento que não era retribuído na mesma medida. Ela sempre aceitara isso como uma coisa natural, até boa. Ele era seu, mas ela não era dele. Talvez tivesse cruzado um limite que não deveria.

Sua apreensão logo foi substituída por um inconveniente alívio quando sentiu um descolamento de sangue quente entre as pernas. Quase fez uma prece, de tão grata que se sentiu. Mas ela duvidava de que Deus estivesse preocupado com a presença ou não de um habitante em seu ventre.

Lada brecou o cavalo e desceu da montaria. Em sua bolsa ela levava pedaços sobressalentes de pano. Ela arrancou a cota de malha e a jogou sobre a sela.

– Que foi? – Bogdan perguntou, fazendo menção de descer do cavalo também.

– Não! – Ela fez um gesto impaciente para que ele ficasse onde estava. – Eu já volto.

– É melhor você não ir sozinha – Nicolae disse.

Lada olhou feio para eles. Dava para sentir o sangue escorrendo. Caso não o detivesse logo, sua calça ficaria manchada. Daciana, que viajava no cavalo de Stefan junto com ele, percebeu a maneira como ela estava caminhando, com as pernas rígidas.

– Podem deixar. Lada é mais perigosa que qualquer outra coisa neste bosque.

Lada virou as costas e foi andando para o meio das árvores.

– Pelas chagas divinas, como vocês são ridículos. Descansem. Comam. Eu já volto.

Ela moveu-se com agilidade por entre as árvores, abrindo a maior distância possível entre a enorme companhia de homens e as necessidades mais imediatas e extremamente pessoais de suas partes íntimas.

Encontrou um córrego de águas claras e agachou-se ao lado da margem. A água era congelante, mas pelo menos o clima ainda estava quente. Enquanto se limpava, ela praguejou contra o fato de precisar lidar com aquilo em um momento tão importante.

Mas o sangue era um sinal bem-vindo. Talvez Bogdan tivesse agido como um talismã da sorte, removendo o que a estivesse bloqueando desde sua estada com Mehmed. Ela tomou isso como confirmação de que Daciana estava certa. Seu corpo não havia sido feito para gerar bebês. Lada cantarolou sozinha enquanto lavava as roupas de baixo e as colocava para secar ao lado da calça. Em seguida, posicionou os paninhos na roupa de baixo limpa para absorver o sangue. Então, como estava contente e o dia estava quente como não ficava fazia tempo, ela tirou a túnica e aproveitou para lavá-la também.

Foi quando escutou o som de passos furtivos. Lada ficou imóvel, preparando-se para xingar Bogdan, Nicolae ou quem a tivesse desobedecido. Mas então se deu conta de que os passos vinham da direção oposta de onde estavam seus homens. Por um instante surgiu a lembrança de árvores de outro lugar, de outro homem aproximando-se furtivamente, e isso a paralisou. Ela não conseguia respirar. A memória do peso de Ivan sobre ela, suas mãos...

Lada arrancou a túnica da água e olhou ao redor, desesperada por um lugar para se esconder. As árvores eram finas demais para serem escaladas, e o córrego ficava em um local aberto e exposto. E ela estava sozinha, por causa de seu corpo idiota de mulher. Ela olhou para seus braços, que seguravam a

túnica encharcada junto ao peito. Seu corpo de mulher. Ivan via isso como fraqueza, como elemento sobre o qual tinha poder.

Os passos estavam se aproximando.

Ivan estava morto. Seu corpo era uma arma. Ela podia matar quem estivesse se aproximando, mas... De forma inesperada, a imagem de Huma surgiu em sua mente. A maneira como ela acomodava-se sobre os móveis. O modo como se movia. Lada tentou se lembrar de tudo a esse respeito, porque Huma, assim como ela, também usava seu corpo como arma.

Lada apanhou a faca que guardava na bota e a escondeu atrás das costas. E então deixou que a túnica caísse quando três homens chegaram pela outra margem do córrego. As mãos que seguravam os cabos das armas relaxaram, e eles ficaram de queixo caído.

– Ai! – gritou Lada, em uma péssima imitação do que achava que uma garota faria naquelas circunstâncias. Ela atravessou um braço sobre os seios.

Um dos homens desviou os olhos, todo vermelho. Os outros dois não tiveram a mesma decência.

– O que você está fazendo aí? – um deles perguntou, com um sorriso confuso no rosto.

– Eu... – Lada agachou-se, apanhando a túnica e escondendo a faca atrás do tecido. – Eu moro lá – falou, apontando vagamente para a direita –, e estava me lavando.

– Você não deveria estar aí. – O soldado corado de vergonha olhou para trás, para algo que ela não conseguia ver. – Tem um monte de homens vindo aí.

– Ai! Ah, não. – Lada recolheu a calça e as botas, fingindo estar envergonhada e sem jeito. E sentiu-se grata por não ter vestido a calça de novo. Amarfanhada como estava, não ficava claro que não era uma saia.

– Vá para casa – o homem falou, com um tom de voz tenso, mas gentil.

O sorriso do outro alargou-se ainda mais.

– Vamos fazer uma visitinha para você depois de resolver uns problemas.

Lada não sabia como era um sorriso malicioso, mas fez o melhor que podia. Em seguida, correu na direção em que falou que ficava sua casa. Assim que se viu em segurança, ela calçou as botas, enfiou o resto das coisas na bolsa e

voltou para a estrada correndo o máximo que podia. Seus homens não estariam prontos. Estavam mal-acostumados demais com a falta de desafio. Ela não fazia ideia de quantos soldados havia no bosque, mas, se contassem com o fator surpresa, Lada não gostava das probabilidades que via para suas forças.

Ela reapareceu na estrada muito mais à frente do que tinha saído. Correndo na direção deles, agitou a calça no ar. Não podia gritar, por medo de que os inimigos estivessem perto o bastante para ouvir.

Nicolae percebeu, e fez uma tentativa de acenar de volta.

Ela apontou freneticamente na direção das árvores. Nicolae só começou a se mover vários agoniantes segundos depois. Mas quando agiu foi com a eficiência de um soldado de verdade. Antes que Lada chegasse a seus homens, eles afastaram-se da estrada e dirigiram-se ao outro lado, abrindo uma distância do bosque que abrigava os inimigos. Foi lá que Lada os alcançou, resfolegada. Ela sacou a espada pendurada na sela.

– Lada – Nicolae sussurrou.

– Homens de Tirgoviste, eu acho. Estão atrás de nós. Não sei quantos são, mas vão chegar em breve. Espalhe a notícia pelas fileiras. Balestras primeiro. Vamos pegá-los de surpresa.

– Lada – repetiu ele. – Seus... – Ele fez um gesto na direção do peito dela. Bogdan entrou na sua frente para bloqueá-la das vistas dos demais. Ela olhou para baixo e viu os seios, ainda descobertos, subindo e descendo ao ritmo de sua respiração.

Fechando a cara, ela tirou a túnica da bolsa e a vestiu.

– Bom, você pode agradecer os meus... – ela apontou para o peito enquanto vestia a calça – ... por terem nos salvado.

Nicolae não teve tempo de perguntar como exatamente os seios de Lada haviam salvado seus homens. Os primeiros soldados inimigos tinham começado a sair do meio das árvores, deslocando-se com lentidão exagerada. Ainda imaginando que dispunham do fator surpresa, olharam para um lado e para o outro da estrada, e em seguida fizeram sinal para que os outros os seguissem.

Não era uma força numerosa como a sua, mas se pudessem usar a cobertura das árvores e pegar seus homens de surpresa fariam um belo estrago nas

fileiras de Lada. Ela ergueu o punho fechado e o baixou em seguida. As balestras cantaram do meio das árvores do outro lado da estrada, eliminando metade dos homens. A outra metade correu para sacar suas balestras e formar uma fileira, mas já era tarde demais. Os homens de Lada saíram rugindo do meio das árvores, como uma onda irrefreável de espadas e força física.

Quando tudo terminou, restava apenas um punhado de inimigos, e Lada juntou-se a eles na estrada. Os homens estavam sentados em círculo, desarmados e amargurados. Alguns sangravam. Mas o sangramento nem sempre era sinal de fraqueza. Lada riu consigo mesma.

Um dos soldados na estrada era o homem que tivera a decência de ficar vermelho e olhar para o outro lado. Lada apontou para ele.

– Este aqui continua vivo. Matem o resto. – Ela ignorou a carnificina que ocorria em torno do homem corado. – Foi o príncipe que mandou vocês?

Ele encolheu-se todo ao ouvir o som de uma espada separando almas de seus corpos.

– Sim. Nossa missão era matar você.

– E, mesmo sabendo que eu era o alvo, nem passou pela sua cabeça que a garota no bosque poderia ser aquela que deveriam matar?

Ele não a olhou nos olhos.

– Nós achamos que você estaria em algum lugar seguro. Em uma carruagem, com guardas armados. Não é quem eu esperava. O príncipe falou que seria fácil.

– Não é assim tão fácil se livrar de mim. – Ela estendeu a mão para o homem. – Você pode voltar e dizer isso para ele. Ou então ficar e se juntar aos meus homens.

Ele estremeceu da cabeça aos pés.

– Eu vou ficar. – Ele enfim ergueu os olhos, à procura de uma confirmação de que havia feito a escolha certa. Lada não mentira. Deixaria mesmo que ele fosse embora. Mas sem dúvida ele pensou que isso resultaria em sua morte.

Ela assentiu.

– Muito bem.

– Foi muita sorte – disse Nicolae, trazendo o cavalo de Lada do bosque junto com o seu. – Você estava certa. Às vezes é melhor ficar sozinha.

Lada não sorriu. Tudo poderia ter acabado de um jeito bem diferente. Ela colocou o peso reconfortante da cota de malha sobre o corpo. Era melhor ser soldado do que mulher.

Mas ser príncipe era melhor do que tudo.



24 a 25 de maio

— **E** SSE HOMEM é um traidor e um mentiroso – Halil falou, olhando feio para Radu. – Eu bem que queria saber para onde ele tinha fugido.

Radu respirou fundo para se acalmar, lembrando-se de todas as vezes que havia representado um papel para manipular seu velho rival. Ele poderia fazer isso ali. E precisava.

– Imagino que, depois de ver a paisagem pacífica da cidade, você esteja com inveja daqueles que tiveram a coragem de abandonar o sultão tirano para servir à causa do imperador.

Halil deu uma risadinha de deboche.

– Se você tem coragem, eu sou um burro de carga.

– Essa sempre foi a minha opinião a seu respeito, mas jamais esperei que fosse concordar comigo.

O rosto de Halil assumiu um tom violento de vermelho.

– Tirem esse sujeito daqui.

Constantino ergueu a mão para acalmar os ânimos.

– Não sei qual é o histórico de vocês dois, mas Radu vem sendo fundamental para nós. Seus conselhos e suas informações são provas suficientes de sua lealdade. – Constantino levantou uma sobrancelha. – E não existe nenhuma torre com o nome dele construída nas minhas terras.

Halil fechou ainda mais a cara.

– Você sabe que eu não tive escolha.

– Sempre existe uma escolha. Nós agradecemos a você pelas informações e pela amizade, mas você permanece em segurança do lado de fora das muralhas. Radu está aqui.

– Minha posição não é segura! Ninguém está seguro. O acampamento está à beira da rebelião. Todos os dias nos reunimos, e eu insisto pela negociação da paz, enquanto outros exigem que ninguém ceda. Eu não poderia fazer isso se não estivesse ao lado do sultão!

Constantino esfregou o rosto, exausto.

– Me diga por que você está aqui.

Halil jogou o pergaminho em uma mesa ao lado.

– Mehmed ofereceu os termos para sua rendição. Vou ficar à espera de sua resposta. – Lançando um olhar venenoso para Radu, Halil saiu pisando duro.

Constantino leu a carta, coçando a barba distraidamente. Gotas de sangue brotaram em sua pele.

– Ele vai me deixar ir para o Peloponeso e ser governador de lá.

– Nós já quisemos que você saísse da cidade – Giustiniani disse em um tom gentil. – Precisamos de você a salvo, e assim podemos reunir aliados.

Constantino suspirou.

– Se eu deixar a cidade, nunca mais vou conseguir voltar. Não posso fazer isso. Mas... – Ele fez uma pausa, passando o dedo na parte inferior da carta. – Se abirmos os portões, eles vão marchar pacificamente, sem fazer nada contra os cidadãos. – O imperador encarou Radu. – Você acha que ele vai honrar a palavra?

– Vai, sim. – Radu sentiu a primeira fagulha de esperança em muito tempo. Ele fez a coisa certa ao não matar Constantino! Mais uma forma de encerrar o cerco havia surgido. – É a lei muçulmana. Em caso de rendição, eles são obrigados a respeitar. Não vai haver prisioneiros, nem escravos, nem saques.

Giustiniani bufou.

– Duvido muito.

– Vocês viram a organização do acampamento, o controle que ele tem sobre seus homens. Ele quer a cidade em si, não as coisas que existem aqui dentro. Não quer destruir nada, quer ser o dono de tudo. Eu aposto minha vida na capacidade dele de ser confiável nesse ponto. Ele vai honrar esses termos. Seu povo vai ser poupado.

– E a capital mundial do cristianismo vai ser entregue ao deus dele.

Radu escolheu as palavras com cuidado.

– Se eles tomarem a cidade à força, vão ter três dias para saquear e fazer o que bem entenderem. Mas, no caso de rendição, os otomanos tratam bem seus vassalos. Todos nós teríamos que fugir, ou correr o risco de morrer, mas o povo não sofreria sob o governo do sultão.

O sorriso de Constantino era como o gelo partindo-se na superfície da água com a chegada da primavera.

– O mesmo não pode ser dito sobre o meu governo. Como meu povo sofreu. Como a minha cidade decaiu. – Ele olhou para Cipriano com uma expressão carinhosa. – Qual é o seu conselho, sobrinho?

Naquele dia, os olhos de Cipriano não estavam cinzentos como o mar e as nuvens. Estavam cinzentos como as pedras antigas e cansadas da cidade. Radu sabia que a criança anônima morta na rua tinha entrado no recinto com eles.

– Nós já perdemos muito. Talvez essa seja uma forma de não perder tudo. Nosso povo não seria massacrado nem vendido como escravo. Você sobreviveria. – Ele pôs a mão no ombro do tio, com a voz embargada. – Eu quero que você sobreviva.

Giustiniani sacudiu a cabeça.

– Se Halil estiver certo, só precisamos aguentar firme mais um pouco, e Mehmed vai ser forçado a ir embora. Pode inclusive perder o trono. – Depois de fazer uma pausa, Giustiniani olhou para o chão. – Mas não posso prometer que vamos ser capazes de resistir mais um único dia que seja. Temos menos da metade das tropas com que começamos. Os homens estão furiosos, exaustos e assustados. Os venezianos querem ir embora. Os meus soldados também. Não vou permitir, mas pode chegar a um ponto em que eu não possa fazer mais nada. Com uma vitória, eles nos superam... ou, com uma vitória, podemos alterar o equilíbrio para o nosso lado. Estamos caminhando no fio da navalha. Não sei quem a lâmina vai cortar. A escolha é sua.

Constantino sentou-se, e seus ombros despencaram quando ele apanhou uma pena e acariciou toda a sua extensão.

– Eu não posso fazer isso – falou. Radu encostou-se na parede, vendo todas as suas esperanças extinguirem-se. – Vou mandar uma oferta de paz através de Halil. Vamos aumentar o tributo que pagamos, e ceder ao sultão as terras onde está Rumeli Hisari. Vamos entregar também Orhan, e abrir mão de

qualquer tentativa de desestabilizar o trono.

Constantino estava disposto a sacrificar Orhan, um homem que usou para manipular os otomanos por décadas, apesar de ele ter decidido ficar e lutar. Sacrificaria Orhan, mas não o próprio orgulho. Não o próprio trono. Radu sacudiu a cabeça, tentando esconder a raiva na voz.

– Mehmed não vai aceitar.

– Eu sei. Mas também não posso abandonar minha cidade. Me desculpem, meus amigos. Vou lutar até o último suspiro para não ver a bandeira otomana neste palácio e ouvir o chamado de oração deles na Hagia Sophia. Agora está nas mãos de Deus.

Mas qual deus?, Radu pensou. Com tantos homens de ambos os lados fazendo tantas preces, como qualquer deus que fosse iria conseguir escutar em meio a tanto ruído?

Naquela noite, o ar estava leve, com a promessa da aproximação do verão. O vento que soprava vinha do chifre, limpando a fumaça da atmosfera da cidade. Radu e Cipriano estavam sentados na muralha do Palácio de Blaquerna, de frente para a Hagia Sophia. Embora eles não tenham discutido a respeito, nenhum dos dois assumiu seu posto na muralha depois de se separarem de Constantino. Acabaram ali, sentados em silêncio, lado a lado.

O silêncio quase servia para fingir que o mundo não estava desmoronando ao redor.

– A lua minguante começa esta noite – Cipriano falou.

Radu lembrou-se da profecia de que a cidade não seria tomada em noite de lua minguante.

– Você acredita nessa?

– Eu acredito em pouquíssima coisa hoje em dia.

Radu olhou para a Hagia Sophia, onde a lua cheia ergueria-se sobre a cidade. Um enorme círculo dourado, como suas moedas, a lua era considerada uma protetora daquelas terras, junto com a Virgem Maria. A mudança de ciclo enfim marcaria a mudança no equilíbrio da guerra?

A seu lado, Cipriano estava sentado bem ereto, e o sibilado de sua respiração profunda perfurava a escuridão da noite. No lugar da lua cheia se erguendo sobre a Hagia Sophia, havia apenas uma lua crescente prateada.

A lua crescente do islã.

– Como isso é possível? – Cipriano murmurou.

Radu sacudiu a cabeça, incrédulo. A lua estava cheia naquela noite. Precisaria estar. Mas enquanto subia lentamente acima da construção mais sagrada da cidade, a lua permanecia crescente. A parte escura não estava tão escura quanto normalmente, mas em um tom avermelhado. Como uma mancha de sangue.

Durante horas, Radu e Cipriano observaram a lua crescente subir sobre a cidade, prometendo pôr um fim em tudo. Os gritos e gemidos das ruas chegavam até lá levados pelo vento. Pelo menos dessa vez os sinos não deram o alerta. O que os sinos poderiam fazer contra a lua? Por fim, com uma lentidão agonizante, a lua voltou a ficar cheia, como deveria estar desde o início.

– Pode ser que agora eu acredite em profecias – Cipriano falou, impressionado. – Mas acho que não gostei dessa.

Radu perguntou-se como aquela lua deveria ter sido vista no acampamento otomano. Com certeza Mehmed teria capitalizado o acontecimento, afirmando se tratar de uma profecia de vitória, embora para os cidadãos de Constantinopla representasse uma condenação iminente.

Era só a lua. A lua não escolhia lados. Mas a superfície manchada de sangue da lua cheia em Bizâncio parecia prometer outra coisa.

Eles passaram a noite na muralha do palácio, imóveis. Em algum momento da madrugada, as nuvens acumularam-se, escondendo a lua.

– Onde você estava quando teria alguma utilidade para nós? – murmurou Cipriano.

O amanhecer insinuou-se sob o peso da noite, trazendo consigo uma chuva leve e a promessa de mais água a caminho. Depois da prece silenciosa de Radu, eles foram caminhando na direção do portão que os levaria à muralha na altura do rio Lico.

– Ah, inferno. – Cipriano fez uma careta. – Ah, maldição, eu vou ser amaldiçoado por praguejar por causa disso. – Eles estavam perto do mosteiro que invadiram, a construção que abrigava a Hodegéttria. Uma enorme multidão reunia-se do lado de fora. Os padres já estavam agitando os

incensários, cantando e entoando a liturgia. Mais pessoas apareceram na rua atrás de Radu e Cipriano, bloqueando seu caminho.

– Veja se você consegue passar – Cipriano falou. – Eles vão levar a Hodegéttria para as muralhas. Se ficarmos presos no meio da multidão, vamos continuar empacados por horas.

Um grupo de homens saiu do mosteiro, com o estrado nos ombros. Um deles quase deixou escapar a alça, esforçando-se para manter a pegada. Radu lembrou-se de Nazira limpando as mãos de graxa na madeira, nos suportes da imagem.

– Pelas chagas divinas – murmurou, segurando a vontade de rir, provocada por seu estado de nervos e sua exaustão.

A mão de outro homem escorregou. Ele apressou-se em ajustar a pegada, levantando o ícone. Uma cruz era levada diante da procissão, seguida pelos padres. Homens, mulheres e crianças os cercavam, todos descalços. Um homem mais à frente começou a falar aos berros, sendo ouvido inclusive em meio ao retumbar de um trovão.

– Salvai vossa cidade, com vossa sabedoria e vosso poder! Nós te colocamos à nossa frente como nossos braços, nossas defesas, nosso escudo, nosso general!

Radu aproximou-se de Cipriano.

– Alguém precisa dizer a Giustiniani que ele foi substituído por uma pintura de séculos de idade.

Cipriano deu uma risadinha, cobrindo a boca com a mão.

– Lutai por nosso povo! – o homem continuou.

– Você acha que ela vai tomar nosso lugar na muralha? – murmurou Cipriano.

Radu deu risada. Um homem ali perto lançou um olhar hostil para eles, irritado.

– Nós vamos para o inferno por blasfêmia – Cipriano falou.

– Nós já estamos no inferno – Radu rebateu, encolhendo os ombros. – E com bastante companhia. – Eles tentaram se desvencilhar da multidão, mas a rua era estreita e estava abarrotada de gente. Os dois foram carregados junto com o furor de zelo religioso, empurrados por um caminho aparentemente

aleatório.

– Ali! – Radu falou, apontando para um beco estreito. Se eles conseguissem escapar por aquela passagem, poderiam esperar a multidão passar e então voltar.

Alguém soltou um grito horrorizado mais à frente. A Hodegéttria estava escorregando. Embora os homens que a carregavam fizessem força para equilibrar o estrado, não conseguiam segurar as alças direito. A imagem, o artefato mais sagrado da cidade, caiu em uma poça de lama.

Todo mundo ficou em silêncio por alguns segundos de incredulidade. Então os homens entraram em ação, tentando erguê-la. Apesar de ser só uma pintura e haver diversos homens por lá, eles não conseguiam levantá-la. A terra parecia ter decidido tomar a Virgem Maria para si, e recusava-se a abrir mão dela.

Várias crianças começaram a chorar, e as mães não fizeram nada para silenciá-las. Um murmúrio parecido com um pequeno terremoto percorreu a multidão. Murmúrios sobre a perdição, a danação. A Virgem os estava abandonando. Deus os julgara e os considerara impuros.

Radu até sentiu vontade de dizer que Deus não tinha nada a ver com aquilo, que havia sido obra de uma mulher com graxa na mão e tristeza no coração. Mas não adiantaria.

Por fim, depois de uma espera longa demais, os homens conseguiram erguer a imagem da lama e colocá-la sobre os ombros. Um aplauso elevou-se, mas com uma falta de entusiasmo que combinaria melhor com um funeral.

Então o mundo inteiro acendeu-se por um segundo com um brilho esbranquiçado e ofuscante. Radu perguntou-se se estava sendo castigado pela blasfêmia, mas em seguida um trovão mais alto que qualquer bombardeio fez o chão tremer. Os gritos e os choros tornaram-se mais altos. Um som rascante foi se aproximando. Radu viu a chuva antes de senti-la. Era uma parede sólida de água, tão espessa e veloz que atingiu a multidão com a força de um rio.

Radu sentiu uma ardência no rosto, e levou a mão à bochecha para certificar-se de que não estava sangrando. Em seguida, mais um pedaço de gelo o acertou, e mais outro. O granizo desabava com mais fúria do que as flechas dos otomanos. Mais um raio forte caiu ali perto, acompanhado por um trovão tão poderoso que Radu não conseguiu ouvir mais nada durante todo o minuto seguinte.

A seu redor, as pessoas caíam de joelhos, sem conseguir enxergar nem caminhar no meio da tempestade. Radu sabia que Deus não tinha nada a ver com a imagem escorregadia. Mas era difícil atribuir aquilo a outra coisa. A chuva despencava tão furiosamente que começou a formar uma enxurrada na rua, cobrindo os tornozelos de Radu, e então seus joelhos. As ruas estreitas afunilavam-se, transformando-se de forma repentina em um rio.

– Precisamos sair daqui! – Cipriano gritou. Radu mal conseguia ouvi-lo, embora a boca do outro estivesse bem próxima de seu ouvido. Ele apontou para o beco ao qual pretendiam se deslocar. Por causa da inclinação do terreno, a água não chegava até lá. Os dois abriram caminho pela rua, afundando as botas na lama, puxados pela força da água. Uma criança caiu diante deles, desaparecendo sob a correnteza marrom.

Radu ficou de joelhos, tateando às cegas com as mãos. Conseguiu encontrar um pé, e suspendeu a criança no ar. Uma mulher veio correndo em sua direção. Radu entregou-lhe a criança. Cipriano gritou, apontando para um velho que havia caído. Eles correram para socorrê-lo, ajudando-o a ficar de pé e puxando-o em meio à água até o beco.

– Ali! – Cipriano gesticulou na direção de uma mulher que, no meio da rua, segurava um bebê junto ao peito, incapaz de se mover. Ele deslocou-se para aquela direção, mas outro raio ofuscante e um trovão pesadíssimo ressoaram no beco.

Alguns dos estalos não foram produzidos pelo trovão. As pedras de um telhado mais acima tinham desabado, levando Cipriano junto para o chão.



28 de abril

A VALÁQUIA ERA um fracasso absoluto no que dizia respeito a manter príncipes vivos. Era tarefa dos boiardos proteger o monarca. Eles controlavam toda a força de trabalho, todas as tropas, todas as armas que decidiam quem vivia e quem morria. Em teoria, o objetivo era manter o príncipe leal ao país e ao povo de quem dependia para sua sobrevivência.

E poderia ter funcionado, caso os boiardos fossem leais ao príncipe, por sua vez. Mas as estradas estavam livres e abertas diante de Lada, como um campo depois da colheita. Ela sentia-se grata pelos boiardos nunca serem leais ao príncipe. Os poucos homens que o príncipe conseguira arregimentar estavam mortos na estrada mais atrás.

– Então, qual é o plano? – Nicolae questionou.

Lada deu de ombros.

– Isso... isso não é um plano. Você não tem um plano? Sério? Nenhum mesmo?

– Vamos entrar. Vamos tomar o trono. Esse é o único plano de que vamos precisar.

– Não, eu com certeza vou precisar de um plano melhor que esse.

Bogdan soltou um grunhido.

– Ela já falou qual é o plano. Cala a boca.

Lada manteve os olhos na cidade, que crescia minuto a minuto diante deles. As casas tornavam-se mais próximas, e as plantações davam lugar à periferia e às oportunidades que oferecia. O que, a julgar pela condição das casas, não era muita coisa.

Lada não sorriu para as pessoas que saíam às portas das habitações escuras para observar a comitiva. Mas sentia o peso dos olhares, ouvia os cochichos.

Nicolae remexeu-se na sela, defensivo. Ela sacudiu a cabeça negativamente para ele. Não iria se acovardar.

– Vejam – Petru falou, apontando para o céu.

Entre as primeiras estrelas que começavam a se acender, havia uma estrela cadente. Estava em chamas, deixando um rastro de luz enquanto se movia lentamente pela escuridão cada vez maior.

– É um presságio – Daciana falou de seu assento na parte anterior da sela do cavalo de Stefan, com uma voz de admiração silenciosa.

Lada fechou os olhos, lembrando-se de outra noite em que as estrelas caíram do céu. Ela quase se sentiu feliz na ocasião, acompanhada pelos dois homens que amava. Agora não tinha nenhum dos dois. Mas a sensação naquele momento era a mesma: nada além da Valáquia seria suficiente para satisfazê-la.

As estrelas a viram. Elas sabiam.

Ela ergueu a mão na direção do céu enquanto cavalgavam, deixando claro para todos que estava apontando para o presságio de sua chegada. Todos seriam testemunhas.

Aquele era seu povo. Seu país. O trono era seu. Ela não precisava de intrigas nem de planos elaborados. A Valáquia era sua mãe. Depois de tudo por que passara, de tudo o que fizera em sua busca pelo trono, só lhe restava uma coisa: ela mesma.

Ela se bastava.

Os portões da cidade estavam fechados quando se aproximaram. Dois homens com tochas acesas guardavam a guarita, e um leve clangor metálico deixou Lada intrigada, pelo menos até perceber que eles estavam tremendo sob a cota de malha.

– Abram os portões – ordenou.

Os homens entreolharam-se, sem saber o que fazer. Em seguida olharam por cima de seu ombro, para os homens alinhados atrás dela. Um murmúrio como o de pedrinhas rolando e anunciando uma avalanche a acompanhava.

– Eu venho como aquela estrela, iluminando a noite. – Ela levantou a voz para que todos pudessem ouvir. – Quem estiver do meu lado antes de eu assumir o trono vai receber salário de soldado. Eu sei recompensar o mérito, e vai haver muitas oportunidades de amealhar fortunas.

– Como? – um dos homens quis saber.

– Todos os que se opuserem a mim vão morrer. Esses são os meus termos. E não vão ser propostos de novo.

O portão se abriu.

Vários homens aderiram a suas fileiras quando entraram na cidade.

– Você – Lada falou, apontando para um deles. – Transmita meus termos a todos os guardas que encontrar.

Ele correu ansiosamente à frente das tropas de Lada. Eles continuaram a marcha sem pressa. As ruas eram estreitas, como aros de uma roda apontando para o castelo. Ela olhou para trás uma vez, para ver sua comitiva estendendo-se até o portão e mais além, com várias pessoas esgueirando-se para entrar. Suas fileiras vinham acompanhadas por moradores, em um número duas vezes maior que o de soldados. Homens, mulheres e até crianças. Os pequenos riam e dançavam à luz das tochas como se estivessem em um desfile. Os homens e as mulheres eram mais cautelosos, porém havia uma intensidade em seus olhos que não estava lá antes. E era tudo por causa dela.

Lada voltou a olhar para a frente. Não que tivesse romantizado Tirgoviste quando morava lá, mas depois de tantos anos e após conhecer o Império Otomano a cidade não só parecia menor do que em suas lembranças como também mais escura e opaca. Até mesmo as grandes residências eram tentativas pálidas e infames de transmitir alguma imponência. As pinturas estavam descascadas, revelando os esqueletos marrons e cinzentos de pedras de casas que apodreciam de dentro para fora.

Ninguém saiu das residências dos boiardos para juntar-se à procissão. As janelas estavam todas fechadas para a noite. Para Lada. Eles passaram por uma fonte que em sua lembrança despejava águas cristalinas. Ela já tinha mergulhado a cabeça lá dentro uma vez, para desvencilhar-se do medo que morar no castelo lhe despertava. Agora, havia apenas uma água fétida e parada no fundo da estrutura. Mas ela não sentia mais medo, e nem tinha mais o que lavar.

Os portões do castelo estavam abertos. Havia guardas postados de ambos os lados, com os olhos voltados para o chão e a cabeça baixa quando ela passou. Nicolae e Bogdan olharam rapidamente ao redor, agitando-se atrás dela, mas Lada não estava com medo das flechas de nenhum assassino. Assim como Hunyadi entrara naquela cidade com a confiança dos justos, ela faria o

mesmo. Ninguém a atacaria. Ninguém a deteria.

Ela apontou com o queixo para a porta do castelo. O guarda que corraera na frente a abriu. Ela entrou de cavalo, martelando os cascos da montaria contra o chão de pedra. Nada de pisos de cerâmica ou tapetes, não havia nada entre os dentes do castelo e o povo que ele devorava.

Lada gostava disso. Seu cavalo avançou com certa cautela pelos corredores estreitos com tochas acesas. Atrás dela, Bogdan e Nicolae tentavam acalmar suas montarias. Ela não esperou que os dois tranquilizassem os bichos. A sala do trono estava à frente. Da última vez em que estivera lá, viu seu pai fingir que ainda detinha algum poder quando falou com Hunyadi.

Pareceu certo que ela entrasse no alto de uma sela, enquanto o príncipe Danesti permanecia rígido e apreensivo no trono. Um vestígio do odor do óleo que seu pai usava na barba passou por seu nariz. Por um brevíssimo instante, ela desejou que o homem sentado no trono fosse ele. Assim seu pai poderia ver o que ela se tornara, apesar dele. Por causa dele.

O príncipe Danesti estava dizendo alguma coisa, mas ela nem se deu ao trabalho de ouvir. Seus olhos detiveram-se na espada otomana curva ainda pendurada acima do trono, com duas tochas ao lado, tremulando de forma frenética. Ela aproximou o cavalo, sentindo-se em uma espécie de transe.

– Eu disse para você se explicar!

Com um sobressalto, ela olhou para o príncipe aos berros. Seu rosto estava todo vermelho e molhado de suor. Ela não se lembrava dele dos tempos em que vivera lá na infância. Ele era alguém sem importância na época, e continuava sendo para Lada.

Ela olhou ao redor. Havia diversos guardas presentes, mas nenhum fez menção de mover-se. Era possível ouvir vozes no corredor, reclamações sobre a presença de um cavalo ali dentro. Lada estava sozinha.

Não fazia diferença.

Ela olhou para a espada.

– Eu já notifiquei os meus termos.

– Ninguém me transmitiu termo nenhum! – bufou o príncipe.

– Não são para você. São para os valáquios presentes. Terras e riquezas para quem estiver ao meu lado. A morte para quem se opuser.

– Você não tem direito de oferecer esses termos!

Ela aproximou o cavalo, obrigando Danesti a encolher-se no trono para esquivar-se do focinho comprido e macio do animal. Lada ficou de pé nos estribos, estendendo a mão para apanhar a espada na parede. Ela a soltou e desembainhou. Estava escurecida pela passagem do tempo, mas ainda afiada. A espada dos inimigos. A espada que denotava a vassalagem de seu povo. A espada de sua fraqueza.

A espada agora era dela. Lada a ergueu no ar, virando-a sob a luz da tocha.

– Eu tenho o único direito que existe aqui. – Ela cravou a espada no peito do usurpador antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. Não faria diferença o que ele dissesse. Lada virou o cavalo e removeu a espada.

– Vai dar um trabalhão limpar esse trono – Nicolae falou ao entrar, seguido de Bogdan e do restante dos homens.

Lada sorriu.

– Eu sou o trono. Ponham o corpo dele em uma estaca na praça, como prova de que eu cumprio minha palavra. A lealdade é recompensada. A covardia é extirpada.

O guarda do portão correu ansiosamente para arrancar o cadáver do trono, deixando um rastro de sangue, que parecia preto sob a luz fraca. O único legado que aquele príncipe deixaria seria sua fraqueza estampada nas pedras como um testemunho da superioridade de Lada.

Bogdan ajoelhou-se, e sua voz grave reverberou pela sala.

– Todos saúdem Lada, a dragão, príncipe da Valáquia!

O cavalo de Lada empinou, colocando-a bem diante das janelas estreitas e altas. Através do vidro, perfeitamente emoldurada, a estrela cadente enfim se apagou. Ela ergueu o rosto e fechou os olhos para receber as bênçãos da mãe. Um calor instalou-se dentro dela quando segurou com a mão o medalhão que sempre usava.

Ela estava em casa.



25 a 26 de maio

— **V**OCÊ ACHA QUE ele vai se recuperar? — Radu perguntou, andando de um lado para o outro, cheio de ansiedade. Apesar de Cipriano não parecer ter sofrido nenhum grande estrago visível, um corte em sua testa sangrava bastante, e ele ainda não acordara.

— Só o tempo vai dizer. — Nazira terminou de limpar o sangue. Ela lançou para Radu um olhar preocupado e contorceu os lábios cheios em uma linha quase reta. — Sente-se aí. Sua preocupação não vai restabelecer a saúde dele.

Radu despencou sobre uma cadeira e segurou a cabeça entre as mãos.

— Eu sei que nós engorduramos as alças da imagem. Mas eles não conseguiam suspender de novo... e então veio o temporal. Nunca tinha visto uma chuva tão furiosa. Eles levaram a Hodegéttria como guia, e acabaram varridos por uma tempestade.

— Esta cidade está afetando você, Radu. Está vendo sinais em tudo agora.

Radu assentiu, esfregando os olhos e recostando-se para trás.

— Eu sei. E lamento por eles. Ver a própria destruição se refletir em tudo ao redor... a lua, o clima, a terra tremendo... fico impressionado que ainda reste alguém nesta cidade. Por que eles não vão embora?

Nazira abriu um sorriso tristonho.

— Eu convenci Helena a fazer isso. Sei que não tenho motivo para continuar sua amiga, mas ela estava tão triste e perdida. Dei a ela o pouco dinheiro que tínhamos. Ontem ela fugiu para Gálata, onde tem uns parentes distantes que vão mandá-la para Atenas.

— Foi uma bela atitude da sua parte.

A porta abriu-se, e Valentim apareceu com uma tigela com água e panos limpos. Nazira encarregou-se de tudo. Radu estendeu a mão para impedir que

Valentim saísse.

– Você tem família aqui na cidade?

Valentim fez que não com a cabeça.

– Meus pais morreram há muitos anos. Minha irmã também.

– Tias? Tios?

– Não, senhor.

– E fora da cidade? Você tem para onde ir?

Valentim estufou o peito e corrigiu a postura.

– Não, senhor, e mesmo que tivesse não iria. Meu papel é servir Cipriano, e vou ficar com ele até o fim.

– E se eu precisasse mandar uma carta para a minha irmã na Hungria? Que só pudesse ser enviada por alguém da mais absoluta confiança?

Valentim sorriu, com uma expressão maliciosa demais para um menino tão novo.

– Então eu diria que acho que o senhor está me enganando, e além disso já ouvi histórias sobre sua irmã, e não iria me arriscar por lá.

Radu deu risada, chocado com o nível de informações de que o garoto dispunha.

– Muito bem. Mas me prometa uma coisa: se a cidade cair, você precisa fazer tudo o que puder para escapar. Entendeu bem? E, se eu não estiver aqui, ajude Nazira e Cipriano a fugir.

Valentim corrigiu ainda mais a postura, assentindo de forma solene.

– Vou protegê-los com a minha própria vida.

– Bom garoto.

Valentim retirou-se, fechando a porta atrás de si.

Cipriano gemeu. Radu correu até a cama.

– Cipriano? Está me ouvindo?

Cipriano tentou levar a mão à cabeça, fechando os olhos com força.

– Radu?

– Sim! Você está a salvo, em casa.

– Eu acho... – ele começou, mas sua voz falhou.

– Vou buscar alguma coisa para ele beber! – Nazira saiu às pressas do quarto.

Cipriano engoliu em seco, ainda com os olhos fechados.

– Eu acho que a cidade caiu em cima da minha cabeça.

Radu soltou um riso de alívio.

– Caiu mesmo. Mas vocês bizantinos são bem cabeças-duras.

Estreitando os olhos, Cipriano encarou Radu.

– Radu! Você está aqui!

– Sim. Estou bem aqui.

Cipriano ergueu a mão e a agitou no ar. Radu a segurou.

– Eu voltei por sua causa. – Os olhos de Cipriano fecharam-se de novo.

– Não – Radu falou baixinho. – Eu não estava ferido. Trouxe você para casa. Lembra?

Cipriano sacudiu negativamente a cabeça, mas em seguida fez uma careta e soltou um gemido de dor. Ele estreitou os olhos de novo.

– Não, eu voltei a Edirne por sua causa.

E se a pancada tivesse provocado um estrago permanente na cabeça de Cipriano?

– Nós não estamos em Edirne. Estamos em Constantinopla.

– Eu sei disso – Cipriano esbravejou, revirando os olhos. – Você está todo confuso.

Radu segurou o riso.

– Você tem razão. Sou eu que estou confuso.

– Nós nunca conversamos, mas sua cara... O olhar que você trocou com ele sobre o livro. Eu nunca deixei de pensar em você.

– Que livro? – Radu queria manter Cipriano consciente e falando, mesmo que fossem absurdos.

Cipriano acenou com a mão livre.

– O livro que demos ao sultão. Você entendeu a graça. O livro do dragão.

Eu queria poder rir com você. Mesmo na época sabia que seria uma risada maravilhosa. Ele não queria que eu voltasse, sabe.

Radu vasculhou sua memória, tentando entender do que Cipriano estava falando. Livros e dragões? Então a lembrança surgiu. No ano anterior. A delegação de Constantinopla na coroação de Mehmed. Foi a primeira vez que Radu viu Cipriano. Quando ele era um embaixador anônimo entregando um livro sobre São Jorge e o dragão como presente. Radu também se recordava perfeitamente da ocasião. O sobressalto que sentiu quando viu os olhos cinzentos de Cipriano e o riso escondido atrás deles.

– Quem não queria que você voltasse a Edirne? – Radu questionou, de repente se sentindo interessadíssimo na conversa.

– Meu tio. Era perigoso demais. Mas eu insisti. Queria falar com você.

O coração de Radu estava disparado.

– Para me pedir para vir para cá e dar informações sobre Mehmed?

– Não. – A voz de Cipriano tornou-se distante e silenciosa. – Eu só queria falar com você. Ouvir sua risada. – Ele sorriu, erguendo as mãos dos dois na direção do rosto de Radu, que baixou a cabeça, permitindo que Cipriano roçasse os dedos em seu rosto. Apesar de estarem frios, seu toque era como fogo.

– Eu não me arrependo de nada – Cipriano murmurou, e seu rosto relaxou no sono.

A porta fechou-se, e Radu teve um sobressalto, erguendo os olhos com um ar de culpa.

– Oh, meu marido. – Nazira suspirou, já dentro do quarto, mas Radu não sabia por quanto tempo. – Você quase me faz acreditar em destino, vendo como o seu é infeliz.

Ela pôs uma tigela de sopa e uma caneca de vinho agitado na mesa. Depois de ajustar as cobertas de Cipriano, ajoelhou-se do outro lado da cama e olhou para Radu.

– Primeiro um homem que não tinha como lhe entregar seu coração, e agora um homem que pode nunca conhecer a sua verdade.

Radu ficou de pé, com o coração ainda disparado e o rosto vermelho.

– Eu... Ele estava... Eu não...

Nazira lançou um olhar carinhoso para Cipriano, afastando o cabelo de seu rosto.

– Eu desconfiava, mas torci para estar errada. Parecia cruel demais, absurdo demais, irônico demais.

– Você sabe que eu sou fiel a Mehmed!

A expressão de Nazira fechou-se com a mesma velocidade que o céu antes da tempestade.

– Você não deve a ele nada além de sua lealdade. Seu amor com certeza não. Em outra situação eu ficaria contente por seu coração se deslocar em outra direção. Mas isto... – Ela baixou a cabeça sobre a cama, escondendo-se dele. – Ai, Radu. O que vamos fazer?

Um sino começou a tocar à distância. Danação, danação, danação.

Radu não conseguiu permanecer sentado ao lado da cama de Cipriano. Ficou perambulando pela cidade até anoitecer. A tempestade dissipara-se com a mesma velocidade com que se formara. As nuvens haviam se transferido inteiras para o chão. O ar estava imóvel e estagnado, como se a cidade estivesse envolvida em uma mortalha para seu sepultamento.

Quando a noite caiu, o nevoeiro ficou mais denso, escondendo as luzes e tornando a cidade escura como uma caverna. Radu já ia tomando o caminho de casa quando os gritos abafados de “Fogo! Fogo!” atravessaram a neblina. Ele virou-se, correndo naquela direção, perguntando-se o que seria, se a muralha teria enfim cedido. Em vez disso, viu o telhado da Hagia Sophia todo iluminado.

Horrorizado, correu vários passos na direção da basílica antes de parar. Não era um incêndio. Uma luz dançava e movia-se pelo telhado, mas não tinha o brilho do fogo, era mais azulada e esbranquiçada do que amarela. E não havia fumaça. Observando tudo com olhos vidrados, Radu notou quando a luz juntou-se em torno da torre principal e foi lançada rumo ao céu.

Ele continuou olhando, piscando várias vezes, mas apenas o reflexo posterior da imagem restava em suas retinas. Radu nunca tinha visto nada parecido, e nem ao menos ouvido falar. Por outro lado, Deus não teria aparecido para Moisés na forma de fogo? Uma nuvem durante o dia, como a neblina impenetrável, e um pilar de fogo à noite.

Radu mal conseguia respirar, era incapaz de compreender o que tinha visto. Porque a única forma de explicar aquilo era que ele tinha visto o próprio espírito de Deus. E Deus havia abandonado Constantino.

Mas o fogo tinha subido para o céu, e não se dirigido ao acampamento dos otomanos. Talvez todas as preces emitidas de ambos os lados se anulassem mutuamente. Agora eram apenas homens contra homens.

Deus estava certo em abandoná-los. Se algum dos lados tivesse levado em conta a razão e a misericórdia em vez de se agarrar à teimosia, muitas vidas teriam sido poupadas. Se Mehmed permitisse que a cidade seguisse seu lento caminho de morte natural e desistisse de tomá-la. Se Constantino tivesse cedido à força das probabilidades e optado por preservar seu povo e não seu orgulho.

Radu estava irritadíssimo com os dois. Diferentes possibilidades descortinavam-se em sua mente. Matar Constantino, como havia cogitado. Isso levaria à rendição.

Aproveitar-se da confiança de Mehmed e mandar um mensageiro avisando que Hunyadi estava a caminho com um exército enviado pelo papa. Isso faria a balança pesar contra Mehmed, e o forçaria a aceitar um acordo de paz.

Ambas as opções exigiam um ato de traição maior que qualquer um que Radu se sentia capaz de cometer, e nesse sentido era tão culpado quanto o imperador e o sultão. Ele também não conseguia tomar a decisão mais difícil, resolver o impasse que os dois recusavam-se a sanar.

Radu perambulou pela cidade, perdido na neblina. O nevoeiro agarrava-se a ele, questionando-o, incomodando-o. Radu estava mais arrependido do que imaginava possível. Em algum momento nos meses anteriores havia aprendido a amar aquela estranha, supersticiosa e desgastada cidade. Em algum momento nos meses anteriores ele havia se apaixonado pelo homem que o levava para lá.

Mas o fim estava próximo. Se Mehmed não tomasse a cidade, seria o seu fim. Halil se certificaria disso. Mais muçulmanos morreriam em cruzadas cristãs, como havia acontecido com a família de Fatima. E a cidade mesmo assim cairia algum dia. Mas, se Radu colaborasse para que isso acontecesse agora, poderia salvar Mehmed. Radu poderia continuar a seu lado para ver o futuro que Mehmed forjaria.

Lada desprezara Radu pelo fato de ele sempre escolher Mehmed. Nazira

dissera que ele não precisava dedicar seu amor a Mehmed.

Mas Radu devia sua vida a Mehmed. E Mehmed era o único homem capaz de cumprir o destino determinado pelo Profeta, que a paz estivesse com ele.

Radu imaginara uma Constantinopla tomada por Mehmed. Em sua mente tudo tinha sido simples e direto. Mas agora ele conhecia o verdadeiro preço das coisas, os horrores escondidos na distância entre querer e conseguir algo.

Ele queria Mehmed de uma forma que nunca teria, e isso também o estava destruindo pouco a pouco.

O que, então, ainda lhe restava?

Radu fechou os olhos e lembrou-se da luz. Deus poderia ter abandonado a cidade, mas Radu jamais abandonaria seu Deus. E Constantinopla sempre seria uma ameaça ao islã, provocando cruzadas, desestabilizando o Império Otomano.

Algumas vidas valem mais do que outras, Lada dissera. Radu perguntara quando a balança começaria a pender contra eles, e considerara sua irmã um monstro por valorizar sua vida mais que a dos outros. Ele mesmo, porém, colocava Mehmed acima de todos. Valorizava mais Nazira que os moradores inocentes da cidade. E o valor que precisava admitir que dava a Cipriano era de cortar o coração.

Era errado pesar e avaliar vidas como se fossem moedas para ser gastas ou economizadas. Ele queria se livrar de tudo isso, viver entre seus semelhantes encarando todos como seus irmãos, sem considerar ninguém seu inimigo.

Mas a decisão estava tomada. Ele caminhou na direção da Hagia Sophia para procurar Amal. Faria tudo o que estivesse a seu alcance para garantir Constantinopla a Mehmed, ao único e verdadeiro Deus, e cuidaria de seu coração partido só depois.

*Início de maio*

— O CASTELO DE Edirne era mais bonito – Petru comentou, lançando um olhar de descrença para as paredes caiadas e brancas e para o chão de pedra bruta do salão de jantar.

– Em Edirne existem chiqueiros mais bonitos que este castelo – Lada falou.
– Fique à vontade se quiser voltar e morar em um deles.

– Eu gosto do castelo! De verdade! – Petru disse, tentando amenizar o estrago que temia ter feito.

Lada suspirou e sacudiu negativamente a cabeça.

– Ninguém odeia este castelo mais do que eu. Mas aqui é a capital, então agora é a nossa casa. – Ela recostou-se e olhou ao redor da mesa. Nicolae, Petru, Stefan, Daciana e Bogdan estavam a seu lado. Lada mandara buscar Oana. Se sua velha ama fosse encarregada da cozinha, Lada teria certeza de que não haveria tentativas de envenenar sua comida.

– Alguém já verificou a tesouraria? Nós pelo menos temos um tesouro, aliás? – Lada se deu conta de que, quando era criança, não sabia quase nada sobre como o castelo era administrado. Mehmed contava com uma legião de homens encarregados de cuidar das finanças do império. Lada não tinha nem ideia de onde ficavam os recursos com que poderia contar, se é que havia algum.

– Eu topo fazer uma caça ao tesouro pelo castelo – Nicolae falou.

– Eu também! – Petru empertigou-se, todo animado. Às vezes, Lada esquecia-se de como ele era jovem.

E de como ela também era jovem. Agora ainda mais, nos três dias que se passaram depois da tomada do trono. Lada vinha se concentrando por tanto tempo em chegar lá que não sabia ao certo o que fazer depois de conquistar seu objetivo.

– Duvido que encontrem muita coisa – Daciana falou. – O príncipe por acaso guardaria a riqueza da família dele aqui? Nosso boiardo... – ela virou-se para cuspir no chão – ... e sua família guardavam o que tinham lá nas terras deles. O Danesti nem sempre foi príncipe. A riqueza dele também deve estar com a família.

– Você precisa cobrar impostos – Stefan falou. Lada percebeu que a mão direita dele e a esquerda de Daciana não estavam sobre a mesa. Eles estariam de mãos dadas?

– Você precisa cobrar impostos – a voz de um homem repetiu. – E para isso precisa de boiardos. E para isso precisa de mim.

Quando ergueu os olhos, Lada viu Toma sorrindo para ela, com os braços abertos como se esperasse um abraço. A seu lado estava Oana, que se afastou com uma careta no rosto, como se tivesse sentido o cheiro de alguma coisa podre. Bogdan levantou-se e foi abraçar a mãe. Ela deu um tapinha em seu braço, depois mediu Lada de cima a baixo. Com um aceno de cabeça, amarrou o avental na cintura e saiu para a cozinha, resmungando para si mesma que precisava pôr tudo em ordem.

Lada ficou surpresa com o alívio que sentiu por ter Oana de volta. Ela parecia estar no lugar certo.

Toma, por sua vez...

Ele sentou-se na cadeira que Bogdan deixara vaga, imediatamente à direita de Lada.

– Por que estão reunidos aqui? – questionou, lançando um olhar de desprezo ao redor. – Você deveria estar recebendo a corte na sala do trono, ou nos seus aposentos privativos. Procurei primeiro por lá.

Lada estava hospedada nas acomodações modestas do quartel com seus homens. Sentia-se mais em casa por lá do que no castelo.

– Ainda não defini meus aposentos.

– Mas precisa. E pare de sentar-se à mesa com seus homens como uma plebeia. O lugar deles é de pé e a postos junto às portas, não como conselheiros. As aparências são importantes, Lada.

– Por falar em aparências – Nicolae interrompeu, provavelmente por causa da afirmação de Toma de que os homens de Lada eram simples guardas –, o que você está fazendo aqui?

Toma sorriu, revelando todos os dentes manchados.

– Antes de dar a boa notícia a Matyas, precisamos discutir as finanças. Os castelos não se administram sozinhos, infelizmente. E vamos ter que conceder alguns favores para garantir a lealdade dos boiardos Danesti restantes depois do que você fez com o príncipe deles.

Lada suspirou, esforçando-se para ouvir as instruções de Toma. A última vez que havia sido forçada a suportar lições tediosas em Tirgoviste, pelo menos conseguira exigir que isso fosse feito ao ar livre. Agora nem esse luxo poderia ter.

O castelo para Lada era como um túmulo, com suas pedras pesadas esperando para engoli-la da mesma maneira que fez com seu pai. Ela não queria morar lá, estava ansiosa para fugir, pensando de forma saudosista no alto das montanhas em Arges. Mas ela era o príncipe, e o príncipe vivia no castelo.

Ela tomou posse dos antigos aposentos de seu pai, jogando fora tudo o que pertencia ao falecido Danesti. Algumas coisas deviam ser do tempo de seu pai. Para ela não fazia diferença. Daciana assumiu os trabalhos depois que Lada esvaziou tudo, providenciando móveis para tornar os cômodos habitáveis.

– Tem certeza de que não quer cortinas? – perguntou, com as mãos na cintura e a barriga proeminente.

Lada olhou pensativamente para o espaço vazio acima da janela estreita.

– Meu irmão e eu usamos um varão de cortina para empurrar um assassino de uma varanda. De repente podemos acrescentar isso.

– Bom, acho que ficaria bonito. Mas com certeza poderia servir como arma. Você tem muito espírito prático.

Lada sacudiu negativamente a cabeça.

– Eu odeio este castelo e todos os seus cômodos. Não me importo com a aparência de nada aqui.

Daciana assentiu e não fez mais perguntas. Lada gostava disso. Ela questionava só o que era necessário e deixava que as lembranças continuassem onde estavam. Lada desconfiava de que fosse porque Daciana sentia-se igualmente reticente em falar sobre seu próprio passado. Mas parecia contente com o presente. Havia se autoproclamado dama de

companhia de Lada, mas, contrariando a convenção, não dormia em seus aposentos. A julgar pela expressão de felicidade no antes inexpressivo rosto de Stefan, Lada sabia onde Daciana andava se deitando.

Daciana identificou o que queria e conseguiu. Apesar de grávida de outro homem, apesar das circunstâncias, apesar de tudo. Lada sentiu uma pontadinha de inveja. Conseguir reivindicar para si o homem que queria, sem se importar com o resto? Ela poderia ter reivindicado Mehmed. E fez isso. Mas não se satisfez. Por que Daciana era capaz de encontrar a felicidade e Lada não?

Não. Não era bem assim. Lada decidiu o que queria e conseguiu. O trono era seu.

Mas o rosto de Mehmed e a sensação das mãos dele em seu corpo ainda a perseguiam. Ela desejava poder extirpar aquela lembrança com uma faca. Traçar os contornos dele, que se recusavam a deixar seu corpo, e então se libertar de vez. Ela sangraria, mas não morreria. Ainda assim, ele chegou a lugares que uma faca não alcançaria.

Daciana suspirou, trazendo Lada de volta ao presente. Estava curvada, com as mãos sobre a barriga.

– Está se sentindo mal? – Lada perguntou.

– Acho que o bebê está vindo.

Lada viu-se atingida por um terror que campo de batalha nenhum poderia ter proporcionado. A necessidade de fugir era arrebatadora.

– Vou buscar a ama. Quer dizer, Oana.

Daciana assentiu, respirando fundo para aplacar uma dor interna que Lada não queria nem imaginar.

Não foi difícil encontrar a ama. Depois de debochar da expressão de terror de Lada, Oana conduziu Daciana a outro quarto. Lada ficou à espera do lado de fora com Stefan, que caminhava de um lado para o outro, apreensivo, como se a criança fosse sua. Para passar o tempo, Lada perguntou-se o que fariam com o bastardo recém-nascido. Mas aquilo não era da sua conta.

A esperança no rosto de Stefan foi se tornando cada vez mais marcada pelo sofrimento. Era óbvio que ele estava apaixonado por Daciana. Lada perguntou-se como deveria ser essa sensação, a de saber que era amada a ponto de ser aceita por inteiro. Ter expectativas. Ter esperanças.

Ela perguntou-se também sobre a sensação de ser a pessoa que amava a esse ponto.

Lada encontrou Bogdan e o convidou para ir a seu quarto, mas isso não serviu de nada para aliviar a dor produzida pela lembrança de Mehmed. Depois Bogdan quis continuar por lá. Lada vestiu-se às pressas e saiu do aposento. Não havia espaço em seu coração para isso. Não depois da última vez. Não depois de amar tanto Mehmed, e de ser traída de forma tão profunda.

Não. Bogdan era um porto seguro. Bogdan era estável. E ela jamais amaria Bogdan da mesma forma que Mehmed, o que era ao mesmo tempo um alívio e uma agonia.

Quando Oana comunicou que Daciana tinha dado à luz uma menina saudável, Lada não esboçou reação.

– Querem ver você – a ama avisou.

Lada não queria falar com eles. Mas Stefan era um de seus homens mais antigos e confiáveis. Então ela entrou no quarto, pronta para sentir o cheiro de sangue, suor e medo. Em vez disso, encontrou um ambiente ameno e acolhedor. Daciana estava aninhada sob os cobertores, com a criança no peito. Stefan estava sentado ao lado, observando embasbacado a criaturinha resmungona. Daciana ergueu os olhos com um sorriso.

– Obrigada.

Lada franziu a testa.

– Pelo quê?

– Por me proporcionar um mundo onde eu possa criar minha filha como quiser. Por ter nos dado a Valáquia.

Uma sensação doce e terna espalhou-se pelo peito de Lada. Um sentimento que representava uma vulnerabilidade. E das mais perigosas. Ela limpou a garganta.

– Acho que vou ter que procurar outra dama de companhia.

Daciana deu risada.

– A mulher de um boiardo já me contratou como ama de leite. Eles pagam uma fortuna. Mas, assim que for capaz, vou voltar ao seu quarto para mandar colocar suas cortinas mortais. Você vai me ajudar, certo, minha pequena

Lada?

O tom carinhoso na voz dela era confuso. Stefan sorriu para ela e apontou com o queixo para a bebê.

– Nós queríamos que ela tivesse um nome forte.

Lada ficou vermelha. Ela pigarreou de novo e chegou mais perto, tentando ver o pacotinho.

– Ela é bonitinha?

Daciana mostrou a criança. Estava com o rosto vermelho, amassado e inchado por causa da chegada violenta ao mundo. Os cabelos pretos eram abundantes no alto da cabeça, e um dos pequenos punhos estava cerrado e erguido no ar. Não era uma bebê bonita. Mas começou a berrar, e seu choro era forte e penetrante.

– Quer segurar?

– Não! – Lada levou a mão às costas, para que Stefan e Daciana não a colocassem em seu colo à força. Mas Daciana parecia contente em aninhar sua criança sozinha. Lada abriu um sorriso sem jeito. – Quando ela tiver idade suficiente, vou dar a ela uma faca.

Daciana e Stefan deram risada e, apesar de estar falando sério, Lada riu também. Mas, olhando para aquela pequena forma de vida, prometeu a si mesma que faria exatamente isso para aquela garotinha e para todos os valáquios sob seu governo.

Ela os transformaria em pessoas fortes.



28 a 29 de maio

A LITURGIA ERA pontuada pelos ataques incessantes da artilharia. Radu desejou que pudesse ter alguma espécie de coordenação com Mehmed, para que o som distante e a vibração de pedra contra pedra ressoassem na hora certa. Da forma como estava, as batidas vinham cedo ou tarde demais, uma confusão que impedia que as pessoas se concentrassem de verdade no ritual.

Mas isso não seria possível, de qualquer forma. Não naquela noite.

Pela primeira vez desde que Constantinopla tentou unir os dois ramos da igreja, a Hagia Sophia estava toda iluminada. O apego furioso aos dogmas e às noções de pureza religiosa tinha sido deixado de lado, e o povo da cidade apelava a cada imagem, a cada relíquia, a cada vínculo com Deus ainda disponível. Se a Hagia Sophia fosse capaz de salvá-los, eles enfim estavam dispostos a lhe dar uma chance.

Do lado de fora das muralhas, os acampamentos dos otomanos estavam em silêncio. O bombardeio ganhara força, e a cidade prendia a respiração à espera da explosão final. As flechas que caíam por cima da muralha vinham com bilhetes escritos à mão por soldados cristãos solidários:

O fim está a caminho.

Mas ninguém precisava ler essa informação vinda com as flechas. Ela já estava escrita em enormes bolas de pedra que se chocavam nas muralhas, atiradas pelos canhões mesmo no dia de orações e descanso concedido por Mehmed a seus homens. Um último suspiro, uma última chance de defender ou atacar, de manter-se de pé ou de cair, de viver ou de morrer.

Então o povo da cidade foi à igreja. A Hagia Sophia estava lotada, claustrofóbica; estavam todos grudados uns nos outros. Radu respirava o mesmo ar de todos ao redor. As pessoas exalavam terror e resignação, que ele inalava até não conseguir mais respirar. Era muito melhor ver a Hagia Sophia

vazia, preenchida apenas pelo barulho dos pássaros que viviam entre o forro e o telhado. Era uma atmosfera que o fazia se sentir mais próximo de uma adoração ao divino do que aquela.

Constantino estava de pé lá na frente, olhando para o alto como se ele mesmo já fosse uma imagem sagrada. A seu lado estava Giustiniani, pálido e suarento. Deveria estar sentado, mas era preciso manter as aparências. Ele havia se ferido no bombardeio do dia anterior. O pânico que se espalhou na cidade pela possibilidade de perdê-lo era mais perigoso que qualquer canhão. Por isso Giustiniani estava ali, e não em repouso, rezando e não dormindo, para que todos vissem o imperador e o comandante militar como um sinal de esperança.

Quando a missa terminou, ninguém se moveu. Radu estava desesperado para sair, para afastar-se de tudo aquilo. Uma mão o puxou pelo colete, e ele virou-se com tudo, pronto para a briga.

Mas precisou olhar para baixo, onde encontrou os olhos de Manuel, o pequeno herdeiro.

– Onde está meu primo? – Manuel quis saber.

Com os lábios trêmulos, mas mantendo o queixo firme, a postura do menino atingiu Radu como uma punhalada no coração. Manuel esperava ouvir que Cipriano estava morto, e preparava-se para não chorar ao ouvir a notícia. Radu agachou-se para ficar na altura dos olhos do menino.

– Cipriano está em casa, descansando. Foi atingido na cabeça por umas pedras, mas vai ficar bom.

Manuel soltou um suspiro de alívio, sorrindo e revelando a ausência dos primeiros dentinhos.

– Ele prometeu me levar para pescar quando o cerco terminar.

– Muito bem, então aí está. Ele vai ficar bom depressa, porque jamais deixaria de cumprir uma promessa como essa.

Manuel assentiu, aceitando facilmente o consolo. Ele pôs sua mãozinha sobre Radu, ancorando-o com o peso de sua inocência. João e sua ama logo se juntaram a eles. O menino mais velho estava com o rosto pálido e uma expressão solene. Acenou para Radu, que baixou a cabeça em um gesto formal.

– Vocês vão nos proteger – ele falou. Radu sentiu vontade de abrir um

buraco no chão para esconder-se. João fez outro aceno de cabeça, e Radu percebeu que o menino estava tentando oferecer algum conforto a si mesmo.

– Os homens e as muralhas vão nos proteger.

Todo mundo virou-se quando, com uma postura imponente e régia, Constantino marchou para fora da igreja. Quando a porta fechou-se atrás dele, houve um alívio coletivo, com todos os presentes soltando a respiração ao mesmo tempo, além de gemidos e gritos de desespero. As pessoas espalharam-se em todas as direções. Radu ouviu fragmentos de planos para se esconder, lugares que poderiam ser seguros, cisternas subterrâneas que nenhum turco pensaria em revistar. Pelo menos eles conheciam os limites da fé.

Radu segurou o braço da ama, que tentava conduzir os meninos para fora.

– Fiquem aqui.

Ela fechou a cara, ofendida.

– Preciso levar os meninos de volta ao palácio.

– Se as muralhas forem atravessadas, o palácio vai ser o primeiro lugar que os soldados vão atacar atrás de coisas de valor.

Ela torceu o nariz, desafiadora, como se a precaução de Radu estivesse produzindo um cheiro podre no ar.

– Esses turcos imundos não vão passar pelas colunas. O anjo do Senhor vai descer dos céus e expulsá-los com uma espada flamejante.

Radu segurou-se para não bufar, por mais difícil que fosse. Em vez disso, abriu um sorriso encorajador.

– Sim, claro. É por isso que vocês precisam ficar aqui. A Hagia Sophia fica mais para o centro da cidade, e o anjo não vai deixar os turcos chegarem nem perto, então é mais seguro.

Ela franziu a testa, pensativa.

– E vai ser bom para os meninos rezar mais um pouco.

Nenhuma ama bizantina resistiria à ideia de forçar crianças a rezar. Ela pegou os meninos pela mão e voltou para o interior da Hagia Sophia. Radu desejou poder fazer mais. Mas sabia que Mehmed iria querer a basílica intacta, e mandaria soldados para protegê-la se e quando conseguisse ultrapassar as muralhas. Aquele era o lugar mais seguro da cidade.

Ele saiu pelas portas, respirando com alívio o ar do fim de tarde. Outra mão pequena agarrou-o pela roupa. Quando olhou para baixo, Radu deu de cara com Amal. Tirou a última moeda do bolso, e colocou-a na palma da mão do menino.

– Diga a ele para procurar nos portões perto da muralha do palácio. Eu vou...

– Onde está meu sobrinho?

Radu virou-se às pressas. Constantino o encarava com a cara fechada. Radu começou a gaguejar, surpreso e culpado.

– Ele... ele... ele está descansando. Acho que vai se recuperar, mas não está pronto para lutar. – Radu arriscou uma olhada para o lado. Amal tinha desaparecido.

Constantino assentiu; algo parecido com alívio surgiu no rosto.

– Assuma o lugar dele ao meu lado, então.

Radu foi absorvido pela comitiva de Constantino. Jogado lá no meio bem ao lado de Giustiniani, ele não tinha como escapar. Não era onde gostaria de estar naquela noite. Ele planejava se posicionar no Portão do Circo, uma pequena passagem que dava acesso ao Palácio de Blaquerna. E precisava estar lá. Mas não havia nada que pudesse fazer para afastar-se sem levantar suspeitas. Constantino os conduziu pela cidade, rumo à massa de soldados concentrada diante da parte da muralha próxima ao rio Lico. Era lá e na seção do Palácio de Blaquerna que as batalhas decisivas seriam travadas. Era possível ver o palácio à distância. Nazira estava lá, conforme planejado, e ele preso ali.

Constantino subiu em uma pilha de escombros, olhando por cima da cabeça de seus homens sob a luz do crepúsculo.

– Não temam os malignos turcos! – Sua voz retumbante era pontuada por impactos à distância. – Nossas defesas superiores vão nos proteger. Nosso treinamento superior vai nos proteger. Nosso Deus vai nos proteger! O sultão maligno deu início à guerra rompendo os termos de um tratado. Construiu uma fortaleza no Bósforo, nas nossas terras, enquanto fingia manter a paz. Olha para nós com inveja, cobiçando a cidade de Constantino, o Grande, a terra de vocês, o verdadeiro lar dos cristãos, protetor de todos os gregos! Ele viu a glória do nosso Deus e a quer para si. Nós vamos deixar que ele tome a nossa cidade?

Os homens gritaram furiosamente que não.

– Vamos deixar seu chamado à oração corromper o ar que os bons cristãos respiraram por mais de mil anos?

Outro rugido, ainda mais alto.

– Vamos deixar que eles estuprem nossas mulheres, matem nossas crianças e nossos idosos, e profanem os templos sagrados de Deus transformando-os em estábulos para seus cavalos?

Dessa vez o rugido de raiva foi acompanhado de pancadas dos cabos das lanças contra o chão e dos punhos fechados contra os escudos. Radu não poderia argumentar que o motivo para o conflito ter começado havia sido uma cruzada cristã duzentos anos antes.

Constantino continuou:

– Hoje é o dia do seu triunfo. Se derramarem uma gota de sangue que seja, vão estar aptos a receber a coroa dos mártires e a glória imortal! – Ele ergueu o punho cerrado no ar. – Com a ajuda de Deus, vamos conseguir a vitória! Vamos abater os infiéis! Vamos carregar o estandarte de Cristo e ganhar nossa recompensa eterna!

O som dos aplausos e dos gritos quase superou o ruído do bombardeio da artilharia. Constantino jogou os braços para o alto, e então os baixou e virou-se. Seu rosto estava crispado e franzido, perdendo o brilho tão rapidamente como o dia que se transformava em noite.

– Vamos trancar os portões para a cidade – ele disse baixinho para Giustiniani. – Vamos sobreviver ou morrer aqui. Ninguém sai. Se a muralha não resistir, morremos todos juntos.

Giustiniani assentiu com uma expressão séria do rosto.

Radu observou os dois com uma sensação estranha de descolamento. Durante sua estada ali, costumava ver os dois como exemplos de grandeza, suportando nos ombros a sustentação da cidade contra todas as probabilidades. E ele tinha visto eles cometerem atrocidades ao fazer isso. Ele os respeitava e os odiava ao mesmo tempo, mas sabia que o mundo perderia muito com a morte deles.

Caso de fato morressem.

Temia esse desfecho, apesar de torcer por ele, em uma mistura de sentimentos impossíveis de conciliar, assim como quase tudo naquela maldita

cidade. Ele assumiu um lugar na muralha perto de Giustiniani. Apesar de ser noite, os otomanos tinham acendido tantas fogueiras que as luzes das chamas refletiam-se nas nuvens baixas, criando um brilho alaranjado e agourento que se espalhava por toda parte. Os defensores não conseguiriam consertar as muralhas, porque não havia a cobertura da escuridão.

A partir de seu ponto de vista, Radu conseguia ver a concentração das tropas otomanas. Em algum lugar ali perto, Mehmed aguardava para descobrir se seu grande plano triunfaria ou fracassaria, se conseguiria cumprir a profecia proferida gerações atrás. Talvez, se Radu estivesse lá com Mehmed, pudesse ser uma situação empolgante. Ele ficava doente só de pensar, de imaginar onde poderia estar. Como poderia facilmente estar desejando o fim da cidade e de todos os seus habitantes.

Isso também o enchia de saudade, saber que um dia tudo havia sido tão simples. Mas ele afastou esse pensamento também, junto com todo o resto. Ele morreria na muralha naquela noite, entre seus irmãos de fé e seus inimigos, porque não sabia mais distinguir entre uns e outros. Eles finalmente chegariam às últimas consequências. Fosse qual fosse o lado vencedor, ninguém teria um triunfo verdadeiro.

Uma bala de pedra arremessada por um canhão atingiu a muralha entre Radu e Giustiniani. Eles caíram de joelhos, com o impacto reverberando dentro de Radu dos dedos dos pés até os dentes. Ele sacudiu a cabeça e tentou se livrar do estranho ruído em seus ouvidos.

Não. Não era um zumbido. Eram berros. Ele olhou para os barris de defesa e viu uma horda aos gritos correndo naquela direção. Não havia nenhum senso de ordem ou lógica naquela abordagem. Os homens corriam como nuvens de gafanhotos, empurrando e abrindo caminho, tentando ser os primeiros a chegar.

Foram também os primeiros a ser cortados pelas espadas. Mas isso não importava. Os que vinham atrás escalavam seus corpos. Quando esses também eram mortos a flechadas, seus cadáveres eram acrescentados à pilha. Radu entrou na refrega, observando horrorizado as tropas irregulares do exército de Mehmed usarem os mortos, e às vezes os vivos feridos, como degraus. Eles subiam uns em cima dos outros, transformando a morte em uma ferramenta para chegar ao topo da muralha.

Havia tantos deles que Radu inevitavelmente acertava alguém a cada flecha lançada. Mas tinha a mesma eficiência que lançar projéteis para deter as

ondas do mar. Os homens não paravam de avançar. Giustiniani comandava suas forças ativamente, sempre se antecipando antes que os irregulares conseguissem transpor a muralha.

– Ali! – gritou, apontando para uma abertura não muito distante de Radu, que correu para lá e viu os primeiros soldados chegarem a duras penas ao topo.

Não havia homens suficientes atrás de Radu. Ele chegara rápido demais. Mesmo assim, sacou sua espada, atacou e bloqueou o caminho, mas não havia esperança. Um homem que gritava palavras em valáquio jogou-se sobre ele e o derrubou. Radu caiu de costas, olhando na cara da morte. Não importava aonde fosse, sua infância conseguia alcançá-lo. E agora o mataria.

Então o homem desapareceu. A não ser seu tronco, que estava caído aos pés de Radu. Ele piscou algumas vezes para livrar-se da poeira e da fumaça. Todos os irregulares que escalaram aquela parte da muralha tinham sido partidos ao meio por um tiro de seus próprios canhões. Radu chutou para longe o corpo do homem partido, encostou a cabeça na beirada da muralha e deu risada.

Urbana e seus canhões tinham salvado sua vida, no fim das contas.

Ele levantou-se e foi correndo até Giustiniani. Estava certo de que seu destino era morrer bem ali. Mas ainda estava vivo. O que significava que ainda poderia fazer alguma coisa para influenciar o rumo da batalha. Dessa vez, quando uma oportunidade surgisse, ele não iria titubear.

Mais adiante na muralha, Constantino arremessou um homem por cima da borda. Com um gesto seu, um jato de fogo grego iluminou a noite, incinerando corpos de vivos e mortos encostados à muralha. O fogo grego subia e descia, consumindo tudo o que não fosse de pedra. Os homens gritaram de pavor, e o equilíbrio da batalha alterou-se.

– Eles estão recuando! – Giustiniani rugiu.

Os homens ao redor de Radu vibraram, alguns chorando, alguns rezando. Com Giustiniani e Constantino a postos, a cidade ainda tinha uma chance. Giustiniani deu um tapa no ombro de Radu.

– Você sobreviveu! Que bom. – Eles agacharam-se quando uma bala de canhão passou zunindo logo acima, espatifando-se entre as duas muralhas. – Você acha que estão fugindo?

– Eles só queriam nos cansar. Em seguida vão mandar os janízaros. – Mehmed com certeza guardaria seus melhores homens para o final. E Radu sabia sem sombra de dúvidas que a próxima onda de ataques seria a última. Se a força dos números não foi suficiente para superar a muralha, então só os janízaros conseguiriam. E se eles saíssem derrotados... seria o fim para Mehmed. Ele não teria mais nada de que se valer.

– Nós podemos resistir. E vamos resistir. – Giustiniani escondeu a perna ferida enquanto descia mancando por uma escada. – Vá pegar alguma coisa para comer e beber. Os demais, recolham os feridos e levem para a muralha interna. Vamos inverter as posições para...

Todos pararam de falar quando a música começou. Radu viu os rostos de felicidade e cansaço transformarem-se em expressões de exaustão e terror. Naquela noite não haveria refresco. O metro melódico dos janízaros atingiu a muralha com tanta força e poder de intimidação quanto os disparos da artilharia. As abas brancas de seus quepes brilhavam como crânios iluminados pelas tochas enquanto avançavam, aos berros, para a muralha.

Era o momento decisivo. O último, que iria superar a muralha e inundar a cidade ou então iria recuar, levando consigo as chances de Mehmed.

O próprio Mehmed cavalgava de um lado para o outro, no raio de alcance de qualquer balesta. Radu conseguia vê-lo, pois seria capaz de localizá-lo em qualquer lugar. Mas seu coração não se alegrou, não se encheu de desejo por ele. O espaço entre os dois era pequeno, mas estava encharcado de sangue e calcinado pelo fogo.

– Cortem as cordas! Joguem os ganchos lá para baixo – Giustiniani gritou para Radu.

Radu correu de um lado para o outro, partindo cordas e desalojando ganchos. Todos os homens de Giustiniani seguiam as ordens sem hesitar nem questionar. Radu não conseguia ver nem ouvir Constantino, mas tinha certeza de que em sua porção da muralha acontecia o mesmo. Dois homens carregando um império nas costas.

Radu parou e sentou-se apoiado a um barril. Todos os homens a seu redor eram italianos, soldados de Giustiniani. Eram tão bem treinados quanto os janízaros, e tinham a vantagem da posição de defesa. O que ele poderia fazer? Mesmo se parasse de ajudar, de jogar ganchos e cordas no chão, não podia fazer nada que alterasse o rumo da guerra.

Um homem saltou sobre a muralha a seu lado. Radu o encarou com um sobressalto e viu o rosto de Lazar sob o quepe do janízaro.

Não. Lazar estava morto. Radu o matara para salvar Mehmed. Radu ficou de pé, cravou a espada no janízaro e mandou o corpo dele lá para baixo. Mas havia outros. Os janízaros estavam invadindo por aquela seção da muralha, liderados por um sujeito gigantesco. Era mais alto que todos os outros, e seu quepe branco destacava-se acima da massa de cadáveres. Usava uma espada maior que a do restante da tropa, porém condizente com seu tamanho. Ele brandia a arma de um lado para o outro, cortando quem cruzasse seu caminho com uma eficiência silenciosa e sombria. Protegidos por sua fúria, mais e mais janízaros subiam na muralha.

– Comigo! – Giustiniani abriu caminho até o gigante. Radu seguiu sua trilha, protegendo suas costas. Mas nem mesmo Giustiniani daria conta do grandalhão em um combate corpo a corpo. Quando se aproximou, o homem o golpeou com a espada. No último momento, Giustiniani ajoelhou-se e atacou com sua espada com todas as forças. O gigante deteve o passo e olhou para baixo, surpreso. Em seguida, despencou no chão, com ambas as pernas decepadas na altura dos joelhos.

Os janízaros ao redor ficaram paralisados, em choque. Giustiniani levantou-se, erguendo a espada em sinal de triunfo. E, dessa vez, como sabia que Lada faria, Radu não hesitou e atravessou com sua espada a parte posterior das pernas de Giustiniani, cortando músculos e tendões. Um movimento discretíssimo, porém capaz de fazer a maré virar.

Giustiniani caiu. Radu o amparou.

– Giustiniani! – gritou. – Ele está ferido! Me ajudem!

Os italianos correram para lá com todas as forças que ainda lhes restavam. Os janízaros que permaneciam na muralha foram logo superados numericamente.

– O que vamos fazer? – um dos italianos perguntou, com lágrimas nos olhos enquanto observava o homem que os comandava na defesa de uma cidade estrangeira.

– Precisamos levá-lo para os barcos! – Radu ficou de pé, segurando Giustiniani pelos braços.

– Não – Giustiniani gemeu, sacudindo a cabeça. Estava pálido pelo choque e a perda de sangue, com os olhos arregalados. – Não podemos abrir o portão.

– Mas precisamos! Para salvá-lo! – Radu apontou com o queixo para o soldado que chorava, que segurou as pernas dilaceradas de Giustiniani. Eles o desceram da muralha com a ajuda dos demais italianos, passando-o de um homem para outro. Giustiniani grunhia e gritava de dor, sem cessar de ordenar que parassem.

Eles correram pela parte aberta entre as muralhas, esquivando-se de flechas e de balas de canhão. Todos os italianos vieram atrás, mais de uma centena de homens que a defesa daquela seção não poderia perder.

– A chave! – Radu gritou. – Quem está com a chave?

– Giustiniani!

Radu ouviu gritos que superavam todo o ruído ao redor. No alto das muralhas, Constantino gesticulava. Estava em um frenesi absoluto, sacudindo a cabeça e agitando as mãos. Se o portão fosse aberto e aqueles homens passassem, seria um golpe mortal para a defesa da cidade. Os que desejassem fugir teriam uma opção. Os homens correram naquela direção para impedi-los.

– Se não sairmos daqui, Giustiniani vai morrer! – Radu gritou.

Os italianos, sempre leais a Giustiniani, sacaram as espadas contra os soldados com quem lutaram lado a lado durante semanas. Todos pararam para ver o que iria acontecer.

Radu enfiou a mão no bolso do colete ensanguentado de Giustiniani e pegou uma chave pesada de ferro. Giustiniani segurou sua mão.

– Por favor – falou. Seu rosto estava pálido e banhado de suor, mas os olhos mantinham-se lúcidos. – Não faça isso.

Radu olhou para a muralha. A silhueta de Constantino desenhava-se contra o céu noturno. Seus ombros tinham despencado. Ele arrancou o manto e o jogou lá do alto. O elmo, com uma coroa de metal em cima, foi lançado logo em seguida. O imperador virou-se e juntou-se à luta na muralha como fez durante a vida inteira. E morreria fazendo.

– Eu não tenho outra saída – Radu murmurou.

Ele soltou sua mão e abriu o portão. Assim que o atravessou, foi correndo na direção do Palácio de Blaquerna. Mesmo se os homens de Giustiniani reparassem nisso, estavam ocupados demais tentando se salvar para impedi-los.

Não havia muita gente no palácio. Apenas um punhado de guardas vigiando o Portão do Circo. E, por um golpe de sorte ou providência divina, eram todos italianos.

– Giustiniani está ferido! – Radu gritou. – Sua única chance de sobreviver é chegar aos barcos! Ele precisa da sua ajuda!

Os homens ficaram imóveis por alguns segundos, mas então saíram correndo. O portão era todo seu. Radu caminhou até lá com passos arrastados. A barra de ferro que o mantinha fechado tinha o peso de mil traições. Ele conseguiu erguê-la e deixou o portão aberto. Tinha escolhido aquela passagem porque era a menos vigiada, mas ampla o suficiente para permitir a entrada de um exército inteiro. Ele precisava de algo mais. Se existia alguém capaz de obter uma vitória mesmo em uma situação como aquela, era Constantino. Radu precisava destroçar o moral das forças de defesa. Caso o fizesse, a cidade cairia. Ele subiu para a muralha do palácio, onde Nazira o esperava com uma trouxa de tecidos.

Ela o abraçou e pressionou o rosto contra o ombro dele.

– Fiquei com medo de que tivesse morrido.

– Ainda não.

Ele pegou as bandeiras otomanas que haviam roubado da torre de Orhan. Enquanto corriam, seus passos ecoavam pelo palácio, subindo degraus e mais degraus até o último patamar. Lá de cima era possível ouvir o som das mortes, do choque do metal contra metal, dos gritos de fúria.

Eles recolheram a bandeira do imperador e hastearam em seu lugar a do Império Otomano. Depois se separaram para encontrar locais onde as bandeiras ficassem visíveis aos combatentes, e por fim se encontraram na muralha acima do portão que Radu deixara aberto. Ele agitou a última bandeira de que dispunham, e então a pendurou na muralha para sinalizar o local de entrada.

Em seguida, olhou para Constantino, a última barreira entre sua cidade e a destruição. Apesar de estar escuro e Radu saber que era impossível, foi como se os dois trocassem olhares pela última vez. Um grito elevou-se entre os homens. A pressão sobre a entrada das muralhas para a cidade intensificou-se. Todos achavam que os otomanos estavam lá dentro, e abandonariam tudo para ir salvar suas famílias, ou então morrer junto com elas.

Radu deu as costas para a cena. Sua parte da tarefa estava feita. O pêndulo

oscilou para o lado de Mehmed e jamais voltaria para o lado dos defensores da cidade. Ele conseguira derrotar Constantino no fim das contas. Mas era tarde demais para demonstrar misericórdia em relação a qualquer um deles.

– E agora? – Nazira sussurrou.

– Cipriano – disse Radu.

Eles deram as mãos e correram do palácio para a cidade às escuras, fugindo da inundação iminente.

*Meados de maio*

O CORPO DE Mircea, irmão de Lada, apodrecia em uma cova rasa a uma curta cavalgada de Tirgoviste. Ele dirigia-se a Snagov, a ilha que abrigava o mosteiro a que seu pai os levara certa vez. Não foi rápido nem chegou longe o bastante para ficar a salvo. No local onde tombara, a terra era quase indistinguível do terreno ao redor. Lada só encontrou o corpo porque um dos soldados que o mataram agora era um homem seu.

Ah, a lealdade dos homens.

Ela desceu da sela e cutucou com o pé o chão enfim descongelado. A névoa da manhã descera sobre o terreno baixo, amenizando os contornos de tudo. Era uma linda manhã, úmida e com a promessa de um calor que se estabeleceria lentamente. Petru e Bogdan permaneceram nas montarias, esquadrinhando o terreno e o bosque distante em busca de ameaças. Lada era príncipe agora, o que a tornava um alvo ainda maior. Mas aquilo era algo que ela sentia que precisava fazer.

Como não podia compartilhar sua vitória com o irmão que amava, aproveitaria para resolver o destino daquele que odiava.

Agora que estava lá, ela não sabia mais o que pretendia com aquilo. Sepultá-lo de novo? Levar seus restos mortais para o castelo? Fazer uma prece para o corpo, o que poderia muito bem ser uma blasfêmia pela falta de sinceridade que conteria? Ela finalmente precisaria admitir que se lançara naquela aventura apenas para sair um pouco da cidade. Toma a atormentava, queria que conversasse sobre os boiardos Danesti e sua lealdade: como obtê-la, o motivo por que precisava disso, que casamentos poderiam consolidá-la. As demais linhagens de boiardos não ficaram muito satisfeitas com sua ascensão ao trono, mas não fariam objeção se lucrassem com isso. Mas os Danesti tinham levado a questão para o lado pessoal. Toma nunca perdia a chance de mencionar a possibilidade de casamento com um Danesti, e sem a

menor sutileza.

Por fim, ela concordou em se encontrar com todos os boiardos Danesti ao mesmo tempo, e o incumbiu de fazer o planejamento da reunião. Lada tinha certeza de que ele era muito melhor que ela na tarefa de escrever cartas. Toma sabia o que dizer para convencer os boiardos a vir. Sua ideia tinha sido ameaçar tomar suas terras e suas vidas caso não viessem. Toma riu como se fosse uma piada engraçadíssima.

Pelo menos Mircea estava morto, e ela não era obrigada a escutá-lo. Isso o tornava mais interessante que Toma.

– Como ele morreu? – perguntou ela.

– Ele morreu bem – respondeu o soldado, com a voz tensa, olhando apenas para a frente.

Lada soltou um risinho de deboche.

– Que mentira. Meu irmão era um abusador e um covarde. Não pode ter morrido bem. Pode ter morrido lutando, ou implorando para ser poupado. Qual das duas opções?

O soldado remexeu-se desconfortavelmente.

– Morreu lutando.

– Se morreu lutando, por que você não disse logo de uma vez?

O soldado engoliu em seco e não respondeu.

– Desenterre.

O homem enfim a encarou, e a expressão de horror ganhou um toque infantil.

– Mas...

– Desenterre.

O homem olhou para a cova, para Lada e de novo para a cova.

– Mas não temos pás, nem ferramentas.

Lada enfiou a mão na bolsa da sela e pegou um pedaço de pão, que repartiu e ofereceu para Bogdan e Petru. Eles desceram das montarias e arrastaram um toco de árvore para Lada se sentar. Ela acomodou-se, sob o olhar abobalhado do soldado. Lada sacou uma faca e cravou na madeira.

– Você tem suas mãos. Por enquanto.

O homem começou a cavar.

O sol já estava alto quando ele terminou. Suas unhas sangravam, e ele aninhou as mãos junto ao peito, afastando-se do corpo que havia desenterrado. Lada cobriu o nariz com o manto. Seria melhor se ela tivesse tomado o trono no inverno. Agora já estava calor suficiente para ela sentir o cheiro do cadáver.

Mas essa não era a parte mais perturbadora. Seu irmão – Mircea, o cruel, Mircea, o detestável, Mircea, o defunto – não a encarava com os olhos acusadores dos mortos. Não a encarava de forma nenhuma.

Ela estava olhando para a nuca dele.

– Vire o corpo – ela falou.

Segurando o vômito, o soldado enfiou a mão dentro da cova e virou o cadáver de barriga para cima. A pele de Mircea estava pálida e fina nos locais onde ainda não fora devorada até os ossos. Os dedos também pareciam os do soldado: unhas quebradas e cheias de terra. A boca de Mircea estava aberta como em um grito, preta e apodrecida. Lada olhou mais de perto. Não... estava preta porque estava cheia de terra, até onde seus olhos podiam alcançar.

– Vocês o enterraram vivo – falou.

O soldado sacudiu a cabeça freneticamente.

– Eu não tive nada a ver com isso. Foram os homens de Hunyadi e o príncipe Danesti.

– Mas você estava presente.

O homem fez que não com a cabeça, mas depois assentiu, com lágrimas inúteis de desespero escorrendo dos olhos.

– Mas não fui eu que o matei!

Lada suspirou, virando o corpo do irmão com um chute para não precisar mais encará-lo. Era uma forma terrível de morrer. Ela o imaginou virando-se e debatendo-se, sufocado pelo peso da terra, cada vez mais desorientado. No fim, estava escavando mais fundo a terra com os dedos, em vez de tentar subir para a superfície e a liberdade.

Ela perguntou-se como seu pai teria morrido. Ninguém em Tirgoviste sabia

onde ele havia sido assassinado. Ou, caso alguém soubesse, tinha a presença de espírito de não dizer nada. E ela perguntou-se sobre sua lealdade, ou a falta dela, para com Hunyadi, o homem que ajudou os boiardos Danesti a matar seu irmão e seu pai. Os boiardos cujo apoio ela cortejava. A culpa e o arrependimento misturavam-se à sua exaustão resignada. Ela não queria sentir-se assim. Por que seus relacionamentos não podiam ser mais simples? Por que não havia um homem em sua vida a quem pudesse dedicar apenas um tipo de sentimento?

– Não fui eu que o matei, não fui eu que o matei – o soldado murmurava como uma ladainha, sacudindo-se para trás e para a frente.

Mas em relação ao soldado Lada sabia como se sentir. E apegou-se a isso com uma ferocidade surpreendente. Ele lhe proporcionava um bote salvavidas, algo sólido em que se apoiar e reagir.

– Não me interessa se você o matou. Ele está morto. Esse problema não tem mais solução.

Os ombros do soldado despencaram de alívio.

– Obrigado, vossa senhoria.

Lada embainhou a faca.

– Eu não sou sua senhoria. Sou seu príncipe. E, apesar de a morte de Mircea não ser problema meu, você ter mentido para mim é, sim.

O soldado ergueu os olhos, franzindo os lábios de medo e mostrando os dentes, que se projetaram para fora na mesma expressão de agonia do crânio de Mircea.

– Bogdan, a corda.

Bogdan tirou uma corda da bolsa de sua cela. Lada a amarrou com força em torno dos pulsos do homem e jogou a ponta para Petru. Ele fez um aceno bem sério e amarrou a corda à sua sela.

– O que vão fazer comigo? – o homem perguntou rangendo os dentes.

– Vamos levar você de volta a Tirgoviste como exemplo do que acontece com aqueles que não honram a verdade.

– E se ele não conseguir acompanhar o passo dos cavalos? – Petru perguntou.

Lada olhou para a cova aberta do irmão, onde estava o cadáver afogado

pela terra que ele reivindicava.

– É para isso que serve a corda.

Ela esporeou o cavalo, e acelerou até um ritmo que homem nenhum conseguiria acompanhar, garantindo que fosse arrastado até a morte.

Ela não olhou para trás nenhuma vez.



29 de maio

ENFIM O DIA amanheceu. Os pássaros revoavam pelo ar, com suas silhuetas escuras contra o céu, atraídos pela carnificina mais abaixo. Em breve começariam a pousar.

Nazira e Radu corriam o máximo que podiam. As ruas estavam repletas de pequenos grupos de cidadãos, agarrando-se uns aos outros, em pânico.

– É verdade? – um homem gritou quando os dois passaram correndo. – Eles entraram na cidade?

– Corram! – Nazira berrou.

O homem caiu de joelhos e começou a rezar. Atrás deles, era possível ouvir os sons do conflito cada vez mais próximos. Não havia soldados bizantinos na cidade, não havia mais resistência, mas os otomanos que atravessavam as muralhas não sabiam disso. Entrariam nas ruas prontos para a luta, e quando percebessem que ninguém deteria seu avanço...

– Precisamos tirar Cipriano daqui – Radu falou, resfolegado. – Valentim também.

– Como?

A passagem para Gálata estaria fechada. Os otomanos bloqueariam esse caminho. Os sinos na porção da muralha voltada para o mar começaram a dar o alerta. Se os galeões otomanos soubessem que a cidade estava sendo tomada, ficariam ansiosos para juntar-se à pilhagem. A muralha perto do mar devia estar quase desprotegida, e com a notícia da queda espalhando-se todos abandonariam seus postos, abrindo caminho para os marinheiros pularem. Ninguém queria perder os saques. Nada estaria fora dos limites: ouro, joias, pessoas. Qualquer coisa que pudesse ser carregada e vendida seria levada.

Mas se as muralhas estivessem desprotegidas diante do mar e os marinheiros entrassem na cidade...

– O Chifre – Radu disse. – Vamos para o Chifre. Os navios italianos ainda estão lá. Podemos até conseguir roubar um galeão otomano.

– Tem certeza de que não vamos encontrar resistência? – Nazira questionou.

Radu não tinha certeza de nada naquele momento.

– É a nossa melhor chance.

– E quanto a Mehmed? Você pode cavalgar ao encontro dele.

Os dois apoiaram-se com um gesto brusco à porta da casa de Cipriano, que ficava distante da muralha o suficiente para que o som da batalha não chegasse até lá.

– Não vou deixar você e Cipriano aqui por nada no mundo – Radu falou. – Posso voltar quando os três dias de pilhagem terminarem e tudo estiver mais calmo.

Nazira apertou sua mão. Eles correram para dentro da casa.

– Valentim! – Nazira gritou.

O menino desceu a escada correndo e quase caiu.

– Nós ouvimos os sinos. Cipriano está se trocando para ir lutar. Falei para ele não fazer isso, mas...

Nazira entregou o manto de Valentim.

– A cidade caiu. Estamos fugindo.

Radu ergueu os olhos e viu Cipriano no alto da escada. O ferimento impedia que ele levantasse da cama por mais de alguns minutos sem sentir vertigens. Estava pálido e instável como a manhã.

– Meu tio?

Radu fez que não com a cabeça.

– Acabou. Se não fugirmos, não vamos conseguir sair daqui vivos.

Cipriano fechou os olhos e respirou fundo. Em seguida assentiu, e a determinação endureceu suas feições.

– Para onde vamos?

– Para o Chifre. – Radu virou-se para ir embora, mas então se deteve. – Esperem! – Ele correu escada acima e abriu o baú do quarto que dividia com

Nazira. No fundo, cuidadosamente dobradas, estavam as roupas que eles usaram na viagem a Constantinopla. Radu jogou as túnicas sobre o que vestia e colocou às pressas o turbante sobre a cabeça. Era melhor parecer um aliado do que um inimigo do exército invasor.

Cipriano assentiu.

– Como as bandeiras – comentou.

Por um terrível momento, Radu achou que Cipriano sabia o que eles haviam feito no palácio. Mas então se lembrou das bandeiras nos barcos, que os ajudaram a passar pela frota otomana.

– Sim. Só falem em turco – Radu avisou. – Valentim, você não diga nada.

Os quatro pararam diante da porta da casa. Eles haviam sido felizes ali, em certo sentido. Pelo menos o quanto era possível durante a morte lenta e agonizante de uma cidade que caía ao redor. Então correram. Cipriano ia na frente, fazendo uma rota sinuosa pela periferia da cidade, evitando as áreas mais populosas e circulando por caminhos abandonados. Estavam próximos de um portão na seção marinha da muralha quando encontraram o primeiro grupo de soldados otomanos.

Alguns cidadãos estavam encurralados em um beco, e os soldados correram na direção deles, gritando e brandindo espadas. Metade das pessoas foi morta antes de os soldados perceberem que não havia resistência e interromperem a carnificina. Para Radu, nada poderia ser mais aterrorizante do que ver pessoas desarmadas sendo executadas.

Mas então os soldados começaram a dividi-las entre si. Uma jovem, com as roupas já rasgadas, estava sendo disputada por dois homens.

– Eu vi primeiro! – um deles gritou.

– Ela é minha! Procure uma para você!

– Tem para todo mundo – o comandante falou, revistando as bolsas dos mortos.

Nem ao menos olhou para a menina enquanto os soldados arrancavam o que restava de suas roupas, discutindo sobre quem deveria ficar com ela e o quanto valeria. A menina olhou para Radu, com os olhos já vazios e mortos, apesar de seu corpo ainda estar vivo.

Se Radu tivesse alguma bondade, se não fosse um covarde, se valorizasse todas as vidas da mesma forma, arriscaria-se a atrair a atenção dos soldados

matando-a o quanto antes. Mas precisava salvar Nazira e Cipriano.

– Vamos – Radu murmurou. Eles voltaram para o caminho de onde tinham vindo.

No portão da praia estreita do Chifre, dois soldados gregos remanescentes hesitaram, sem saber se abriam ou não. Cipriano caminhou até eles sem deter o passo.

– Eles já estão na cidade – falou.

– Nós vamos expulsá-los! – Um soldado baixinho, mal saído da adolescência, entrou no caminho de Cipriano. – O anjo vai vir! Precisamos detê-los enquanto isso.

– Ele está com a chave? – Cipriano perguntou ao soldado alto e magro ao lado do garoto. O outro assentiu. Cipriano deu um murro no menino e arrancou a chave de seu colete. – A cidade caiu. Façam o que acharem melhor.

Aos prantos, o jovem soldado afastou-se com passos cambaleantes. O soldado alto e magro saiu pelo portão assim que Cipriano o destrancou. Eles o seguiram pela faixa estreita da praia rochosa paralela à muralha. Não havia nenhuma embarcação atracada por lá. Os navios venezianos ainda não tinham fugido, mas, pela movimentação a bordo, logo fariam isso. E, como Radu previu, vários galeões otomanos estavam à deriva não muito longe da terra firme, completamente abandonados. Alguém tinha atirado troncos ao mar, onde flutuavam às centenas, oscilando de leve ao sabor das ondas.

Não.

Troncos, não.

Radu viu um homem que conseguiu nadar até os navios venezianos tentar escalar o casco pela lateral. Um marinheiro no convés o empurrou de volta para o mar.

– Por quê? Por que não ajudar? – Nazira murmurou, cobrindo a boca com as mãos.

Cipriano encostou-se contra a muralha, revelando olheiras cinzentas como suas íris.

– Eles estão com medo da superlotação. Tem gente demais querendo entrar nos navios.

Valentim sacudiu a cabeça, incrédulo.

– Toda essa gente. Eles poderiam salvá-los.

Porém, muitos dos corpos na água tinham ferimentos que uma simples vara não poderia causar. Os otomanos devem ter chegado no mesmo momento que as pessoas que imaginaram que o Chifre poderia ser uma rota de escape. O tempo que demoraram para ir buscar Cipriano e Valentim provavelmente foi o que salvou a vida dos quatro.

– O que nós fazemos agora? – Nazira perguntou, virando-se para Radu.

– Você sabe nadar?

– Um pouco.

Ele olhou para Cipriano, que assentiu com a cabeça. Valentim também, observando a água repleta de cadáveres com uma exaustão resignada que não combinava com um rosto tão jovem.

– O galeão menor. Vamos remar até conseguir pegar vento. Quando içarmos as velas, podemos fugir.

– E depois? – Cipriano questionou.

– E depois continuar fugindo.

Os sinos da Hagia Sophia, mais graves e mais antigos que qualquer outro na cidade, começaram a ressoar. Radu lançou uma despedida silenciosa para a igreja. Valentim deu a mão para ele.

Foi quando Radu lembrou-se dos dois meninos pequenos. Ainda na igreja, onde ele os deixara. Vocês vão nos proteger, João dissera.

Radu olhou para Nazira, Valentim e Cipriano, e deu-se conta de que a balança jamais voltaria a pesar a seu favor. Mas isso ele podia fazer. Podia morrer tentando salvar dois garotos que não significavam nada para ele. Mas ao mesmo tempo significavam tudo.

– Eu vou ficar – Radu avisou.

– Quê? Não! – Nazira segurou a mão livre dele, puxando-o na direção da água. – Precisamos ir embora agora mesmo.

– Eu tenho que voltar.

Com os lábios trêmulos, Nazira concordou com a cabeça.

– Certo. Então vamos voltar.

Radu beijou a mão dela e a entregou a Cipriano.

– Mulher nenhuma está a salvo nesta cidade. Por hoje e pelos próximos três dias. Não posso permitir que alguma coisa aconteça com você. Foi uma promessa que fiz a Fatima. Precisa voltar para casa.

Nazira bateu o pé, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Precisamos voltar juntos.

– Você não pode voltar para a cidade. – Cipriano passou por Nazira, ignorando a mão dela e segurando a de Radu com uma intensidade avassaladora. – Você vai morrer.

– Eu sei onde estão João e Manuel. Posso salvá-los.

Cipriano parecia ter sido fulminado por um raio. Ele fechou os olhos e aproximou-se ainda mais, colando a testa à de Radu.

– O destino deles está nas mãos de Deus.

– Nunca estive nas mãos de Deus.

– Não, estava nas mãos do meu tio e de seu maldito orgulho. Foi ele que os matou, não você. Se ficar, Mehmed vai encontrá-lo e vai matá-lo.

O castigo final de Radu foi anunciado por um novo ressoar de sinos ali perto, duros e inclementes. Ele não deveria esperar misericórdia por nada do que fizera. Não havia como escapar, nem como manter nada do que gostaria. Radu apoiou o rosto ao de Cipriano por um breve e eterno instante.

– Ele não vai me matar – Radu murmurou.

Então se afastou e esforçou-se para encarar os olhos de Cipriano. Aqueles olhos que capturavam sua atenção mesmo quando Mehmed era o centro de seu mundo. Aqueles olhos que de alguma forma haviam se tornado o pilar da esperança de que talvez Radu pudesse encontrar o amor algum dia.

– Ele não vai me matar – Radu repetiu, à espera de que Cipriano entendesse. Os olhos de Cipriano desabaram como as muralhas ao redor.

Cipriano cambaleou para trás, sacudindo a cabeça.

– Durante todo esse tempo – sussurrou.

– Você vai mantê-la a salvo? – Radu perguntou.

Cipriano olhou para as rochas mais à frente, mudo e atordoado como quando sofreu um ferimento quase fatal.

– Você poderia ter fugido – ele disse por fim. – Não precisava me contar. Eu teria... Nós teríamos... nós teríamos sido felizes. Ou não?

Radu sabia o que Cipriano estava perguntando, e isso o teria aniquilado, caso já não tivesse perdido todas as esperanças.

– Eu não mereço a felicidade. – Os sinos da Hagia Sophia começaram a tocar com mais insistência. – O tempo de João e Manuel está se esgotando. Você ainda vai manter Nazira a salvo?

Uma única lágrima desceu pelo rosto de Cipriano. Ele não olhou para Radu. Mas assentiu.

– Eu vou.

Esse bem, portanto, Radu conseguira fazer. Não tinha quebrado todas as suas promessas. Nazira lançou-se para a frente e o abraçou com força.

– Você vai voltar para nós – ela murmurou em seu ouvido.

– Fique bem – Radu respondeu. Então, com o coração ainda mais apertado por saber que podia confiar em Cipriano mesmo naquele momento, voltou correndo para a cidade.

O chão estava escorregadio sob as botas de Radu. Ele caiu de quatro na rua. Quando se levantou, suas mãos estavam ensanguentadas. Não sentira nenhum corte, e não achava que tivesse caído com tanta força. Foi quando se deu conta de que o sangue não era resultado de sua queda, e, sim, sua causa. As ruas estavam cobertas de sangue.

Então ele acelerou o ritmo da corrida. Passou por soldados que tiravam das casas qualquer coisa que pudessem carregar. Passou por mulheres e crianças arrastadas aos berros de seus esconderijos. Ele correu, correu e correu. Fazia de tudo para não olhar, pois sabia que aquilo que visse ficaria marcado para sempre na memória.

Nesse dia, entendeu o verdadeiro custo da determinação irrefreável de dois homens. Testemunhou o que acontecia quando os homens eram forçados a lutar uns contra os outros durante meses. Não era apenas a doença do corpo que afetava os cercos, havia também a doença da alma que transformava homens em monstros.

Radu estava quase chegando à Hagia Sophia quando viu um menino caído no chão. Um soldado o colocou deitado de barriga para cima e abaixou-se

para abrir sua calça. Radu cortou a garganta do homem por trás.

Ele agachou-se e levantou o menino, e o que viu foi o rosto banhado em lágrimas de Amal.

– Por que você voltou para cá? – Radu questionou, chocado e desesperado.

Amal sacudiu a cabeça, incapaz de responder. Radu o levou consigo. Com seu turbante, suas roupas ensanguentadas e sua espada, ele misturava-se facilmente aos demais soldados que arrastavam coisas e pessoas pelas ruas.

Na praça diante da Hagia Sophia, os soldados que não queriam dividir os espólios faziam de tudo para assegurar seus tesouros. Crianças bonitas, de ambos os sexos, eram valorizadíssimas como escravas, assim como as moças jovens. Qualquer um que parecesse ter dinheiro também podia ser feito refém para futuros pedidos de resgate. Ao redor deles estavam os corpos das pessoas consideradas velhas ou doentes demais para ter algum valor.

Radu arrastou Amal até o coração da queda de Bizâncio, até o ponto central da profecia. Estava tudo profanado e arruinado. Não havia nada de sagrado naquela vitória. De fato Deus abandonara a cidade.

Deus não estava lá, mas Radu sim. E ainda tinha uma missão. Sua suspeita de que Mehmed mandaria homens para proteger a Hagia Sophia estava certa. Vários janízaros barravam a porta da igreja. Porém uma horda cada vez maior de tropas irregulares e outros soldados esbravejavam sobre seus direitos de pilhagem irrestrita por três dias. Os guardas e as grades não aguentariam por muito tempo. Se Radu não estivesse entre os primeiros a entrar, não queria nem pensar no que aconteceria com aqueles dois meninos pequenos e belíssimos. Ele costumava entrar pela porta lateral, mas havia soldados demais por perto para ele conseguir fazer alguma coisa às escondidas.

Ele abriu caminho pela turba até os janízaros. Um deles ergueu a espada para detê-lo, mas Radu a afastou com um gesto de impaciência.

– Você sabe que lugar é este? – questionou.

O janízaro hesitou.

– Temos ordens para manter a construção intacta. Mehmed não quer que nada seja queimado aqui.

– As pessoas mais ricas da cidade estão escondidas atrás dessas portas. Todo o ouro, a prata e as riquezas que nos prometeram estão atrás dessas portas. Não estamos aqui para queimar nada. – Ele começou a gritar: –

Estamos aqui para enriquecer com a fortuna desses malditos infiéis!

A turba atrás dele rugiu, aumentando a pressão sobre os janízaros, que perceberam que não tinham como garantir nada por ali e fugiram. O próprio Radu levantou a barra que mantinha as portas fechadas e as abriu. Os saqueadores foram recebidos com gritos e berros de desespero. A turba espalhou-se, procurando primeiro objetos de valor. Radu esquadrinhou os rostos, à procura dos dois que tinha ido buscar. Amal permanecia em seu encaixe.

Em um canto perto da escada que levava à galeria, Radu viu os dois meninos. Estavam na frente da ama com as costas eretas. Radu correu até lá, empurrando várias pessoas no caminho para ser o primeiro a chegar.

– Por favor. – A ama empurrou os dois meninos. – Me poupe. Eles são os herdeiros! Os herdeiros de Constantino. Posso dá-los a você. – Os meninos ergueram o queixo corajosamente.

Um homem cutucou Radu.

– Eles são seus? – perguntou, com a respiração pesada por cima do ombro dele.

– Os meninos são. Pode fazer o que quiser com a mulher. – Ele estendeu as mãos para os meninos e agachou-se para fazer contato visual. O reconhecimento ficou evidente no rosto deles. Manuel foi às lágrimas. João lançou-se para a frente e pendurou-se no pescoço de Radu.

– Vamos – Radu murmurou. – Não temos muito tempo. Sei que vocês dois são muito corajosos, mas finjam que estão com medo e que não querem ir comigo.

João o soltou e segurou a mão de Manuel. Com um gesto hesitante, Amal pegou a outra mão de João. Radu foi andando atrás dos meninos, direcionando-os para a escada.

– Por que vamos subir? – João sussurrou quando passavam pela galeria.

– Não temos como sair da cidade agora – Radu falou. – Eu vou esconder vocês.

Felizmente todos os demais tinham ficado no primeiro pavimento. Com a Hagia Sophia lotada, os soldados estavam ocupados capturando o máximo de gente que pudessem. Radu conduziu os meninos pelo corredor, e então para os conhecidos degraus que terminavam em um alçapão no telhado.

Uma vez lá em cima, Radu prendeu a espada junto à dobradiça do alçapão. A arma não resistiria a uma tentativa séria de arrombamento, mas duvidava de que algum homem atrás de espólios fosse procurar alguma coisa no telhado de uma basílica.

Ele manteve os meninos longe da beirada, onde poderiam ser vistos da rua, e de onde poderiam testemunhar o que acontecia. João e Manuel, pelo menos, vinham sendo poupados dessas imagens. Radu faria de tudo para que continuasse assim. Os quatro encontraram uma sombra e sentaram-se juntos. Cada um dos irmãos aninhou-se de um lado de Radu, e Amal encolheu-se entre suas pernas.

– Obrigado por nos salvar – disse João, todo trêmulo.

Radu olhou para o céu e fechou os olhos, porque não poderia aceitar aqueles agradecimentos. Eles não estavam salvos. Não havia como tirá-los de lá, sair da cidade sem que fossem notados. Só o que tinha feito era adiar o inevitável.

Mas, ao contrário de Radu, eles eram inocentes. Então ele os manteria vivos enquanto tivesse forças para respirar.

E ele rezou para que, em algum lugar fora da cidade, Cipriano fizesse o mesmo por Nazira.

*Fim de maio*

NAS SEMANAS POSTERIORES à sua ascensão ao trono, Lada passou o máximo de tempo possível fora do palácio. Estavam aguardando o fim de maio, quando todos os boiardos Danesti compareceriam a um banquete. A ansiedade da espera era um fardo. Toma encarregou-se de quase todo o planejamento, algo que a deixou ao mesmo tempo grata e irritada. Ela sabia que o apoio consistente dos boiardos era o que a manteria no trono, mas não tinha ideia de como consegui-lo. Se pelo menos pudesse contar com Radu...

Radu.

Ela havia recebido a notícia de que o cerco a Constantinopla estava em andamento. Onde andaria ele? Estaria seguro? De todas as mágoas que guardava de Mehmed, pôr a segurança de Radu em risco era a maior. Caso tivesse acontecido alguma coisa com seu irmão, ela jamais o perdoaria. Radu não era um sacrifício aceitável por cidade nenhuma.

Mesmo assim, Lada tinha sacrificado sua relação com ele para voltar. Mas a Valáquia era diferente. A Valáquia era sua. Era maior e mais importante que qualquer cidade. Além disso, ela não havia colocado Radu em nenhum grande perigo para isso. Somente o de deixá-lo com um homem que ele amava e que jamais retribuiria esse amor. E que colocaria Radu deliberadamente em perigo, sabendo que ele faria qualquer coisa para ter em troca algo que Mehmed nunca retribuiria.

Caso Radu tivesse sofrido alguma coisa, Lada o vingaria. Ela mataria Mehmed. Pensar nisso a fez se sentir um pouco melhor. Pois passava quase tanto tempo pensando em matar Mehmed quando gastava imaginando... outras coisas com ele.

Mas ela precisava de Radu. Ainda não sabia o que fazer a respeito dos boiardos. Alguns já estavam em Tirgoviste. Os que a apoiavam já tinham ido prestar seus respeitos, mas ela desconfiava de que fosse tudo fingimento, um

simulacro de respeito.

Muitas vezes ela passeava a cavalo pelas áreas mais pobres da cidade. Sempre acompanhada por seus homens, aqueles que conhecia, em quem confiava. Bogdan e Nicolae. Petru. Stefan, caso pudesse ser encontrado, e outros de seus antigos janízaros quando necessário. Ela justificava-se dizendo que os recém-incorporados a suas tropas não eram tão bem treinados, mas a verdade era que se sentia mais à vontade entre janízaros do que com valáquios. Essa preferência a enchia de culpa, mas Lada pelo menos podia argumentar para si mesma que seus janízaros eram antes de tudo valáquios. Assim como ela.

Naquela incursão pela cidade, eles pararam em um poço para beber água. Lada percebeu que nenhum dos poços da cidade tinha copos ou conchas. Muitos não tinham nem ao menos baldes para tirar água. Sua bolsa balançava a seu lado, produzindo um ruído metálico.

– Por que não tem um copo aqui? – Lada perguntou, projetando a voz para que todos ouvissem.

Uma menina pequena, cuja curiosidade era maior que a preocupação dos demais, chegou mais perto.

– Não tem copo, príncipe. – Ela abriu um sorriso tímido ao referir-se a ela pelo título, claramente se divertindo com a ideia de chamar uma garota assim.
– As pessoas sempre levam embora.

Lada franziu a testa.

– Vocês não conseguem nem manter um copo aqui para o bem de todos?

A menina fez que não com a cabeça. Lada sabia. E contava com isso. Virando-se para os homens que a acompanhavam, ela falou bem alto para que as pessoas ao redor pudessem ouvir:

– Interroguem todo mundo. Descubram quem são os ladrões. O povo que bebe água com medo de ser roubado não tem como prosperar.

– E o que fazemos com aqueles que encontrarmos? – Bogdan perguntou.

Lada apontou com o queixo para o castelo.

– Eles podem ser levados para o pátio para fazer companhia ao soldado que representa a desonestidade e o príncipe impostor que representa o roubo.

Havia filas constantes de cidadãos que iam olhar os corpos empalados.

Lada sabia que a notícia sobre o destino do príncipe e o castigo imposto ao soldado espalhara-se por toda Tirgoviste. Foi a coisa certa a fazer.

Ela afastou a imagem do soldado de seus pensamentos. Estava misturada com o apodrecimento de Mircea, com seu rosto coberto de terra, arregalando os olhos para ela como uma acusação.

Lada estava fazendo a coisa certa.

– Parece meio exagerado – Nicolae disse em um tom baixo. Ele chegou mais perto para que ninguém escutasse. – Essas pessoas são pobres. Não têm nada na vida.

Lada ergueu uma sobrancelha.

– Agora têm a mim. E precisam saber que as coisas mudaram. – Ela enfiou a mão na bolsa e tirou de lá de dentro um dos dez copos de prata que levava. Os tesouros do castelo eram escassos e deprimentes como todo o resto na cidade. Mas ela não tinha serventia para coisas elegantes. Ali aqueles objetos teriam um propósito.

Tinham atraído uma grande multidão, pessoas interessadas em ver o novo príncipe e cochichar a respeito de sua ascensão e de suas promessas. Lada ergueu o copo no ar.

– Isto pertence ao meu tesouro. Minha riqueza é a sua riqueza. Estou dando um copo para seu poço. – As pessoas trocaram exclamações de susto e murmúrios de curiosidade e deboche entre si. Lada sorriu. – O copo pertence a todos. É responsabilidade de cada um. Não vou tolerar roubo na minha terra, nem pessoas que escondem ladrões.

Os murmúrios tornaram-se mais altos. Lada ergueu a mão para silenciá-los.

– O roubo não floresce em um país que o corta pela raiz, e sem perdão. Os ladrões prosperam aqui porque vocês permitem, e isso os torna cúmplices. Estou cansada de ver uma Valáquia fraca. Somos melhores que isso. Juntos, somos mais fortes que qualquer coisa. Somos mais fortes que qualquer um.

Houve mais acenos de cabeça que resmungos dessa vez. Lada escancarou o sorriso.

– O copo vai ficar aqui no poço. – Ela o entregou à garotinha, que o apanhou com reverência. – É responsabilidade de todos garantir que permaneça em segurança para servir à comunidade. – O sorriso de Lada tornou-se afiado e frio como aço. – Eu vou voltar mais tarde para ver. Espero

que esteja aqui da próxima vez que eu quiser beber água.

Não havia como negar o tom de ameaça em suas palavras e em seus olhos. Ela notou quando as pessoas se deram contas. Algumas receberam o recado com medo. Outras endireitaram a postura e assentiram, com uma determinação que não passou despercebida.

Enquanto se afastavam, Nicolae aproximou-se mais uma vez.

– Isso foi... dramático.

Lada virou-se para ele, irritada:

– Cuidado com o que diz, Nicolae.

– Você sabe que o copo vai ser roubado.

– Não vai, não.

– O que vai fazer se roubarem?

– Vou transformar em exemplo.

Nicolae fechou a cara, e sua cicatriz encolheu-se toda entre suas sobrancelhas.

– Você não tem como arrumar o país inteiro em poucos dias, Lada. Isso leva tempo.

– Você sabe qual é o tempo médio do reinado de um príncipe? Nós não temos tempo. Preciso mudar as coisas agora.

– Se está tão certa assim de que não temos tempo, por que se dar ao trabalho? Outra pessoa vai vir e desfazer tudo o que você fizer.

Lada sacudiu negativamente a cabeça, segurando com força as rédeas. Ela pensou em Mehmed e em seu planejamento meticuloso. Ele tomara o poder e imediatamente certificou-se de que a estrutura de seu império estivesse enxuta, eficiente e segura. Sabia que tudo precisaria estar em ordem dentro de casa se quisesse expandir seus domínios.

Lada não queria expandir nada. Mas precisava criar um ambiente seguro se quisesse ser capaz de defender a Valáquia e seu trono. Se pudesse transformar o país em um lugar estável para as pessoas comuns, elas seriam suas. Lada não entendia as sutilezas e as maquinacões dos boiardos. Mas compreendia muito bem como pôr em prática uma justiça rápida e confiável. E seu povo também saberia.

– Tudo precisa mudar para que eu possa ter tempo. As coisas não podem continuar como sempre foram. E a única maneira que eu conheço de mudar tudo é com promessas cumpridas ao pé da letra.

Ela fechou os olhos e lembrou-se de todas as lições que aprendera com seus primeiros tutores otomanos. O jardineiro-chefe. As prisões. Os corpos pendurados para que todos pudessem ver os criminosos e aprender com seus castigos. Se era disso que seu país precisava para se tornar próspero, era isso que ele teria.

Misericórdia e paciência estavam fora de questão, pelo menos para ela. O sangue de alguns regaria a terra para o benefício de muitos. Algumas vidas valem mais do que outras, pensou. De quantas mortes precisamos antes que a balança fique contra nós?, Radu murmurou de volta.

Eles encontraram os depósitos de vinho do castelo. Nicolae mostrou onde ficava, sem nenhum traço do habitual bom humor.

– Vamos vender? – questionou. – Ou guardar para quando os boiardos vierem?

Lada olhou para os barris. Eles tinham passado por muita coisa para ela chegar ao trono e, agora que estavam lá, nada vinha saindo conforme deveria. Ela estava cansada de se controlar o tempo todo, de se preocupar o tempo todo, de esperar o tempo todo. Estava cansada de tomar decisões difíceis e depois se questionar se fizera a coisa certa.

– Não – falou, sorrindo para o amigo. – Vamos ficar muito, muito bêbados.

Pela primeira vez desde que chegaram, o sorriso de Nicolae foi idêntico àquele que a recebera tantos anos antes no campo de treinamento dos janízaros em Amásia. Com Stefan, Petru, Bogdan e mais alguns dos janízaros mais antigos de Lada, arrastaram os barris até uma das torres. Era a mesma torre em que Lada, com Radu a seu lado, vira Hunyadi entrar na cidade montado em seu cavalo. Aquele dia representou o fim da vida que ela conhecia até então. Estava na hora de marcar o início da vida como ela exigia que fosse.

Lada limpou a garganta, com um copo cheio de líquido azedo.

– Eu queria agradecer vocês, que cavalgaram ao meu lado e permaneceram comigo. Nós vencemos.

Nicolae vibrou, erguendo o copo bem alto e derrubando vinho no braço de Petru, que deu risada, lambeu a bebida e deu um soco em Nicolae, que derrubou ainda mais vinho. Stefan quase sorriu para ela, o que deixou Lada envergonhada com aquela manifestação tão efusiva.

Bogdan lançou para ela um olhar cheio de significado. Ela ergueu o copo para evitá-lo e bebeu um gole enorme. Não sabia como se sentir a respeito dele, mas era óbvio que o sentimento dele era mais forte. Mais duradouro. Mais profundo. Mais verdadeiro. Isso a tornava poderosíssima, e ela não iria abrir mão desse poder.

Quanto mais bebiam, mais escandalosos tornavam-se. Todos tinham histórias para contar, a maioria sobre Lada e as coisas absurdas que fizera.

– Lembram quando estávamos perto de Sighisoara, aquela cabra que eu encontrei? – Nicolae perguntou.

– Sim! Aquele bicho era tão ruim que o leite saía azedo. Mas pelo menos a gente tinha leite.

Nicolae inclinou a cabeça para o lado, com a cicatriz enrugada quando o rosto abriu-se em um sorriso de alegria.

– Eu não roubei, como disse que tinha feito. Bom, não exatamente. Mas acho que no fim foi roubo, sim.

Lada sabia que ele queria que ela exigisse saber a história verdadeira. Em geral evitaria perguntar só para provocá-lo, mas estava alegre e animada demais para fingir desinteresse.

– O que aconteceu de verdade?

– Lembra aquele camponês velho que encontramos naquele dia? Aquele com as...

– As unhas compridas! – Lada complementou, enfim se lembrando.

Não era uma coisa que se destacasse entre suas recordações daqueles dias. Mas aquele homem tinha unhas que eram quase tão longas quanto os dedos, todas distorcidas, amareladas e lascadas. Tinha se oferecido para vender comida para as tropas, mas ela não conseguia desviar os olhos daquelas unhas e imaginar o gosto da comida que fosse tocada por elas. Eles seguiram viagem e acamparam ali perto.

– Sim! Eu topei com ele quando estava caçando. Ele tinha uma cabra de que não precisava mais.

– Então deu para você? – Petru questionou.

Nicolae fez que não com a cabeça, escancarando ainda mais o sorriso.

– Ele não precisava da cabra, mas andava precisando de uma... esposa.

– Não – Lada falou, enfim entendendo onde aquela história iria acabar.

– Sim! – Nicolae dobrou-se de tanto rir. – Eu vendi você para ele! Por uma cabra! Disse que levaria a cabra para o acampamento e prepararia você para ser noiva dele!

Lada estremeceu ao se imaginar sendo tocada por aquelas mãos.

– Se eu tivesse ficado sabendo, teria enfiado a minha faca no seu peito.

– Foi por isso que nunca contei. Eu me lembro dele às vezes, olhando pela janela da cabana, ainda na esperança de que um dia sua noiva vá aparecer.

– Não acredito que você me vendeu em troca de uma cabra.

Bogdan bufou, indignado.

– Lada vale mais que todas as cabras do mundo.

Ela sabia que a intenção dele era boa, mas preferia não ter seu valor determinado em termos de cabras.

– Próxima história – ela disse, jogando o copo vazio em Nicolae, que se abaixou bem a tempo. O vidro espatifou-se contra a parede de pedra da torre.

Nicolae encheu o copo de Bogdan.

– Como ela era quando criança?

– Menor – Bogdan respondeu.

Lada riu tanto que seu estômago até doeu.

– Conta para eles sobre a vez em que Radu... – Ela se interrompeu, porque dizer o nome dele, trazê-lo para aquele espaço, fazia com que se desse conta de que não trocaria nenhum daqueles homens, seus soldados, seus amigos, pela presença de seu irmão.

Nicolae preencheu o silêncio que se seguiu contando sobre as ofensas que ela gritou para os janízaros no bosque para criar uma distração e desviar a atenção deles das forças de Hunyadi. Mas logo as histórias sobre o último ano esgotaram-se. Quando enfim tiveram que desenterrar as lembranças acontecidas no Império Otomano, todos ficaram em silêncio.

Era o lugar que todos haviam deixado para trás, mas que levariam consigo para onde quer que fossem. Representava o que tinham aprendido. O que tinham feito. O que tinham perdido. Lada sabia que era esse o motivo por que aqueles eram os homens com quem guardava maior proximidade. Não porque eram mais bem treinados, e, sim, porque haviam sido forjados no mesmo fogo. Só eles entendiam como era odiar o país que os moldara, apesar da gratidão que também sentiam por isso.

Lada olhou para o espaço ao lado dela, em que caberia Radu. Em seguida, olhou para as estrelas, que começavam a despontar no céu.

– Nós nunca vamos voltar para os otomanos – falou ela.

– Eles vão vir atrás de nós – Bogdan disse. – Sempre vêm.

Mehmed não viria. Ela deixara bem claro o que faria caso viesse. Mas naquele momento, atordoada e amolecida pelo vinho, Lada duvidava que cumpriria a ameaça. Se ele viesse, talvez não o matasse. Ninguém provocava nela as mesmas sensações que Mehmed. Ele atormentava seus sonhos. Se viesse até lá, ela o obrigaria a fazer as coisas que Bogdan não conseguia.

E só então o mataria, caso ainda quisesse.

– Que venham – falou ela. – Vou beber o sangue deles e dançar em cima dos cadáveres.

Petru ergueu seu copo.

– Um brinde a isso!

Nicolae ficou observando o horizonte, com a testa franzida.

– Ou eu estou muito mais bêbado do que imaginava, ou tem alguma coisa errada com a lua.

Lada estava prestes a dizer para ele parar de criticar a coitada da lua quando se deu conta de que Nicolae estava certo. A lua estava quase cheia na noite anterior. Mas naquele momento estava em um crescente estreito, quase invisível. O restante coberto por um vermelho escuríssimo.

– Vocês estão vendo, né? – Nicolae perguntou.

– Parece sangue – Petru sussurrou.

Eles ficaram sentados na torre, observando a lua em silêncio. Lada perguntou-se o que aquilo poderia significar, o fato de a noite que escolhera para marcar o início de sua nova vida ser banhada pela luz de uma lua

manchada de sangue.



29 de maio a 12 de junho

N AQUELA NOITE, COM OS meninos dormindo aninhados uns aos outros como cachorrinhos, Radu foi até a beirada do telhado para observar. Dava para ver pela atividade em várias vizinhanças que alguma coisa estava mudando. Tinha alguém vindo.

Mehmed.

Mas Radu não sentia isso como costumava acontecer, quando Mehmed parecia fazer uma energia correr por seu corpo atraindo-o na direção dele. Ele só sabia da presença dele agora porque vira o efeito que o sultão causava sobre os outros. Os soldados circulavam pelas ruas, abrindo caminho e arrastando os corpos para as sarjetas.

Por fim, Radu conseguiu vê-lo. Mehmed cavalgava ereto e orgulhoso pela cidade, com sua montaria desviando de tempos em tempos de algum cadáver ainda não recolhido. Talvez Mehmed não estivesse com as costas retíssimas por orgulho, e, sim, por tensão e repulsa. Sua entrada triunfal na cidade de seus sonhos foi pavimentada por corpos e decorada pela morte.

Mehmed encaminhava-se lentamente para a Hagia Sophia, e Radu ficou perguntando-se o que fazer. Descer e apelar para a misericórdia de Mehmed? Esperar e tentar tirar os meninos da cidade quando as coisas se acalmassem? Procurar Cipriano e Nazira e viver uma fantasia em que todos pudessem perdoar e esquecer tudo o que fizeram e viram?

Enojado e exausto, Radu preferiu dormir. Quando passou pelo alçapão, viu sua espada jogada de lado. O pânico comprimiu seu peito, e ele correu até onde deixara os meninos. Manuel e João ainda estavam lá, em um sono profundo.

Amal tinha ido embora.

Radu não falara com Amal, não lhe dera nenhuma instrução. Mas não foi

ele quem mandou Amal até lá. Radu enfim sentiu sua ligação com Mehmed voltar, e encaminhou-se de novo com passos lentos à beirada do telhado.

Mehmed estava na praça. Os soldados presentes ergueram as espadas, vibrando e gritando, louvando a Deus e a Mehmed. Então um menino passou correndo entre eles, diretamente na direção do cavalo de Mehmed. Os guardas do sultão bloquearam seu caminho, mas Mehmed os afastou com um gesto de mão.

Amal apontou, e Mehmed levantou a cabeça e viu Radu. Mehmed sorriu, uma expressão de alívio e alegria iluminou seu rosto. Houve um tempo em que Radu daria qualquer coisa em troca de um olhar como esse de Mehmed. Agora que já tinha feito isso, percebeu que ainda se sentia vazio do mesmo jeito. Sem dúvida nenhuma, Amal contara sobre os herdeiros também. Radu não conseguiria escondê-los de Mehmed. Tinha salvado os meninos para nada. Eles teriam o mesmo destino do meio-irmão mais novo de Mehmed, sacrificado em benefício da segurança dele no futuro.

Radu tinha que fazer com eles o que não fez com Constantino. Deveria ir até lá e matar os dois de forma indolor durante o sono.

Em vez disso, abaixou a cabeça e chorou.

Pequenas fogueiras iluminavam a cidade com um brilho festivo quando, algum tempo depois, o alçapão abriu-se. Radu não se virou quando Mehmed sentou-se a seu lado, ombro a ombro.

– Fico feliz que esteja aqui – Mehmed falou.

Radu abriu um sorriso amargo.

– Pelo menos alguém aqui está feliz.

– As bandeiras no palácio... aquilo foi brilhante.

Radu tentou pensar em si mesmo antes daquela estadia em Constantinopla, no quanto aquela pessoa ficaria eufórica em um momento como aquele. No quanto transbordaria de alegria e orgulho pelo reconhecimento de Mehmed, por ser realmente notado. Por ser o Dracul mais valioso.

Ele não conseguiu responder.

Mehmed pôs a mão no ombro de Radu. Seu toque pareceu frio.

– Você reverteu a maré. Viu exatamente o que precisava ser feito, e foi lá e

fez. Como sempre, aliás, meu amigo mais querido e verdadeiro.

Diversos homens subiram no telhado atrás dele, trazendo lampiões que produziam sombras enormes.

– Onde estão os herdeiros? – Mehmed perguntou, ficando de pé e oferecendo a mão a Radu.

Radu não aceitou a oferta.

– O que você vai fazer com eles?

– Tirá-los deste telhado, para começo de conversa. Aqui não é lugar para crianças.

Radu ergueu a cabeça para olhar para Mehmed, erguendo uma sobrancelha.

– E lá embaixo é?

A expressão de Mehmed foi da incerteza à raiva.

– Onde eles estão, Radu?

Radu ficou de pé sozinho e atravessou o telhado até o local onde os meninos dormiam. Mehmed fez um gesto com a mão, e um dos homens entregou-lhe um saco. Ele enfiou a mão lá dentro e, para alívio de Radu, sacou um pedaço de pão e um cantil de couro. Mehmed ajoelhou-se diante dos meninos, que estavam se sentando, piscando contra a luz do lampião.

– Olá. – Mehmed usou um tom de voz suave ao oferecer o pão, falando em grego. – Devem estar com fome e com sede depois de passar o dia todo aqui. Foi muita esperteza ficar fora do caminho. Vocês são meninos muito inteligentes.

Manuel ergueu os olhos e, quando encontrou Radu, suas sobrancelhas se franziram de preocupação. João também procurou por Radu, que exauriu todas as suas energias para abrir um sorriso tranquilizador para os dois. Ele ficou em dúvida, mas aquele sorriso pode ter sido a maior falsidade que havia cometido na vida.

João estendeu a mão, pegou o pão e o passou para Manuel.

– Obrigado.

Mehmed sentou-se diante dos meninos, passando o cantil depois de dar um gole na água.

– João, certo? E Manuel?

Os meninos assentiram, ainda desconfiados.

– Que bom que encontrei vocês. Mandeí meu amigo Radu para cá para garantir sua segurança. – Mehmed sorriu para Radu, que desviou os olhos, incapaz de participar da encenação. – Nossa cidade está sofrendo, sabem? Preciso da ajuda de vocês. Quero reconstruir Constantinopla, para que se torne a cidade que sempre deveria ter sido. Para honrar o passado e construir um futuro glorioso. Vocês me ajudam a fazer isso?

João e Manuel entreolharam-se, e João assentiu com a cabeça. Manuel fez o mesmo, balançando o queixo com entusiasmo. Mehmed bateu palmas.

– Ah, obrigado! Fico feliz de ter vocês do meu lado. – Ele ficou de pé e estendeu a mão para ajudá-los a se levantar. Os dois aceitaram a oferta, sorrindo para o novo salvador.

Radu sabia exatamente como eles estavam se sentindo. Sabia o quanto ambos deviam idolatrar Mehmed naquele momento, por aparecer no meio da escuridão para salvá-los das trevas. Radu tinha sido como eles, muitos anos antes. E desejava ser capaz de aceitar a mão de Mehmed com a mesma sensação de alívio de antes.

Mehmed entregou os meninos a seus guardas, com a promessa de que os veria de novo depois que descansassem em segurança em uma cama de verdade. Radu voltou para a beirada do telhado. O amanhecer já estava próximo. As horas ali pareciam passar de um jeito todo errado: algumas se arrastavam e davam a impressão de durar dias, enquanto outras simplesmente escapavam por entre os dedos.

Mehmed foi de novo até ele.

– Eles estão mesmo a salvo? – Radu questionou.

– Por que você me perguntaria isso? – Mehmed rebateu, inco-modado.

– Isso não responde à minha pergunta.

– Claro que estão a salvo. Eles vão se juntar a mim no meu lar. Vão ter os melhores tutores e ser criados para participar do meu império. A cidade é minha agora, e eles são parte dela. Nunca foi minha vontade destruir Constantinopla, nem o que existe aqui dentro.

– Nem sempre conseguimos o que queremos.

Lado a lado com Mehmed, porém mais distante do que nunca, Radu viu o sol se levantar sobre a cidade destruída. Ele remexeu-se ao lado de Mehmed.

Em vez de orgulho, uma lenta expressão de desespero foi brotando nas amadas feições do sultão. O que ele buscara por tanto tempo para ser a joia de seu império enfim estava a seus pés em toda sua glória moribunda e decadente. Mesmo sem a pilhagem, a cidade estava devastada fazia gerações.

Olhando para ela, talvez Mehmed visse o que o legado que iniciava se transformaria no final. Não importa o que fizesse, não importa o que construísse a partir dali, a cidade mais importante do mundo era uma prova irrefutável da mortalidade de todas as coisas.

– Pensei que fosse ser diferente – Mehmed comentou, com a melancolia agarrando-se a suas palavras. Ele apoiou-se em Radu, enfim proporcionando o tão esperado contato.

– Eu também – Radu murmurou.

Depois de um único dia, em vez dos tradicionais três, Mehmed determinou o fim da destruição. Expulsou os soldados da cidade e os mandou para o acampamento para dividir os espólios e deixar o que restou da cidade em paz. O acampamento precisou ser ampliado para receber os quase quarenta mil cidadãos capturados para serem vendidos como escravos ou devolvidos mediante o pagamento de resgates.

A maior parte das igrejas havia sido protegida pelos guardas enviados por Mehmed, e os incêndios provocados já estavam em sua maioria extintos. Mehmed matou pessoalmente um soldado surpreendido arrancando lajes do piso de mármore da Hagia Sophia. Em seguida, trouxe seus próprios clérigos, e a joia da religião ortodoxa foi convertida de forma sutil e respeitosa em uma mesquita.

Orhan morreu na defesa de sua torre, assim como todos os homens que tentaram manter sua posição. Em outra torre, porém, a luta foi tão longa e feroz que Mehmed interviu e garantiu aos soldados uma retirada em segurança da cidade.

Duas comunidades em Constantinopla sobreviveram intactas. Uma era uma fortificação dentro da cidade, que negociou seus próprios termos de rendição; a outra era a minúscula colônia judaica. Mehmed reuniu-se com as lideranças locais e solicitou que escrevessem a seus parentes na Espanha convidando os refugiados judeus a imigrar e construir seu próprio bairro dentro da cidade. Chegou inclusive a oferecer a construção de novas sinagogas.

Quando os soldados voltaram ao acampamento, espalhou-se a notícia de que todos os cidadãos que não foram capturados receberiam anistia. Movidos pela esperança, pela fome ou pela total exaustão, pouco a pouco os sobreviventes apareceram.

Mehmed prometeu construir uma cidade melhor, e Radu sabia que era verdade.

Ele simplesmente não conseguia admitir o preço que foi pago para que chegassem a esse ponto.

Nos dias que se seguiram à conquista, Radu vagou pelas ruas, atordoado, ouvindo conversas em turco em vez de grego, e sentindo falta do antigo idioma da cidade. Foi várias vezes até a porta da casa de Cipriano, mas não teve forças para entrar. Não seria a mesma coisa. Ele jamais voltaria a encontrar Cipriano, que com certeza não iria querer vê-lo de novo. Não depois do que ele fizera.

Em uma cidade cheia de mortos, onde dezenas de milhares de pessoas sofriam destinos terríveis do lado de fora das muralhas, Radu sabia que era absurdo lamentar o fim de sua relação com Cipriano. Mesmo assim, era inevitável.

Kumal encontrou-o, sentado do lado de fora da Hagia Sophia. Seu velho amigo foi correndo abraçá-lo, chorando de alegria. Então olhou ao redor.

– Onde está minha irmã?

Radu sentiu-se morto por dentro quando respondeu:

– Eu não sei.

Kumal sentou-se pesadamente ao lado de Radu.

– Ela está...?

– Eu a tirei da cidade de barco, junto com um amigo confiável. Mas não sei se conseguiram fugir, e para onde foram caso tenha conseguido. – Ele perguntara sobre o barco, mas não recebera nenhuma notícia concreta de seu destino. Sua única esperança era a de que, quando a notícia de que Constantinopla estava aberta a refugiados cristãos e cidadãos otomanos se espalhasse, Nazira fosse voltar.

– Deus vai protegê-la. – Kumal apertou a mão de Radu. – Nós cumprimos as palavras do Profeta, que a paz esteja com eles. O que ela fez por nós não vai ser esquecido, e nem deixar de ser recompensado por Deus.

– Como você pode dizer isso? Como pode ter tanta certeza de que fez a coisa certa? Não viu o quanto isso custou? Não estava na mesma batalha que eu?

O sorriso gentil de Kumal estava tristonho.

– Eu tenho fé porque preciso. Em tempos como estes, é só em Deus que encontramos conforto e sentido para a vida.

Radu sacudiu negativamente a cabeça.

– Para meu desespero, minha estadia aqui me custou até isso. Não sei como viver em um mundo em que todo mundo está certo e errado ao mesmo tempo. Constantino era um homem bom, e também um tolo que custou muitas vidas ao seu povo. Eu amo Mehmed do fundo do coração desde criança, e sempre quis entrar nesta cidade de forma triunfal ao lado dele. Mas, agora que estamos aqui, não consigo olhar para ele sem ouvir os gritos dos mortos, sem ver o sangue que mancha as minhas mãos. Nazira e eu... nós comemos, sonhamos, caminhamos e sangramos com as pessoas daqui. E agora elas não estão mais aqui, e, sim, o meu povo, mas eu não sei mais quem sou.

Kumal não disse nada, apenas abraçou Radu enquanto ele chorava.

– Espere o tempo passar – Kumal murmurou. – No fim, vai ficar tudo certo. Todas essas experiências vão ensinar a você novas maneiras de servir a Deus na Terra.

Radu não entendia como isso seria possível. Seu amor por Kumal só cresceu por ele tentar confortá-lo e orientá-lo, porém Radu não era mais um garotinho perdido em uma cidade desconhecida. Era um homem perdido em uma cidade antiga em frangalhos, e não havia oração ou caridade que pudesse desfazer o que tinha sido feito.

Duas semanas depois da queda da cidade, Mehmed chamou Radu ao palácio. Ele estabelecera uma residência temporária por lá, já dando início à construção do que seria seu grande palácio. Um lar para rivalizar com todos os outros, um refúgio contra o mundo.

Radu passou por uma mulher no corredor.

– Radu?

Ele piscou algumas vezes para ajustar o foco dos olhos.

– Urbana? Pensei que você tivesse morrido!

Metade do rosto dela estava coberto por novas cicatrizes, mas ela sorriu.

– Não. E fiquei com as forjas de Constantinopla, no fim das contas. Eu venci!

Radu tentou contagiar-se pela felicidade dela, mas era um esforço grande demais.

– Fico contente por você.

– Fique à vontade para ir me ajudar quando quiser. – Ela deu um tapinha em seu braço, com um ar distraído, sem dúvida já planejando o próximo canhão. Radu observou quando ela afastou-se, contente por tê-la encontrado viva.

Em seguida, deparou-se com outros dois rostos familiares. Aron e Andrei Danesti.

– Radu – Andrei falou. – Agora eu reconheço você.

Radu não se deu ao trabalho de fazer medidas nem demonstrar respeito. Estava cansado demais para se deixar levar por fingimentos.

– Pois é.

– Que bom ver você – Aron falou. – Quer comer conosco mais tarde?

– Isso é mesmo um convite ou só quer alguma coisa de mim?

A expressão e a voz de Aron continuaram amenas:

– Só a companhia de alguém que fala valáquio e entende em alguma medida o que passamos nos últimos meses. E quero me desculpar pelo que fizemos na juventude. Nós éramos cruéis. Não há como justificar. Mas faz bem para o meu coração ver o homem que você se tornou. Gostaria de conhecê-lo melhor.

Radu também gostaria de se conhecer melhor. Estava se sentindo um estranho em sua própria pele. Com um suspiro, assentiu.

– Mande avisar quando quiser que eu vá.

Andrei fez que sim com a cabeça, e Aron apertou a mão de Radu. Não havia mais ninguém entre ele e o recinto onde estava Mehmed.

– Ah, Radu! – Mehmed levantou-se quando Radu entrou, e deu-lhe um abraço. Radu notou que eles estavam a sós. Não havia guardas, nem o homem do banquinho.

– Em que posso servi-lo, meu sultão?

Mehmed inclinou-se para trás, franzindo a testa.

– Seu sultão? É só isso que sou para você?

Radu esfregou os olhos.

– Não sei. Perdão, Mehmed. Estou cansado, e passei tanto tempo fingindo que não sei mais o que sou, nem para quem.

Mehmed pegou Radu pela mão e o fez se sentar na cadeira.

– Bom, em parte é por isso que está aqui hoje. Eu sei quem você é, e preciso de um título que reflita isso. Que tal Radu Paxá? – Mehmed sorriu. Ele estava oficializando a posição de Radu como uma pessoa importante para o império.

Antes que pudesse pensar no que estava dizendo, Radu respondeu:

– Pensei que eu fosse conhecido como Radu, o Belo.

Uma sombra instalou-se sobre o rosto de Mehmed, que imediatamente desviou o olhar, confirmando tudo. Mehmed sabia dos boatos, e não dissera nada a Radu.

– Foi por isso que você me mandou embora? Para acabar com os rumores sobre nós?

– Não! Eu não mandei você embora. Para mim, nós dois continuamos sempre próximos. Todos os dias eu olhava para a cidade e pensava em você, desejando que estivesse bem, sempre preocupado. Eu lamento pela sua estadia tão terrível. Logo vai parecer só um sonho.

– Não foi assim tão terrível – Radu falou. A expressão de Mehmed adquiriu um ar tão casual que era impossível acreditar na inocência da pergunta que fez em seguida.

– Está falando do embaixador? Ele gostou muito de você. Deu para ver isso em Edirne.

Com o estômago embrulhado, Radu percebeu que Mehmed estava fazendo insinuações para tentar descobrir se Radu gostava de Cipriano da mesma forma. Isso significava que Mehmed sabia que Radu tinha por homens sentimentos que deveriam ser direcionados a mulheres.

Isso significava que não havia como Mehmed não saber dos sentimentos que Radu alimentou por ele durante todos aqueles anos.

A vergonha borbulhou dentro dele, mas acompanhada de outro sentimento também. Radu se sentia... usado. Se Mehmed sabia durante todo esse tempo e nunca tocou no assunto, nem mesmo para dizer a Radu que era impossível... Nazira dissera que Mehmed nunca deixava de se aproveitar de uma vantagem. E ter um amigo tão apaixonado que faria qualquer coisa por ele com certeza era muito útil para qualquer líder.

Mas, mesmo estando furioso e magoado, Radu não conseguia encarar Mehmed sem amor. Ele ainda era Mehmed, seu Mehmed, seu amigo de mais longa data. E, apesar de tudo, Radu não abriria mão dele. Radu fizera sua escolha. Decidira ajudar Mehmed, às custas de uma cidade inteira.

Mehmed sorriu, e iluminou o recinto como o brilho do sol. Nazira tinha razão. Mehmed era mais que um homem, mas também era menos. Era o maior líder surgido em várias gerações, um homem brilhante, que os outros homens seguiriam até a morte.

E, por causa disso, como Constantino, era um homem que deixaria um rastro de morte atrás de si para espalhar a grandeza ao seu redor.

– Tenho uma surpresa para você – Mehmed falou, com os olhos brilhando.

Radu sentiu uma última fagulha sombria de esperança de que finalmente pudesse ter o que queria. Eles tinham se reencontrado. A cidade agora era de Mehmed, e graças a Radu. Ambos sabiam quais eram os sentimentos de Radu. Talvez, se pudesse ter Mehmed, Radu conseguisse se esquecer de tudo que lhe custou chegar àquele momento. E, da mesma forma, Mehmed poderia esquecer o que lhe custou a conquista de Constantinopla, agora que a cidade era sua.

Radu inclinou-se para a frente. Mehmed virou-se, batendo as mãos. Um guarda abriu a porta.

– Pode trazê-lo! – Mehmed falou, com a alegria estampada no rosto e na voz.

Halil Vizir entrou, e sob a bainha da túnica era possível notar que seus joelhos tremiam. Ele fez uma medida profunda.

– Como posso servi-lo, meu sultão?

– Não mais um mero sultão. O César de Roma. Imperador. A mão de Deus na Terra.

A medida de Halil aprofundou-se ainda mais.

– Tudo isso e muito mais, por direito.

Mehmed deu uma piscadinha para Radu e começou a andar em círculos em torno de Halil, cercando-o como um felino em volta da presa.

– Você perguntou como pode me servir. Tive uma ideia. Quero um membro da sua família para meu harém.

Halil endireitou a postura, engolindo em seco com tanta força que Radu até ouviu. Mesmo agora era possível ver as maquinacões que passavam pela cabeça do homem. Ele assentiu com um gesto cheio de ansiedade.

– Eu tenho duas filhas, ambas lindas, e...

– Não – retrucou Mehmed, erguendo a mão. – Não esse harém. O outro.

Halil empalideceu.

– Não entendi.

– Entendeu, sim. Meu outro harém. Aquele que você fez tanta questão de espalhar para as pessoas que eu tinha. Aquele em que eu coloco filhos, e não filhas. Ouvi falar muito desse harém. Você não, Radu?

Radu alimentara por muito tempo seu ódio por aquele sujeito detestável que agora tremia no centro do recinto. Dedicou muito tempo à tarefa de derrotá-lo, participando de um jogo em que Halil era a aranha e Radu fazia o papel do amigo corajoso que mantinha Mehmed a salvo da teia. Mas agora, enfim testemunhando a derrocada de Halil, Radu não sentiu prazer nem triunfo.

– Halil Vizir – Mehmed falou, sem esperar pela resposta de Radu –, você vem trabalhando contra mim desde o início. E eu condeno você à morte por seus crimes. E com uma concessão: pode escolher se sua família morre primeiro ou assiste à sua morte antes de ser executada.

Halil baixou a cabeça. Em seguida, ergueu-a novamente, olhando apenas para a frente.

– Por favor, mate minha família primeiro, para que eles não sintam medo por muito tempo.

Mehmed assentiu em sinal de aprovação.

– Uma escolha nobre. – Com um gesto seu, os guardas voltaram e levaram Halil. Mehmed ficou só observando até que a porta se fechasse, então se virou com toda a força, fazendo a túnica e a capa revoarem. – Mais um inimigo derrotado! Sua reputação está restituída, Radu Paxá! – Ele sorriu, todo

orgulhoso, à espera do agradecimento de Radu.

– Não – Radu disse.

– Como assim? – Mehmed franziu as sobrancelhas e olhou para Radu como se estivesse diante de um desconhecido. E talvez estivesse. Radu não era a mesma pessoa que Mehmed mandara para Constantinopla.

– Não mate a família dele. Essas pessoas não podem ser responsabilizadas pelo que ele fez de errado. – Radu conhecia Salih, o segundo filho de Halil. E o usara em seu benefício. Tirara vantagem da atração que Salih sentia por ele para conseguir o que queria. Radu olhou para o chão, envergonhadíssimo. Ele não era muito diferente de Mehmed nesse sentido.

– Mas, se eu matar Halil, a família dele vai se voltar contra mim.

– Então mande todos para o exílio. Retire seus títulos e proíba qualquer um em posição de poder de se casar com alguém da família. Mas, se está fazendo isso por mim, poupe a vida deles.

– Se é o que você quer – Mehmed respondeu, fazendo um gesto com a mão, com uma expressão de perplexidade no rosto. Ele poupava vidas com a mesma facilidade com que as condenava.

Radu baixou a cabeça para esconder sua expressão de tristeza. De tristeza pela família de Halil. De tristeza por Constantino e Constantinopla. De tristeza pela pessoa que deixou para trás quando atravessou a muralha pela primeira vez. De tristeza por permitir que Lada perseguisse seu próprio destino, enquanto ele ficava com alguém que encarava como um presente a Radu proteger sua “reputação” contra fatos que eram verdadeiros.

Mehmed pôs a mão sobre a cabeça de Radu, como se concedesse uma bênção. Então, colocando um dedo sob seu queixo, levantou-o e olhou em seus olhos como se procurasse por algo.

– Você ainda acredita em mim? – perguntou, e de repente voltou a ser o menino sentado na fonte. Seus olhos castanhos estavam vivos e cheios de afeto, o distanciamento frio do sultão não estava mais lá.

– Acredito – Radu respondeu. – Sempre vou acreditar.

Era verdade. Ele sabia que Mehmed seria capaz de construir um legado incrível. Sabia que Constantinopla precisava cair para que Mehmed mantivesse seu império. Sabia que Mehmed era o maior sultão que seu povo já tivera. Mas, assim como seu amor por Mehmed, essa questão não era mais

tão simples assim.

Radu tinha visto o quanto custava a grandeza, e nunca mais iria querer fazer parte de algo maior do que si mesmo.



29 de maio

— **D**EIXE QUE EU fale em nome do príncipe — Toma Basarab disse, observando Lada com um olhar crítico.

Lada estava vestida para a batalha. Por cima da calça e da túnica preta, usava sua cota de malha, que tilintava sobre seu corpo com o peso familiar e reconfortante. Na cintura, afivelou a espada que tinha arrancado da parede. Nos pulsos, escondeu facas sob os punhos da roupa. A filha da Valáquia quer sua faca de volta.

Lada estremeceu. Ela não era seu pai. E não se transformaria nele.

Sua única concessão a um visual elegante foi um chapéu cor de sangue no estilo da corte. No centro de tudo, pôs um broche em forma de estrela, com uma única pena na ponta. Seu cometa. Seu presságio. Seu símbolo.

Seu país.

— Você não tem um vestido? — Toma questionou.

Como ela não respondeu, ele continuou:

— Eles vão exigir reparações, e claro que vamos ceder. Todos os boiardos Danesti vão estar nessa reunião. Você pode se sentir pressionada demais. Eu cuido de tudo.

— Eu não preciso que faça isso.

Ele sorriu e pôs as mãos secas e quentes sobre as dela. Lada as afastou.

— E também recebi notícias de Matyas. Ele está muito contente com o seu sucesso. O rei da Hungria adoeceu, e Matyas está a cargo de todas as decisões.

Lada sentiu uma leve pontada de culpa. Ela prometera a Ulrich que o menino teria uma morte rápida e indolor. Mais uma promessa não cumprida.

– Estou redigindo o esboço de uma carta para o sultão agora mesmo. Nós achamos melhor continuar na condição de vassalos, mantendo Matyas informado das decisões e das movimentações das tropas.

– Continuar na condição de vassalos? Eu não tenho a menor intenção de pagar nada, nem para Mehmed, nem para ninguém.

– Ah, isso não tem como acontecer. Nós já estamos em dívida com o trono da Hungria e vários outros governos da Transilvânia. Eles pretendem receber em breve.

– Você tem alguma dívida com eles? – Lada ergueu uma sobrancelha. – Está dizendo “nós” o tempo todo, mas eu não devo nada para país nenhum.

– Você incendiou uma igreja e desfalcou rebanhos, não? Se quiser ter boas relações com nossos vizinhos, precisamos acertar nossas contas. O banquete de hoje à noite é para acertar as contas com os Danesti. – Toma abriu a porta. – Venha, eles já devem estar comendo a esta altura. Não vamos deixá-los esperando.

Toma insistia que uma demonstração de riqueza era tão importante quanto uma demonstração de força, então a comida servida no jantar era mais elegante que qualquer coisa que Lada tivesse posto na boca desde que saiu de Edirne. Muito melhor que qualquer coisa que seu povo faminto comia. Ela ressentia-se de cada bocado, por saber que estava alimentando as barrigas privilegiadas dos boiardos. O cheiro das carnes assadas e dos vinhos azedos a seguraram quando ela entrou no recinto. De alguma forma Toma conseguiu chegar primeiro.

A enorme mesa, ocupada por fileiras de boiardos Danesti, estendia-se de um cômodo a outro.

Lada esperava olhares frios e encaradas quando jogou os ombros para trás e entrou seguindo Toma. Em vez disso, foi recebida com alguns olhares de curiosidade e até divertimento. A maioria dos boiardos não parou de comer nem de conversar com outros comensais.

Suas roupas de batalha foram vistas com indiferença. Ela precisaria lutar a vida inteira para ser notada?

A caminhada até a cabeceira da mesa levou uma eternidade. Ela arrependeu-se de ter insistido para fazer aquilo sozinha. Seria melhor ter alguém de confiança a seu lado. Nicolae, com suas perguntas incessantes? Bogdan, com sua lealdade canina? Petru, ou Stefan, ou até mesmo Daciana?

Com uma ponta de lamento, ela se deu conta de quem mais fazia falta. Ela queria Radu à sua direita. E Mehmed à esquerda. Eles a fariam se sentir forte, inteligente, com visibilidade de sobra. Eles a fariam se sentir como um dragão. Sem a crença dos dois, quem era ela?

Lada ficou de pé à cabeceira da mesa e esperou. E esperou. Nada aconteceu. Ninguém interrompeu a conversa, nem para fazer uma medida.

– Bem-vindos – falou. Sua voz desapareceu no meio do burburinho. Ela pigarreou e gritou, e o sentido da palavra provavelmente se perdeu em seu tom de irritação.

Por fim, sem a menor pressa, os boiados foram baixando o tom das conversas e então se calaram. Todos os olhos voltaram-se para Lada. Com sobrancelhas levantadas. Com os cantos da boca virados para cima ou para baixo. A raiva que ela previra não estava lá. A maioria dos boiados parecia dominada pelo... tédio.

Ela lançou um olhar desesperado para uma porta lateral, onde Nicolae estava a postos, alerta e atento. Obrigada por virem, ele soprou, mexendo os lábios sem emitir nenhum som.

– Obrigada por virem – Lada soltou, e imediatamente se arrependeu. Ela limpou a garganta de novo, corrigindo a postura. – Temos muito a discutir.

– Eu quero uma compensação pela morte do meu primo – um boiardo perto dela falou com um tom de voz monótono.

– Eu... Nós vamos chegar lá, mas...

– Sim, claro – interrompeu Toma. Ele acomodou-se à cabeceira da mesa, à sua direita. – Acho que podemos acertar pagamentos e concessões de terra como reparação.

Lada ficou paralisada, em busca do que dizer. Por que Toma respondera por ela? Eles já tinham conseguido colocá-la na defensiva. Não era assim que deveria ser. Como poderiam chegar exigindo compensações pelas mortes de seus parentes, enquanto seu pai e seu irmão apodreciam debaixo da terra por terem sido traídos por essas mesmas pessoas?

Toma abriu um sorriso encorajador, como se quisesse incentivá-la a falar.

– É assim que você vai responder pelas mortes, certo?

Lada fechou os olhos por um instante, e amenizou a expressão no rosto para começar a falar com a mesma tranquilidade de Toma:

– Vou responder da mesma forma que eles responderem por terem deixado meu irmão caído de bruços em uma cova rasa do lado de fora da cidade. Ou meu pai, que nem cova tem.

Toma limpou a garganta, sacudindo a cabeça negativamente e franzindo o rosto.

– Não é uma conversa apropriada para a mesa de jantar. Melhor falarmos de outras coisas. Como você pretende dispersar seus homens?

– Para limpar as estradas, é isso que você quer dizer? – Ela ainda não conseguira finalizar seus planos para tornar as estradas seguras para deslocamentos e comércio. Por que Toma queria forçá-la a falar sobre isso agora? – Eu pensei em dividi-los por área, e...

Toma ergueu a mão para interrompê-la.

– Não. Não é disso que estou falando. Como príncipe, você não tem direito a uma força militar permanente. É parte de nossos tratados com a Hungria e com os turcos. Matyas Corvino mencionou esse fato de forma bem específica em sua última carta. – Ele abriu um sorriso condescendente. – Sei que tudo isso é novidade para você, que saiu daqui tão jovem. Claro que não sabia disso, mas seus homens são muito mais numerosos que qualquer corpo de guarda. Você pode manter... – Ele fez uma pausa, pensativo, coçando a barba. – Uns vinte? Devem ser mais que suficientes para suas necessidades. O restante vai ser dividido por nós entre nossas propriedades. Como já tenho algum conhecimento a respeito deles, me ofereço para abrigar o grosso das suas tropas.

Lada contava com mais de trezentos homens. Homens bons, que abriram mão de tudo para acompanhá-la.

– Você está falando dos meus homens – esbravejou. – Não fiz promessa nenhuma à Hungria e aos otomanos, mas para os meus homens, sim.

Um boiardos de cabelos escuros com cara de rato próximo do meio da mesa elevou a voz.

– Promessas que você não tinha o direito de fazer. Os príncipes – falou, com um desprezo que deixava clara a sua opinião sobre o fato de uma mulher ostentar o título – não podem cuidar da própria defesa. Não é sua função. Um príncipe é um servo do povo. É dever dos boiardos manter soldados a serem convocados em caso de necessidade. Se decidirmos que a necessidade é urgente, mobilizamos nossos homens.

Toma assentiu com a cabeça, estendendo o braço para tocar a mão de Lada.

– Você já chegou longe demais. O príncipe é um vassalo, uma figura decorativa. Qualquer tentativa de constituir um exército ou até mesmo uma torre para autodefesa é vista como um ato de agressão. Mas você não tem nada a temer. Os boiardos são seu ponto de apoio.

– Então suas forças são minhas forças – disse Lada, com os olhos semicerrados, vendo o mar de rostos diante dela borrar-se. – Isso é reconfortante.

Alguns dos homens e das mulheres riram. Muitos voltaram às conversas paralelas. Nada daquilo estava saindo como deveria. Ela esperava encontrar oposição, desafios, argumentações. Em vez disso, estavam todos perfeitamente dispostos a aceitá-la como príncipe.

E então ela se deu conta do motivo. Eles estavam contentes com ela porque gostavam de fraqueza. Quanto mais maleável fosse o príncipe, mais poder podiam ter. E quem poderia ser mais maleável que uma simples garota, brincando de assumir o trono? Não foi à toa que Toma a apoiou. Ele não seria capaz de criar uma forma mais eficiente de ganhar mais poder do que a coroação de uma mulher. Se Lada morresse, os Danesti colocariam alguém de sua linhagem de volta no trono. E, até então, eles continuariam fazendo o que bem entendessem.

Caso ela pudesse contar com Radu, teria uma forma de manipulá-los, talvez soubesse contornar a situação. Mas aquelas pessoas usavam armas contra as quais ela não contava com nenhum treinamento. O desespero tomou conta de Lada.

Toma inclinou-se para a frente com um ar conspirador.

– Você se saiu muito bem. Vou ficar aqui como seu conselheiro. Ninguém espera que saiba de tudo.

Toda a mudança que ela imaginou espalhando-se pelo país sob sua proteção tinha sido uma ilusão. Aquelas pessoas controlavam tudo, e para elas nada mudara.

– Com quem ela vai se casar? – uma mulher sentada a algumas cadeiras de distância perguntou.

O homem sentado ao lado soltou um risinho de deboche dentro da taça de vinho.

– Aron ou Andrei e, seja quem for, que pena para eles. Primeiro perdem o pai, e depois são obrigados a se casar com a assassina mais feia que já existiu.

– Mesmo assim, vai ser bom para manter a linhagem Draculesti sob controle.

Lada ficou de pé. Sua cadeira arrastou-se ruidosamente no chão.

– Lada – alguém a chamou da porta mais próxima. Quando se virou, ela viu Bogdan. Tinha alguma coisa errada. Era possível constatar pela fisionomia pálida e pela boca virada para baixo no rosto dele. Ela correu até lá.

– Que foi?

– Vem comigo.

Ninguém protestou contra a saída dela. Seguiu Bogdan pelo corredor até a cozinha, onde uma mesa larga havia sido esvaziada. Em vez de comida, havia um corpo sobre ela.

O corpo de Petru.

Lada cambaleou até lá. Os olhos estavam fechados, o rosto estava imóvel. A camisa havia sido levantada para revelar um ferimento que não estava mais vertendo sangue, porque o coração tinha parado de bombeá-lo. Bogdan o virou cuidadosamente para o lado. A origem da lesão estava nas costas. Alguém o havia atacado por trás com uma lâmina.

– Como isso aconteceu? – Lada tocou o rosto de Petru, que ainda estava quente. Ele estava ao seu lado desde a Amásia. Ela o vira crescer, tornar-se um homem. Um de seus homens. Um dos melhores.

– Nós o encontramos atrás dos estábulos – Stefan falou.

– Alguma testemunha?

Bogdan voltou a falar em um tom bem sério:

– Dois guardas dos Danesti estavam discutindo com ele mais cedo, mas disseram que não viram e nem ouviram nada. Insinuaram que talvez ele tenha caído sobre a própria espada. De costas.

Lada cerrou os dentes. Ficou olhando para o corpo sobre a mesa até sua visão borrar. Petru era seu. Ele a representava. E havia sido morto pelas costas por dois homens que representavam os boiardos Danesti.

– Matem os guardas. Todos eles, não só esses dois. Então levem meus

primeiros homens, os que estavam conosco antes da libertação, para o salão do banquete.

Lada virou-se. Ela voltou ao recinto em que estavam os boiardos Danesti. Jantares com os Danesti. Acordos com a Hungria. Pedidos de ajuda aos otomanos. Ela havia se transformado em seu pai assim tão depressa?

Ela bateu a porta com força, e o barulho chamou a atenção de todos que não tinham notado sua ausência.

– Os guardas de alguém mataram um dos meus homens. Quero saber quem deu permissão.

– Por quê? – Toma questionou.

– Porque um ataque aos meus homens é um ataque contra mim, e a punição pela traição é a morte.

Toma abriu um sorrisinho para o restante da mesa e inclinou-se mais para perto dela.

– Com certeza foi um mal-entendido. Além disso, não dá para exigir a vida de um nobre pela vida de um soldado.

– Eu posso fazer o que quiser – Lada falou.

Toma fechou a cara.

– Sente-se – ordenou ele. – Você está me fazendo passar vergonha. Vamos conversar sobre isso mais tarde.

Lada continuou de pé.

– Quantos príncipes você já serviu?

Toma estreitou ainda mais os olhos.

– Eu teria que fazer a conta.

Ela inclinou-se sobre a mesma, apontando para todos.

– Eu gostaria de saber quantos príncipes vocês já serviram.

– Quatro – disse o boiardo com cara de rato, dando de ombros.

Muitos assentiram.

– Oito – disse outro.

– Nove! – alguém rebateu.

Um velho do outro lado da mesa gritou:

– Eu supero todos vocês. Já tive vinte e um príncipes na vida!

Todos deram risada. A gargalhada de Lada foi a mais alta e aguda. E ela continuou rindo depois que os outros já tinham parado, ecoando pelo salão. Continuou rindo até todos se voltarem para ela, confusos e envergonhados.

Ela parou de repente, e o silêncio ecoou pelo local, assumindo a brecha aberta pela gargalhada.

– Os príncipes vêm e vão, mas vocês permanecem.

Toma assentiu.

– Nós somos as presenças constantes. A Valáquia depende de nós.

– Sim, eu vi a Valáquia. Vi o que a sua presença constante criou no país.

Lada pensou nas terras sem lavoura. Nas estradas sem atividade comercial. Nos olhos vidrados e nos estômagos vazios. Nos meninos que deveriam estar nos campos, cujos corpos empilhavam-se nas muralhas de Constantinopla. Nas terras tomadas pela Transilvânia e pela Hungria.

Muitas coisas faltando, muitas coisas perdidas. E sempre, fosse como fosse, os boiardos permaneciam onde estavam.

Ela também havia sido perdida. Vendida para outro país, e para quê? Para que seu pai fosse traído e assassinado pelos homens e pelas mulheres que agora comiam diante dela. Dando tapinhas em suas mãos. Calculando o tempo pelo qual o novo príncipe seria útil para seus interesses até precisarem arrumar outro.

Os boiardos Danesti eram o veneno que acabaria com ela. Enquanto isso, tentariam ligá-la à sua família por casamento, sugando toda a vida da sua Valáquia. Ela prometera ao povo um país melhor. Um país mais forte. E agora enfim entendia como fazê-lo. Não haveria concessões, nem conciliações. Ela não se comportaria no poder como seus antecessores, porque nunca houve alguém como ela.

– O seu erro é pensar que, como estava fora, eu não entendo como as coisas funcionam. – Ela estendeu a mão e apanhou a faca ao lado do prato de Toma.

– Eu estive fora, sim. E justamente por causa disso entendo muito bem como as coisas funcionam. Aprendi isso à mercê dos nossos inimigos. Compreendi que às vezes a única forma de avançar é destruir tudo o que existia antes. E aprendi que, se o que você está fazendo não funciona, é melhor tentar outra

coisa.

Ela cravou a faca no topo da mesa, enfiando-a na madeira. Em seguida, desviou os olhos para ver seus homens entrando no recinto e posicionando-se junto às paredes do corredor.

– Quem matou meu pai e meu irmão? E quem é o responsável pela morte do meu soldado Petru? Eu exijo justiça.

Ninguém se manifestou.

– Muito bem. Fechem as portas – falou, com a frieza estampada na voz.

Um murmúrio elevou-se entre os boiardos. Eles remexeram-se nas cadeiras quando viram todas as saídas serem fechadas e trancadas. Por fim, perceberam que estavam em uma situação desconfortável. Finalmente conseguiram enxergá-la de verdade.

Lada sacou a espada e admirou a curvatura da lâmina. Em algum momento no passado, ela chegou a vê-la como um sorriso. Agora a via como de fato era: uma foice. Sem dizer palavra, ela cravou a arma no peito de Toma. O homem que usava a palavra nós para falar sobre seus planos, quando na verdade só se referia a si mesmo e a um rei estrangeiro. O homem que pensava que, com suas palavras e conselhos, poderia tomar os soldados de Lada, o poder de Lada, o país de Lada sem precisar lutar com ela por isso. Observou o rosto dele enquanto morria, gravando a imagem na memória.

Uma mulher gritou. Várias cadeiras foram arrastadas, e os presentes levantaram-se às pressas. Lada arrancou a espada do peito de Toma e a apontou para a mesa.

– Matem todos – falou.

Seus homens permaneceram imóveis, mas então Bogdan sacou a espada e entrou em ação, matando rapidamente dois boiardos. Em seguida, o trabalho da colheita começou para valer.

Lada apanhou um guardanapo de pano e o usou para limpar o sangue de sua lâmina. Os gritos causavam incômodo, mas ela estava acostumada a distrações. Siga de mãos dadas com o diabo até vocês cruzarem a ponte.

Ou mate o diabo e queime a ponte para que ninguém consiga chegar até você.

Ela demorou alguns instantes para perceber que a gritaria enfim tinha acabado. Lada ergueu os olhos. O recinto estava atulhado de corpos. Homens

e mulheres caídos sobre a mesa ou sobre o próprio sangue no chão depois de uma tentativa de fuga. Seus homens mal tinham começado a transpirar.

Era bom que Radu não estivesse lá, no fim das contas. Ela não queria que ele visse aquilo. Talvez isso não tivesse sido necessário se ele estivesse por lá. Talvez os dois juntos tivessem encontrado outra saída.

Mas ele escolhera Mehmed, e ela escolhera fazer as coisas à sua maneira. E não podia parar agora. Lada embainhou a espada.

– Levem os corpos para o pátio. Todos precisam saber que uma nova Valáquia nasceu nesta noite. Depois que eles forem exibidos, vamos providenciar para Petru o funeral que ele merece.

– E quanto às famílias deles? – Bogdan questionou.

– Matem todos os herdeiros dos Danesti. Eles não têm mais o que herdar. Seus títulos e suas terras vão ser concedidos para quem me servir de verdade.

– Lada. – Nicolae a segurou pelo cotovelo. Sua espada ainda estava embainhada. – Não faça isso.

– Já está feito.

– Mas as crianças...

– Nós erradicamos a corrupção para poder crescer. Estou fortalecendo a Valáquia. – Ela virou-se para encará-lo, com olhos implacáveis como sua lâmina. – Você não concorda comigo? Eles mataram a minha família. Teriam me matado também, quando isso fosse conveniente. E queriam que nós continuássemos a mando dos otomanos. Venderiam nossos filhos para os exércitos turcos, como fizeram com você. E com Petru. Eu sei que estou com a razão.

Nicolae contorceu o rosto e a cicatriz.

– Eu... Pois é, eu sei. Queria que tivesse sido de outro jeito, mas acho que você está certa. Os boiardos Danesti jamais aceitariam uma nova Valáquia sob seu comando. Mas os filhos deles são inocentes. Você pode mostrar misericórdia.

Ela lembrou-se da escolha de Huma, de assassinar o meio-irmão mais novo de Mehmed para evitar uma guerra civil no futuro. Assassinando uma criança, salvava-se um império. Era um horror. Às vezes era necessário fazer coisas terríveis. Mas, ao contrário de Mehmed, que tinha uma mãe implacável, Lada não tinha ninguém para fazer essas escolhas em seu lugar. Ninguém a livraria

disso. Ela precisava ser forte.

– Misericórdia é a única coisa que eu não posso mostrar. Ainda não. Quando a Valáquia estiver estabilizada, quando tivermos reconstruído tudo, então sim. Estamos fazendo isso agora para que algum dia a misericórdia possa existir por aqui.

– Mas as crianças... – A voz de Nicolae soava vazia como a promessa de um boiardo.

– Você falou que me seguiria até os confins da Terra.

– Pelas chagas divinas, Lada – ele murmurou, sacudindo a cabeça. – Um dia você ainda vai chegar a um lugar aonde eu não vou conseguir ir. – Ele soltou seu braço, pegou o corpo de Toma e começou a arrastá-lo para fora.

Lada fizera o que fora necessário. Supervisionou a retirada de cada corpo. Ela marcaria a passagem de cada um, e reconheceria seu sacrifício, ainda que não tenha sido feito de bom grado. Porque a cada corpo ela chegava mais perto de seu objetivo. Lada agarrou seu medalhão com tanta força que seus dedos até doeram.

Ela era um dragão. Era um príncipe. Era a única esperança que a Valáquia tinha de prosperar.

E faria o que fosse necessário para isso.



Para Lada Dracul, voivoda da Valáquia, amada irmã,

Constantinopla caiu. Mehmed é sultão, imperador, César de Roma, o novo Alexandre. Uniu Oriente e Ocidente em sua nova capital. Como sua vassala, solicito sua presença para celebrar a vitória e negociar novos termos para os impostos pagos pela Valáquia e as contribuições do país às tropas dos janízaros.

Ele deseja vê-la, e eu também. Penso em você com frequência, e me pergunto se fiz a escolha certa, afinal. Por favor, venha. Mehmed vai lhe oferecer termos favoráveis, e eu desejo muito passar um tempo em sua companhia. Tenho muito a conversar com você.

Sua visita é ansiosamente aguardada.

Com todo o meu amor, e por ordem oficial do sultão,
imperador e César de Roma,

Radu Paxá



Para Radu, meu irmão,

Reconheço seu novo título, mas não o de Mehmed. Diga ao covarde mentiroso que eu não mando congratulação nenhuma. Ele não me mandou uma palavra quando assumi meu trono, apesar das atitudes dele.

Você não fez a escolha certa.

Diga a Mehmed que a Valáquia é minha.

Com a atitude mais desafiadora,

Lada Dracul, príncipe da Valáquia

DRAMATIS PERSONAE

Família Draculesti, da nobreza valáquia

Vlad Dracul: governante militar da Transilvânia, voivoda da Valáquia, pai de Mircea, Lada e Radu, marido de Vassilissa

Vassilissa: mãe de Lada e Radu, princesa da Moldávia

Mircea: filho mais velho de Vlad Dracul com sua primeira esposa, já falecida

Lada: filha e segunda descendente legítima de Vlad Dracul

Radu: filho e terceiro descendente legítimo de Vlad Dracul

Vlad: filho ilegítimo de Vlad Dracul com uma amante

Figuras locais e da corte da Valáquia

Ama: Oana, mãe de Bogdan, babá de Lada e Radu

Bogdan: filho da ama, amigo de Lada

Andrei: boiardo da família rival Danesti, filho do príncipe substituto

Aron: irmão de Andrei

Danesti: família rival pelo trono da Valáquia

Daciana: camponesa que vivia nas terras de um boiardo Danesti

Toma Basarab: boiardo da família Basarab

Figuras da corte otomana

Murad: sultão otomano, o falecido pai de Mehmed

Halima: uma das esposas de Murad, mãe do pequeno Ahmet, herdeiro assassinado do trono

Mara Brankovic: uma das esposas de Murad, que voltou à Sérvia

Huma: uma das concubinas de Murad, a falecida mãe de Mehmed

Mehmed: o sultão otomano

Halil Vizir: antes Halil Paxá, um importante conselheiro da corte otomana

que na verdade é leal a Constantinopla

Salih: segundo filho de Halil Vizir, antigo amigo de Radu

Kumal: um bei devoto do círculo mais próximo de Mehmed, irmão de Nazira, cunhado e amigo de Radu

Nazira: esposa de Radu apenas nas aparências, irmã mais nova de Kumal

Fatima: aia de Nazira apenas nas aparências

Amal: jovem criado que ajudou Radu e Mehmed no passado

Suleiman: almirante da Marinha otomana

Timur: cidadão otomano a serviço de Mehmed

Tohin: cidadã otomana especialista em pólvora, mãe de Timur

Urbana da Transilvânia: especialista em peças de artilharia

Círculo militar mais próximo de Lada Dracul

Matei: ex-janízaros experiente, um dos homens mais antigos de Lada

Nicolae: o amigo mais próximo de Lada

Petru: o soldado mais jovem da tropa de janízaros de Lada

Stefan: o melhor espião de Lada

Corte da Hungria

Janos Hunyadi: o mais brilhante dos comandantes militares húngaros, responsável pela morte de Vlad Dracul e Mircea

Matyas: filho de Hunyadi, embrenhado na política da corte

Erzsebet: mãe do jovem rei Laszlo, o Póstumo

Laszlo, o Póstumo: o jovem rei, de saúde frágil

Ulrich: o regente, conselheiro e protetor do rei

Figuras da corte de Constantinopla

Constantino: o imperador de Constantinopla

João: herdeiro de Constantinopla, sobrinho de Constantino

Manuel: irmão de João, sobrinho de Constantino

Coco: um importante capitão naval

Cipriano: embaixador da corte, sobrinho bastardo de Constantino

Giustiniani: militar italiano, um dos mais importantes conselheiros de Constantino em assuntos militares

Helena: cidadã de Constantinopla, amante de Coco e amiga de Nazira

GLOSSÁRIO

bei: governante de uma província otomana

boiardo: membro da nobreza valáquia

Chifre de Ouro: formação marítima que cerca Constantinopla por um dos lados, bloqueada por uma corrente e em uma posição quase inviolável de ataques à cidade

concubina: mulher que pertence ao sultão e pode produzir herdeiros legítimos, mas não é sua esposa

dracul: dragão, demônio

Estado vassalo: país com permissão para se autogovernar, mas sujeito ao Império Otomano, a quem paga tributos em forma de dinheiro e escravos para o exército

fogo grego: método para lançar líquidos comprimidos em chamas exclusivo dos gregos e efficientíssimo em situações de batalha

fosso: uma vala escavada ao redor das muralhas de Constantinopla para dificultar ataques

Gálata: cidade-estado vizinha de Constantinopla, localizada do outro lado do Chifre de Ouro, cuja posição no conflito é neutra

galeão: embarcação de guerra de tamanho variável, equipada com velas e remos para manobras militares

Hagia Sophia: basílica construída no auge do período bizantino em homenagem a Santa Sofia, a joia do mundo cristão

harém: grupo de esposas, concubinas e criadas que pertencem ao sultão

Hodegéttria: relíquia sagrada que segundo a tradição foi pintada por um apóstolo e era usada para proteção religiosa em Constantinopla

incensário: uma bola de metal com furos em que se coloca e acende incenso, para depois ser balançado por uma corrente; usado em procissões e rituais religiosos

infiel: termo usado para designar qualquer um que não pratica a religião de

quem usa a palavra

irregular: soldado do Império Otomano que não faz parte das tropas oficiais organizadas; em sua maioria irregulares, são mercenários em busca de espólios de guerra

janízaro: membro de uma força de elite de paramilitares profissionais, retirado quando menino de outro país, convertido ao islã, educado e treinado para ser leal ao sultão

liturgia: ritual religioso realizado em latim ou grego, a depender de a igreja ser católica ou ortodoxa

metro: música altíssima tocada pelos janízaros antes do ataque, extremamente eficaz para abalar o moral e desorientar as tropas inimigas

Ordem do Dragão: ordem de cruzados nomeada pelo papa

paxá: nobre do Império Otomano nomeado pelo sultão

paxazade: filho de um paxá

poterna: portão secundário designado a deixar as tropas entrarem e saírem de Constantinopla através das muralhas internas

regente: um conselheiro designado para ajudar a governar em nome de um rei jovem demais para ser totalmente confiável

Rumeli Hisari: fortaleza construída do outro lado do estreito de Bósforo para fazer sombra à Anadolu Hisari

sipahi: comandante militar de soldados otomanos locais convocados durante as guerras

Transilvânia: pequeno país na fronteira da Valáquia e da Hungria, onde ficam as cidades de Brasov e Sibiu

trabuco: mecanismo medieval para arremessar pedras gigantes

Valáquia: Estado vassalo do Império Otomano, fronteiro com a Transilvânia, a Hungria e a Moldávia

voivoda: príncipe guerreiro da Valáquia

vizir: nobre de alta estirpe, geralmente um conselheiro do sultão

NOTA DA AUTORA

Favor consultar a Nota da Autora de Filha das trevas para mais informações a respeito de fontes para estudos mais aprofundados sobre as vidas fascinantes de Vlad Tepes, Mehmed II e Radu cel Frumos.

Como uma nota para este livro específico, preciso me desculpar com a grande nação da Hungria e sua história incrível. O legado da família Hunyadi merece sua própria trilogia, mas para não ter que escrever livros de três mil páginas fui obrigada a simplificar de forma drástica e comprimir os fatos para usá-los de acordo com as minhas necessidades narrativas. Afinal de contas, estes livros são obras de ficção. Busco incorporar os acontecimentos históricos da forma mais respeitosa possível, e dou o maior apoio para quem queira descobrir mais a respeito dessa época e região a partir daqui.

Os personagens desta série lidam com a religião, mais especificamente com o islamismo, de formas variadas. Tenho absoluto respeito pela riquíssima história e pelo belo legado dessa doutrina de paz. As opiniões dos personagens sobre as complexidades da fé, seja muçulmana ou cristã, não refletem necessariamente as minhas.

As grafias das palavras em diferentes línguas foram se transformando com o tempo, assim como os nomes de lugares. Todos os erros e inconsistências encontrados devem ser atribuídos a mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, para corrigir uma omissão em *Filha das trevas*: agradeço a Mihai Eminescu, o brilhante poeta romeno que escreveu “Trecut-au anii” (algo como “Anos transcorridos”), um lindo e comovente poema que termina com o verso que inspirou o título do livro: “Atrás de mim o tempo se acumula... e eu me torno trevas!”.

Agradeço a Michelle Wolfson, minha incansável agente. Eu simplesmente não conseguiria fazer tudo isso sem você. Que por muitos anos eu continue mandando e-mails para você que comecem assim: “Escrevi um livro esquisito, por favor, descubra como vendê-lo”.

Obrigada a Wendy Loggia, minha brilhante editora, cuja orientação está presente em todas as páginas dos livros desta série. Sou profundamente grata por contar com você para dar forma às minhas palavras e à minha carreira.

Um agradecimento especial a Cassie McGinty, que de alguma forma escapou dos agradecimentos no primeiro livro, mas que foi uma assessora de imprensa fenomenal e uma defensora ferrenha desta série. E meu muito obrigada também à arrasadoramente adorável Aisha Cloud, que tanto contribuiu para a divulgação dos livros, para o meu deleite absoluto.

Obrigada a Beverly Horwitz, Audrey Ingerson, à equipe da First In Line, ao pessoal da revisão, aos capistas, ao departamento de marketing e a todos os funcionários da Delacorte Press e da Random House Children’s Books. Vocês são parte da melhor editora que eu poderia querer. Fico sempre impressionada com sua dedicação, capacidade de inovação e inteligência.

Agradeço às divisões internacionais da Penguin Random House, em particular a Ruth Knowles e Harriet Venn, por levarem a furiosa Lada à Grã-Bretanha e à Austrália com tamanho estilo. Fico morrendo de inveja dela por ter a companhia de vocês.

Muito obrigada às minhas primeiras e últimas leitoras críticas (essa descrição parece mais dramática do que realmente é), Stephanie Perkins, pelas leituras de emergência, e Natalie Whipple, pelo apoio moral de emergência. Nós três sabemos muito bem que eu não estaria aqui sem vocês.

Como sempre, agradeço ao meu marido incrível, Noah, já que sem ele estes

livros poderiam nunca existir e minha vida seria uma droga. Nunca vou deixar de me admirar com a sorte que tenho por poder contar com você. E, quanto aos meus três lindos filhos, agradeçam a mim por ter me casado com seu pai e ter transmitido a vocês genes tão especiais. (Mas eu também agradeço a vocês por serem a maior alegria da minha vida.)

Por fim, sempre tive medo de que as pessoas não conseguissem se identificar com minha feroz e brutal Lada e meu meigo e esperto Radu. Mas nunca deveria ter duvidado de vocês. A todos que receberam tão bem os irmãos Dracul e estes livros: obrigada, obrigada, obrigada. Qualquer garota seria capaz de conquistar o mundo com vocês a seu lado.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, maio 2018

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 21

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

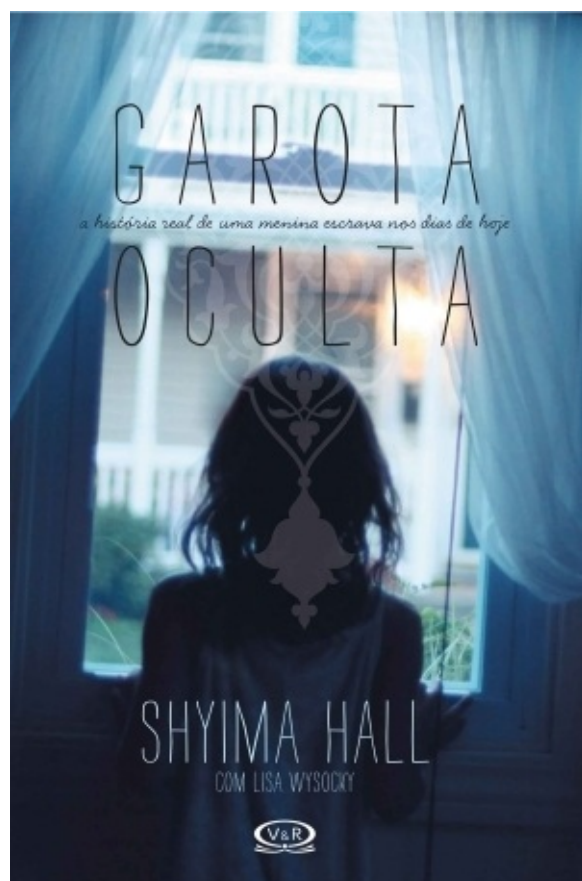
9788592783839

426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro “cliente” de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ “Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos.” – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos “Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos.” – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)



Garota oculta

Hall, Shyima

9788576838142

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

“Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor” Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptos de Shyima referiam-se a ela como “garota estúpida” e a forçavam a fazer de tudo como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptos mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)



Garota imperfeita

Howell, Simone

9788576838777

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Skylark não é mais uma menina, mas os outros personagens dessa história não estão prestando atenção nesse fato. Gully, o irmão mais novo de Sky, tem dez anos e está obcecado por investigar uma tentativa de assalto; sua mãe foi embora para o Japão numa busca insana pela vida artística; seu pai, Bill, parece satisfeito em beber enquanto permanece imerso na loja de vinhos e no passado; do alto do terraço, Nancy, a amiga mais velha e experiente, fuma um cigarro e diz que Sky deve se divertir mais; uma garota é encontrada morta e há cartazes com seu rosto estampado por todo o bairro; há uma estranha ligação entre a garota dos cartazes e Luke, o novo funcionário de seu pai. Nessa história, cada acontecimento tem sua própria melodia. E essa é a história de como Sky encontra seu lugar no mundo. Um lugar em que não existem garotas perfeitas. É também a história de uma garota louca e de uma garota fantasma; de um garoto que não sabia de nada e de um garoto que achava que sabia de tudo. E é sobre vida, morte, luto e romance. Só coisa boa. Destaques do livro “Divertida e dona de um olhar mordaz sobre as imperfeições do mundo (e sobre ela mesma), Sky é autêntica.” – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3

S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. “Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?” Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O IMPOSSÍVEL É APENAS O COMEÇO

INSIGNIA

A ARMA SECRETA



S. J. KINCAID

V&R

Insígnia: a arma secreta

Kincaid, S. J.

9788576835738

502 páginas

[Compre agora e leia](#)

“Você não vai conseguir parar de ler.” - Veronica Roth, autora de Divergente, best-seller do New York Times. É a Terceira Guerra Mundial. O inimigo está vencendo. E se a arma para virar o jogo fosse você? Mais do que qualquer outra coisa, Tom Raines quer ser alguém importante. Aos 14 anos, com uma aparência pouco digna de atenção e uma vida cheia de incertezas, ele está bem longe de realizar o seu desejo. Exceto por sua habilidade com games, Tom não tem muito com o que contribuir. Um zero à esquerda. Durante anos, o garoto perambulou de cassino em cassino com seu pai, um jogador completamente sem sorte e que fazia de seu vício um meio de sobrevivência. A cada dia, iniciava-se uma nova jornada em busca de um “lar”, mesmo que isso significasse um quarto qualquer pago com o pouco dinheiro ganho em apostas. Mas, certo dia, o que parecia ser uma existência fadada ao fracasso, muda radicalmente. Da noite para o dia, Tom é convidado para integrar a elite do Exército e utilizar seu talento como jogador para ajudar seu país a vencer a Terceira Guerra Mundial. Tom, então, tem a oportunidade de se tornar alguém importante: uma supermáquina de guerra com habilidades tecnológicas jamais imaginadas. E de quebra, ganha a chance de conquistar tudo aquilo que parecia reservado aos outros: sucesso, amigos, um amor de verdade. Mas o acesso a tudo isso tem um custo. Será que vai valer a pena? Com personagens fascinantes e um enredo de tirar o fôlego, Insígnia faz uma eletrizante viagem ao futuro e revela um mundo onde as fronteiras entre humanos e máquinas não podem mais ser distinguidas.

[Compre agora e leia](#)